UMA ESCOLHA PODE TE DESTRUIR

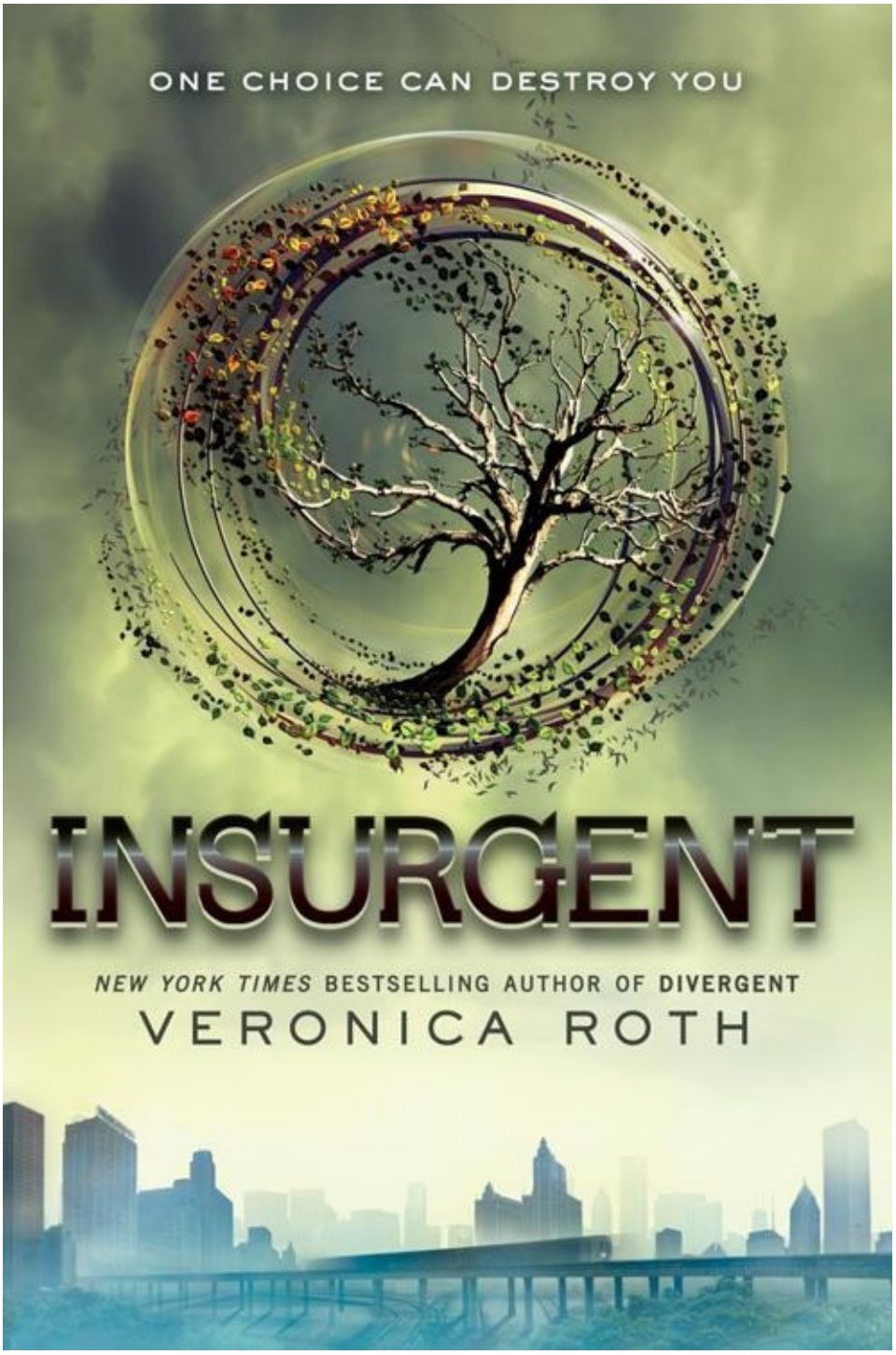


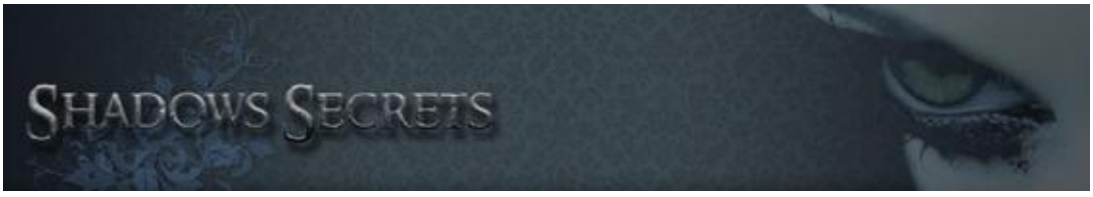
INSURGENTE

AUTORA DO BESTSELLER INTERNACIONAL *DIVERGENTE*

VERONICA ROTH

ROCCO
JOVENS LEITORES


ONE CHOICE CAN DESTROY YOU
INSURGENT
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF DIVERGENT
VERONICA ROTH


SHADOWS SECRETS

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Grupo Shadows Secrets

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

2

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

SINOPSE

Uma escolha pode lhe transformar—ou lhe destruir. Mas cada escolha tem

consequências, e à medida que inquietação surge nas facções ao redor dela, Tris Prior

precisa continuar tentando salvar aqueles que ama—e a si mesma—enquanto luta com

questões assombradoras de luto e perdão, identidade e lealdade, política e amor.

O dia da iniciação de Tris deveria ter sido marcado pela celebração e vitória com

sua facção escolhida; ao invés disso, o dia terminou com horrores indescritíveis. Guerra

agora paira à medida que conflitos entre as facções e suas ideologias crescem. E, em

tempos de guerra, lados precisam ser escolhidos, segredos serão revelados, e escolhas se

tornarão ainda mais irrevogáveis—e ainda mais poderosas.

Transformada por suas próprias decisões, mas também por pesar e culpa

assombradores, novas descobertas radicais, e relacionamentos mutáveis, Tris precisa

abraçar completamente sua Divergência, mesmo que ela não saiba o que pode perder ao

fazer isso.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

1

Eu acordo com o nome dele na minha boca.

Will.

Antes que eu abra meus olhos, eu o vejo desabar na calçada novamente.

Morto.

Pelas minhas mãos.

Tobias se agacha na minha frente, sua mão no meu ombro esquerdo. O vagão treme

ao longo dos trilhos, e Marcus, Peter e Caleb ficam perto da porta. Eu respiro fundo em

uma tentativa de aliviar um pouco da pressão que está se formando no meu peito.

Uma hora atrás, nada do que aconteceu parecia real para mim. Agora parece.

Eu respiro mais uma vez e a pressão ainda está lá.

“Tris, vamos,” diz Tobias, seus olhos procurando os meus. ”Nós temos que ir.”

Está muito escuro para ver onde estamos, mas se vamos sair, provavelmente

estamos perto da cerca. Tobias me ajuda a me levantar e me guia em direção à porta.

Os outros pulam um por um: Peter é o primeiro, em seguida, Marcus, então

Caleb. Eu pego a mão de Tobias. O vento se agita enquanto estamos de pé na borda da

abertura do vagão, como uma mão empurrando-me para trás, em direção à

segurança.

Mas nós nos lançamos na escuridão e caímos forte no chão. O impacto causa dor à

ferida de bala no meu ombro. Eu mordo meu lábio para não gritar e procuro meu irmão.

“Tudo bem?” eu digo quando o vejo sentado na grama a alguns metros de

distância, esfregando o joelho.

Ele acena com a cabeça. Eu o ouço fungar como se estivesse lutando contra as

lágrimas, e eu tenho que virar.

Nós pousamos na grama perto da cerca, a vários metros de distância do caminho

gasto que os caminhões da Amizade passam para entregar comida à cidade, e o portão

que lhes permite sair—o portão que está fechado no momento, mantendo-nos presos aqui

dentro. A cerca paira sobre nós, alta e flexível demais para subir, mas resistente demais

para derrubar.

“Deveria haver guardas Destemor aqui,” diz Marcus. “Onde eles estão?”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

4

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eles estavam provavelmente sob a simulação,” diz Tobias, “e estão agora...” Ele

faz uma pausa. ”Quem sabe onde, quem sabe o que estão fazendo.”

Paramos a simulação—o peso do disco rígido no meu bolso de trás me faz

lembrar—mas não paramos para ver o resultado. O que aconteceu com nossos amigos,

nossos colegas, nossos líderes, nossas facções? Não há nenhuma maneira de saber.

Tobias se aproxima de uma pequena caixa de metal, no lado direito da porta e abre-

o, revelando um teclado.

“Vamos esperar que a Erudição não tenha mudado a combinação,” diz ele

enquanto digita uma série de números. Ele para no oitavo, e o portão clica aberto.

“Como você sabe disso?” diz Caleb. Sua voz soa grossa com emoção, tão grossa que

eu estou surpresa que não o sufocou quando saiu.

“Eu trabalhei na sala de controle Destemor, no monitoramento do sistema de

segurança. Nós só alteramos os códigos duas vezes por ano,” diz Tobias.

“Que sorte,” diz Caleb. Ele dá a Tobias um olhar desconfiado.

“A sorte não tem nada a ver com isso,” diz Tobias. ”Eu só trabalhei lá porque eu

queria ter certeza de que eu poderia sair.”

Eu tremo. O jeito que ele fala sobre sair—é como se ele achasse que estamos

presos. Eu nunca pensei sobre isso dessa forma antes, e agora parece tolo.

Caminhamos em passos pequenos, Peter embalando seu braço sangrento em seu

peito—o braço em que eu atirei—e Marcus com a mão no ombro de Peter, mantendo-o

estável. Caleb enxuga seu rosto a cada poucos segundos, e eu sei que ele está chorando,

mas não sei como consolá-lo.

Em vez disso, eu assumo a liderança. Tobias está em silêncio ao meu lado, e embora

ele não me toque, ele me estabiliza.

Pontinhos de luz são o primeiro sinal de que estamos nos aproximando da sede da

Amizade. Então quadrados de luz que transformam em janelas brilhantes. Um conjunto de

edifícios de madeira e vidro.

Antes que possamos alcançá-los, temos de andar através de um pomar. Meus pés

afundam no chão, e acima de mim os ramos crescem e se misturam, formando uma

espécie de túnel. Frutas escuras pairam entre as folhas, prontas para cair. O cheiro forte e

doce de maçãs podres se mistura com o cheiro de terra molhada no meu nariz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

5

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Quando nos aproximamos, Marcus deixa Peter de lado e vai em frente. ”Eu sei para

onde ir,” diz ele.

Ele nos conduz passando o primeiro edifício ao segundo à esquerda. Todos os

edifícios, exceto as estufas, são feitas da mesma madeira escura, sem pintura, áspera. Eu

ouço o riso através de uma janela aberta. O contraste entre o riso e o silêncio de pedra

dentro de mim é chocante.

Marcus abre uma das portas. Eu ficaria chocada com a falta de segurança se não

estivéssemos na sede da Amizade. Eles muitas vezes se equilibram na linha entre a

confiança e a estupidez.

Neste edifício o único som é de nossos sapatos rangendo. Eu não ouço mais Caleb

chorando, mas também, ele estava silencioso antes.

Marcus para antes de um espaço aberto, onde Johanna Reyes, representante da

Amizade, senta-se, olhando pela janela. Eu a reconheço porque é difícil esquecer o rosto de

Johanna, se você já viu uma ou mil vezes. Uma cicatriz se estende em uma linha espessa

de cima da sua sobrancelha direita até os lábios, deixando-a cega de um olho e dando-lhe

a língua presa quando fala. Eu só a ouvi falar uma vez, mas eu me lembro. Ela teria sido

uma mulher bonita se não fosse por essa cicatriz.

“Oh, graças a Deus,” diz ela, quando vê Marcus. Ela anda em direção a ele com

os

braços abertos. Em vez de abraçá-lo, ela só toca os ombros, como se ela se lembrasse do

desgosto da Abnegação pelo contato físico casual.

“Os outros membros de sua facção chegaram aqui há poucas horas, mas eles não

tinham certeza se você tinha conseguido,” diz ela.

Ela está se referindo ao grupo da Abnegação que estava com meu pai e Marcus na

casa segura. Ela olha por cima do ombro de Marcus, primeiro para Tobias e Caleb, então

para mim, depois para Peter.

“Oh nossa,” diz ela, com os olhos persistentes no sangue manchando a camisa de

Peter. ”Eu vou chamar um médico. Posso conceder-lhe toda a permissão para passar a

noite, mas amanhã, a nossa comunidade tem de decidir em conjunto. E...” ela olha para

Tobias e eu, “Eles provavelmente não vão estar entusiasmados com a presença do

Destemor em nosso complexo. Eu, claro, peço que entreguem todas as armas que vocês

têm.”

Pergunto-me, de repente, como ela sabe que eu sou Destemor. Eu ainda estou

usando uma camisa cinza. A camisa de meu pai.

Naquele momento, o cheiro dele, que é uma mistura igual de sabão e suor, sobe e

enche meu nariz, enche minha cabeça inteira com ele. Eu aperto minhas mãos em punhos

tão forte que minhas unhas cortam minha pele. *Não aqui. Não aqui.*

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

6

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Tobias põe as mãos sobre sua arma, mas quando eu coloco minhas mãos para trás

para tirar minha própria arma escondida, ele pega a minha mão, guiando-a para longe da

arma. Então ele cobre seus dedos com os meus para encobrir o que ele fez.

Eu sei que é inteligente manter uma das nossas armas. Mas teria sido um alívio

entregá-las.

“Meu nome é Johanna Reyes,” diz ela, estendendo a mão para mim, e depois para

Tobias. Uma saudação Destemor. Eu fico impressionada com a sua consciência dos

costumes de outras facções. Eu sempre esqueço como a Amizade é até eu ver por mim

mesma.

“Este é T...” começa Marcus, mas Tobias o interrompe.

“Meu nome é Quatro,” diz ele. “Esta é Tris, Caleb, e Peter.”

Há alguns dias, *Tobias* era um nome que apenas eu conhecia, entre os

Destemidos;

era o pedaço de si mesmo que ele me deu. Fora da sede Destemor, eu me lembro de por

que ele escondeu o nome do mundo. É o que liga Marcus a ele.

“Bem-vindos ao complexo da Amizade,” Os olhos de Johanna fixam no meu rosto,

e ela sorri torto. ”Deixem-nos cuidar de você.”

Nós deixamos. Uma enfermeira da Amizade me dá uma pomada—desenvolvida

pela Erudição—para acelerar a cicatrização para colocar no meu ombro, e então leva Peter

a enfermaria do hospital para curar seu braço. Johanna leva-nos para o refeitório, onde

encontramos alguns da Abnegação que estavam na casa segura, com Caleb e meu pai.

Susan está lá, e alguns de nossos antigos vizinhos nas fileiras de mesas de madeira. Eles

nos cumprimentam—especialmente Marcus—com lágrimas e sorrisos suprimidos.

Eu me apego ao braço de Tobias. Eu cedo sob o peso dos membros da facção dos

meus pais, suas vidas, suas lágrimas.

Um da Abnegação coloca um copo de líquido fumegante debaixo do meu nariz e

diz: “Beba isso. Irá ajudá-la a dormir, como ajudou alguns dos outros a dormirem. Sem

sonhos.”

O líquido é rosa-vermelho, como morangos. Pego o copo e bebo rápido. Por

alguns

segundos, o calor do líquido me faz sentir como se estivesse cheia de algo novo. E quando

dreno as últimas gotas do copo, sinto-me relaxar. Alguém me leva para o corredor, para

um quarto com uma cama dentro. Isso é tudo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

7

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

2

Abro os olhos, apavorada, minhas mãos segurando os lençóis. Mas eu não estou

correndo pelas ruas da cidade ou os corredores da sede Destemor. Eu estou em uma cama

na sede da Amizade, e o cheiro de serragem está no ar.

Eu mudo de posição, e estremeço com algo machucando as minhas costas. Eu tateio

atrás de mim, e os meus dedos envolvem a arma.

Por um momento eu vejo Will de pé diante de mim, ambas as nossas armas estão

entre nós— *sua mão, eu poderia ter atirado em sua mão, por que não, por quê?* —e eu quase grito

seu nome.

Em seguida, ele se foi.

Eu saio da cama e levanto o colchão com uma mão, e o apoio em meu joelho. Então

enfio a arma por baixo e deixo o colchão enterrá-lo. Uma vez que está fora da vista e não

mais pressionando a minha pele, minha cabeça fica mais clara.

Agora que a adrenalina de ontem se foi, e tudo o que me fez dormir se esgotou, as

dores profundas do tiro do meu ombro são intensas. Estou usando as mesmas roupas que

usava na noite passada. O canto do disco rígido espreita debaixo do meu

travesseiro, onde

o coloquei antes de adormecer. Nele estão os dados da simulação que controlava o

Destemor, e o registro do que a Erudição fez. Ele é muito importante para mim, mas não

posso deixá-lo aqui, então o agarro e encosto-o entre a cômoda e a parede. Parte de mim

acha que seria uma boa ideia destruí-lo, mas eu sei que contém o único registro de morte

de meus pais, por isso resolvi mantê-lo escondido.

Alguém bate na minha porta. Sento-me na beira da cama e tento alisar meu cabelo

para baixo.

“Entre,” eu digo.

A porta se abre, e Tobias fica no meio caminho, a porta dividindo seu corpo ao

meio. Ele usa o mesmo jeans de ontem, mas uma camisa vermelha escura em vez da sua

preta, provavelmente emprestada de alguém da Amizade. É uma cor estranha para ele,

muito brilhante, mas quando ele inclina a cabeça para trás contra o batente da porta, eu

vejo que faz o azul de seus olhos mais leve.

“A Amizade está se reunido em uma hora e meia.” Ele levanta suas sobrancelhas e

acrescenta, com um toque de melodrama, ” *Para decidir o nosso destino*.”

Eu balanço minha cabeça. ”Nunca pensei que meu destino estaria nas mãos de um

grupo da Amizade.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

8

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu também não. Ah, eu trouxe uma coisa.” Ele desenrosca a tampa de uma garrafa

pequena e tem um conta-gotas cheio de líquido claro. ”Medicamento para dor. Tome uma

dose a cada seis horas.”

“Obrigada.” Eu aperto o conta-gotas na parte de trás da minha garganta. O remédio

tem gosto de limão velho.

Ele conecta um polegar em uma das alças do cinto e diz: “Como você está,

Beatrice?”

“Você acabou de me chamar de *Beatrice*?”

“Pensei em fazer uma tentativa.” Ele sorri. ”Não é bom?”

“Talvez apenas em ocasiões especiais. Dia de iniciação, dias de Escolhas...” Faço

uma pausa. Eu estava prestes a recitar alguns feriados mais, mas só a Abnegação celebra-

os. O Destemor tem suas próprias férias, eu assumo, mas eu não sei o que são. E

de

qualquer maneira, a ideia de que não iria comemorar nada agora era tão ridícula que eu

não continuei.

“É um acordo.” Seu sorriso desaparece. “Como você está, Tris?”

Não é uma pergunta estranha, depois do que nós passamos, mas eu fico tensa

quando ele pergunta, preocupada que ele vai ver de alguma forma em minha mente. Eu

não disse a ele sobre Will ainda. Eu quero, mas eu não sei como. Apenas o pensamento de

dizer as palavras em voz alta me faz sentir tão pesada que eu poderia romper o piso.

“Eu estou...” eu balancei minha cabeça algumas vezes. ”Eu não sei, Quatro. Eu

estou acordada. Eu...” Eu ainda estou balançando minha cabeça. Ele desliza a mão sobre

minha bochecha, um dedo ancorado atrás da minha orelha. Então ele inclina a cabeça para

baixo e me beija, enviando uma dor quente pelo meu corpo. Eu envolvo minhas mãos em

torno de seu braço, segurando-o lá o tempo que eu puder. Quando ele me toca, o

sentimento oco no meu peito e estômago não é tão perceptível.

Eu não tenho nada para dizer a ele. Eu posso apenas tentar esquecer – ele pode me

ajudar a esquecer.

“Eu sei,” diz ele. ”Desculpe. Eu não deveria ter perguntado.”

Por um momento, tudo o que posso pensar é. *Como você* poderia *saber?* Mas algo

sobre sua expressão lembra-me que ele sabe alguma coisa sobre a perda. Ele perdeu sua

mãe quando era jovem. Não me lembro de como ela morreu, só que nós fomos ao seu

funeral.

De repente, eu me lembro dele segurando as cortinas em sua sala de estar, com

cerca de nove anos de idade, vestindo cinza, seus olhos escuros fechados. A imagem é

passageira, e pode ser a minha imaginação, não uma memória.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

9

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ele me libera. ”Eu vou deixar você se arrumar.”

O banheiro das mulheres é duas portas abaixo. O piso é de ladrilho marrom escuro,

e cada chuveiro tem paredes de madeira e uma cortina de plástico que o separa do

corredor central. Uma placa na parede de trás diz LEMBRE-SE: PARA CONSERVAR

RECURSOS, OS CHUVEIROS FUNCIONAM POR APENAS CINCO MINUTOS.

O fluxo de água é frio, então eu não gostaria de minutos extras, mesmo que eu

pudesse tê-los. Eu lavo rapidamente com a mão esquerda, deixando minha mão direita

pendurada ao meu lado. O remédio para dor que Tobias me deu trabalhou rápido —a dor

no meu ombro já se transformou em um pulsar dolorido.

Quando eu saio do chuveiro, uma pilha de roupas espera na minha cama. Contém

um pouco de amarelo e vermelho, da Amizade, e alguns cinzas da Abnegação, cores que

eu raramente vejo lado a lado. Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que alguém da

Abnegação colocou a pilha lá para mim. É algo que eles pensariam em fazer.

Eu puxo um par de calças vermelhas escuras feitas de brim—tão grandes que eu

tenho que enrolá-las três vezes—e uma camisa cinza da Abnegação muito grande para

mim. As mangas vêm para meus dedos, e eu enrolo-as também. Dói quando movo a

minha mão direita, então eu mantenho os movimentos pequenos e lentos.

Alguém bate na porta. “Beatrice?” A voz suave é Susan.

Eu abro a porta para ela. Ela carrega uma bandeja de comida, que deixa em cima da

cama. Eu procuro em seu rosto por um sinal do que ela perdeu—seu pai, um líder da

Abnegação, não sobreviveu ao ataque—mas vejo apenas a plácida determinação

característica da minha velha facção.

“Eu sinto muito as roupas não caberem,” diz ela. ”Tenho certeza que podemos

encontrar algumas outras melhores para você se a Amizade permitir que nós fiquemos.”

“Elas estão boas,” eu digo. ”Obrigada.”

“Eu ouvi dizer que você foi baleada. Você precisa da minha ajuda com o seu

cabelo? Ou seus sapatos?”

Estou prestes a recusar, mas eu realmente preciso de ajuda.

“Sim, muito obrigada.”

Sento-me em um banquinho na frente do espelho, e ela está atrás de mim, com os

olhos devidamente treinados sobre a tarefa em mãos, em vez de seu reflexo. Eles não

levantam, nem mesmo por um instante, enquanto ela corre um pente no meu cabelo. E ela

não pergunta sobre o meu ombro, como eu fui baleada, o que aconteceu quando eu saí da

casa segura da Abnegação para parar a simulação. Tenho a sensação de que se eu fosse até

seu núcleo, ela estaria com a Abnegação por todo o caminho.

“Você já viu Robert?” eu digo. Seu irmão, Robert, escolheu Amizade quando

escolhi

Destemor, então ele está em algum lugar deste complexo. Gostaria de saber se o

reencontro vai ser qualquer coisa como o de Caleb e eu.

“Brevemente, ontem à noite,” diz ela. “Eu o deixei ficar de luto com sua facção

enquanto eu fico com a minha. Mas é bom vê-lo novamente.”

Eu ouço uma finalidade em seu tom que me diz que o assunto está encerrado.

“É uma pena que isso aconteceu agora,” diz Susan. ”Nossos líderes estavam prestes

a fazer algo maravilhoso.”

“Sério? O quê?”

“Eu não sei.” Susan cora. ”Eu só sabia que algo estava acontecendo. Eu não tive a

intenção de ser curiosa, eu só notei coisas.”

“Eu não culpo você por ser curiosa, mesmo que tivesse sido.”

Ela acena com a cabeça e continua penteando. Eu me pergunto o que os líderes da

Abnegação, incluindo meu pai, estavam fazendo. E eu não posso deixar de me maravilhar

com a suposição de Susan que o que eles estavam fazendo era maravilhoso. Eu gostaria de

poder acreditar nas pessoas de novo.

Se é que eu já acreditei.

“Os Destemidos usam o cabelo solto, certo?” ela pergunta.

“Às vezes,” eu digo. ”Você sabe como trançar?”

Então, seus dedos hábeis dobram pedaços do meu cabelo em uma trança que faz

cócegas no meio da minha espinha. Eu olho para o meu reflexo duro até que ela

termine. Agradeço a ela quando terminou, e ela sai com um pequeno sorriso, fechando a

porta atrás de si.

Eu continuo olhando, mas não me vejo. Eu ainda posso sentir os dedos dela

roçando a minha nuca, tão parecidos com os dedos de minha mãe, na última manhã que

passei com ela. Meus olhos se enchem de lágrimas, eu balanço para trás e para frente no

banco, tentando empurrar a memória de minha da mente. Tenho medo de que se eu

começar a chorar, eu nunca vou parar, até murchar como uma passa.

Eu vejo um kit de costura na cômoda. Nele tem linhas de duas cores, vermelho e

amarelo, e um par de tesouras.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

11

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu me sinto calma quando desfaço a trança no meu cabelo e penteio novamente. Eu

parto meu cabelo no meio e certifico-me de que ele está reto e plano. Eu fecho a tesoura

sobre o cabelo no meu queixo.

Como posso ter a mesma aparência quando ela se foi e tudo é diferente? Eu não

posso.

Corto a linha mais reta que consigo, usando meu queixo como guia. A parte

complicada é a parte de trás, que eu não posso ver muito bem, então eu faço o melhor que

posso pelo toque em vez da vista. Mechas de cabelos loiros me cercam no chão, em um

semicírculo.

Eu saio do quarto sem olhar para o meu reflexo novamente.

Quando Tobias e Caleb vêm me buscar mais tarde, eles olham para mim como se eu

não fosse a pessoa de ontem.

“Você cortou seu cabelo,” diz Caleb, com as sobrancelhas altas. Notar as coisas em

meio ao choque é muito Erudito dele. Seu cabelo está amassado de um lado onde ele

dormiu sobre ele, e seus olhos estão vermelhos.

“Sim,” eu digo. ”É... está muito quente para o cabelo longo.”

“É justo.”

Andamos pelo corredor juntos. O assoalho range sob nossos pés. Sinto falta da

forma como os meus passos ecoavam no complexo Destemor; sinto falta do ar frio

subterrâneo. Mas, principalmente, sinto falta dos medos das últimas semanas,

que viraram

pequenos frente aos meus medos de agora.

Saímos do prédio. O ar exterior se comprime em torno de mim como um travesseiro

querendo me sufocar. Cheira a verde, do mesmo jeito de uma folha quando você a rasga

ao meio.

“Todo mundo sabe que você é filho de Marcus?” Caleb diz. ”A Abnegação, eu

quero dizer?”

“Não que eu saiba,” diz Tobias, olhando para Caleb. ”E eu gostaria que você não

mencionasse isso.”

“Eu não preciso mencionar. Qualquer pessoa com olhos pode ver por si mesma.”

Caleb fez uma carranca para ele. ”Quantos anos você tem, afinal?”

“Dezoito.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

12

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“E você não acha que está velho demais para estar com a minha irmãzinha?”

Tobias solta uma risada curta. “Ela não é *sua zinha* nada.”

“Parem com isso. Os dois,” eu digo. Uma multidão de pessoas em amarelo caminha

à nossa frente, em direção a um prédio, amplo edifício feito inteiramente de vidro. A luz

do sol reflete nos painéis como um aperto em meus olhos. Eu protejo meu rosto com a mão

e continuo caminhando.

As portas do edifício estão abertas. Em torno da borda da estufa circular as plantas

e as árvores crescem em tinas de água ou pequenas piscinas. Dezenas de ventiladores

posicionados ao redor da sala servem apenas para soprar o ar quente ao redor, então eu já

estou suando. Mas que se apaga da minha mente quando a multidão antes de mim afina e

vejo o resto da sala.

Em seu centro, cresce uma enorme árvore. Seus ramos se espalham sobre a maior

parte da estufa, e suas raízes acima do solo formam uma densa rede de casca. Nos espaços

entre as raízes não vejo sujeira, mas água e barras de metal que prendem as raízes no

lugar. Eu não deveria estar surpresa. A Amizade passa a vida realizando façanhas da

agricultura como esta, com a ajuda da tecnologia da Erudição.

De pé sobre um conjunto de raízes está Johanna Reyes, o cabelo caindo sobre a

metade de seu rosto cheio de cicatrizes. Eu aprendi em História das Facções que a

Amizade não reconhece nenhum líder oficial—eles votam em tudo, e o resultado é

geralmente perto de unânime. Eles são como muitas partes de um pensamento único, e

Johanna é a sua porta-voz.

A Amizade se senta no chão, a maioria com as pernas cruzadas em torno de nós,

formando cachos que lembram vagamente as raízes da árvore para mim. A Abnegação

senta em filas apertadas, alguns metros à minha esquerda. Meus olhos procuram a

multidão por alguns segundos antes de saber o que eu estou procurando: meus pais.

Eu engulo em seco e tento esquecer. Tobias toca a minhas costas, me guiando para a

borda do espaço de reunião, por trás da Abnegação. Antes de sentar-se, ele coloca a boca

próxima ao meu ouvido e diz: “Eu gosto do seu cabelo assim.”

Acho um pequeno sorriso para dar a ele, e inclino para ele quando me sento, meu

braço contra o seu.

Johanna levanta as mãos e inclina a cabeça. Todas as conversas na sala cessam antes

que eu possa dar minha próxima respiração. Ao meu redor, a Amizade senta em silêncio,

alguns com os olhos fechados, alguns com os seus lábios dizendo palavras que eu não

posso ouvir, alguns olhando para um ponto distante.

Cada segundo irrita. Até o momento que Johanna levanta a cabeça.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

13

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Temos diante de nós hoje uma questão urgente,” diz ela, “que é: Como vamos nos

comportar neste momento de conflito como pessoas que buscam a paz?”

Cada um da Amizade na sala se aproxima de uma pessoa próxima a ele ou ela e

começa a falar.

“Como é que eles não fazem nada?” eu digo, a medida que os minutos de conversa

passam.

“Eles não se importam com eficiência,” diz Tobias. ”Eles se preocupam com

acordo. Observe.”

Duas mulheres em vestidos amarelos a poucos metros de distância se levantam e se

juntam a um trio de homens. Um jovem se desloca de modo que seu pequeno círculo

torna-se um grande, com o grupo ao lado dele. Por toda a sala, as multidões menores

crescem e se expandem, e menos e menos vozes enchem a sala, até ser apenas três ou

quatro. Eu só posso ouvir pedaços do que eles dizem: “Paz—Destemor—Erudição—casa

segura—envolvimento.”

“Isso é bizarro,” eu digo.

“Eu acho que é bonito,” diz ele.

Eu olho para ele.

“O quê?” Ele ri um pouco. “Cada um tem um papel igual no governo; cada um se

sente igualmente responsável. E isso os faz se importar; os faz serem bondosos. Eu acho

que é bonito.”

“Eu acho que é insustentável,” eu digo. ”Claro, funciona para a Amizade. Mas o

que acontece quando nem todos querem dedilhar banjos e cultivar? O que acontece

quando alguém faz algo terrível e falar sobre ele não pode resolver o problema?”

Ele dá de ombros. ”Eu acho que nós vamos descobrir.”

Eventualmente alguém de cada um dos grandes grupos se levanta e se aproxima de

Johanna, escolhendo o seu caminho com cuidado sobre as raízes da grande árvore. Eu

espero que eles abordem o resto de nós, mas eles estão no círculo com Johanna, e outros

porta-vozes e falam em voz baixa. Eu começo a ter a sensação de que nunca vou saber o

que eles estão dizendo.

“Eles não vão nos deixar discutir com eles, vão,” eu digo.

“Eu duvido,” diz ele.

Estamos ferrados.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

14

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Quando todo mundo já disse a sua parte, sentam-se novamente, deixando Johanna

sozinha no centro da sala. Ela vira seu corpo em direção a nós e cruza as mãos na frente

dela. Para onde vamos quando nos disserem para sair? De volta para a cidade, onde nada

é seguro?

“Nossa facção teve uma relação estreita com Erudição por tanto tempo quanto

qualquer um de nós pode lembrar. Precisamos uns dos outros para sobreviver, e sempre

colaboramos um com o outro,” diz Johanna. ”Mas também tivemos uma forte relação com

Abnegação no passado, e não achamos que é direito revogar a mão de amizade quando ela

por tanto tempo esteve estendida.”

Sua voz é doce como mel, e ela se move como o mel também, lenta e cuidadosa. Eu

enxugo o suor do meu cabelo com a palma da minha mão.

“Nós sentimos que a única maneira de preservar as nossas relações com as duas

facções é permanecermos imparciais e não envolvidos,” continua ela. ”Sua presença aqui,

embora bem-vinda, complica isso.”

Aí vem, eu penso.

“Chegamos à conclusão de que vamos estabelecer a sede da nossa facção como uma

casa segura para os membros de todas as facções,” diz ela, “sob um conjunto de

condições. A primeira é que nenhum armamento de qualquer tipo é permitido no

complexo. A segunda é que, se qualquer conflito grave apareça, seja verbal ou físico, todas

as partes envolvidas serão convidadas a ir embora. O terceiro é que o conflito não pode ser

discutido, ainda que em particular, dentro das instalações deste complexo. E o quarto é

que todos que ficarem aqui devem contribuir para o bem-estar deste meio ambiente,

trabalhando. Vamos relatar isso para Sinceridade, Erudição e Destemor assim que

pudermos.”

Seu olhar para em Tobias e em mim, e permanece lá.

“Vocês são bem-vindos a ficarem aqui, somente se puderem cumprir as nossas

regras,” diz ela. ”Essa é a nossa decisão.”

Eu penso na arma que escondi debaixo do colchão, e a tensão entre eu e Peter, e Tobias e Marcus, e minha boca fica seca. Eu não sou boa em evitar conflitos.

“Nós não vamos ser capazes de permanecer por muito tempo,” eu digo a Tobias sob a minha respiração.

Um momento atrás, ele ainda estava levemente sorrindo. Agora, os cantos da sua boca desapareceram em uma carranca. “Não, nós não vamos.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

15

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

3

Naquela noite eu volto para o meu quarto e deslizo minha mão embaixo do colchão

para certificar-me que a arma ainda está lá. Meus dedos deslizam sobre o gatilho, e minha

garganta aperta como se eu estivesse tendo uma reação alérgica. Eu retiro minha mão e me

ajoelho na extremidade da cama, respirando forte até que a sensação desaparece.

O que está errado com você? Eu abano a cabeça. *Recomponha-se.*

E é assim que parece: puxar as diferentes partes de mim como um cadarço. Eu me

sinto sufocada, mas, pelo menos, me sinto forte.

Eu vejo um lampejo de movimento na periferia do meu olhar, e olho para fora da

janela em frente ao pomar de maçã. Johanna Reyes e Marcus Eaton caminham lado a lado,

parando no jardim de ervas para arrancar folhas de hortelã de suas hastes. Eu estou fora

de meu quarto antes que possa avaliar por que eu quero segui-los.

Eu corro através da construção para não perdê-los. Assim que saio, tenho que ter

mais cuidado. Eu ando em torno do outro lado da estufa, e depois que vejo Johanna e

Marcus desaparecerem em uma fileira de árvores, eu rastejo para baixo da próxima linha,

esperando que os ramos me escondam se qualquer um deles olhar para trás.

“...estado confusa é com o momento do ataque,” diz Johanna. “É só que Jeanine

finalmente terminou de planejar, e agiu, ou houve um incidente de algum tipo?”

Eu vejo o rosto de Marcus através de um tronco de árvore dividido. Ele aperta os

lábios e diz: “Hmm.”

“Eu suponho que nós nunca saberemos.” Johanna levanta a sobrancelha boa. “Nós

saberemos?”

“Não, talvez não.”

Johanna coloca a mão em seu braço e se vira em direção a ele. Eu endureço de medo

por um momento, esperando que ela me veja, mas ela olha apenas para Marcus. Eu me

abaixo e engatinho em direção a uma das árvores, de modo que o tronco me esconda. A

casca coça minhas costas, mas eu não me movo.

“Mas você *sabe*, ” ela diz. “Você sabe por que ela atacou naquele momento. Eu posso

não ser mais da Sinceridade, mas ainda posso dizer quando alguém está escondendo a

verdade de mim.”

“A curiosidade é interesseira, Johanna.”

Se eu fosse Johanna, eu me irritaria por um comentário como esse, mas ela diz

gentilmente: “Minha facção confia em mim para aconselhá-los, e se você sabe informações

tão cruciais como esta, é importante que eu também saiba para que possa dividir com eles.

Tenho certeza que você pode entender, Marcus. “

“Existe uma razão para você não saber todas as coisas que eu sei. Um longo tempo

atrás, foram confiadas à Abnegação algumas informações delicadas” diz Marcus. “Jeanine

nos atacou para roubá-las. E se eu não for cuidadoso, ela vai destruí-las, de modo que isso

é tudo que eu posso dizer.”

“Mas, certamente...”

“Não,” Marcus a corta. “Essa informação é muito mais importante do que você

pode imaginar. A maioria dos líderes desta cidade arriscaram suas vidas para protegê-la

de Jeanine e morreram, e eu não vou comprometê-la agora para saciar a sua curiosidade

egoísta.”

Johanna fica calada por alguns segundos. Está tão escuro agora que eu mal posso

ver minhas próprias mãos. O ar cheira a lama e maçãs, e eu tento não respirar muito alto.

“Eu sinto muito,” diz Johanna. “Eu devo ter feito alguma coisa para fazer você

acreditar que não sou digna de confiança.”

“A última vez que eu confiei em um representante de facção com estas informações,

todos os meus amigos foram assassinados,” ele responde. “Eu não confio em mais

ninguém.”

Eu não posso evitar—me inclino para frente para que eu possa ver em torno do

tronco da árvore. Ambos, Marcus e Johanna estão preocupados demais para notar o

movimento. Eles estão juntos, mas não se tocam, e eu nunca vi Marcus parecer tão cansado

ou Johanna tão irritada. Mas seu rosto suaviza, e ela toca o braço de Marcus novamente,

desta vez com uma leve carícia.

“Para ter paz, nós devemos primeiro ter confiança,” diz Johanna. “Então eu espero

que você mude de ideia. Lembre que eu sempre fui sua amiga, Marcus, mesmo quando

você não tinha muitos.”

Ela se inclina e beija sua bochecha, então vai para o final do pomar. Marcus fica por

alguns segundos, aparentemente atordoado, e vai em direção do complexo.

As revelações da meia-hora passada ficam zumbindo em minha mente. Pensei que

Jeanine tivesse atacado a Abnegação para ganhar o poder, mas ela atacou para roubar

informações—informações que só eles sabiam.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

17

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Em seguida, o zumbido passa quando me lembro de outra coisa que Marcus disse:

A maioria dos líderes desta cidade arriscaram suas vidas por ele. Meu pai era um daqueles

líderes?

Eu tenho que saber. Eu tenho que descobrir o que poderia ser importante o

suficiente para a Abnegação morrer—e a Erudição matar.

Faço uma pausa antes de bater à porta de Tobias, e ouvir o que está acontecendo lá

dentro.

“Não, não é *assim,* ” Tobias diz através do riso.

“O que você quer dizer com, *não é assim*? Eu imitei perfeitamente.” A segunda voz

pertence a Caleb.

“Você não imitou, não.”

“Bem, faça de novo, então.”

Eu abro a porta, justo quando Tobias, que está sentado no chão com uma perna

esticada, lança uma faca de manteiga na parede oposta. Ela adere, com o cabo para fora,

em um pedaço grande de queijo posicionado no topo do armário. Caleb, de pé ao lado

dele, olha em descrença, primeiro para o queijo e depois para mim.

“Diga-me que ele é algum tipo de prodígio Destemor,” diz Caleb. “Você pode fazer

isso também?”

Ele parece melhor do que estava antes—seus olhos não estão mais vermelhos e algo

da antiga centelha de curiosidade está neles, como se ele estivesse interessado no mundo

novamente. Seu cabelo castanho está desgrenhado, sua camisa com botões nas casas

erradas. Ele é bonito de forma descuidada, meu irmão, como se ele não tem ideia de como

parece a maior parte do tempo.

“Com a minha mão direita, talvez,” eu digo. “Mas sim, *Quatro* é uma espécie de

prodígio Destemor. Posso perguntar *por que* você está atirando facas no queijo?”

Os olhos de Tobias encontram os meus na palavra, *Quatro*. Caleb não sabe que

Tobias usa sua excelência o tempo todo em seu próprio apelido.

“Caleb veio para discutir uma coisa,” diz Tobias, inclinando a cabeça contra a

parede enquanto olha para mim. “E jogar a faca só apareceu de alguma forma.”

“Como muitas vezes o faz,” digo, um pequeno sorriso avançando seu caminho em

toda minha face.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

18

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ele parece tão relaxado, com a cabeça para trás, seu braço pendurado no joelho. Nós

olhamos um para o outro por mais tempo do que é socialmente aceitável. Caleb limpa sua

garganta.

“De qualquer forma, eu deveria voltar para o meu quarto,” Caleb diz, olhando de

Tobias para mim e vice-versa. “Eu estou lendo este livro sobre sistemas de filtração de

água. O garoto que o deu me olhou como se eu fosse louco por querer lê-lo. Eu acho que

deveria ser um manual de reparo, mas é fascinante.” Ele faz uma pausa. “Desculpe. Você

provavelmente pensa que eu sou louco também.”

“Nem um pouco,” diz Tobias com sinceridade fingida. “Talvez *você* deva ler o

manual de reparo também, Tris. Parece algo que você pode gostar.”

“Eu posso te emprestar,” Caleb diz.

“Talvez mais tarde,” eu digo. Quando Caleb fecha a porta atrás dele, eu dou a

Tobias um olhar sujo.

“Obrigada por isso,” eu digo. “Agora ele vai falar até minha orelha cair sobre

filtração de água e como ela funciona. Embora eu ache que posso preferir isso ao que ele

quer falar comigo.”

“Oh? E o que é isso?” As peculiares sobrancelhas de Tobias se ergueram.

“Aquaponia?”

“Aqua o quê?”

“É uma das maneiras que eles produzem alimentos aqui. Você não quer saber.”

“Você está certo, eu não quero,” eu digo. “O que ele veio falar com você?”

“Você,” diz ele. “Eu acho que foi a conversa de irmão mais velho. ‘Não mexa com a

minha irmã’ e tudo isso.”

Ele se levanta.

“O que você disse a ele?”

Ele vem em minha direção.

“Eu contei a ele como nos aproximamos—que é como surgiu a faca de arremesso,”

ele diz, “e eu disse que não estava brincando.”

Eu me sinto quente em toda parte. Ele envolve as mãos em torno de meus quadris e

me pressiona suavemente contra a porta. Seus lábios encontram os meus.

Eu não me lembro por que eu vim aqui, em primeiro lugar.

E eu não me importo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

19

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu envolvo meu braço não lesionado em torno dele, puxando-o contra mim. Meus

dedos encontram a bainha de sua camiseta, e deslizam por baixo, espalhando amplamente

sobre suas costas. Ele parece tão forte.

Ele me beija de novo, mais insistente desta vez, com as mãos apertando a minha

cintura. Sua respiração, minha respiração, seu corpo, meu corpo, estamos tão perto, não há

diferença.

Ele se afasta, apenas alguns centímetros. Eu quase não deixo que se afaste.

“Não é por isso que você veio aqui,” diz ele.

“Não.”

“Para o que você veio, então?”

“Quem se importa?”

Eu empurro meus dedos através de seu cabelo, e puxo a sua boca para a minha

novamente. Ele não resiste, mas depois de alguns segundos, ele murmura, “Tris,” contra a

minha bochecha.

“Ok, ok.” Eu fecho meus olhos. Eu vim aqui por algo importante: para contar a ele a

conversa que eu ouvi.

Sentamos lado a lado na cama de Tobias, e eu começo a partir do início. Eu digo a

ele como segui Marcus e Johanna para o pomar. Falo sobre a pergunta de Johanna sobre o

momento da simulação de ataque, e a resposta de Marcus, e a discussão que se seguiu.

Enquanto eu falo, observo sua expressão. Ele não parece chocado ou curioso. Em vez

disso, a sua boca trabalha o seu caminho para o trejeito amargo que acompanha qualquer

menção de Marcus.

“Bem, o que você acha?” eu digo uma vez que termino.

“Eu acho,” diz ele com cuidado, “que é Marcus tentando se sentir mais importante

do que ele é.”

Essa não era a resposta que eu esperava.

“Então... O que? Você acha que ele está apenas falando bobagem?”

“Eu acho que provavelmente tem algumas informações que a Abnegação sabia e

que Jeanine queria saber, mas acho que ele está exagerando sua importância. Tentando

construir o seu próprio ego, fazendo Johanna acreditar que ele tem algo que ela quer e ele

não vai dar a ela.”

“Eu não...” Eu franzo a testa. “Eu não acho que você está certo. Ele não soava como

se estivesse mentindo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

20

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você não o conhece como eu. Ele é um mentiroso excelente.”

Ele está certo—eu não conheço Marcus, e certamente não tão bem como ele. Mas

meu instinto foi de acreditar em Marcus, e eu costumo confiar nos meus instintos.

“Talvez você esteja certo,” eu digo, “mas não devemos descobrir o que está

acontecendo? Só para ter certeza?”

“Eu acho que é mais importante que lidemos com a situação que temos na mão,”

diz Tobias. “Voltar para a cidade. Descobrir o que está acontecendo lá. Encontrar uma

maneira de derrubar a Erudição. Então, talvez possamos encontrar sobre o que Marcus

estava falando, após resolver tudo isso. Ok?”

Concordo com a cabeça. Parece um bom plano—um plano inteligente. Mas eu não

acredito nele—eu não acredito que é mais importante avançar do que encontrar a

verdade.

Quando eu descobri que era Divergente... Quando eu descobri que a Erudição iria atacar a

Abnegação... Essas revelações mudaram tudo. A verdade tem uma maneira de mudar os

planos de uma pessoa.

Mas é difícil convencer Tobias a fazer algo que ele não quer fazer, e ainda mais

difícil justificar os meus sentimentos sem evidência, exceto a minha intuição.

Então, eu concordo. Mas não mudo de ideia.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

21

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

4

“A biotecnologia está à nossa volta há um longo tempo, mas nem sempre foi muito

eficaz,” diz Caleb. Ele começa a comer a borda de sua torrada—ele comeu primeiro o

meio, assim como ele costumava fazer quando éramos pequenos.

Ele se senta na minha frente no refeitório, na mesa mais próxima das janelas.

Esculpidas na madeira ao longo da borda da mesa estão as letras *D* e *T* ligadas entre si por

um coração, tão pequeno que eu quase não vejo. Corro os dedos sobre a escultura

enquanto Caleb fala.

“Mas os cientistas da Erudição desenvolveram esta solução mineral altamente

eficaz um tempo atrás. Era melhor para as plantas do que adubo,” diz ele. “É uma versão

anterior do remédio que coloquei no seu ombro—ele acelera o crescimento de novas

células.”

Seus olhos estão selvagens com a nova informação. Nem todos da Erudição têm

fome de poder e são desprovidos de consciência, como sua líder, Jeanine Matthews.

Alguns deles são como Caleb: fascinados por tudo, insatisfeitos até descobrirem como as

coisas funcionam.

Eu descanso meu queixo em minha mão e sorrio um pouco para ele. Ele parece

otimista esta manhã. Estou feliz que ele tenha encontrado algo para distraí-lo da sua dor.

“Erudição e Amizade trabalham juntas, então?” digo.

“Mais perto do que a Erudição com qualquer outra facção,” diz ele. “Você não se

lembra do nosso livro de História das Facções? Ele as chamou de facções essenciais—sem

eles, seríamos incapazes de sobreviver. Alguns dos textos da Erudição as chamavam de

‘facções enriquecedoras’. E uma das missões da Erudição como facção era tornar-se

ambas—essencial e enriquecedora.”

Isso não me cai bem, o quanto a nossa sociedade precisa da Erudição. Mas eles *são*

essenciais—sem eles, haveria agricultura ineficiente, tratamentos médicos insuficientes, e

nenhum avanço tecnológico.

Eu mordo minha maçã.

“Você não vai comer a sua torrada?” diz ele.

“O pão tem um gosto estranho,” eu digo. “Você pode comer, se quiser.”

“Estou impressionado com como eles vivem aqui,” ele diz enquanto pega a torrada

do meu prato. “Eles são completamente autossuficientes. Eles têm sua própria fonte de

energia, as suas próprias bombas de água, sua própria filtração de água, suas próprias

fontes de alimentos... Eles são independentes.”

“Independentes,” digo, “e não envolvidos. Deve ser bom.”

E *é* bom, pelo que eu vejo. As grandes janelas ao lado de nossa mesa deixam entrar

tanta luz solar que eu sinto como se estivesse fora. Um grupo da Amizade senta em outra

mesa, suas roupas brilhantes contra sua pele bronzeada. Em mim o amarelo parece

maçante.

“Então, pelo visto Amizade não era uma das facções para as quais você tinha

aptidão para entrar,” diz ele, sorrindo.

“Não.” O grupo da Amizade sentado a poucas mesas de distância de nós explode

em risadas. Eles nem sequer olharam na nossa direção desde que nos sentamos para

comer. “Fale baixo, certo? Não é algo que eu desejo divulgar.”

“Desculpe,” diz ele, inclinando-se sobre a mesa, de modo que ele possa falar mais

baixo. “Então, quais eram?”

Eu me sinto ficar tensa. “Por que você quer saber?”

“Tris,” diz ele, “eu sou seu irmão. Você pode me dizer qualquer coisa.”

Seus olhos verdes nunca vacilam. Ele abandonou os óculos inúteis que usava como

um membro da Erudição em favor de uma camisa cinza da Abnegação e seu corte de

cabelo curto, que era sua marca marca registrada. Ele parece igual a alguns meses atrás,

quando estávamos vivendo um de cada lado do corredor, ambos considerando trocar de

facção, mas não corajosos o suficiente para dizer um ao outro. Não confiar nele o suficiente

para dizer foi um erro que eu não quero cometer de novo.

“Abnegação, Destemor,” eu digo, “e Erudição.”

“*Três* facções?” Suas sobrancelhas levantam.

“Sim. Por quê?”

“Parece apenas muito,” ele diz. “Cada um de nós precisava escolher um foco de

pesquisa na iniciação da Erudição, e o meu foi a simulação do teste de aptidão, então eu

sei muito sobre a forma como ele foi progrmadado. É realmente difícil para uma pessoa

obter dois resultados—o programa na verdade não permite isso. Mas obter *três*... Eu nem

tenho certeza de como isso é possível.”

“Bem, a administradora do teste teve que alterar o teste,” eu digo. “Ela o forçou

a ir

para aquela situação no ônibus para que ela pudesse descartar a Erudição—só que

Erudição não foi descartada.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

23

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Caleb apoiou o queixo sobre o punho. “Substituição do programa,” diz ele. “Eu me

pergunto como sua administradora do teste sabia fazer isso. Não é algo que é ensinado.”

Eu franzo a testa. Tori era uma tatuadora e uma voluntária para o teste de

aptidão— *como* ela sabia como alterar o programa do teste de aptidão? Se ela era boa com

computadores, era só como um hobby, e eu duvido que um passatempo iria permitir que

alguém mexesse com uma simulação da Erudição.

Então, lembro algo de uma das minhas conversas superficiais com ela. *Meu irmão e*

eu nos transferimos da Erudição.

“Ela era da Erudição,” eu digo. “Uma transferida de facção. Talvez seja assim.”

“Talvez,” diz ele, batendo os dedos—da esquerda para a direita—contra a sua

bochecha. Nosso café da manhã fica quase esquecido entre nós. “O que isso quer

dizer

sobre a química do seu cérebro? Ou anatomia?”

Eu rio um pouco. “Eu não sei. Tudo o que sei é que estou sempre consciente

durante as simulações, e às vezes eu posso me fazer acordar delas. Às vezes, elas nem

sequer funcionam. Como a simulação de ataque.”

“Como você se acorda delas? O que você faz?”

“Eu...” Tento me lembrar. Eu sinto como se tivesse passado um longo tempo desde

que estive em uma, mas foi há apenas algumas semanas. “É difícil dizer, porque as

simulações do Destemor deveriam terminar quando nós nos acalmamos. Mas, em uma das

minhas... Aquela em que Tobias descobriu o que eu era... Eu só fiz algo impossível. Eu

quebrei vidro apenas colocando minha mão sobre ele.”

A expressão de Caleb torna-se distante, como se estivesse olhando para um lugar

distante. Nada parecido com o que eu acabei de descrever aconteceu com ele na simulação

de prova de aptidão, eu sei. Então, talvez ele esteja perguntando como seria, ou como é

possível. Minhas bochechas ficam mais quentes—ele está analisando meu cérebro como

ele analisarria um computador ou uma máquina.

“Ei,” eu digo. “Volte.”

“Desculpe,” ele diz, com foco em mim novamente. “É só...”

“Fascinante. Sim, eu sei. Você sempre parece alguém que teve a vida sugada

diretamente de você quando algo te fascina.”

Ele ri.

“Podemos falar sobre outra coisa?” digo. “Pode não ter quaisquer traidores da

Erudição ou Destemor ao redor, mas ainda é estranho falar sobre isso em público.”

“Tudo bem.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

24

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Antes que ele possa continuar, as portas da refeitório se abrem, e um grupo da

Abnegação entra. Eles usam roupas da Amizade, como eu, mas, também como eu, é óbvio

de qual facção eles realmente são. Eles são silenciosos, mas não sombrios—eles sorriem

para os membros da Amizade por quem passam, inclinando suas cabeças, alguns deles

parando para trocar amenidades.

Susan se senta ao lado de Caleb com um pequeno sorriso. Seu cabelo está puxado

para trás em seu nó de costume, mas seu cabelo loiro brilha como ouro. Ela e Caleb sentam

só um pouco mais perto do que amigos fariam, embora eles não se toquem. Ela sacode a

cabeça para me cumprimentar.

“Eu sinto muito,” diz ela. “Eu interrompi?”

“Não,” diz Caleb. “Como você está?”

“Eu estou bem. Como você está?”

Estou prestes a fugir da sala de jantar, em vez de participar da cuidadosa e educada

conversa da Abnegação, quando Tobias entra, parecendo incomodado. Ele deve ter

trabalhado na cozinha esta manhã, como parte de nosso acordo com a Amizade. Eu tenho

que trabalhar amanhã nas lavanderias.

“O que aconteceu?” eu digo quando ele senta-se ao meu lado.

“Em seu entusiasmo para resolver conflitos, a Amizade tem aparentemente

esquecido que intromissão cria *mais* conflitos,” diz Tobias. “Se ficarmos aqui por muito

tempo, eu vou dar um soco em alguém, e isso não vai ser bonito.”

Caleb e Susan levantam suas sobrancelhas para ele. Alguns da Amizade na mesa ao

lado da nossa param de falar para olhar.

“Vocês me ouviram,” diz Tobias a eles. Todos olham para longe.

“Como eu disse,” eu digo, cobrindo minha boca para esconder meu sorriso, “o que

aconteceu?”

“Eu vou te dizer mais tarde.”

Deve ter a ver com Marcus. Tobias não gosta do olhar duvidoso que a Abnegação

lhe dá quando ele refere-se à crueldade de Marcus, e Susan está sentada em frente a ele. Eu

fecho minhas mãos no meu colo.

A Abnegação senta-se à nossa mesa, mas não ao nosso lado—uma respeitosa

distância de dois assentos, embora a maior parte deles ainda acene para nós. Eles eram

amigos da família, vizinhos e colegas de trabalho, e, antes, a sua presença teria me

incentivado a ficar quieta e discreta. Agora me faz querer falar mais alto, estar o mais

longe possível da minha antiga identidade e da dor que a acompanha.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

25

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Tobias fica completamente parado quando uma mão cai sobre meu ombro direito,

enviando espinhos de dor pelo meu braço direito. Eu cerro os dentes para evitar gemer.

“Ela levou um tiro neste ombro,” diz Tobias, sem olhar para o homem por trás de

mim.

“Minhas desculpas.” Marcus eleva sua mão e senta-se à minha esquerda. “Olá.”

“O que *você* quer?” eu digo.

“Beatrice,” diz Susan em voz baixa. “Não há necessidade...”

“Susan, por favor,” diz Caleb em voz baixa. Ela aperta os lábios em uma linha e

olha para longe.

Eu dou um olhar carregado para Marcus. “Eu te fiz uma pergunta.”

“Eu gostaria de discutir uma coisa com você,” diz Marcus. Sua expressão é calma,

mas ele está com raiva—a concisão em sua voz o trai. “Os outros Abnegados e eu

discutimos e decidimos que não deveríamos ficar aqui. Acreditamos que, dada a

inevitabilidade de mais conflito em nossa cidade, seria egoísta de nossa parte ficar aqui

enquanto o que resta da nossa facção está dentro daquela cerca. Gostaríamos de solicitar

que você nos escolte.”

Eu não esperava isso. Por que Marcus quer voltar para a cidade? É realmente

apenas uma decisão da Abnegação, ou ele pretende fazer algo lá—algo que tem a ver com

as informações que a Abnegação tem?

Eu o encaro por alguns segundos e depois olho para Tobias. Ele relaxou um pouco,

mas mantém os olhos centrados na mesa. Eu não sei por que ele age desta forma

em torno

de seu pai. Ninguém, nem mesmo Jeanine, faz Tobias se acovardar.

“O que você acha?” digo.

“Eu acho que nós deveríamos ir embora depois de amanhã,” diz Tobias.

“Tudo bem. Obrigado,” diz Marcus. Ele levanta-se e senta-se na outra extremidade

da mesa com o resto da Abnegação.

Eu me aproximo de Tobias, sem ter certeza de como consolá-lo sem piorar as coisas.

Eu pego minha maçã com minha mão esquerda, e pego a sua mão sob a mesa com a minha

direita.

Mas eu não posso manter meus olhos longe de Marcus. Eu quero saber mais sobre o

que ele disse a Johanna. E, às vezes, se você quer a verdade, você tem que exigi-la.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

26

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

5

Depois do café da manhã, eu digo a Tobias que farei uma caminhada, mas, ao invés

disso, eu sigo Marcus. Eu espero que ele vá até o dormitório de hóspedes, mas ele

atravessa a área atrás da sala de jantar e caminha até o prédio de filtração da água. Eu

hesito no último degrau. Eu quero mesmo fazer isso?

Subo as escadas e atravesso a porta que Marcus acabou de fechar atrás dele.

O prédio de filtração de água é pequeno, apenas um aposento com algumas

máquinas enormes. Até onde eu saiba, algumas das máquinas coletam a água suja do resto

do complexo, algumas a purificam, outras a testam, e o último conjunto bombeia a água

limpa de volta para o complexo. Os sistemas de tubulação estão todos enterrados, exceto

um, que corre ao longo do chão para enviar água para a usina, perto da cerca. A usina

fornece energia para toda a cidade, usando uma combinação de energia eólica, hidrelétrica

e solar.

Marcus para próximo às maquinas que filtram água. Lá os tubos são transparentes.

Eu consigo ver água marrom correndo pelo cano, desaparecendo dentro da

máquina, e

emergindo limpa. Nós dois assistimos a purificação acontecer, e me pergunto se ele está

pensando o mesmo que eu: que seria bom se a vida funcionasse assim, tirando o sujo de

nossas vidas e nos enviando de volta limpos para o mundo. Mas um pouco de sujeira está

destinada a ficar.

Eu fico olhando para a parte de trás da cabeça de Marcus. Eu preciso fazer isso

agora.

Agora.

“Eu ouvi você, aquele dia,” eu deixo escapar.

Marcus vira a cabeça. “O que está fazendo, Beatrice?”

“Eu segui você até aqui.” Cruzo os braços sobre o peito. “Ouvi você conversando

com Johanna sobre as motivações de Jeanine para atacar a Abnegação.”

“O Destemor ensinou você a invadir a privacidade dos outros ou você aprendeu

por si mesma?”

“Eu sou curiosa por natureza. Não mude de assunto.”

Um vinco surge na testa de Marcus, especialmente entre as sobrancelhas, e linhas

profundas aparecem próximas à boca. Ele parece um homem que passou a maior parte da

vida emburrado. Ele pode ter sido bonito quando mais jovem—talvez ele ainda

seja, para

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

27

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

alguém da idade dele, como Johanna—mas tudo que vejo quando olho para ele são os

olhos pretos da paisagem do medo do Tobias.

“Se você me ouviu conversar com Johanna, então você sabe que não disse nem a *ela*

sobre isso. Então o que te faz pensar que eu compartilharia essa informação com *você*?”

Eu não tenho uma resposta de primeira. Mas então vem a mim.

“Meu pai,” eu digo. “Meu pai está morto.” É a primeira vez que eu digo isso desde

a vez que eu disse a Tobias, na viagem de trem, que meus pais morreram por mim.

“Morreram” era só um fato para mim, separado da emoção. Mas “mortos”, misturado com

a agitação e o barulho daquela sala, parece um golpe de martelo no meu peito, e o monstro

da dor desperta, arranhando meus olhos e garganta.

Forço-me a continuar.

“Ele talvez não tenha morrido pela informação à qual você esteja se referindo,” eu

digo. “Mas eu quero saber se era algo pelo qual ele arriscou a vida.”

Marcus contrai a boca.

“Sim,” ele diz. “Era.”

Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu pisco.

“Bem,” eu digo, quase sufocando, “então o que é? É algo que vocês estavam

tentando proteger? Ou roubar? Ou o quê?”

“Era...” Marcus balança a cabeça. “Eu não irei dizer a você.”

Eu dou um passo diante dele. “Mas você quer de volta. E Jeanine está com ele.”

Marcus *é* um bom mentiroso—ou ao menos, alguém que sabe guardar segredos. Ele

não reage. Eu gostaria de vê-lo como Johanna o vê, como a Sinceridade vê—eu gostaria de

poder ler sua expressão. Ele poderia estar perto de dizer a verdade para mim. Se eu

pressionar muito, talvez ele ceda.

“Eu poderia ajudá-lo,” eu digo.

O lábio superior de Marcus treme. “Você não tem ideia de quão ridículo isso soa.”

Ele cospe as palavras para mim. “Você pode ter conseguido parar a simulação de ataque,

garota, mas foi sorte, não habilidade. Eu morreria em choque se você conseguir fazer algo

útil de novo por um longo tempo.”

Esse era o Marcus que Tobias conhecia. Aquele que sabia aonde atingir para

causar

um maior dano.

Meu corpo treme com a raiva. “Tobias está certo sobre você,” eu digo. “Você não é

nada, a não ser um lixo arrogante e mentiroso.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

28

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Ele disse isso?” Marcus ergue as sobrancelhas.

“Não,” eu digo. “Ele não menciona você o suficiente para dizer algo assim. Eu

descobri por mim mesma.” Eu aperto meus dentes. “Você é quase nada para ele, sabe. E

conforme o tempo passa, você se torna cada vez menos.”

Marcus não me responde. Ele se vira para trás até o purificador de água. Eu fico por

um momento em meu triunfo, o som da água correndo combinando com a batida do meu

coração em meus ouvidos. Então eu saio do prédio, e não é até eu estar do outro lado do

campo que percebo que eu não ganhei. Marcus ganhou.

Qualquer que seja a verdade, eu terei que conseguir a informação em outro lugar,

porque eu não irei perguntar a ele novamente.

Naquela noite, eu sonho que estou em um campo, e me deparo com um bando de

corvos agrupados no chão. Quando eu chuto alguns para longe, percebo que eles estão

empoleirados no topo de um homem, bicando suas roupas, que são do cinza da

Abnegação. Sem aviso, eles voam, e percebo que esse homem é Will.

Então eu acordo.

Eu viro meu rosto contra o travesseiro, e libero, ao invés do nome dele, um soluço

que joga meu corpo contra o colchão. Eu sinto o monstro da tristeza de novo, preenchendo

o espaço vazio onde meu coração e meu estômago costumavam estar.

Eu suspiro, pressionando minhas mãos no meu peito. Agora a coisa monstruosa

está com as garras em volta do meu pescoço, tirando-me o ar. Eu giro e coloco minha

cabeça entre meus joelhos, respirando até que o sentimento estrangulado me deixe.

Mesmo que o ar esteja quente, eu tremo. Eu saio da cama e rastejo pelo corredor em

direção ao quarto do Tobias. Minhas pernas nuas quase brilham no escuro. A porta dele

range quando eu abro, alto o suficiente para acordá-lo. Ele me encara por um segundo.

“Venha cá,” ele diz, lento de sono. Ele se afasta um pouco na cama para abrir

espaço para mim.

Eu deveria ter pensado nisso direito. Eu durmo com uma camiseta longa que a

Amizade me emprestou. Vai até um pouco depois do meu bumbum, e não pensei em

vestir um short antes de vir até aqui. Tobias olha para as minhas pernas nuas, deixando

meu rosto quente. Eu me deito, de frente para ele.

“Sonho ruim?” ele diz.

Eu concordo com a cabeça.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

29

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“O que aconteceu?”

Eu balanço a cabeça. Não posso dizer a ele que estou tendo pesadelos sobre Will, ou

eu teria que explicar o motivo. O que ele pensaria de mim, se soubesse o que eu fiz? Como

ele olharia para mim?

Ele mantém a mão na minha bochecha, movendo o polegar preguiçosamente. “Nós

estamos bem, você sabe,” ele diz. “Você e eu. Certo?”

Meu peito dói, eu concordo com a cabeça.

“Nada mais está certo.” Seu sussurro faz cócegas na minha bochecha. “Mas nós

estamos.”

“Tobias,” eu digo. Mas o que seja que eu estava prestes a dizer fica perdido na

minha cabeça, e eu pressiono minha boca contra a dele, porque eu sei que beijá-lo irá me

distrair de tudo o mais.

Ele me beija de volta. Sua mão começa na minha bochecha, e então escorrega pelo

meu lado, cabendo na curva da minha cintura, passando pelo meu quadril, deslizando

pela minha perna nua, me fazendo tremer. Eu me aproximo dele e jogo minha perna ao

redor dele. Minha cabeça fervilha com o nervosismo, mas o resto de mim parece saber

exatamente o que está fazendo, porque tudo pulsa no mesmo ritmo, tudo quer a mesma

coisa: escapar de mim e se tornar parte dele.

Sua boca se move contra a minha, e sua mão desliza sob a bainha da minha

camiseta, e eu não o paro, mesmo sabendo que eu deveria. Em vez disso, um leve suspiro

me escapa, e o calor passa pelas minhas bochechas e me deixa envergonhada. Ou ele não

escutou ou não se importou, porque ele pressiona a palma da mão na parte inferior das

minhas costas, me trazendo para mais perto. Seus dedos se movem devagar pelas minhas

costas, fazendo o contorno da minha espinha. Minha camiseta sobe pelo meu corpo, e eu

não a abaixo, mesmo quando sinto um ar frio na barriga.

Ele beija meu pescoço, e eu agarro seu ombro para me apoiar, juntando sua camisa

em meus punhos. A mão dele alcança o topo das minhas costas e se enrola em volta do

meu pescoço. Minha camiseta está torcida em seu braço, e nossos beijos se tornam mais

desesperados. Sei que minhas mãos estão tremendo de toda a energia nervosa dentro de

mim, então eu aperto minha mão em seu ombro para que ele não perceba.

Então seus dedos alcançam o curativo em meu ombro, e um tiro de dor passa por

mim. Não machucou muito, mas me traz de volta à realidade. Não posso ficar com ele

daquele jeito, se uma das minhas razões por querer isso é para me distrair do luto.

Eu me inclino para trás e cuidadosamente abaixo minha camiseta para que me

cubra novamente. Por um segundo nós apenas ficamos lá, nossa respiração pesada se

misturando. Eu não quis chorar—agora não é um bom momento para chorar; não, preciso

parar—mas eu não consigo afastar as lágrimas dos meus olhos, não importa o

quanto eu

pisque.

“Desculpe,” eu digo.

Ele diz quase severamente, “Não se desculpe.” Ele afasta as lágrimas das minhas

bochechas.

Eu sei que sou como um pássaro, feita estreita e pequena como se para voar,

construída com quadris estreitos e frágil. Mas quando ele me toca como se não pudesse

afastar a mão, eu não desejo ser diferente.

“Eu não queria estar assim,” eu digo, minha voz rachando. “Eu só me sinto tão...”

eu balanço a cabeça.

“É errado,” ele diz. “Não importa se seus pais estão em um lugar melhor—eles não

estão aqui com você, e isso é *errado*, Tris. Não deveria ter acontecido. Não deveria ter

acontecido a você. E qualquer um que diga o contrário é um mentiroso.”

Um soluço passa pelo meu corpo de novo, e ele envolve seus braços em volta de

mim tão forte que sinto dificuldade de respirar, mas não importa. Meu choro digno dá

lugar à feiura completa, minha boca aberta e meu rosto contorcido e sons como se um

animal estivesse morrendo em minha garganta. Se isso continuar eu irei quebrar, e talvez

assim seja melhor, talvez seja melhor me despedaçar e não suportar nada.

Ele não fala por um longo tempo, até que eu me acalme novamente.

“Durma,” ele diz. “Eu irei expulsar os sonhos ruins se eles vierem até você.”

“Com o quê?”

“Minhas próprias mãos, obviamente.”

Eu envolvo meu braço em torno de sua cintura e respiro fundo em seu ombro. Ele

cheira a suor, ar fresco e menta, à pomada que ele usa às vezes para relaxar seus músculos

doloridos. Ele cheira a segurança também, como caminhar a luz do dia no pomar e cafés

da manhã em silêncio na sala de jantar. E nos momentos antes de cair no sono, eu quase

esqueço sobre a nossa cidade em guerra e sobre os conflitos que irão nos encontrar, se não

os encontrarmos antes.

Nos momentos antes de cair no sono, eu o ouço sussurrar, “Eu amo você, Tris.”

E talvez eu fosse dizer de volta, mas já estou muito longe.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

31

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

6

Naquela manhã eu acordo com um zumbido de barbeador elétrico. Tobias está

parado em frente ao espelho, a cabeça inclinada para que ele possa enxergar seu maxilar.

Eu abraço meus joelhos, cobertos pela manta, e o observo.

“Bom dia,” ele diz. “Como você dormiu?”

“Bem.” Eu me levanto, e quando ele inclina a cabeça para raspar o queixo com o

barbeador, eu envolvo meus braços em torno dele, pressionando minha testa em suas

costas onde a tatuagem Destemor espreita por debaixo de sua camiseta.

Ele abaixa o barbeador e coloca a mão sobre a minha. Nenhum de nós quebra o

silêncio. Eu escuto ele respirar, e ele acaricia meus dedos preguiçosamente, a tarefa que ele

estava fazendo esquecida.

“Eu deveria me arrumar,” eu digo depois de um tempo. Estou relutante em sair,

mas devo trabalhar na lavanderia, e não quero que a Amizade diga que não estou

cumprindo minha parte no acordo que eles nos ofereceram.

“Eu vou pegar algo para você vestir,” ele diz.

Eu ando descalça pelo corredor alguns minutos depois, usando uma camiseta com a

qual dormi e shorts que Tobias emprestou da Amizade. Quando eu volto para o meu

quarto, Peter está parado perto da minha cama.

O instinto me faz endireitar e procurar pelo quarto por um objeto pontiagudo.

“Saia,” eu digo tão firmemente quanto posso. Mas é difícil manter o tremor longe

da minha voz. Não posso evitar lembrar o olhar nos olhos dele quando ele me segurou

sobre o abismo pela garganta ou me bateu na parede do complexo Destemor.

Ele se vira para olhar para mim. Ultimamente, quando ele olha para mim, é sem sua

malícia habitual—ao invés disso ele parece exausto, sua postura encolhida, seu braço em

uma tipóia. Mas eu não me deixo enganar.

“O que está fazendo no meu quarto?”

Ele se aproxima de mim. “O que você está fazendo perseguindo Marcus? Vi vocês

depois do café da manhã ontem.”

Eu encaro seu olhar com o meu. “Não é da sua conta. Saia.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

32

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Estou aqui porque não sei o motivo de *você* ser responsável pelo disco rígido,” ele

diz. “Não parece que você esteja particularmente estável esses dias.”

“*Eu* estou instável?” Eu rio. “Acho isso um pouco engraçado, vindo de você.”

Peter aperta os lábios e não diz nada.

Eu estreito os olhos. “Por que você está tão interessado no disco rígido, em todo caso?”

“Não sou burro,” ele diz. “Eu sei que contém mais do que dados da simulação.”

“Não, você não é burro, não é?” eu digo. “Você acha que, se o entregar para a Erudição, eles irão perdoar sua inprudência e deixar você voltar às boas graças deles.”

“Eu não quero voltar às boas graças deles,” ele diz, dando um passo para frente de novo. “Se eu quisesse, não teria ajudado você no complexo Destemor.”

Eu o cutuco no peito com meu dedo, afundando minha unha. “Você me ajudou porque não queria que eu atirasse em você de novo.”

“Eu posso não ser traidor de facção fã da Abnegação.” Ele pega meu dedo. “Mas ninguém vai me controlar, especialmente a Erudição.”

Eu puxo minha mão de volta, torcendo-a para que ele não consiga segurar. Minhas mãos estão suadas.

“Não espero que você entenda.” Eu esfrego minhas mãos na barra da minha camiseta enquanto vou até a cômoda. “Tenho certeza de que se fosse a Sinceridade e não Abnegação que tivesse sido atacada, você deixaria sua família levar tiros entre os olhos

sem protestar. Mas eu não sou assim.”

“Cuidado com o que você diz sobre minha família.” Ele se move para perto de mim,

em frente à cômoda, mas eu cuidadosamente me mudo, então fico entre ele e as gavetas.

Não irei revelar a ele a localização do disco rígido tirando ele do lugar enquanto ele está

aqui, mas eu não irei deixar o caminho livre, também.

Os olhos dele se deslocam para a cômoda atrás de mim, do lado esquerdo, onde o

disco rígido está escondido. Eu olho brava para ele, e então percebo algo que não notei

antes: uma protuberância retangular saindo de um dos bolsos dele.

“Dê para mim,” eu digo. “Agora.”

“Não.”

“Dê para mim, ou então eu juro que vou matar você enquanto dorme.”

Ele sorri. “Se você pudesse ver o quanto parece ridícula quando está ameaçando as

pessoas. Como uma menininha dizendo que irá me estrangular com sua corda de pular.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

33

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu começo a ir em direção a ele, e ele se desloca para trás, indo para o corredor.

“Não me chame de *menininha*.”

“Vou te chamar do que eu quiser.”

Eu começo a agir, mirando meu punho esquerdo aonde sei que vai doer mais: na

ferida de bala no braço dele. Ele desvia do soco, mas ao invés de tentar de novo, seguro o

braço dele tão forte quanto possível e puxo com tudo para o lado. Peter grita com toda a

força de seus pulmões, e enquanto ele está distraído pela dor, eu o chuto com força no

joelho, e ele cai no chão.

Pessoas correm pelo corredor, usando cinza e preto e amarelo e vermelho. Peter

surge para mim abaixado e dá um soco em meu estômago. Eu me afasto, mas a dor não

me impede – eu deixo sair algo entre um gemido e um grito, e me lanço sobre ele, meu

cotovelo esquerdo puxado para trás perto da minha boca para que eu possa batê-lo em seu

rosto.

Um membro da Amizade me agarra pelos braços e me tira de perto de Peter. A

ferida em meu ombro lateja, mas eu dificilmente sinto através da adrenalina. Eu me

arrasto até ele e tento ignorar os rostos surpresos dos membros da Amizade e da

Abnegação—e de Tobias—em volta de mim, e a mulher ajoelhada perto de Peter,

sussurrando palavras em um tom suave de voz. Tento ignorar os gemidos de dor dele e a

culpa em meu estômago. Eu o odeio. Não me importo. Eu o odeio.

“Tris, se acalme!” Tobias diz.

“Ele está com o disco rígido!” eu grito. “Ele roubou de mim! Está com ele!”

Tobias anda até Peter, ignorando a mulher ao lado dele, e pressiona o pé na costela

de Peter para mantê-lo no lugar. Então ele alcança dentro do bolso de Peter e pega o disco

rígido.

Tobias fala para ele—muito calmamente—“Não estaremos em uma casa segura

para sempre, e isso não foi muito esperto da sua parte.” Então ele se vira para mim e

adiciona, “Nem tão esperto da sua parte, também. Você quer que nos expulsem?”

Eu franzo o cenho. O homem da Amizade com a mão em meu braço começa a me

puxar pelo corredor. Tento sair de seu alcance.

“O que você pensa que está fazendo? Me deixe ir!”

“Você violou os termos do nosso acordo de paz” ele diz gentilmente. “Devemos

seguir o protocolo.”

“Apenas vá,” diz Tobias. “Você precisa se acalmar.”

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu procuro ao redor dos rostos que estão reunidos. Ninguém argumenta com

Tobias. Os olhos deles me encaram. Então eu deixo que os dois homens da Amizade me

escoltem pelo corredor.

“Cuidado onde pisa,” um deles diz. “As tábuas são desiguais aqui.”

Minha cabeça pulsa, um sinal de que estou me acalmando. O homem da Amizade

de cinza abre uma porta à esquerda. O rótulo na porta diz, SALA DE CONFLITO.

“Vocês estão me colocando de castigo ou algo assim?” eu pergunto. Isso é algo que

a Amizade faria: colocar-me de castigo, e então me ensinar a controlar minha respiração

ou a pensar positivo.

A sala está tão clara que tenho que estreitar meus olhos para conseguir enxergar. A

parede oposta tem uma janela larga que dá vista para todo o pomar. Apesar disso, a sala

parece pequena, provavelmente por causa do teto, que como as paredes e o chão, é coberto

por tábuas de madeira.

“Por favor, sente-se,” o homem mais velho diz, gesticulando para o banco no meio

da sala. É, como qualquer móvel no complexo da Amizade, feito de madeira crua, e parece

firme, como se ainda estivesse ligado à terra. Eu não sento.

“A briga acabou,” eu digo. “Não farei de novo. Não aqui.”

“Temos que seguir o protocolo,” o homem mais jovem diz. “Por favor, sente-se,

iremos discutir o que aconteceu, e então deixaremos você ir.”

Todas aquelas vozes tão calmas. Não abafadas, como o jeito de falar da Abnegação,

sempre trilhando solo sagrado e tentando não causar distúrbio. Macias, suaves, baixas—

me pergunto, então, se isso é algo que eles ensinam aqui. Qual o melhor jeito de falar, de

se mover, sorrir, para encorajar a paz.

Não quero me sentar, mas me sento, empoleirada na ponta da cadeira para que eu

possa sair rápido, se necessário. O homem mais jovem para em frente a mim. Dobradiças

rangem atrás de mim. Eu olho sobre meu ombro—o homem mais velho está mexendo em

um balcão atrás de mim.

“O que está fazendo?”

“Estou fazendo chá,” ele diz.

“Não acho que chá seja a solução para isso.”

“Então nos diga,” o homem mais jovem diz, trazendo minha atenção de volta para

as janelas. Ele sorri para mim. “O que você acha que seja a solução?”

“Expulsar Peter do complexo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

35

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Ao que me parece,” o homem diz gentilmente, “foi você quem o atacou—de fato,

foi você quem atirou no braço dele.”

“Você não tem ideia do que ele fez para merecer aquelas coisas.” Minhas bochechas

se esquentam de novo e imitam meu batimento cardíaco. “Ele tentou me matar. E a outra

pessoa—ele esfaqueou o olho de alguém... com uma faca de *manteiga*. Ele é ruim. Tenho

todo o direito de...”

Sinto uma dor aguda em meu pescoço. Pontos escuros cobrem o homem na minha

frente, obscurecendo minha visão do rosto dele.

“Desculpe-me, querida,” ele diz. “Nós só estamos seguindo o protocolo.”

O homem mais velho está segurando uma seringa. Algumas gotas do que seja que

ele injetou em mim ainda caem dela. Elas são de um verde brilhante, a cor da grama. Pisco

rapidamente, e os pontos escuros desaparecem, mas o mundo ainda parece longe de mim,

como se eu estivesse me inclinando para frente em uma cadeira de balanço.

“Como se sente?” o homem jovem diz.

“Sinto-me...” *Com raiva*, eu ia dizer. Com raiva de Peter, raiva da Amizade. *Mas essa*

não é a verdade, é? Eu sorrio. “Sinto-me bem. Me sinto como… como se estivesse flutuando.

Ou balançando. Como *você* se sente?”

“Tontura é um efeito colateral do soro. Você pode querer descansar o resto da tarde.

E eu estou me sentindo bem. Obrigado por perguntar,” ele diz. “Você pode sair agora, se

quiser.”

“Você pode me dizer onde encontrar Tobias?” eu digo. Quando imagino o rosto

dele, afeição borbulha dentro de mim e tudo o que eu quero fazer é beijá-lo. “Quatro, eu

quero dizer. Ele é bonito, não é? Eu não sei realmente como ele gosta tanto de mim. Não

sou muito legal, sou?”

“Na maior parte do tempo, não,” o homem diz. “Mas eu acho que você poderia ser,

se tentasse.”

“Obrigada,” eu falo. “É legal de sua parte dizer isso.”

“Acho que você vai encontrá-lo no pomar,” ele diz. “Eu o vi indo lá para fora

depois da briga.”

Eu rio um pouco. “A briga, que coisa boba...”

E parece uma coisa boba, bater seu punho no corpo de alguém. Como uma carícia,

só que forte demais. Uma carícia é muito melhor. Talvez eu devesse ter corrido minha mão

pelo braço de Peter ao invés de bater nele. Nós dois teríamos nos sentido melhor. Meus

dedos não estariam doendo agora.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

36

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Levanto e me dirijo até a porta. Tenho que me inclinar contra a parede para

recuperar o equilíbrio, mas ela é resistente, então não me importo. Eu tropeço pelo

corredor, rindo da minha incapacidade de manter o equilíbrio. Sou desastrada de novo,

igual como eu era quando criança. Minha mãe costumava sorrir para mim e dizer, “Tenha

cuidado onde pisa, Beatrice. Não quero que se machuque.”

Eu caminho até o lado de fora e o verde das árvores parece ainda mais verde, tão

forte que quase consigo sentir o gosto. Talvez eu *possa* sentir o gosto, e seja como a grama

que eu decidi mastigar quando era criança só para saber qual era o gosto. Eu quase caio

das escadas porque me desequilibro e caio na risada quando a grama toca meus pés

descalços. Ando em direção ao pomar.

“Quatro!” eu chamo. Por que estou chamando um número? Ah sim. Por que esse é

o nome dele. Eu chamo de novo, “Quatro! Onde você está?”

“Tris?” diz uma voz vinda das árvores à minha direita. Quase soa como se a árvore

estivesse falando comigo. Eu rio, mas é claro que é apenas Tobias, passando sob um galho.

Eu corro em direção a ele, e o chão se inclina para o lado, então eu quase caio. A

mão dele toca minha cintura, me equilibrando. O toque envia choques através do meu

corpo, e todo o meu interior queima como se os dedos dele o tivessem incendiado. Eu me

aproximo dele, pressionando meu corpo contra o dele, e inclino minha cabeça para beijá-

lo.

“O que eles...” ele começa, mas eu o paro com meus lábios. Ele me beija de volta,

mas tão rápido, então eu suspiro pesadamente.

“Isso foi horrível,” eu digo. “Certo, não foi, mas...”

Eu fico na ponta dos pés para beijá-lo novamente, e ele pressiona o dedo nos meus

lábios para me parar.

“Tris” ele diz. “O que eles fizeram com você? Você está agindo como louca.”

“Não é muito gentil de sua parte dizer isso,” eu falo. “Eles me deixaram de bom

humor, isso é tudo. E agora eu realmente quero beijar você, então se você pudesse apenas

relaxar...”

“Não vou beijar você. Eu vou descobrir o que está acontecendo,” ele diz.

Eu faço beiçinho com o meu lábio inferior por um momento, mas então sorrio

quando as peças se encaixam na minha cabeça.

“*Esse* é o motivo de você gostar de mim!” exclamo. “Por que você não é muito legal

também! Faz todo sentido agora.”

“Venha,” ele diz. “Vamos ver Johanna.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

37

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu gosto de você, também.”

“Isso é encorajador,” ele responde sem entonação. “*Venha.* Ah, pelo amor de Deus.

Eu vou carregar você.”

Ele me coloca em seus braços, um braço embaixo de meus joelhos e o outro

segurando minhas costas. Eu envolvo meus braços ao redor do pescoço dele e planto um

beijo em sua bochecha. Então eu descubro que a sensação do ar em meus pés é boa, então

eu chuto o ar, e fico descendo e subindo com meus pés enquanto caminhamos até o prédio

onde Johanna trabalha.

Quando chegamos ao escritório, ela está sentada atrás de uma mesa com uma pilha

de papéis à sua frente, mastigando uma borracha. Ela olha para nós, e sua boca abre

ligeiramente. Um pedaço de cabelo escuro cobre o lado esquerdo de seu rosto.

“Você não deveria cobrir sua cicatriz,” eu digo. “Você fica mais bonita com o cabelo

fora do rosto.”

Tobias me coloca no chão com pouco cuidado. O impacto é chocante e machuca

meu ombro um pouco, mas eu gosto do som que meus pés fazem ao tocar o chão. Eu rio,

mas nem Johanna nem Tobias riem comigo. Estranho.

“O que você fez com ela?” Tobias diz, sério. “O que, em nome de Deus, você fez?”

“Eu...” Johanna faz uma carranca para mim. “Eles devem ter dado muito a ela. Ela é

muito pequena; eles provavelmente não consideraram o peso e a altura dela.”

“Eles devem ter dado muito a ela do *quê*?” ele diz.

“Você tem uma voz bonita,” eu digo.

“Tris,” ele diz, “por favor, fique quieta.”

“O soro da paz,” Johanna diz. “Em pequenas doses, tem um suave efeito calmante e

melhora o humor. O único efeito colateral é uma leve tontura. Nós o administramos aos

membros da nossa comunidade que têm problemas para manter a paz.”

Tobias bufa. “Não sou idiota. *Todo* membro da sua comunidade tem problemas em

manter a paz, porque são todos humanos. Você provavelmente joga esse soro no

suprimento de água.”

Johanna não responde por alguns segundos. Ela cruza as mãos na frente dela.

“Claramente esse não é o caso, ou essa briga não teria acontecido,” ela diz. “Mas o

que seja que concordamos em fazer aqui, nós fazemos juntos, como uma facção. Se eu

pudesse dar o soro para todos na cidade, eu daria. Certamente você não estaria na situação

em que está agora se eu tivesse feito isso.”

“Ah, definitivamente,” ele diz. “Drogar a população inteira é a melhor solução

para

o nosso problema. Grande plano.”

“Sarcasmo não é bom, Quatro,” ela diz gentilmente. “Agora, me desculpe pelo erro

de dar muito soro a Tris, eu realmente sinto muito. Mas ela violou os termos do nosso

acordo, e temo que vocês não possam ficar aqui por muito mais tempo. O conflito entre ela

e o garoto—Peter—não é algo que possamos esquecer.”

“Não se preocupe,” Tobias diz. “Pretendemos partir assim que for humanamente

possível.”

“Bom,” ela diz com um sorriso. “A paz entre Amizade e Destemor só pode

acontecer quando nós mantemos distância um do outro.”

“Isso explica muito.”

“Com licença?” ela diz. “O que você está insinuando?”

“Explica,” ele diz, rangendo os dentes, “por que, sob o pretexto de *neutralidade*—

como se tal coisa fosse possível!—você nos deixou morrer nas mãos da Erudição.”

Johanna suspira baixo e olha para a vista da janela. Além dela, existe um pequeno

pátio com vinhas que crescem nele. As vinhas crescem nod cantos da janela, como se

estivessem tentando se juntar à conversa.

“A Amizade não faria algo assim,” eu digo. “Isso é *maldade*.”

“É pelo bem da paz que nos mantemos sem envolvimento...” Johanna começa.

“Paz.” Tobias quase cospe a palavra. “Sim, twnho certeza de que será muito

pacífico quando todos estiverem mortos ou acovardados sob a ameaça de controle da

mente ou presos em uma simulação sem fim.”

O rosto de Johanna se contorce, e eu a imito, para ver como meu rosto fica daquele

jeito. Não parece muito bom. Não tenho certeza do por que ela fez isso em primeiro lugar.

Ela diz devagar, “A decisão não era minha. Se fosse, talvez nós estivéssemos tendo

uma conversa diferente agora.”

“Você está dizendo que não concorda com eles?”

“Estou dizendo,” ela diz, “que não é minha função discordar da minha facção

publicamente, mas eu talvez discorde, na privacidade do meu coração.”

“Tris e eu sairemos em dois dias,” diz Tobias. “Espero que sua facção não mude a

decisão de fazer desse complexo uma casa segura.”

“Nossas decisões não são fáceis de desfazer. E Peter?”

“Você terá que lidar com ele separadamente,” ele diz. “Por que ele não virá

conosco.”

Tobias pega minha mão, e a pele dele parece tão boa junto a minha, embora não seja

lisa ou macia. Eu sorrio me desculpando para Johanna, e a expressão dela não muda.

“Quatro,” ela diz. “Se você e seus amigos gostariam de permanecer... intocados pelo

nosso soro, você talvez queira evitar comer o pão.”

Tobias agradece por sobre o ombro enquanto voltamos para o corredor juntos,

comigo pulando os passos.

7

O soro desaparece cinco horas depois, quando o sol está apenas começando a

aparecer. Tobias me trancou no meu quarto o resto do dia, verificando-me a cada hora. No

momento em que ele entra, eu estou sentada na cama, olhando para a parede.

“Graças a Deus” diz ele, pressionando sua testa na porta. “Eu estava começando a

pensar que nunca passaria e eu teria que deixá-la aqui para... cheirar flores, ou o que você

quisesse fazer enquanto estava nesse estado.”

“Eu vou matá-los,” eu digo. “Eu vou *matá-los*.”

“Não se incomode. Estamos saindo, de qualquer maneira,” diz ele, fechando a porta

atrás dele. Ele leva o disco rígido no bolso de trás. “Eu pensei que poderia escondê-lo atrás

de sua cômoda.”

“É aí que estava antes.”

“Sim, e é por isso que Peter não olhará aqui novamente.” Tobias puxa a cômoda

para longe da parede com uma mão e empurra o disco rígido por trás com a outra.

“Por que eu não podia lutar contra o soro da paz?” digo. “Se o meu cérebro é

estranho o suficiente para resistir ao soro da simulação, por que não este?”

“Eu não sei, realmente,” ele diz. Ele cai ao meu lado na cama, empurrando o

colchão. “Talvez para lutar contra um soro você tenha que querer.”

“Bem, obviamente eu *queria,* ” eu digo, frustrada, mas sem convicção. Será que eu

queria? Ou foi bom esquecer a raiva, esquecer a dor, esquecer tudo por algumas horas?

“Às vezes,” diz ele, deslizando o braço sobre os meus ombros, “as pessoas só

querem serem felizes, mesmo que isso não seja real.”

Ele está certo. Mesmo agora, esta paz entre nós vem de não falar sobre as coisas —

sobre Will, ou meus pais, ou eu quase atirar na cabeça dele, ou Marcus. Mas eu não me

atrevo a perturbá-la com a verdade, porque estou muito ocupada me agarrando a ela para

obter suporte.

“Você pode estar certo,” eu digo em voz baixa.

“Você está *concordando*?” ele diz com a boca aberta, simulando surpresa. “Parece

que o soro fez algo de bom, afinal....”

Eu o empurro tão forte quanto eu posso. “Retire o que disse. Retire o que disse

agora.”

“Ok, ok!” Ele coloca suas mãos. “É só que... eu também não sou muito legal, sabe. É

por isso que eu gosto de você assim...”

“Fora!” eu grito, apontando para a porta.

Rindo para si mesmo, Tobias beija minha bochecha e sai do quarto.

Naquela noite, eu estou muito envergonhada com o que aconteceu para ir jantar,

então eu passo o tempo nos ramos de uma macieira na extremidade do pomar, colhendo

maçãs maduras. Eu subo tão alto quanto me atrevo, os músculos queimam. Descobri que

ficar parada deixa pequenos espaços para o sofrimento entrar, então eu fico ocupada.

Eu estou limpando minha testa com a barra da minha camisa, de pé sobre um

galho, quando ouço o som. É fraco, num primeiro momento, junto com o zumbido das

cigarras. Fico parada para ouvir, e depois de um momento, eu percebo o que é: carros.

A Amizade tem cerca de uma dúzia de caminhões que eles usam para o transporte

de mercadorias, mas eles só fazem isso no fim de semana. Minha nuca formiga. Se não é a

Amizade, é provavelmente a Erudição. Mas eu tenho que ter certeza.

Pego o ramo acima de mim com ambas as mãos, mas me puxo para cima só com

meu braço esquerdo. Estou surpresa que ainda sou capaz de fazer isso. Eu estou

curvada,

os galhos emaranhados no cabelo. Algumas maçãs caem no chão quando eu mudo meu

peso. Macieiras não são muito altas; eu posso não ser capaz de ver longe o suficiente.

Eu uso os galhos próximos como degraus, com as mãos para me firmar, torcendo e

apoiando-me em torno da árvore. Lembro-me de subir a roda gigante no cais, meus

músculos tremendo, minhas mãos palpitantes. Estou ferida agora, mas mais forte, e a

escalada parece mais fácil.

Os ramos ficam mais finos, mais fracos. Eu lambo meus lábios e olho para o

próximo galho. Eu preciso subir o mais alto possível, mas o ramo que estou buscando é

curto e parece maleável. Eu coloco meu pé sobre ele, testando a sua força. Ele se inclina,

mas se mantém. Eu começo a me levantar para colocar o outro pé para baixo e o ramo se

parte.

Eu suspiro enquanto caio para trás, agarrando o tronco da árvore no último

segundo. Terá que ser alto o suficiente. Eu fico nas pontas dos pés e viro na direção do

barulho.

No começo eu não vejo nada, só um trecho de terra cultivada, uma faixa de terreno

vazio, a cerca, e os campos e o começo de edifícios que se encontram fora dela. Mas se

aproximando do portão estão pequenas manchas em movimento—prata, quando a luz

bate nelas. Carros com teto preto—painéis solares, o que significa apenas uma coisa.

Erudição.

A respiração sibila entre meus dentes. Eu não me permito pensar; eu só coloco um

pé depois do outro, tão rápido que cascas caem dos ramos para o chão. Assim que os meus

pés tocam a terra, eu corro.

Eu conto as fileiras de árvores enquanto eu passo. *Sete, oito*. Os ramos mergulham

para baixo, e eu passo logo abaixo deles. *Nove, dez*. Eu seguro meu braço direito contra o

peito enquanto eu corro mais rápido, o ferimento de bala no meu ombro latejando com

cada passo. *Onze, doze*.

Quando eu chego à décima terceira fileira, eu jogo o meu corpo para a direita, por

um dos corredores. As árvores estão bem juntas na décima terceira fileira. Seus ramos

crescem um no outro, criando um labirinto de folhas, galhos e maçãs.

Meus pulmões queimam pela falta de oxigênio, mas não estou muito longe do final

do pomar. O suor corre em minhas sobrancelhas. Eu chego ao salão de jantar e abro as

portas, empurrando meu caminho através de um grupo de homens da Amizade, e ele está

lá; Tobias se senta em uma extremidade do refeitório com Peter, Caleb e Susan. Eu mal

posso vê-los entre os pontos na minha visão, mas Tobias toca meu ombro.

“Erudição,” é tudo o que eu consigo dizer.

“Vindo para cá?” diz ele.

Concordo com a cabeça.

“Temos tempo para fugir?”

Eu não tenho certeza sobre isso.

Agora, a Abnegação na outra ponta da mesa está prestando atenção. Eles se reúnem

em torno de nós.

“Por que temos de fugir?” diz Susan. “A Amizade estabeleceu este lugar como uma

casa segura. Não é permitido conflito.”

“A Amizade terá problemas para aplicar essa política,” diz Marcus. “Como é que

você para um conflito sem conflito?”

Susan concorda.

“Mas nós não podemos ir embora,” diz Peter. “Não temos tempo. Eles vão nos ver.”

“Tris tem uma arma,” Tobias diz. “Podemos tentar lutar para sair.”

Ele começa a andar em direção ao dormitório.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

43

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Espere,” eu digo. “Eu tenho uma ideia.” Eu faço a varredura da multidão da

Abnegação. “Disfarces. A Erudição não sabe com certeza que ainda estamos aqui.

Podemos fingir ser da Amizade.”

“Aqueles de nós que não estão vestidos como a Amizade devem ir para os

dormitórios, então,” diz Marcus. “O resto de vocês, solte o cabelo; tente imitar seu

comportamento.”

Os membros da Abnegação que estão vestidos de cinza deixam a sala de jantar em

um grupo e atravessam o pátio para os dormitórios de hóspedes. Uma vez lá dentro, eu

corro para o meu quarto, fico de joelhos e alcanço a arma sob o colchão.

Levo alguns segundos antes de encontrá-la, e quando eu faço, a minha garganta fecha, e eu não consigo engolir. Eu não quero tocar a arma. Eu não quero tocá-la novamente.

Vamos, Tris. Enfio a arma no cós da calça vermelha. É uma sorte que elas são tão folgadas. Eu observo os frascos de pomada de cicatrização e remédio para dor na mesa de cabeceira e enfio na minha bolsa, para o caso de conseguirmos escapar.

Então eu alcanço o disco rígido por trás da cômoda.

Se a Erudição nos pegar—o que é provável—eles vão nos revistar, e eu não quero simplesmente entregar o ataque da simulação novamente. Mas este disco rígido também contém as imagens de vigilância do ataque. O registro de nossas perdas. Das mortes dos meus pais. A única parte deles que sobrou. E porque a Abnegação não tira fotos, a única documentação que eu tenho de como eles pareciam.

Anos a partir de agora, quando minhas lembranças começarem a desaparecer, o que eu terei para me lembrar de como pareciam? Seus rostos vão mudar na minha mente. Eu nunca vou vê-los novamente.

Não seja estúpida. Não é importante.

Eu aperto o disco rígido tão firmemente que dói.

Então, por que sinto *que é tão importante?*

“Não seja estúpida,” eu digo em voz alta. Eu cerro os dentes e pego a lâmpada da

minha mesa de cabeceira. Eu arranco da tomada, jogo o abajur para a cama, e agacho sobre

o disco rígido. Piscando as lágrimas de meus olhos, eu bato a base do abajur nele, criando

um amassado.

Eu trago o abajur de novo, e de novo, e de novo, até que o disco rígido racha e

pedaços se espalham por todo o chão. Então eu chuto os cacos sob a cômoda, coloco a

lâmpada de volta, e vou para o corredor, enxugando os olhos com as costas da minha

mão.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

44

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Poucos minutos depois, uma pequena multidão de homens e mulheres vestidos de

cinza está no corredor—e Peter—está no corredor, fazendo a triagem através das pilhas de

roupas.

“Tris,” diz Caleb. “Você ainda está vestindo cinza.”

Eu belisco a camisa do meu pai, e hesito.

“É do meu pai” eu digo. Se eu me trocar, vou ter que deixar isso para trás. Eu

mordo o lábio para me firmar na dor. Eu tenho que me livrar dela. É apenas uma camisa.

Isso é tudo o que é.

“Vou colocá-la sob a minha,” Caleb diz. “Eles nunca vão ver.”

Concordo com a cabeça e pego uma camisa vermelha da pilha cada vez menor de

roupas. É grande o suficiente para esconder a protuberância da arma. Eu parto para uma

sala próxima, me troco e entrego a camisa cinza a Caleb quando eu chego ao corredor. A

porta está aberta, e através dela eu vejo Tobias jogando as roupas da Abnegação na lata do

lixo.

“Você acha que a Amizade vai mentir por nós?” pergunto, me enconstado ao

batente da porta aberta.

“Para evitar conflito?” Tobias confirma. “Com certeza.”

Ele veste uma camisa vermelha de colarinho e um jeans que está se desgastando no

joelho. A combinação parece ridícula nele.

“Bonita camisa,” eu digo.

Ele enruga o nariz para mim. “Foi a única coisa que encobriu a tatuagem no

pescoço, ok?”

Eu sorrio nervosamente. Esqueci sobre as minhas tatuagens, mas a camisa as

esconde bem o suficiente.

Os carros da Erudição seguem até o complexo. Há cinco deles, todos prata com

tetos negros. Seus motores parecem ronronar quando as rodas batem no terreno irregular.

Eu escorrego para dentro do prédio, deixando a porta aberta atrás mim, onde Tobias se

ocupa com a tampa da lata de lixo.

Os carros param, e as portas abrem, revelando pelo menos cinco homens e

mulheres em azul Erudição.

E cerca de quinze em preto Destemor.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

45

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Quando os Destemidos chegam mais perto, vejo tiras de tecido azul envolta em

seus braços que só pode significar sua fidelidade à Erudição. A facção que escravizou suas

mentes.

Tobias pega a minha mão e me leva para o dormitório.

“Eu não achei que a nossa facção seria tão burra,” diz ele. “Você tem a arma, certo?”

“Sim,” eu digo. “Mas não há como eu possa garantir atirar com precisão com a

mão

esquerda.”

“Você deve trabalhar nisso,” diz ele. Sempre um instrutor.

“Eu vou,” eu digo. Eu tremo um pouco enquanto acrescento, “se vivermos.”

Suas mãos roçam meus braços nus. “Basta saltar um pouco quando você andar,” ele

diz, beijando minha testa. “E fingir que você tem medo de suas armas.” Outro beijo entre

minhas sobrancelhas. “E aja como a pessoa tímida que você nunca poderia ser.” Um beijo

na minha bochecha. “E você vai ficar bem.”

“Tudo bem,” eu digo. Minhas mãos tremem quando agarro o colarinho da camisa.

Eu puxo a sua boca para a minha.

Um sino toca, uma vez, duas vezes, três vezes. É um chamado para o salão de

jantar, onde a Amizade se reúne para ocasiões menos formais do que a reunião a que

comparecemos. Nós nos unimos à multidão de Abnegação que virou Amizade.

Eu puxo grampos do cabelo de Susan—o penteado é muito sério para a Amizade.

Ela me dá um pequeno sorriso agradecido quando o cabelo cai sobre os ombros, a

primeira vez que eu a vi dessa maneira. Suaviza o queixo quadrado.

Eu devo ser mais corajosa do que a Abnegação, mas eles não parecem tão

preocupados quanto eu. Eles oferecem sorrisos um ao outro e caminham em silêncio—

silêncio demais. Eu faço meu caminho entre eles e cutuco uma das mulheres mais velhas

no ombro.

“Diga as crianças para brincar de pique pega,” eu digo a ela.

“Pique pega?” ela pergunta.

“Eles estão agindo respeitosos e... Caretas,” eu digo, encolhendo-me quando digo a

palavra que era meu apelido no Destemor. “E as crianças da Amizade estariam causando

um tumulto. Só faça isso, ok?”

A mulher toca uma criança da Abnegação no ombro e sussurra algo para ele, e

alguns segundos mais tarde um pequeno grupo de crianças corre pelo corredor, desviando

dos pés da Amizade e gritando, “Eu te peguei! Está com *você*!”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

46

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Não, essa foi a minha manga!”

Caleb aperta as costelas de Susan então ela grita rindo. Eu tento relaxar, injetando

um balanço no andar como Tobias sugeriu, deixando meus braços balançar

enquanto eu

dobro esquinas. É incrível como fingir estar em uma facção diferente muda tudo —até

mesmo a maneira que eu ando. Deve ser por isso que é tão estranho que eu poderia

facilmente pertencer a três delas.

Nós alcançamos a Amizade diante de nós enquanto atravessamos o pátio para o

salão de jantar e nos dispersamos entre eles. Eu mantenho Tobias na minha visão

periférica, não querendo me afastar muito dele. Os da Amizade não fazem perguntas, eles

apenas nos deixam nos dissolver em sua facção.

Um par de traidores Destemor está ao lado da porta para o salão de jantar, as suas

armas na mão, e eu endureço. É uma sensação real, de repente, que eu estou desarmada e

sendo levada para um prédio cercado por Eruditos e Destemidos, e se eles me

descobrirem, não haverá para onde correr. Eles vão atirar em mim no local.

Eu considero fugir assim mesmo. Mas para onde eu poderia ir que eles não

poderiam me pegar? Tento respirar normalmente. Eu estou quase passando por eles— *não*

olhe, não olhe. A poucos passos de distância— *olhe para longe, longe*.

Susan enlaça seu braço com o meu.

“Eu estou contando uma piada,” ela diz, “que você acha muito engraçada.”

Eu cubro minha boca com a minha mão e forço uma risadinha que soa alta e

estranha, mas a julgar pelo sorriso que ela me dá, é crível. Penduramos-nos uma na outra

como as meninas da Amizade fazem, olhando para os Destemidos e rindo novamente.

Estou impressionada pela forma como eu consigo fazer isso, com o sentimento de chumbo

dentro de mim.

“Obrigada,” murmuro uma vez que estamos dentro.

“De nada,” ela responde.

Tobias fica na minha frente ao longo de uma das mesas, e Susan se senta ao meu

lado. O resto da Abnegação espalha-se por toda a sala, e Caleb e Peter estão alguns lugares

abaixo de mim.

Batuco meus dedos em meus joelhos enquanto esperamos que algo aconteça. Por

um tempo nós apenas sentamos lá, e eu finjo ouvir uma menina da Amizade contar uma

história à minha esquerda. Mas de vez em quando eu olho para Tobias, e ele olha para

mim, como se estivéssemos passando o medo entre nós.

Finalmente Johanna entra com uma mulher da Erudição. Sua camisa azul brilhante

parece brilhar contra sua pele, que é marrom escuro. Ela procura pelo salão enquanto fala

com Johanna. Prendo a respiração quando seus olhos me encontram—e então a solto

quando ela passa sem um momento de hesitação. Ela não me reconheceu.

Pelo menos, não ainda.

Alguém bate em uma mesa, e a sala fica em silêncio. É isso. Este é o momento em

que ela vai nos entregar, ou não.

“Nossos amigos da Erudição e Destemor estão à procura de algumas pessoas”

Johanna diz. “Vários membros da Abnegação, três membros do Destemor, e um ex-

iniciado da Erudição.” Ela sorri. “No interesse de uma cooperação plena, eu disse a eles

que as pessoas que procuram estavam, de fato, aqui, mas que, desde então, foram embora.

Eles gostariam da permissão para vistoriar as instalações, o que significa que temos de

votar. Alguém objeta por uma busca?”

A tensão em sua voz sugere que se alguém se opuser, eles devem manter sua boca

fechada. Eu não sei se a Amizade pega esse tipo de coisa, mas ninguém diz nada. Johanna

acena para a mulher da Erudição.

“Três de vocês ficam,” a mulher diz para os guardas Destemor agrupados na

entrada. “O resto de vocês, vistoriem todos os edifícios e reportem aqui se vocês

encontrarem alguma coisa. Vão.”

Há tanta coisa que podiam encontrar. As peças do disco rígido. Roupas que eu me

esqueci de jogar fora. Uma suspeita falta de bijuterias e decorações em nossos aposentos.

Eu sinto meu pulso por trás de meus olhos quando os três soldados Destemor que ficaram

aandam para cima e para baixo pelas fileiras de mesas.

A parte de trás do meu pescoço formiga quando um deles anda atrás de mim, seus

passos altos e pesados. Não pela primeira vez na minha vida, eu estou contente por ser

pequena e comum. Eu não atraio os olhos das pessoas para mim.

Mas Tobias faz. Ele veste o seu orgulho na sua postura, na forma como seus olhos

reivindicam tudo o que pousam. O que não é uma característica da Amizade. Só pode ser

do Destemor.

A mulher Destemor andando em direção a ele olha direto para ele. Seus olhos se

estreitam quando ela chega mais perto, e então para diretamente atrás dele.

Eu gostaria que o colarinho de sua camisa fosse mais alto. Eu gostaria que ele não

tivesse tantas tatuagens. Eu gostaria...

“Seu cabelo é muito curto para a Amizade,” diz ela.

... ele não cortou seu cabelo como a Abnegação.

“Está quente,” diz ele.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

48

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

A desculpa poderia funcionar se ele soubesse como responder, mas ele diz com um

estalo.

Ela estende a mão e, com o dedo indicador, puxa o colarinho de sua camisa para ver

sua tatuagem.

E Tobias se move.

Ele pega o pulso da mulher, puxando-a para frente para que ela perca seu

equilíbrio. Ela bate com a cabeça contra a borda da mesa e cai. Do outro lado da sala, uma

arma dispara, alguém grita, e todos mergulham sob as mesas ou agacham ao lado dos

bancos.

Todos, com exceção de mim. Sento onde eu estava antes do tiro soar, agarrando a

borda da mesa. Eu sei onde estou, mas não vejo mais o refeitório. O que vejo é o beco por

onde escapei depois que minha mãe morreu. Eu olho para a arma em minhas

mãos, a pele

suave entre as sobrancelhas de Will.

Um pequeno gorgeio de som na minha garganta. Teria sido um grito se os meus

dentes não estivessem bem fechados. O flash de memória desvanece, mas eu ainda não

posso me mover.

Tobias pega a mulher Destemor pela nuca e a põe de pé. Ele tem a arma dela na

mão. Ele a usa como escudo enquanto atira sobre seu ombro direito no soldado Destemor

do outro lado da sala.

“Tris,” ele grita. “Um pouco de ajuda aqui?”

Eu puxo minha camisa apenas o suficiente para alcançar o cabo da arma, e meus

dedos encontram o metal. Está tão frio que dói meus dedos, mas não pode ser; está tão

quente aqui. Um homem Destemor no final do corredor mira seu próprio revólver para

mim. O ponto preto na extremidade do cano cresce em torno de mim, e eu posso ouvir

meu coração, mas nada mais.

Caleb salta para frente e agarra a minha arma. Ele a segura com as duas mãos e

atira nos joelhos do homem Destemor que fica a poucos metros dele.

O homem Destemor grita e cai com as mãos segurando sua perna, o que dá a

oportunidade de Tobias atirar na cabeça dele. Sua dor é momentânea.

Meu corpo inteiro está tremendo e eu não posso parar. Tobias tem ainda a mulher

Destemor pelo pescoço, mas esta vez, ele aponta sua arma para a mulher da Erudição.

“Diga outra palavra,” diz Tobias, “e eu vou atirar.”

A boca da mulher da Erudição está aberta, mas ela não fala.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

49

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Quem está com a gente deveria começar a correr,” diz Tobias, sua voz enchendo a

sala.

Todos de uma vez, a Abnegação se levanta de seus lugares debaixo de mesas e

bancos, e começam a andar em direção à porta. Caleb me puxa do banco. Eu ando na

direção da porta.

Então eu vejo alguma coisa. Um contorcer, um lampejo de movimento. A mulher da

Erudição levanta uma arma pequena, aponta para um homem com camisa amarela na

minha frente. Instinto, não a presença de espírito, me empurra para um mergulho. Minhas

mãos colidem com o homem, e a bala atinge a parede, em vez dele, em vez de mim.

“Abaixa a arma” diz Tobias, apontando o revólver para a mulher da Erudição. “Eu

tenho uma pontaria *muito* boa, e estou apostando que você não tem.”

Eu pisco algumas vezes para remover as manchas dos meus olhos. Peter olha para

mim. Eu acabei de salvar sua vida. Ele não me agradece, e eu não o reconheço.

A mulher da Erudição deixa cair a arma. Juntos, eu e Peter caminhamos em direção

à porta. Tobias nos segue, andando de costas para que ele possa manter sua arma na

mulher da Erudição. No último segundo antes dele passar do batente, ele bate a porta

entre eles.

E todos nós corremos.

Nós corremos pelo corredor central do pomar em um bloco sem fôlego. O ar da

noite está pesado como um cobertor e com cheiro de chuva. Gritos nos seguem. Portas de

carro batem. Eu corro mais rápido que eu posso correr, como se estivesse respirando

adrenalina em vez de ar. O ronronar dos motores me persegue entre as árvores. A mão de

Tobias fecha em torno da minha.

Corremos através de um campo de milho em uma longa fila. A essa hora, os carros

já nos alcançaram. Os faróis rastejam através dos caules altos e iluminando uma folha

aqui, uma espiga de milho lá.

“Dividam-se!” alguém grita, e parece Marcus.

Nos dividimos e espalhamos através do campo como água derramando. Eu agarro

o braço de Caleb. Eu ouço Susan ofegante atrás de Caleb.

Nós derrubamos mais espigas de milho. As folhas pesadas cortam meu rosto e

braços. Eu olho entre as omoplatas de Tobias conforme nós corremos. Eu ouço um baque

pesado e um grito. Há gritos por toda parte, à minha esquerda, à minha direita. Tiros. Os

Abnegados estão morrendo de novo, morrendo como estavam quando eu fingia estar sob

a simulação. E tudo que eu estou fazendo é correr.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

50

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Finalmente chegamos à cerca. Tobias corre ao longo dela, empurrando-a até que ele

encontra um buraco. Ele segura os elos da corrente para Caleb, Susan, e eu rastejarmos por

ela. Antes de começarmos a correr novamente, eu paro e olho para o milharal de onde

acabamos de sair. Eu vejo à distância os faróis brilhantes. Mas não ouço nada.

“Onde estão os outros?” sussurra Susan.

Eu digo, “Morreram.”

Susan soluça. Tobias me puxa para o seu lado, e começa a avançar. Minha face

queima com cortes superficiais das folhas de milho, mas meus olhos estão secos. As

mortes da Abnegação são apenas outro peso que não posso largar.

Ficamos longe da estrada de terra que a Erudição e Destemor usaram para chegar

ao complexo da Amizade, seguindo os trilhos de trem para a cidade. Não há onde se

esconder aqui, nenhuma árvore ou edifício que possa nos proteger, mas não tem

importância. A Erudição não pode dirigir através da cerca de qualquer maneira, e vai

levar um tempo para eles alcançarem o portão.

“Eu tenho que... parar...” diz Susan de algum lugar na escuridão atrás de mim.

Paramos. Susan desmorona no chão, chorando, e Caleb se agacha ao lado dela.

Tobias e eu olhamos para a cidade, que ainda está iluminada, porque não é meia-noite

ainda. Eu quero sentir algo. Medo, raiva, tristeza. Mas eu não sinto. Tudo que eu sinto é a

necessidade de me manter em movimento.

Tobias se vira para mim.

“O que foi aquilo, Tris?” ele diz.

“O quê?” eu digo, e tenho vergonha de quão fraca a minha voz soa. Eu não sei se

ele está falando de Peter ou o que veio antes ou alguma outra coisa.

“Você congelou! Alguém estava prestes a te matar e você apenas *ficou* lá!” Ele está

gritando agora. “Eu pensei que eu poderia confiar em você para salvar sua própria vida,

pelo menos!”

“Hey!” diz Caleb. “Dê um tempo a ela, tudo bem?”

“Não,” diz Tobias, olhando para mim. “Ela não precisa de um tempo.” Sua voz

suaviza. “O que aconteceu?”

Ele ainda acredita que eu sou forte. Forte o suficiente para que eu não precise de

sua simpatia. Eu costumava pensar que ele estava certo, mas agora eu não tenho certeza.

Eu limpo minha garganta.

“Entrei em pânico,” eu digo. “Não vai acontecer de novo.”

Ele levanta uma sobrancelha.

“Não vai,” eu digo novamente, mais alto desta vez.

“Tudo bem.” Ele não parece convencido. “Nós temos que chegar a algum lugar

seguro. Eles vão se reagrupar e começar a procurar por nós.”

“Você acha que eles se importam tanto assim com a gente?” eu digo.

“Com a gente, sim,” diz ele. “Éramos provavelmente os únicos que importavam,

além de Marcus, que provavelmente está morto.”

Eu não sei como esperava que ele dissesse isso – com alívio, talvez, porque Marcus,

seu pai e a ameaça de sua vida, finalmente se foi. Ou com dor e tristeza, porque seu pai

pode ter sido morto, e às vezes a dor não faz muito sentido. Mas ele diz como se fosse

apenas um fato, como a direção que estamos nos movendo ou a hora do dia.

“Tobias...” eu começo a dizer, mas então percebo que não sei o que dizer depois

disso.

“Hora de ir,” diz Tobias sobre seu ombro.

Caleb ajuda Susan a levantar. Ela move-se apenas com a ajuda de seu braço sobre as

costas, pressionando-a para frente.

Eu não percebi até este momento que a iniciação Destemor me ensinou uma lição

importante: como me manter indo.

8

Decidimos seguir os trilhos do trem para a cidade, porque nenhum de nós é bom

em navegação. Eu ando de dormente em dormente, Tobias se equilibra no trilho, oscilando

apenas ocasionalmente, e Caleb e Susan cambaleiam atrás de nós. Eu estremeço a cada

ruído não identificado, tensa até perceber que é apenas o vento, ou o barulho dos sapatos

de Tobias no trilho. Eu gostaria que pudéssemos continuar correndo, mas é uma façanha

que minhas pernas estejam até mesmo se movendo neste ponto.

Então eu ouço um gemido baixo nos trilhos.

Eu me curvo para baixo e pressiono minhas palmas para o trilho, fechando os olhos

para me concentrar na sensação do metal sob minhas mãos. A vibração parece como um

suspiro passando por meu corpo. Eu olho entre os joelhos de Susan pelos trilhos e não vejo

luz de trem, mas isso não quer dizer nada. O trem poderia funcionar sem buzinas e sem

lâmpadas para anunciar a sua chegada.

Eu vejo o brilho de um pequeno vagão de trem, muito longe agora, mas se

aproxima rapidamente.

“Está vindo,” eu digo. É um esforço levantar quando tudo que eu quero fazer é

sentar, mas eu faço, escovando minhas mãos no meu jeans. “Eu acho que nós devemos

pegar esse.”

“Mesmo se for administrado pela Erudição?” diz Caleb.

“Se a Erudição estivesse administrando o trem, eles o teriam levado ao complexo da

Amizade para nos procurar,” Tobias diz. “Eu acho que vale a pena o risco. Nós vamos ser

capazes de nos esconder na cidade. Aqui estamos apenas esperando que eles nos

encontrem.”

Todos nós saímos dos trilhos. Caleb dá a Susan instruções passo-a-passo de como

pegar um trem em movimento, da maneira que só um ex-Erudição pode. Eu observo o

primeiro vagão se aproximar; ouço o solavanco rítmico do vagão sobre os trilhos, o

sussurrar da roda contra o trilho de metal.

À medida que o primeiro vagão passa por mim, eu começo a correr. Eu ignoro a

queimação nas minhas pernas. Caleb ajuda Susan a subir em um vagão médio primeiro, e

depois salta ele mesmo. Eu tomo uma rápida respiração e jogo o meu corpo para a direita,

batendo no chão do vagão com minhas pernas balançando sobre a borda. Caleb pega meu

braço esquerdo e puxa-me para dentro. Tobias usa a alça para entrar depois de mim.

Eu olho para cima, e paro de respirar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

53

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Olhos brilham na escuridão. Formas escuras sentadas no carro, mais numerosos do

que nós.

Os sem facção.

O vento assobia através do vagão. Todo mundo está de pé e armado – exceto Susan

e eu, que não temos armas. Um homem sem facção com um tapa-olho tem uma arma

apontada para Tobias. Eu me pergunto como ele a conseguiu.

Próximo a ele, uma senhora segura uma faca—do tipo que eu usava para cortar

pão. Atrás dela, alguém tem uma tábua grande de madeira com um prego saindo dela.

“Eu nunca vi a Amizade armada antes,” a mulher sem facção com a faca diz.

O homem sem facção com a arma parece familiar. Ele veste roupas esfarrapadas em

cores diferentes – uma camiseta preta com um casaco rasgado da Abnegação sobre ela,

jeans remendados com linha vermelha, botas marrom. Todas as facções estão

representadas no grupo diante de mim: calças pretas da Sinceridade combinadas com

camisas pretas Destemor, vestidos amarelos com moletons azuis sobre eles. A maioria dos

itens está rasgada ou manchada de alguma forma, mas alguns não estão. Recentemente

roubados, eu imagino.

“Eles não são da Amizade,” o homem com a arma diz. “Eles são Destemor.”

Então eu o reconheço: ele é Edward, um companheiro que deixou a iniciação

Destemor depois que Peter o atacou com uma faca de manteiga. É por isso que ele usa um

tapa-olho.

Lembro-me de segurar sua cabeça enquanto ele estava deitado no chão, gritando, e

limpar o sangue que ele deixou para trás.

“Olá, Edward,” eu digo.

Ele inclina a cabeça para mim, mas não abaixa a arma. “Tris.”

“Não importa o que você é,” a mulher diz, “você vai ter de sair deste trem se quiser

permanecer viva.”

“Por favor,” diz Susan, o lábio tremendo. Seus olhos se enchem de lágrimas.

“Estivemos correndo... e o resto deles está morto e eu não...” Ela começa a soluçar

novamente. “Eu não acho que possa continuar, eu...”

Tenho a vontade estranha de bater minha cabeça contra a parede. Soluços de outras

pessoas me deixam desconfortável. É egoísta da minha parte, talvez.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

54

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Estamos fugindo da Erudição,” diz Caleb. “Se sair, será mais fácil para eles nos

encontrarem. Então, apreciaríamos se você nos deixar ir até a cidade com você.”

“Sim?” Edward inclina a cabeça. “O que você já fez por nós?”

“Eu te ajudei quando ninguém mais teria” eu digo. “Lembra-se?”

“Você, talvez. Mas os outros?” diz Edward. “Não muito.”

Tobias dá um passo à frente, de modo que a arma de Edward está quase contra sua

garganta.

“Meu nome é Tobias Eaton,” Tobias diz. “Eu não acho que você quer me empurrar

fora deste vagão.”

O efeito do nome nas pessoas no carro é imediato e desconcertante: eles baixam

suas armas. Eles trocam olhares significativos.

“Eaton? Sério?” Edward diz, as sobrancelhas levantadas. “Eu tenho que admitir, eu

não esperava por isso.” Ele limpa a garganta. “Tudo bem, você pode vir. Mas quando

chegarmos à cidade, você tem que vir conosco.”

Então ele sorri um pouco. “Nós conhecemos alguém que está procurando por você,

Tobias Eaton.”

Tobias e eu sentamos na borda do vagão com nossas pernas balançando.

“Você sabe quem é?”

Tobias confirma.

“Quem, então?”

“É difícil de explicar,” ele diz. “Eu tenho muito a dizer a você.”

Eu me inclino contra ele.

“Sim,” eu digo. “Assim como eu.”

Eu não sei quanto tempo passa antes que eles nos digam para sair. Mas quando eles

o fazem, estamos na parte da cidade onde os sem facção vivem, a cerca de um quilômetro

e meio de onde eu cresci. Reconheço cada construção que passamos de quando eu andei

por ela, nas vezes que perdi o ônibus da escola para casa. Aquela com os tijolos quebrados.

A com um poste caído inclinando-se contra ela.

Estamos na porta do carro do trem, todos os quatro em uma linha. Susan

choraminga.

“E se nós nos machucarmos,” ela diz.

Eu pego sua mão. “Nós vamos saltar em conjunto. Você e eu. Eu fiz isso uma dúzia

de vezes e nunca me machuquei.”

Ela balança a cabeça e aperta meus dedos com tanta força que doeram.

“No três. Um,” eu digo, “Dois. *Três*.”

Eu pulo, e puxo-a comigo. Meus pés batem no chão e continuam para frente, mas

Susan apenas cai no pavimento e rola para o lado. Fora um joelho arranhado, porém, ela

parece estar bem. Os outros saltam sem dificuldade—até mesmo Caleb, que saltou de trem

apenas uma vez antes, tanto quanto eu sei.

Eu não tenho certeza de quem poderia conhecer Tobias entre os sem facção. Poderia

ser Drew ou Molly, que não passaram na iniciação Destemor—mas eles nem sabiam o

verdadeiro nome de Tobias, e, além disso, Edward provavelmente os teria matado agora,

julgando pela forma como ele estava pronto para atirar em nós. Deve ser alguém

da

Abnegação, ou da escola.

Susan parece ter se acalmado. Ela anda sozinha agora, ao lado de Caleb, e suas

bochechas estão secando sem novas lágrimas.

Tobias caminha ao meu lado, toca o meu ombro levemente.

“Tem um tempo desde que eu verifiquei o ombro,” diz ele. “Como está?”

“Bem. Eu trouxe o remédio para dor, felizmente,” eu digo. Fico feliz em falar sobre

algo leve—tão leve quanto uma ferida pode ser, de qualquer maneira. “Eu não acho que

estou deixando-o cicatrizar muito bem. Eu continuo usando o meu braço ou caindo sobre

ele.”

“Haverá tempo de sobra para a cura, uma vez que tudo isso acabe.”

“Sim.” *Ou não importa se eu me curar*, acrescento em silêncio, *porque vou estar morta.*

“Aqui,” diz ele, pegando uma pequena faca do bolso de trás e entregando a mim.

“Só por precaução.”

Eu a coloco no meu próprio bolso. Sinto-me ainda mais nervosa agora.

Os sem facção nos levam pela rua e para um beco sujo que fede a lixo. Ratos

dispersam à nossa frente com guinchos de terror, e eu só vejo suas caudas, deslizando

entre montes de resíduos, latas de lixo vazias, caixas de papelão encharcado. Eu respiro

pela boca para não vomitar.

Edward para ao lado de um prédio de tijolos desmoronado e força uma porta de

aço para abrir. Eu meio que espero todo o edifício estremecer e cair se ele puxar muito

forte. As janelas estão tão sujas que a luz quase não penetra nelas. Nós seguimos Edward a

um aposento úmido. Com o brilho cintilante de uma lanterna, eu vejo... pessoas.

Pessoas sentadas ao lado de rolos de cama. Pessoas abrindo latas de alimentos.

Pessoas bebendo em garrafas de água. E crianças, passando entre os grupos de adultos,

não limitadas a uma determinada cor de roupa—crianças sem facção.

Estamos em um depósito dos sem facção, e os sem facção, que deveriam estar

espalhados, isolados, e sem comunidade... Estão juntos dentro. Estão juntos, como uma

facção.

Eu não sei o que eu esperava deles, mas estou surpresa como quão normal eles

parecem. Eles não lutam entre si ou evitam o outro. Alguns deles dizem piadas, outros

falam uns com os outros baixinho. Aos poucos, porém, todos eles parecem

perceber que

não devíamos estar lá.

“Vamos,” diz Edward, dobrando o dedo para nós seguirmos. “Ela está aqui atrás.”

Olhares e silêncios nos recebem conforme seguimos Edward mais fundo na

construção que deveria estar abandonada. Finalmente não posso mais conter minhas

perguntas.

“O que está acontecendo aqui? Por que estão todos juntos assim?”

“Você pensou que eles—nós—estávamos divididos,” diz Edward sobre seu ombro.

“Bem, eles estavam, por um tempo. Com fome demais para fazer muita coisa, exceto

procurar comida. Mas então os Caretas começaram a lhes dar comida, roupas,

ferramentas, tudo. E eles ficaram mais fortes, e esperaram. E foi assim que os encontrei, e

eles me acolheram.”

Nós andamos em um corredor escuro. Eu me sinto em casa, no escuro e no silêncio

que são como os túneis da sede Destemor. Tobias, no entanto, enrola um fio solto de sua

camisa em torno de seu dedo, para trás e para frente, mais e mais. Ele sabe quem vamos

encontrar, mas eu ainda não tenho ideia. Como é que eu sei tão pouco sobre o garoto que

diz que me ama—o garoto cujo nome real é poderoso o suficiente para nos manter vivos

em um vagão de trem cheio de inimigos?

Edward para em uma porta de metal e bate sobre ela com o punho.

“Espere, você disse que eles estavam esperando?” diz Caleb. “*O que* eles estavam

esperando, exatamente?”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

57

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“O mundo desmoronar,” Edward diz. “E agora aconteceu.”

A porta se abre, e uma mulher de aparência séria com um olho preguiçoso fica na

porta. Seu olho constante varre os quatro.

“Vagabundos?” ela diz.

“Dificilmente, Therese.” Ele aponta seu polegar sobre seu ombro, para Tobias.

“Aquele é Tobias Eaton.”

Therese olha Tobias por alguns segundos, em seguida, concorda. “Ele certamente é.

Espere um pouco.”

Ela fecha a porta novamente. Tobias engole rígido, seu pomo de Adão balançando.

“Você sabe quem ela vai chamar, não sabe,” diz Caleb para Tobias.

“Caleb,” diz Tobias. “Por favor, cale a boca.”

Para minha surpresa, meu irmão suprime sua curiosidade da Erudição.

A porta se abre novamente, e Therese recua para nos deixar entrar. Entramos em

uma antiga sala da caldeira com máquinas que emergem da escuridão tão de repente que

eu bato com meus joelhos e cotovelos. Terese leva-nos através do labirinto de metal para o

fundo da sala, onde há várias lâmpadas penduradas do teto sobre uma mesa.

Uma mulher de meia-idade está por trás da mesa. Ela tem cabelo preto

encaracolado e pele morena. Suas características são rígidas, tão angulares que quase a

deixam feia, mas não completamente.

Tobias aperta minha mão. Naquele momento eu percebo que ele e a mulher têm o

mesmo nariz adunco—um pouco grande demais no rosto dela, mas do tamanho certo no

dele. Eles também têm o mesmo queixo forte, mandíbula distinta, lábio superior cheio,

orelhas de abano. Só os olhos dela são diferentes—em vez de azuis, eles são tão escuros

que parecem pretos.

“Evelyn,” diz ele, com a voz tremendo um pouco.

Evelyn era o nome da esposa de Marcus e mãe de Tobias. Solto a mão de Tobias.

Poucos dias atrás eu estava lembrando seu funeral. Seu *funeral*. E agora ela está na minha

frente, os olhos mais frios do que os olhos de qualquer mulher da Abnegação que eu já vi.

“Olá.” Ela dá a volta na mesa, olhando para ele. “Você parece mais velho.”

“Sim, bem. A passagem do tempo tende a fazer isso com uma pessoa.”

Ele já sabia que ela estava viva. Há quanto tempo ele descobriu?

Ela sorri. “Então, você finalmente chegou—”

“Não pela razão que você imagina,” ele interrompe. “Estavámos fugindo da

Erudição, e a única chance de fuga que tivemos precisou que eu dissesse meu nome para

seus lacaios pobremente armados.”

Ela deve tê-lo deixado com raiva de alguma forma. Mas eu não posso evitar pensar

que, se eu descobrisse que minha mãe estava viva depois de pensar que ela estava morta

por tanto tempo, eu nunca falaria com ela da maneira que Tobias falou com sua mãe

agora, não importa o que ela tenha feito.

A verdade do pensamento me machuca. Eu o empurro de lado e me concentro,

em

vez disso, no que está à minha frente. Na mesa atrás de Evelyn está um grande mapa com

marcadores sobre ele. Um mapa da cidade, obviamente, mas eu não tenho certeza do que

os marcadores querem dizer. Na parede atrás dela está um quadro de giz com um gráfico

sobre ele. Eu não posso decifrar as informações no gráfico; está escrito em abreviações que

eu não conheço.

“Eu vejo.” O sorriso de Evelyn permanece, mas sem o seu toque da diversão.

“Apresente-me para os seus companheiros refugiados, então.”

Os olhos dela derivam até nossas mãos juntas. Tobias separa os dedos. Ele aponta

para mim primeiro. “Esta é Tris Prior. Seu irmão, Caleb. E sua amiga Susan Black.”

“Prior,” diz ela. “Conheço vários Priors, mas nenhum deles se chama Tris. Beatrice,

no entanto...”

“Bem,” eu digo. “Eu coheço vários Eatons vivos, mas nenhum deles se chama

Evelyn.”

“Evelyn Johnson é o nome que eu prefiro. Particularmente entre um grupo da

Abnegação.”

“Tris é o nome que *eu* prefiro,” eu respondo. “E não estamos na Abnegação. Nem

todos nós, de qualquer maneira.”

Evelyn dá uma olhada para Tobias. “Amigos interessantes que você fez.”

“Aquilo é a contagem da população?” diz Caleb atrás de mim. Ele anda para frente,

com a boca aberta. “E... o quê? Casas seguras dos sem facção?” Ele aponta para a primeira

linha no gráfico, que lê *7.....Grn Csa*. “Quero dizer, esses lugares, no mapa? São casas

seguras, como esta, certo?”

“Isso é um monte de perguntas” Evelyn diz, arqueando uma sobrancelha. Eu

reconheço a expressão. Pertence a Tobias—assim como seu desgosto por perguntas. “Por

motivos de segurança, eu não vou responder a nenhuma delas. Enfim, é hora do jantar.”

Ela aponta para a porta. Susan e Caleb andam em direção a ela, seguidos por mim, e

Tobias e sua mãe ficam para trás. Nós percorremos nosso caminho através do labirinto de

maquinaria de novo.

“Eu não sou burra,” diz ela em uma voz baixa. “Eu sei que você não quer nada

comigo, embora eu ainda não possa entender muito bem o porquê—”

Tobias bufa.

“Mas,” ela diz, “eu vou estender o convite novamente. Nós poderíamos usar sua

ajuda aqui, e eu sei que você sente o mesmo sobre o sistema de facção—”

“Evelyn,” diz Tobias. “Eu escolhi Destemor.”

“As escolhas podem ser feitas de novo.”

“O que faz você pensar que eu estou interessado em passar tempo *perto* de você?”

ele exige. Eu ouço seus passos parar e diminuo meus passos para que eu possa ouvir como

ela responde.

“Porque eu sou sua mãe,” diz ela, e sua voz quase quebra sobre as palavras,

estranhamente vulnerável. “Porque você é meu filho.”

“Você realmente não entende,” ele diz. “Você não tem a mais vaga concepção do

que fez para mim.” Ele parece sem fôlego. “Eu não quero juntar-me com o seu pequeno

bando de sem facção. Eu quero sair daqui o mais rapidamente possível.”

“Meu *pequeno* bando de sem facção está com o dobro do tamanho do Destemor,”

diz Evelyn. “Você faria bem se o levasse a sério. As ações dele podem determinar o futuro

desta cidade.”

Com isso, ela caminha à frente dele, e à frente de mim. Suas palavras ecoam em

minha mente: *o dobro do tamanho do Destemor*. Quando eles se tornaram tão grandes?

Tobias me olha, sobrancelhas abaixadas.

“Há quanto tempo você sabe?” digo.

“Cerca de um ano.” Ele despenca contra a parede e fecha os olhos. “Ela enviou uma

mensagem codificada para mim no Destemor, me dizendo para encontrá-la no

estacionamento de trens. Eu fui, porque eu sou curioso, e lá estava ela. Viva. Não foi um

reencontro feliz, como você provavelmente pode adivinhar.”

“Por que ela deixou a Abnegação?”

“Ela teve um caso.” Ele balança a cabeça. “E não é de admirar, já que meu pai...” Ele

balança a cabeça novamente. “Bem, vamos apenas dizer que Marcus não era melhor para

ela do que ele foi para mim.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

60

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“É... por isso que você está com raiva dela? Porque ela foi infiel a ele?”

“Não,” ele diz muito severamente, seus olhos abrindo. “Não, não é por isso que eu

estou com raiva.”

Eu ando em direção a ele, como me aproximando de um animal selvagem, cada

passo cuidadoso no chão de cimento. “Então, por quê?”

“Ela teve que deixar meu pai, eu entendo isso,” ele diz. “Mas será que ela pensou

em me levar com ela?”

Eu aperto meus lábios. “Ah. Ela deixou você com *ele*.”

Ela o deixou sozinho com o seu pior pesadelo. Não admira que ele a odeie.

“Sim.” Ele chuta o chão. “Ela deixou.”

Meus dedos encontram os seus, tateando, e ele os guia para dentro dos espaços

entre os seus. Eu sei que já chega de perguntas, por agora, então eu deixo que o silêncio

permaneça entre nós, até que ele decida quebrá-lo.

“Parece-me,” diz ele, “que os sem facção são melhores amigos do que inimigos.”

“Talvez. Mas qual seria o custo desta amizade?” eu digo.

Ele balança a cabeça. “Eu não sei. Mas nós não temos qualquer outra opção.”

9

Um dos sem facção começou um fogo para que pudéssemos aquecer nossa comida.

Aqueles que querem comer sentam-se em um círculo ao redor da grande vasilha de metal

que contém o fogo, primeiro aquecendo as latas, em seguida, passando colheres e garfos,

em seguida, passando as latas em volta de modo que todo mundo pode ter uma mordida

de tudo. Eu tento não pensar sobre quantas doenças poderiam se espalhar dessa forma

quando mergulho minha colher em uma lata de sopa.

Edward cai no chão ao meu lado e pega a lata de sopa das minhas mãos.

“Então vocês eram da Abnegação, hein?” Ele coloca várias colheres de macarrão e

um pedaço de cenoura em sua boca, e passa a lata para a mulher à sua esquerda.

“Éramos,” eu digo. “Mas Tobias e eu, obviamente, fomos transferidos e...” De

repente, ocorre-me que eu não devo contar a ninguém que Caleb ingressou na Erudição.

“Caleb e Susan ainda são da Abnegação.”

“E ele é seu irmão. Caleb,” diz ele. “Você abandonou sua família para se tornar

Destemor?”

“Você soa como a Sinceridade,” eu digo irritada. “Você se importa de manter

seus

julgamentos para si mesmo?”

Terese se inclina. “Ele era da Erudição primeiro, na verdade. Não Sinceridade.”

“Sim, eu sei” eu digo, “Eu...”

Ela me interrompe. “Eu também. Entretanto, tive que sair.”

“O que aconteceu?”

“Eu não era inteligente o suficiente.” Ela encolhe os ombros e pega uma lata de

feijão de Edward, mergulhando a colher nela. “Eu não obtive uma pontuação alta o

suficiente no meu teste de inteligência. Então eles disseram: ‘Passe a vida inteira limpando

os laboratórios de pesquisa, ou saia.’ E eu saí.”

Ela olha para baixo e lambe a colher. Eu pego o feijão dela e passo para Tobias, que

está olhando fixamente para o fogo.

“São muitos de vocês vindos da Erudição?” eu digo.

Therese balança a cabeça. “A maioria é Destemor, na verdade.” Ela empurra a

cabeça na direção de Edward, que faz uma carranca. “Depois Erudição, então Sinceridade,

então alguns da Amizade. Ninguém falha na iniciação da Abnegação, porém, por isso

temos muito poucos, exceto aquele grupo que sobreviveu ao ataque da simulação e

chegou a nós para refúgio.”

“Eu acho que não deveria estar surpresa com Destemor,” eu digo.

“Bem, sim. Vocês têm uma das piores iniciações, e há toda a coisa de velhice.”

“Coisa de velhice?” eu digo. Eu olho para Tobias. Ele está ouvindo agora, e parece

quase normal novamente, com os olhos pensativos e escuros à luz do fogo.

“Uma vez que os Destemidos chegam a um certo nível de deterioração física,” ele

diz, “eles são convidados a sair. De uma maneira ou de outra.”

“Qual é a outra maneira?” Meu coração bate, como se ele já soubesse que eu não

posso enfrentar a resposta sem um aviso.

“Vamos apenas dizer,” diz Tobias, “que, para alguns, a morte é preferível a ser sem

facção.”

“Essas pessoas são idiotas,” diz Edward. “Eu prefiro ser sem facção que Destemor.”

“Que sorte que você acabou aqui, então,” diz Tobias friamente.

“Sorte?” Edward bufa. “É. Tenho tanta sorte, com um olho e tudo.”

“Eu me lembro de ouvir rumores de que você provocou o ataque,” diz Tobias.

“Sobre o que você está falando?” eu digo. “Ele estava ganhando, isso é tudo, e Peter

estava com ciúmes, então ele só...”

Eu vejo o sorriso no rosto de Edward e paro de falar. Talvez eu não saiba tudo sobre

o que aconteceu durante a iniciação.

“Houve um incidente de incitação,” diz Edward. “Em que Peter não saiu vitorioso.

Mas certamente não garante uma faca de manteiga no olho.”

“Não há argumentos aqui,” diz Tobias. “Se isso faz você se sentir melhor, ele levou

um tiro no braço a 30 centímetros de distância durante o ataque de simulação.”

E parece fazer Edward se sentir melhor, porque seu sorriso esculpe uma profunda

linha em seu rosto.

“Quem fez isso?” diz ele. “Você?”

Tobias balança a cabeça. “Tris fez.”

“Bem feito,” diz Edward.

Concordo com a cabeça, mas me sinto um pouco doente pelos parabéns por isso.

Bem, não *tão* doente. Era Peter, afinal.

Eu fico olhando para as chamas envolvidas em torno dos fragmentos de madeira

que é o combustível delas. Elas se movem e mudam, como meu pensamento. Eu me

lembro da primeira vez que percebi que nunca vi um idoso Destemor. E quando eu

percebi que meu pai era velho demais para subir os caminhos da Caverna. Agora eu

entendo mais sobre isso do que gostaria.

“Você sabe muito sobre como estão as coisas agora?” Tobias pergunta a Edward.

“Será que todo o lado Destemor está com Erudição? Sinceridade tem feito alguma coisa?”

“Destemor está dividido ao meio,” Edward diz, falando em torno do alimento em

sua boca. “Metade na sede da Erudição, metade na sede da Sinceridade. O que sobrou da

Abnegação está com a gente. Nada tem acontecido ainda. Exceto por qualquer coisa que

aconteceu com você, eu acho.”

Tobias confirma. Eu me sinto um pouco aliviada ao saber que metade do Destemor,

pelo menos, não são traidores.

Eu como colherada após colherada até que meu estômago está cheio. Então Tobias

procura paletes para dormir e cobertores, e eu acho um canto vazio para nós deitarmos.

Quando ele se inclina para desatar os sapatos, eu vejo o símbolo da Amizade em suas

costas, os ramos ondulando sobre sua coluna. Quando ele se endireita, eu dou a volta nas

mantas e coloco meus braços em torno dele, acariciando a tatuagem com meus dedos.

Tobias fecha os olhos. Confio que o fogo baixo nos disfarce enquanto eu corro

minha mão por suas costas, tocando cada tatuagem sem vê-la. Eu imagino o olho fixo da

Erudição, a balança desequilibrada da Sinceridade, as mãos entrelaçadas da Abnegação, e

as chamas do Destemor. Com a minha outra mão eu encontro a trilha de fogo tatuada em

sua costela. Eu sinto sua respiração pesada contra a minha bochecha.

“Eu gostaria que estivéssemos sozinhos,” ele diz.

“Eu quase sempre desejo o mesmo,” eu digo.

Eu caio no sono, levada pelo som de conversas distantes. Nestes dias, é mais fácil

para eu adormecer quando há ruídos em torno de mim. Posso me concentrar no som em

vez de qualquer pensamento que poderia entrar na minha cabeça em silêncio. Barulho e

atividade são os refúgios dos enlutados e dos culpados.

Eu acordo quando o fogo é apenas um brilho, e apenas alguns poucos do sem

facção estão acordados. Leva-me alguns segundos para descobrir por que eu acordei: Ouvi

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

64

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Evelyn e a voz de Tobias, a poucos metros de mim. Eu fico quieta e espero que eles não

descubram que estou acordada.

“Você vai ter que me dizer o que está acontecendo aqui, se espera que eu considere

lhe ajudar,” diz ele. “Embora eu ainda não esteja certo de por que você precisa de mim.”

Eu vejo a sombra de Evelyn na parede, piscando como fogo. Ela é magra e forte,

assim como Tobias. Seus dedos torcem em seu cabelo enquanto ela fala.

“O que você gostaria de saber, exatamente?”

“Conte-me sobre o gráfico. E o mapa.”

“Seu amigo estava correto em pensar que o mapa e o gráfico listavam todas as

nossas casas seguras,” diz ela. “Ele estava errado sobre as contagens populacionais, tipo...

Os números não documentam todos os sem facção—somente alguns. E eu aposto que você

pode adivinhar quem são eles.”

“Eu não estou no clima para adivinhação.”

Ela suspira. “Os Divergentes. Estamos documentando os Divergentes.”

“Como é que você sabe quem eles são?”

“Antes da simulação de ataque, parte do esforço de ajuda da Abnegação envolvia

testar os sem facção para uma determinada anomalia genética,” diz ela. “Às vezes, esse

teste envolvia a re-administração do teste de aptidão. Algumas vezes era mais complicado

do que isso. Mas eles nos explicaram que eles suspeitavam que nós poderíamos ter a

maior população Divergente de qualquer grupo na cidade.”

“Eu não entendo. Por quê?”

“Por que os sem facção têm uma população alta de Divergentes?” Soa como se ela

estivesse sorrindo. “Obviamente, aqueles que não podem limitar-se a uma forma

particular de pensamento seriam mais propensos a deixar uma facção ou falhar na sua

iniciação, certo?”

“Não é isso o que eu estou perguntando,” diz ele. “Eu quero saber por que *você* se

importa com quantos Divergentes existem.”

“A Erudição procura mão de obra. Eles a encontraram temporariamente no

Destemor. Agora eles vão estar à procura de mais, e nós somos o lugar óbvio, a menos que

descubram que temos mais Divergentes do que qualquer outro grupo. No caso de não

saberem, eu quero saber quantas pessoas temos que são resistentes a simulações.”

“Muito bem,” ele diz, “mas por que a Abnegação estava tão preocupada em

encontrar os Divergentes? Não era para ajudar Jeanine, era?”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

65

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Claro que não,” diz ela. “Mas eu temo não saber. A Abnegação era relutante em

fornecer informações que serviam apenas para aliviar a curiosidade. Disseram-nos tanto

quanto acreditavam que deveríamos saber.”

“Estranho,” ele murmura.

“Talvez você deva perguntar ao seu pai sobre isso,” diz ela. “Foi ele que me disse

sobre você.”

“Sobre mim,” diz Tobias.”O que sobre mim?”

“Que ele suspeitava que você fosse Divergente,” diz ela. “Ele sempre estava

observando. Observando o seu comportamento. Ele era muito atencioso com você. É por

isso que... é por isso que eu pensei que você estaria seguro com ele. Mais seguro com ele

do que comigo.”

Tobias não diz nada.

“Eu vejo agora que eu estava errada.”

Ele ainda não diz nada.

“Eu queria...” ela começa.

“Não se atreva a tentar se desculpar.” Sua voz treme. “Isso não é algo que você pode curar com uma palavra ou duas e alguns abraços, ou algo assim.”

“Tudo bem,” diz ela. “Tudo bem. Eu não vou.”

“Para que finalidade os sem facção estão se unindo?” diz ele. “O que você pretende fazer?”

“Nós queremos usurpar a Erudição,” diz ela. “Uma vez que nos livrarmos deles, não há muito que nos impeça de controlar o governo nós mesmos.”

“É com isso que você espera que eu a ajude. Derrubar um governo corrupto e estabelecer algum tipo de tirania sem facção.” Ele bufa. “Sem chance.”

“Nós não queremos ser tiranos,” diz ela. “Queremos estabelecer uma nova sociedade. Uma sem facções.”

Minha boca fica seca. Sem facções? Um mundo em que ninguém sabe quem é ou onde se encaixa? Eu não posso sequer imaginar isso. Imagino apenas caos e isolamento.

Tobias solta uma risada. “Certo. Então, como é que você vai usurpar a Erudição?”

“Às vezes, uma mudança drástica requer medidas drásticas.” A sombra de

Evelyn

levanta um ombro. “Eu imagino que vai envolver um elevado grau de destruição.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

66

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu tremo ao ouvir a palavra *destruição*. Em algum lugar nas partes escuras de mim,

eu imploro por destruição, enquanto for a Erudição sendo destruída. Mas a palavra traz

um novo significado para mim, agora que já vi como ela pode ser: corpos vestidos de cinza

jogados nos meio-fios e sobre as calçadas, os líderes da Abnegação mortos a tiro na frente

de seus gramados, ao lado de suas caixas de correio. Eu pressiono meu rosto contra o

pálete onde estou dormindo, tão duro que machuca minha testa, só para forçar a memória

para fora, fora, *fora.*

“Quanto a por que nós precisamos de você,” Evelyn diz. “A fim de fazer isso,

vamos precisar de ajuda Destemor. Eles têm as armas e a experiência de combate. Você

poderia preencher a lacuna entre nós e eles.”

“Você acha que eu sou importante ao Destemor? Porque eu não sou. Eu sou

apenas

alguém que não tem medo de muita coisa.”

“O que eu estou sugerindo,” ela diz, “é que você se *torne* importante.” Ela levanta,

sua sombra se estende do teto ao chão. “Tenho certeza que você pode encontrar uma

maneira, se você quiser. Pense sobre isso.”

Ela puxa seu cabelo encaracolado e amarra em um nó. “A porta está sempre

aberta.”

Alguns minutos mais tarde, ele se deita ao meu lado novamente. Eu não queria

admitir que estivesse escutando, mas eu quero dizer a ele que não confio em Evelyn, nos

sem facção, ou qualquer pessoa que fala tão casualmente sobre a demolição de uma facção

inteira.

Antes que eu possa reunir coragem de falar, sua respiração se abranda, e ele

adormece.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

10

Passo a mão sobre a parte de trás do meu pescoço para levantar os cabelos que

aderem aí. Todo meu corpo doí, especialmente as pernas, que queimam com ácido lático,

mesmo quando eu não estou em movimento. E eu não cheiro muito bem. Eu preciso de

um banho.

Ando pelo corredor e para o banheiro. Eu não sou a única pessoa com banho em

mente—um grupo de mulheres está nas pias, metade delas nuas, a outra metade

completamente não se incomodando com isso. Acho uma pia livre no canto e enfio a

cabeça sob a torneira, deixando cair água fria sobre meus ouvidos.

“Olá,” diz Susan. Eu viro minha cabeça para o lado. Jatos de água caem no meu

rosto e nariz. Ela está carregando duas toalhas: uma branca, uma cinza, ambas um tanto

desgastada nas bordas.

“Oi,” eu digo.

“Eu tenho uma ideia,” diz ela. Ela se vira de costas para mim e estende uma toalha,

bloqueando minha visão do resto do banheiro. Eu suspiro de alívio. Privacidade. Ou tanto

dela quanto possível.

Eu tiro a roupa rapidamente e pego o sabonete ao lado da pia.

“Como você está?” diz ela.

“Eu estou bem.” Eu sei que ela está apenas perguntando por que as regras da facção

ditam que ela faça. Eu gostaria que ela apenas conversasse comigo livremente. “Como

você está, Susan?”

“Melhor. Therese me disse que há um grande grupo de refugiados da Abnegação

em uma das casas seguras dos sem facção,” diz Susan enquanto ensabôo meu cabelo.

“Oh,” eu digo. Enfio minha cabeça sob a torneira novamente, desta vez

massageando meu couro cabeludo com a mão esquerda para pegar o sabonete. “Você está

indo?”

“Sim,” diz Susan. “A menos que você precise da minha ajuda.”

“Obrigada pela oferta, mas eu acho que sua facção precisa mais de você,” eu digo,

desligando a torneira. Eu gostaria de não ter que me vestir. Está muito quente para calças

jeans. Mas eu pego a outra toalha do chão e me seco com pressa.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Coloco a camisa vermelha que eu estava usando antes. Eu não quero colocar algo

sujo de novo, mas não tenho outra escolha.

“Eu suspeito que algumas das mulheres sem facção tenha roupas extras,” diz

Susan.

“Você provavelmente está certa. Ok, sua vez.”

Eu fico com a toalha enquanto Susan se lava. Meus braços começam a doer depois

de um tempo, mas ela ignorou a dor por mim, então eu vou fazer o mesmo por ela. Água

respinga sobre meus tornozelos quando ela lava seu cabelo.

“Esta é uma situação que eu nunca pensei que faríamos juntas,” eu digo depois de

um tempo. “Tomar banho na pia de um prédio abandonado, fugindo da Erudição.”

“Eu pensei que iríamos viver perto uma da outra,” diz Susan. “Ir para eventos

sociais juntas. Levar juntas nossos filhos a pé até o ônibus.”

Eu mordo meu lábio por isso. É minha falha, é claro, que esta nunca foi uma

possibilidade, porque eu escolhi outra facção.

“Eu sinto muito, eu não queria dizê-lo,” diz ela. “Eu só lamento não ter prestado

mais atenção. Se eu tivesse, talvez eu saberia pelo que você estava passando. Eu agi de

forma egoísta.”

Eu rio um pouco. “Susan, não há nada de errado com a maneira como você

agiu.”

“Eu estou pronta,” diz ela. “Pode me passar a toalha?”

Eu fecho meus olhos e viro para ela poder pegar a toalha das minhas mãos. Quando

Therese entra no banheiro, alisando o cabelo em uma trança, Susan pede a ela roupas

extras.

No momento em que deixamos o banheiro, eu uso jeans e uma camisa preta que é

tão solta em cima que escorrega dos meus ombros, e Susan veste jeans baggy e uma

camisa branca com colarinho da Sinceridade. Ela abotoou os botões até o pescoço. Os

Abnegados são modestos a ponto do desconforto.

Quando eu entro na sala grande mais uma vez, alguns dos sem facção estão saindo

com baldes de tinta e pincéis. Eu os observo até que a porta se fecha atrás deles.

“Eles estão indo escrever uma mensagem para as outras casas seguras,” diz Evelyn

atrás de mim. “Em um dos outdoors. Códigos formados com informações pessoais—tipo a

cor favorita de fulano, o animal de estimação da infância de beltrano.”

Eu não sei por que ela escolheria me dizer algo sobre os códigos dos sem facção até

eu virar. Eu vejo um olhar familiar em seus olhos—é o mesmo que Jeanine tinha quando

disse a Tobias que havia desenvolvido um soro que poderia controlá-lo: o orgulho.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

69

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Inteligente,” eu digo. “Sua ideia?”

“Foi, na verdade.” Ela encolhe os ombros, mas eu não sou enganada. Ela é qualquer

coisa menos indiferente. “Eu estava na Erudição antes de ir para a Abnegação.”

“Oh,” eu digo. “Acho que você não poderia manter uma vida acadêmica, então?”

Ela não morde a isca. “Algo como isso, sim.” Ela faz uma pausa. “Eu imagino que o

seu pai saiu pela mesma razão.”

Eu quase viro para terminar a conversa, mas suas palavras criam uma espécie de

pressão dentro da minha mente, como se ela estivesse espremendo meu cérebro entre as

mãos. Eu olho fixamente para ela.

“Você não sabia?” Ela franze a testa. “Desculpe-me, eu esqueci que membros de

facção raramente discutem a sua facção de nascimento.”

“O quê?” eu digo, minha voz quebrando.

“Seu pai nasceu na Erudição,” diz ela. “Os pais dele eram amigos dos pais de

Jeanine Matthews, antes de morrerem. Seu pai e Jeanine costumavam brincar

juntos

quando crianças. Eu costumava vê-los passar livros para trás e para frente na escola."

Eu imagino meu pai, um homem adulto, sentado ao lado de Jeanine, uma mulher

adulta, em uma mesa de almoço no meu velho refeitório, um livro entre eles. A ideia é tão

ridícula para mim que eu meio que bufo meio que sorrio. Não pode ser verdade.

Exceto.

Exceto: Ele nunca falou sobre sua família ou a sua infância.

Exceto: Ele não tinha o comportamento tranquilo de alguém que cresceu na

Abnegação.

Exceto: Seu ódio pela Erudição era tão veemente que deve ter sido *pessoal*.

"Sinto muito, Beatrice," Evelyn diz. "Eu não tive a intenção de reabrir feridas."

Eu franzo a testa. "Sim, você teve."

"O que você quer dizer?"

"Ouça com atenção," eu digo, abaixando minha voz. Eu verifico Tobias sobre o

ombro dela, para ter certeza de que ele não está ouvindo. Tudo que eu vejo é Caleb e

Susan no chão, no canto, passando um frasco de manteiga de amendoim. Tobias não.

"Eu não sou burra," eu digo. "Eu posso ver que você está tentando usá-lo. E eu vou

dizer isso a ele, se ele já não percebeu isso."

“Minha querida,” diz ela. “Eu sou sua família. Eu sou permanente. Você é apenas

temporária.”

“Sim,” eu digo. “Sua mãe o abandonou, e seu pai batia nele. Como sua lealdade

poderia *não* estar com o seu sangue, com uma família assim?”

Eu vou embora, minhas mãos tremendo, e sento ao lado de Caleb no chão. Susan

está agora do outro lado da sala, ajudando um dos sem facção na limpeza. Ele me passa o

pote de manteiga de amendoim. Eu me lembro das fileiras de pés de amendoim nas

estufas da Amizade. Eles plantam amendoim porque são ricos em proteína e gordura, o

que é importante para os sem facção em particular. Eu pego um pouco de manteiga de

amendoim com os dedos e como.

Devo contar a ele o que Evelyn me disse? Eu não quero fazer com que ele pense que

tem Erudição em seu sangue. Eu não quero dar a ele alguma razão para voltar para eles.

Eu decido manter isso para mim mesma por agora.

“Eu queria falar com você sobre algo,” diz Caleb.

Concordo com a cabeça, ainda comendo a manteiga de amendoim no céu da minha

boca.

“Susan quer ir ver a Abnegação,” diz ele. “E eu também. Eu também quero ter

certeza de que ela está bem. Mas eu não quero deixar você.”

“Está tudo bem,” eu digo.

“Por que você não vem com a gente?” pergunta ele. “A Abnegação iria recebê-la de

volta, eu tenho certeza disso.”

Eu também—a Abnegação não guarda rancor. Mas estou oscilando na borda da

tristeza, e se eu voltasse à facção antiga dos meus pais, ela iria me engolir.

Eu balanço minha cabeça. “Eu tenho que ir para a sede da Sinceridade e descobrir o

que está acontecendo,” eu digo. “Eu estou ficando louca por não saber.” Eu forço um

sorriso. “Mas você deve ir. Susan precisa de você. Ela parece melhor, mas ela ainda precisa

de você.”

“Ok.” Caleb concorda. “Bem, eu vou tentar acompanhá-lo em breve. Mas, tenha

cuidado.”

“Não tenho sempre?”

“Não, eu acho que a palavra para como você é geralmente é *irresponsável.”* Caleb

aperta meu ombro bom levemente. Eu passo outra ponta de dedo na manteiga de

amendoim.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

71

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Tobias emerge do banheiro dos homens, poucos minutos depois, a sua camisa

vermelha da Amizade substituída por uma camiseta preta, e seu cabelo curto brilhando

com água. Nossos olhos se encontram do outro lado da sala, e eu sei que é hora de sair.

A sede da Sinceridade é grande o suficiente para conter um mundo inteiro. Ou

assim parece para mim.

É um edifício de cimento largo com vista para o que antes era o rio. A placa diz

MERC IS MART—que costumava ser *Merchandise Mart*, mas a maioria das pessoas se

refere a ele como o Mart Impiedoso, porque a Sinceridade é implacável, mas honesta. Eles

parecem ter abraçado o apelido.

Eu não sei o que esperar, porque eu nunca estive dentro. Tobias e eu paramos fora

das portas e olhamos um para o outro.

“Aqui vamos nós,” diz ele.

Eu não posso ver nada além do meu reflexo nas portas de vidro. Eu pareço cansada

e suja. Pela primeira vez, me ocorre que não temos que fazer nada. Poderíamos nos

esconder com os sem facção e deixar que o resto deles arrume essa bagunça. Nós

poderíamos ser ninguém, salvos, juntos.

Ele ainda não me falou sobre a conversa que ele teve com sua mãe ontem à noite, e

eu não acho que ele vai. Ele parecia tão determinado a chegar à sede da Sinceridade que

eu me pergunto se ele está planejando algo sem mim.

Eu não sei por que eu ando através das portas. Talvez eu decidi que, já que

chegamos até aqui, podemos muito bem ver o que está acontecendo. Mas eu suspeito que

é mais que eu sei o que é verdade e o que não é. Eu sou Divergente, então eu não sou

ninguém, não há tal coisa como *seguro*, e eu tenho outras coisas em minha mente do que

brincar de casinha com Tobias. E assim, aparentemente, ele também.

O lobby é grande e bem iluminado, com piso de mármore negro que se estende

para um elevador. Um anel branco de azulejos de mármore no centro do aposento forma o

símbolo de Sinceridade: um conjunto desequilibrado de balanças, para simbolizar a

pesagem da verdade contra a mentira. A sala está cheia de Destemidos armados.

Uma soldado Destemor com um braço em uma tipóia se aproxima de nós, arma apontada, o alvo fixo em Tobias.

“Identifiquem-se,” ela diz. Ela é jovem, mas não suficientemente jovem para conhecer Tobias.

Os outros se reúnem atrás dela. Alguns deles nos olham com desconfiança, o resto com curiosidade, mas muito mais estranho do que isto é a luz que eu vejo em alguns olhos. Reconhecimento. Eles podem conhecer Tobias, mas como poderiam me reconhecer?

“Quatro,” diz ele. Ele acena para mim. “E esta é Tris. Ambos do Destemor.”

Os olhos da soldado Destemor se ampliam, mas ela não abaixa a arma.

“Alguma ajuda aqui?” ela pede. Um Destemor passa à frente, mas eles fazem isso com cautela, como se fôssemos perigosos.

“Há um problema?” Tobias diz.

“Você está armado?”

“Claro que eu estou armado. Eu sou Destemor, não sou?”

“Fique em pé com as mãos atrás de sua cabeça,” ela diz descontroladamente,

enquanto espera que recuse. Eu olho para Tobias. Por que todos estão agindo como se

estivéssemos prestes a atacá-los?

“Andamos pela frente da porta,” eu digo lentamente. “Você acha que teríamos feito

isso se estivéssemos aqui para machucar vocês?”

Tobias não olha para trás, em mim. Ele apenas toca a ponta dos dedos atrás de sua

cabeça. Depois de um momento, eu faço o mesmo. Uma multidão de soldados Destemor

se junta à nossa volta. Um deles dá um tapinha para baixo das pernas de Tobias enquanto

o outro pega a arma debaixo da cintura. Outro menino de rosto redondo com bochechas

rosadas olha para mim desculpando-se.

“Eu tenho uma faca no bolso das minhas costas,” eu digo. “Coloque suas mãos em

mim, e eu vou fazer você se arrepender.”

Ele murmura algum tipo de pedido de desculpas. Seus dedos belisca a faca, com

cuidado para não me tocar.

“O que está acontecendo?” pergunta Tobias.

A primeira soldado troca olhares com os outros soldados.

“Eu sinto muito,” diz ela. “Mas fomos instruídos para prendê-lo na sua chegada.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

73

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

11

Eles no cercam, mas não nos algemam, e nos levam até o elevador. Não importa

quantas vezes eu pergunte por que estamos sendo presos, ninguém diz nada ou mesmo

olha na nossa direção. Eventualmente, eu desisto e fico em silêncio, como Tobias.

Nós vamos até o terceiro andar, onde nos levam a uma sala pequena com um chão

de mármore branco ao invés de mármore preto. Não há móveis, exceto um banco ao longo

da parede do fundo. Toda facção tem que ter salas de segurança para manter aqueles que

fazem confusão, mas nunca estive em uma antes.

A porta se fecha atrás de nós, e estamos sozinhos novamente.

Tobias se senta no banco, com a testa franzida. Eu fico andando para frente e para

trás em frente a ele. Se ele tivesse ideia do motivo de estarmos aqui, ele me diria, então não

pergunto. Eu ando cinco passos para frente e cinco passos para trás, no mesmo ritmo,

esperando que me ajude a descobrir algo.

Se Erudição não assumiu o controle da Sinceridade—e Edward nos disse que não—

por que a Sinceridade nos prenderia? O que fizemos a eles?

Se Erudição *não* assumiu o controle, o verdadeiro crime é estar do lado deles. Eu fiz

algo que poderia ter sido interpretado como estar do lado da Erudição? Meus dentes

mordem meu lábio inferior tão forte que eu estremeço. Sim, eu fiz. Atirei em Will. Atirei

em vários outros Destemidos. Eles estavam sob o efeito da simulação, mas talvez a

Sinceridade não saiba disso ou não ache que essa seja uma boa razão.

“Você pode se acalmar, por favor?” Tobias diz. “Você está me deixando nervoso.”

“Essa sou eu me acalmando.”

Ele se inclina para frente, descansando os cotovelos nos joelhos, e encara os seus

tênis. “A ferida no seu lábio discorda.”

Eu me sento próxima a ele e abraço meus joelhos em meu peito com um braço, meu

braço direito largado do lado do meu corpo. Por um longo tempo ele não diz nada, e

envolvo meu braço mais e mais em torno das minhas pernas. Eu sinto que, quanto menor

eu for, mais segura estarei.

“Às vezes,” ele diz, “me preocupo por você não confiar em mim.”

“Confio em você,” eu digo. “Claro que confio em você. Por que você pensaria o

contrário?”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

“Parece que tem algo que você não está me contando. Eu *disse* a você coisas...” ele

balança a cabeça, “que eu nunca disse a mais ninguém. Alguma coisa está acontecendo

com você, e você não me disse ainda.”

“Tem muita coisa acontecendo. Você sabe disso,” eu digo. “E de qualquer jeito, e

você? Eu poderia dizer a mesma coisa para você.”

Ele toca minha bochecha, seus dedos acariciando meu cabelo. Ignorando minha

pergunta do mesmo jeito que eu ignorei a dele.

“Se isso é sobre seus pais,” ele diz suavemente, “me diga e eu acreditarei em você.”

Os olhos dele deveriam estar cheios de apreensão, considerando onde estamos, mas

eles ainda permanecem calmos e escuros. Eles me transportam para lugares familiares.

Lugares seguros, onde confessar que eu atirei em um dos meus melhores amigos seria

fácil, onde eu não teria medo do jeito que Tobias irá me olhar quando ele descobrir o que

eu fiz.

Eu cubro a mão dele com a minha. “Isso é tudo,” eu digo fracamente.

“Tudo bem,” ele diz. Ele passa a boca dele na minha. Culpa se espalha pelo meu

estômago. A porta se abre. Algumas pessoas entram—dois da Sinceridade com armas; um

senhor de idade com pele escura da Sinceridade; uma mulher Destemor que eu não

reconheço. E então: Jack Kang, representante da Sinceridade.

Pelo padrão da maioria das facções, ele é um líder jovem—apenas trinta e nove

anos de idade. Mas pelos padrões do Destemor, isso não é nada.

Eric se tornou um líder Destemor aos dezessete anos. Mas essa é provavelmente

uma das razões para que as outras facções não levem nossas opiniões a sério.

Jack é bonito, também, com cabelo curto e preto, olhos puxados, como os de Tori, e

bochechas altas. Apesar da sua boa aparência, ele não sabe ser charmoso, provavelmente

por que ele é da Sinceridade, e eles acham o charme uma ilusão. Eu confio nele para nos

dizer o que está acontecendo sem perder tempo com gentilezas. Isso já é algo.

“Eles me disseram que vocês pareciam confusos sobre por que estão sendo presos”

ele diz. A voz dele era profunda, mas estranhamente plana, como se não pudesse criar um

eco na beira de uma caverna vazia. “Para mim isso significa ou que vocês foram

falsamente acusados ou são muitos bons em fingir. A única...”

“Do que estamos sendo acusados?” eu o interrompo.

“*Ele* é acusado de crimes contra a humanidade. *Você* está sendo acusada de ser

cúmplice dele.”

“Crimes contra a humanidade?” Tobias finalmente parece bravo. Ele dá a Jack um

olhar aborrecido. “O quê?”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

75

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Nós vimos a filmagem do ataque. Você estava *comandando* a simulação de ataque,”

diz Jack.

“Como vocês puderam ver a filmagem? Nós pegamos os arquivos,” diz Tobias.

“Vocês pegaram uma cópia do arquivo. Toda a filmagem do complexo Destemor

gravada durante o ataque também foi enviada a outros computadores pela cidade,” diz

Jack. “Tudo que vimos foi você comandando a simulação e *ela* levando murros até quase

morrer antes de você desistir. Então você parou, tiveram uma reconciliação de

apaixonados, e roubaram o disco rígido juntos. Uma razão possível é porque a simulação

havia acabado e vocês não queriam que colocássemos as mãos nele.”

Eu quase rio. Meu grande ato heroico, a única coisa importante que eu fiz, e eles

pensam que eu trabalhava com a Erudição quando fiz.

“A simulação não havia terminado,” eu digo. “Nós *desligamos* ela, você...”

Jack levanta a mão. “Não estou interessado no que você tem a dizer agora. A

verdade virá quando vocês estiverem sendo interrogados sobre a influência do soro da

verdade.”

Christina me contou sobre o soro da verdade uma vez. Ela disse que a parte mais

difícil da iniciação da Sinceridade era estar sob o soro da verdade e responder perguntas

pessoais na frente de todos da facção. Não preciso procurar em mim mesma meus

segredos mais profundos para saber que o soro da verdade é a última coisa que eu quero

em meu corpo.

“Soro da verdade?” eu balanço minha cabeça. “Não. Sem chance.”

“Há algo que você queira esconder?” Jack diz, erguendo ambas as sobrancelhas.

Eu queria dizer a ele que qualquer um com um pouco de dignidade gostaria de

manter coisas para si mesmo, mas eu não queria despertar mais suspeitas. Então eu

balanço minha cabeça.

“Tudo certo, então.” Ele checa o relógio. “Agora é meio-dia. O interrogatório será às

sete horas. Não se preocupem em se preparar para ele. Você não pode esconder

informações enquanto está sob influência do soro da verdade.”

Ele se vira e caminha para sair da sala.

“Que homem agradável,” Tobias diz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

76

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Um grupo de Destemidos armados me escolta até o banheiro no começo da tarde.

Eu demoro, deixando minhas mãos ficarem vermelhas na água quente e encarando meu

reflexo. Quando eu era da Abnegação e era proibida de olhar em espelhos, costumava

pensar que muito poderia mudar na aparência de uma pessoa em três meses. Mas só levou

alguns dias para me mudar dessa vez.

Eu pareço mais velha. Talvez seja o cabelo curto ou talvez porque eu use tudo o que

aconteceu como uma máscara. De qualquer jeito, eu sempre pensei que ficaria feliz

quando parasse de parecer uma criança. Mas tudo que sinto é um nó na garganta. Não sou

mais a filha que meus pais conheciam. Eles nunca me conhecerão como sou agora.

Eu me viro para longe do espelho e abro a porta para o corredor com minhas mãos.

Quando Destemor me deixa na sala de espera, eu fico perto da porta. Tobias se

parece como quando eu o encontrei pela primeira vez—camiseta preta, cabelo curto,

expressão séria. Vê-lo costumava me encher de uma excitação nervosa. Eu lembro quando

agarrei a mão dele fora da sala de treinamento, só por alguns segundos, e quando nos

sentamos juntos nas pedras perto do abismo, e sinto uma pontada de saudade de como as

coisas costumavam ser.

“Com fome?” ele diz. Ele me oferece um sanduíche de um prato próximo a ele.

Eu pego e me sento, inclinando minha cabeça em seu ombro. Tudo que nos sobra é

esperar, então é o que fazemos. Nós comemos até que a comida acabe. Sentamos até ficar

desconfortável. Então nos deitamos próximos um do outro no chão, ombros se tocando,

encarando o mesmo pedaço de teto branco.

“O que você tem medo de dizer?” ele diz.

“Nada. Tudo. Não quero reviver nada.”

Ele acena com a cabeça. Fecho meus olhos e finjo dormir. Não há relógio na sala,

então não posso contar os minutos que faltam até o interrogatório. Tempo talvez não

exista nesse lugar, exceto a sensação de pressão contra mim enquanto às sete horas

inevitavelmente se aproximam, empurrando-me para o piso.

Talvez o tempo não parecesse tão pesado se eu não tivesse essa culpa—a culpa de

saber a verdade e a guardar onde ninguém pode vê-la, nem Tobias. Talvez eu não devesse

ter medo de dizer algo, porque honestamente me faria mais leve.

Eu devo ter adormecido eventualmente, porque eu acordo assustada ao som da

porta se abrindo. Alguns Destemidos caminham até nós, e um deles diz meu nome.

Christina abre caminho entre eles e se joga em meus braços. Seus dedos se afundam na

ferida do meu ombro, e eu grito.

“Levei um tiro,” eu digo. “Ombro.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

77

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Oh Deus!” Ela me solta. “Desculpe, Tris.”

Ela não parece com a Christina que eu lembro. O cabelo dela está mais curto, como

o de um garoto, e a pele dela está meio cinzenta ao invés do bronzeado comum. Ela sorri

para mim, mas o sorriso dela não viaja até os olhos, que parecem cansados. Tento sorrir de

volta, mas eu também estou nervosa. Christina estará lá, no meu interrogatório. Ela vai

ouvir o que eu fiz com Will. Ela nunca vai me perdoar.

A não ser que eu lute contra o soro, engula a verdade—se eu puder.

Mas é o que eu realmente quero? Deixar isso apodrecer dentro de mim para

sempre?

“Você está bem? Ouvi que você estava aqui então pedi para vir acompanhá-la,” ela

diz enquanto saímos da sala de espera. “Eu sei que você não fez isso. Você não é uma

traidora.”

“Estou bem,” eu digo. “E obrigada. Como você está?”

“*Ah*, eu...” A voz dela vai sumindo, e ela morde o lábio. “Ninguém te disse... Quero

dizer, talvez agora não seja o momento, mas...”

“O quê? O que é?”

“Hum... Will morreu no ataque,” ela diz.

Ela me dá um olhar preocupado, e espera. Espera pelo quê?

Ah. Eu não deveria saber que Will está morto. Eu poderia fingir estar emocionada,

mas eu provavelmente não seria tão convincente. É melhor admitir que eu já sabia. Mas eu

não sei como explicar sem dizer tudo a ela.

De repente me sinto enjoada. Estou realmente avaliando a melhor forma de

enganar

minha amiga?

“Eu sei,” eu digo. “Eu o vi nos monitores quando estava na sala de controle. Sinto

muito, Christina.”

“Ah.” Ela concorda. “Bem, eu estou… Feliz que você já sabia. Eu realmente não

queria te dar essa notícia em um corredor.”

Uma risada curta. Um flash de um sorriso. Nenhum deles como costumava ser.

Entramos em um elevador. Posso sentir Tobias me encarando—ele sabe que eu não

vi Will nos monitores, e ele não sabia que Will estava morto. Eu olho para frente e finjo

que os olhos dele não estão me deixando em fogo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

78

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Não se preocupe com o soro,” ela diz. “É fácil. Você quase não sabe o que está

acontecendo quando está sob ele. É só quando você ressurge que você sabe o que disse. Eu

o tomei quando era uma criança. É comum para a Sinceridade.”

Os outros Destemidos no elevador trocam olhares. Em circunstâncias normais,

alguém provavelmente iria advertir ela por falar de sua facção antiga, mas estas

não eram

circunstâncias normais. Em nenhum outro momento da vida de Christina ela iria

acompanhar sua melhor amiga, agora uma suspeita de traição, para um interrogatório

público.

“Todos estão bem?” eu digo. “Uriah, Lynn, Marlene?”

“Todos aqui,” ela diz. “Exceto o irmão de Uriah, Zeke, que está com os outros

Destemor.”

“O quê?” Zeke, que garantiu a segurança das minhas cordas na tirolesa, um

traidor?

O elevador para no último andar, e os outros saem.

“Eu sei,” ela diz. “Ninguém esperava.”

Ela pega meu braço e me puxa para as portas. Ela caminha até um corredor de

mármore preto—deve ser fácil se perder na sede da Sinceridade, já que tudo parece igual.

Nós vamos por outro corredor e passamos por portas duplas.

Do lado de fora, o Mart Impiedoso é um bloco atarracado com um pedaço no

centro. Do lado de dentro, aquele pedaço são três salas com espaços vazios na parede ao

invés de janelas. Eu vejo o céu escuro sobre mim, sem estrelas.

Aqui o chão é de mármore branco, com um símbolo preto da Sinceridade no centro

da sala, e as paredes são iluminadas com linhas escuras e luzes amarelas, então a

sala

inteira brilha. Toda voz ecoa.

A maioria da Sinceridade e os remanescentes Destemor estão juntos. Alguns deles

estão sentados em bancos que ficam no canto da sala em volta do símbolo da Sinceridade.

No centro do símbolo, entre as balanças desequilibradas, estão duas cadeiras vazias.

Tobias alcança minha mão. Eu entrelaço meus dedos nos dele.

Nossos guardas Destemor nos levam até o centro da sala, onde somos recebidos

com, no melhor, murmúrios, e, no pior, vaias. Vejo Jack Kang na primeira fila dos bancos

diferenciados.

Um senhor, um homem de pele escura avança, uma caixa escura nas mãos.

“Meu nome é Niles, ele diz. “Eu serei seu interrogador. Você...” Ele aponta para

Tobias. “Você irá primeiro. Então se você puder, por favor, dar um passo a frente...”

Tobias aperta minha mão, e então a solta, e para em frente a Christina no canto do

símbolo da Sinceridade. O ar na sala está quente—úmido, ar de verão, ar do pôr

do sol—

mas eu sinto frio.

Niles abre a caixa preta. Contém duas seringas, uma para Tobias e uma para mim.

Ele também pega um antisséptico de limpeza de seu bolso e oferece a Tobias. Não nos

preocupamos com esse tipo de coisa na Destemor.

“A injeção é no seu pescoço,” Niles diz.

Tudo que eu ouço, enquanto Tobias aplica o antisséptico em sua pele, é o vento.

Niles dá um passo à frente e afunda a agulha no pescoço de Tobias, apertando até que o

líquido turvo azulado entre em suas veias. A última vez que eu vi alguém injetar algo em

Tobias foi Jeanine colocando-o sob uma nova simulação, uma que afetava até mesmo os

Divergentes—ou assim ela acreditou. Eu pensei naquela vez, que o havia perdido para

sempre.

Eu tremo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

80

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

12

“Eu farei a você uma série de perguntas simples para que você se acostume ao soro

até que faça efeito,” diz Niles. “Agora. Qual é o seu nome?”

Tobias se senta com os ombros curvados e a cabeça baixa, como se o corpo dele

fosse muito pesado. Ele faz careta e se contorce na cadeira, e entre dentes diz, “Quatro.”

Talvez não seja possível mentir sob o soro da verdade, mas escolher qual versão da

verdade contar: Quatro é o nome dele, mas não é o nome dele.

“Esse é um apelido,” Niles diz. “Qual é seu verdadeiro nome?”

“Tobias,” ele diz.

Christina me cutuca. “Você sabia disso?”

Eu concordo com a cabeça.

“Qual o nome dos seus pais, Tobias?”

Tobias abre a boca para responder, e então trava o queixo como se para impedir as

palavras de saírem.

“Por que isso é relevante?” Tobias pergunta.

Os da Sinceridade ao meu redor murmuram uns para os outros, alguns fazem cara

feia. Eu levanto minha sobrancelha para Christina.

“É extremamente difícil não responder imediatamente as perguntas sob o soro da

verdade,” ela diz. “Significa que ele tem uma força de vontade muito grande. E algo a

esconder.”

“Talvez não tenha sido relevante antes, Tobias,” Niles diz, “mas é agora que você

resistiu responder a pergunta. Os nomes de seus pais, por favor.”

Tobias fecha os olhos. “Evelyn e Marcus Eaton.”

Sobrenomes são só adicionais de identificação, úteis somente para prevenir

confusão em arquivos oficiais. Quando casamos, um cônjuge tem que pegar o sobrenome

do outro, ou ambos tem que escolher um novo. Ainda assim, quando carregamos nossos

nomes de família para a facção, raramente os mencionamos.

Mas todos reconhecem o sobrenome de Marcus. Eu posso dizer pelo tumulto que

cresce na sala depois que Tobias falou. Todos da Sinceridade sabem que Marcus é o oficial

do governo mais influente, e alguns deles devem ter lido o artigo de Jeanine sobre sua

crueldade com o filho. Foi uma das poucas coisas que ela disse que era verdade.

E agora

todos sabem que Tobias é o filho dele.

Tobias Eaton é um nome poderoso.

Niles espera em silêncio, então continua. “Então você mudou de facção, não?”

“Sim.”

“Você se transferiu da Abnegação para Destemor?”

“*Sim,* ” estala Tobias. “Não é óbvio?”

Eu mordo meu lábio. Ele deveria se acalmar; ele está falando demais. Quanto mais

relutante ele estiver ao responder uma questão, mais determinado Niles estará para ouvir

a resposta.

“Um dos propósitos desse interrogatório é determinar suas lealdades,” diz Niles,

“então eu devo perguntar: Por que você se transferiu?”

Tobias olha para Niles, e mantém a boca fechada. Segundos se passam em completo

silêncio. Quanto mais ele tenta resistir ao soro, mais difícil parece ficar para ele: cor

preenche suas bochechas, e ele respira rapidamente. Meu peito dói por ele. Os detalhes de

sua infância deveriam ficar com ele, se isso é o que ele quer. A Sinceridade é cruel por

forçá-lo a falar, por tomar a liberdade dele.

“Isso é horrível,” eu digo ardentemente a Christina. “Errado.”

“O quê?” ela diz. “É uma pergunta simples.”

Eu balanço a cabeça. “Você não entende.”

Christina sorri um pouco para mim. “Você realmente se importa com ele.”

Eu estou muito ocupada esperando Tobias responder.

Niles diz, “Eu vou perguntar de novo. Por que você se transferiu para Destemor,

Tobias?”

“Para me proteger,” diz Tobias. “Eu me transferi para me proteger.”

“Se proteger de que?”

“Do meu pai.”

Todas as conversas na sala param, e o silêncio que paira é pior que a conversa

anterior. Eu esperei que Niles continuasse sondando, mas ele não faz isso.

“Obrigado por sua honestidade,” Niles diz. A Sinceridade repete a frase baixinho.

Em todo o lugar sobre a sala estão essas palavras, “Obrigado por sua honestidade,” em

diferentes volumes e tons, e minha raiva começa a se dissolver. As palavras sussurradas

parecem convidar Tobias a abraçar e a descartar seu pior segredo.

Não é crueldade, talvez, mas um desejo de ser compreendido, que os motiva. Isso

não me deixa nem um pouco menos receosa de ficar sob o soro da verdade.

“Sua fidelidade é com sua atual facção, Tobias?” Niles diz.

“Minha fidelidade é com qualquer um que não suporte o ataque à Abnegação” ele

diz.

“Falando nisso,” Niles diz, “acho que deveríamos focar no que aconteceu aquele

dia. Do que você se lembra de quando estava sob o efeito da simulação?”

“Eu não estava sob o efeito da simulação, a princípio,” diz Tobias. “Não

funcionou.”

Niles ri um pouco. “O que você quer dizer, não *funcionou*?”

“Uma das características que definem os Divergentes é que as mentes deles são

resistentes às simulações,” diz Tobias. “E eu sou Divergente. Então não, não funcionou.”

Mais murmúrios. Christina me cutuca novamente.

“Você também é?” ela diz, perto do meu ouvido então ela pode falar baixo. “Esse é

o motivo de você estar acordada?”

Eu olho para ela. Eu gastei os últimos meses evitando a palavra *Divergente*,

horrorizada de que alguém pudesse descobrir quem eu sou. Mas não serei mais capaz de

esconder. Eu concordo com a cabeça.

É como se os olhos dela não coubessem mais nas órbitas; é como eles estavam

grandes. Tenho problemas em identificar a expressão dela. É choque? Medo?

Admiração?

“Você sabe o que significa?” eu digo.

“Eu ouvi sobre isso quando era criança,” ela diz um sussurro reverente.

Definitivamente admiração.

“Como uma história de fantasia,” ela diz. “‘Existem pessoas com poderes especiais

entre nós!’ Estilo isso.”

“Bem, não é fantasia, e não é grande coisa,” eu digo. “É como a paisagem do

medo—você está consciente enquanto está nela, e você consegue manipulá-la. Só que

comigo, é assim em toda simulação.”

“Mas Tris,” ela diz, colocando a mão dela no meu cotovelo. “Isso é *impossível*.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

83

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

No meio da sala, Niles levanta a mão e tenta silenciar a multidão, mas tem muitos

sussurros—alguns hostis, alguns com medo, e alguns admirados, como Christina.

Finalmente Niles para e grita, “Se vocês não ficarem quietos, serão chamados

para se

retirarem!”

Todos se aquietam. Niles se senta.

“Agora,” ele diz. “Quando você diz *resistente a simulações*, o que significa?”

“Usualmente, quer dizer que estamos conscientes durante simulações,” diz Tobias.

Ele parece se dar melhor com o soro da verdade enquanto responde questões concretas ao

invés das pessoais, mesmo que sua postura caída e seus olhos alertas digam outra coisa.

“Mas a simulação do ataque foi diferente, usando um tipo diferente de soro, um com

transmissores de longa distância. Evidentemente os transmissores de longa distância não

funcionaram nos Divergentes, porque eu acordei em minha própria mente naquela

manhã.”

“Você diz que não estava na simulação *a princípio*. Pode explicar o que quer dizer

com isso?”

“Quero dizer que fui descoberto e levado até Jeanine, e ela injetou em mim uma

versão do soro que era específica para os Divergentes. Eu estava consciente durante *aquela*

simulação, mas não consegui fazer nada.”

“As filmagens da sede Destemor mostram você *comandando* a simulação,” Niles

diz,

sombrio. “Como, exatamente, você explica isso?”

“Quando uma simulação está acontecendo, seus olhos ainda veem e processam o

mundo real, mas seu cérebro não o compreende. Em algum nível, porém, seu cérebro

ainda sabe o que você está vendo e onde você está. A natureza dessa nova simulação era

gravar minhas respostas emocionais a estímulos externos,” Tobias diz, fechando os olhos

por um segundo, “e responder alterando a aparência desse estímulo. A simulação fez

meus inimigos parecerem amigos, meus amigos parecerem inimigos. Eu pensei que estava

desligando a simulação. Na realidade, eu estava recebendo instruções sobre como manter

a simulação ativa.”

Christina concorda enquanto ele fala. Me sinto mais calma quando vejo que a

maioria da multidão está fazendo o mesmo. Esse é o benefício do soro da verdade,

percebo. O testemunho de Tobias é irrefutável desse jeito.

“Nós vimos a filmagem do que aconteceu com você na sala de controle,” diz Niles,

“mas é confuso. Por favor, descreva para nós.”

“Alguém entrou na sala, e pensei que fosse um soldado Destemor tentando me

impedir de destruir a simulação. Eu estava lutando com ela, e...” Tobias faz uma

careta,

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

84

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

lutando. “...e então ela parou, e eu fiquei confuso. Mesmo se eu estivesse acordado, ainda

ficaria confuso. Por que ela iria se render? Por que ela apenas não me matou?”

Os olhos dele procuraram pela multidão até me encontrarem. Meu coração parece

estar em minha boca; parece estar em minhas bochechas.

“Eu ainda não entendo,” ele diz suavemente, “como ela soube que funcionaria.”

Vidas nas pontas dos meus dedos.

“Eu acho que minhas emoções conflitantes confundiram a simulação,” ele diz. “E

então eu ouvi a voz dela. De algum modo, ela me fez capaz de lutar contra a simulação.”

Meus olhos queimam. Eu tento não pensar naquele momento, quando pensei que

ele estava perdido para mim e que logo eu estaria morta, quando tudo que eu queria era

sentir o coração dele bater. Eu tento não pensar nisso agora; eu pisco as lágrimas dos meus

olhos.

“Eu a reconheci, finalmente,” ele diz. “Nós voltamos até a sala de controle e

paramos a simulação.”

“Qual é o nome dessa pessoa?”

“Tris,” ele diz. “Beatrice Prior, quero dizer.”

“Você a conhecia antes disso acontecer?”

“Sim.”

“Como você a conheceu?”

“Eu fui o instrutor dela,” ele diz. “Agora estamos juntos.”

“Eu tenho uma última pergunta,” Niles diz. “Entre a Sinceridade, antes de uma

pessoa ser aceita na comunidade, ela tem que se expor completamente. Dadas as

circunstâncias, nós pedimos o mesmo de você. Então, Tobias Eaton: qual é o seu maior

arrependimento?”

Eu olho para ele, do tênis deles até seus dedos longos até suas sobrancelhas retas.

“Me arrependo...” Tobias inclina a cabeça, e suspira. “Me arrependo da minha

escolha.”

“Qual escolha?”

“Destemor,” ele diz. “Eu nasci para a Abnegação. Eu planejava deixar Destemor, e

me tornar um sem facção. Mas então eu conheci *ela*, e... senti que talvez eu pudesse fazer

algo mais da minha decisão.”

Ela.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

85

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Por um momento, é como se eu estivesse olhando para uma pessoa diferente,

dentro da pele de Tobias, uma pessoa cuja vida não é tão simples quanto eu achava. Ele

queria deixar Destemor, mas ficou por minha causa. Ele nunca me disse isso.

“Escolher Destemor para escapar do meu pai foi um ato covarde,” ele diz. “Eu me

arrependo dessa covardia. Significa que eu não sou digno da minha facção. Sempre vou

me arrepender disso.”

Eu espero que os do Destemor deem gritos indignados, talvez peguem as cadeiras e

ameacem baterem nele. Eles são capazes de coisas muito mais instáveis do que isso. Mas

eles não fazem isso. Eles ficam em silêncio, com rostos inflexíveis, encarando o jovem que

não os traiu, mas nunca realmente se sentiu que pertencesse a eles.

Por um momento eles ficaram em silêncio. Não sei quem começa o sussurro; parece

se originar do nada, vir de ninguém. Mas alguém sussurra, “Obrigado por sua

honestidade” e o resto deles repete.

“Obrigado por sua honestidade,” eles sussurram.

Não me junto a eles.

Eu sou a única coisa que o mantém na facção que ele gostaria de deixar. Eu não

valho isso.

Talvez ele mereça saber.

Niles para no meio da sala com uma seringa na mão. As luzes sobre ele o fazem

brilhar. Em volta de mim, Destemor e Sinceridade esperam que eu dê um passo adiante e

fale a minha vida inteira para eles.

O pensamento me ocorre: *Talvez eu possa lutar contra o soro*. Mas eu não sei se

deveria tentar. Talvez seja melhor para as pessoas que eu amo que eu fale a verdade.

Eu ando com firmeza para o meio da sala quando Tobias sai. Quando nos

encontramos no meio do caminho, ele segura minha mão e aperta meus dedos. Então ele

sai, e ficamos apenas eu, Niles e a seringa. Eu passo antisséptico no meu pescoço, mas

quando ele me alcança com a agulha, eu puxo de volta.

“Prefiro fazer isso eu mesma,” eu digo, segurando a minha mão. Eu nunca vou

deixar alguém injetar algo em mim de novo, não depois de deixar Eric injetar em mim o

soro da simulação do ataque depois do meu teste final. Não posso mudar o conteúdo da

seringa eu mesma, mas ao menos desse jeito, eu sou o instrumento da minha

própria

destruição.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

86

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você sabe como?” ele diz, erguendo uma sobrancelha.

“Sim.”

Niles me oferece a seringa. Eu a posiciono na veia do meu pescoço, insiro a agulha e

pressiono o êmbolo. Eu quase não sinto a picada. Eu estou muito carregada com

adrenalina.

Alguém vem em frente com uma lata de lixo, e jogo a agulha nela. Sinto os efeitos

do soro imediatamente depois. Faz meu sangue parecer como chumbo em minhas veias.

Eu quase desmaio no caminho até a cadeira—Niles tem que me agarrar e me guiar até ela.

Segundos depois meu cérebro se silencia. *No que eu estava pensando?* Não parece

importar. Nada mais importa, exceto a cadeira na minha frente e o homem sentado do

meu lado.

“Qual é o seu nome?” ele diz.

No segundo que ele me pergunta, a resposta sai da minha boca. “Beatrice Prior.”

“Mas você pode ser chamada de Tris?”

“Sim.”

“Qual o nome dos seus pais, Tris?”

“Andrew e Natalie Prior.”

“Você também se transferiu de facção, não é?”

“Sim,” eu digo, mas um novo pensamento sussurra na minha mente. *Também?*

Também se refere a outra pessoa, e, nesse caso, esse alguém é Tobias. Eu franzo a testa

tentando imaginar Tobias, mas é difícil forçar a imagem dele em minha mente. Não tão

difícil que eu não consiga fazer. Eu o vejo, e então eu vejo um flash dele sentado na mesma

cadeira que eu estou sentada.

“Você veio da Abnegação? E escolheu Destemor?”

“Sim,” eu digo de novo, mas dessa vez, a palavra soa sóbria. Não sei o motivo,

exatamente.

“Por que se transferiu?”

Essa pergunta é mais complicada, mas eu ainda sei a resposta. *Eu não era boa o*

suficiente para a Abnegação estava na ponta da minha língua, mas outra frase substitui essa:

Eu queria ser livre. Ambas são verdade. Eu quero dizer as duas. Eu aperto meus braços

enquanto tento lembrar onde estou, o que estou fazendo. Vejo pessoas ao redor de mim,

mas eu não sei o motivo delas estarem lá.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

87

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu me forço, do jeito que eu costumava me forçar quando quase podia me lembrar

da resposta de uma questão, mas não conseguia lembrar. Eu costumava fechar meus olhos

e imaginar a página do livro onde a resposta estava. Eu luto por alguns segundos, mas não

consigo; eu não me lembro.

“Eu não era boa o suficiente para a Abnegação,” eu digo, “e eu queria ser livre.

Então escolhi Destemor.”

“Por que você não era boa o suficiente?”

“Por que eu era egoísta,” eu digo.

“Você *era* egoísta? Não é mais?”

“Claro que sou. Minha mãe disse que todos são egoístas,” eu digo, “mas eu fiquei

menos egoísta na Destemor. Descobri que há pessoas por quem eu lutaria. Até mesmo

morreria.”

A resposta me surpreende—mas por quê? Eu belisco meus lábios por um momento.

Por que é verdade. Se eu disse aqui, deve ser verdade.

Esse pensamento me dá o elo perdido que eu tentava encontrar. Eu estou aqui em

um detector de mentiras. Tudo que eu disser é verdade. Sinto uma gota de suor rolar pela

parte de trás do meu pescoço.

Teste detector de mentiras. Soro da verdade. Tenho que me lembrar de mim

mesma. É muito fácil se perder na honestidade.

“Tris, você, por favor, poderia nos dizer o que aconteceu no dia do ataque?”

“Eu acordei,” eu digo, “e todos estavam sob a simulação. Então eu fingi até

encontrar Tobias.”

“O que aconteceu depois que você e Tobias se separaram?”

“Jeanine tentou me matar, mas minha mãe me salvou. Ela costumava ser Destemor,

então ela sabia como usar uma arma.” Meu corpo parece ainda mais pesado agora, mas

não mais gelado. Eu sinto algo mexer no meu peito, algo pior do que a tristeza, pior do

que arrependimento.

Eu sei o que vem a seguir. Minha mãe morreu e então eu matei Will; atirei nele; eu o

matei.

“Ela distraiu os soldados Destemor para que eu pudesse fugir, e eles a mataram,”

eu digo.

Alguns deles correram atrás de mim, então eu os matei. Mas há Destemidos na multidão

atrás de mim, Destemor, eu matei alguns do Destemor, eu não deveria falar sobre isso.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

88

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu continuei correndo,” eu digo, “e...” *E Will correu atrás de mim; eu atirei nele; eu o*

matei. Não, não. Eu sinto suor perto da minha testa.

“E eu encontrei meu irmão e meu pai,” eu digo, minha voz tensa. “Nós formamos

um plano para destruir a simulação.”

A borda dos braços da cadeira escavam a palma da minha mão. Eu escondi um

pouco da verdade. Certamente isso conta como enganação.

Eu lutei contra o soro. E naquele curto período, eu venci.

Eu deveria me sentir triunfante. Ao invés disso, sinto o peso do que eu fiz me

atingir de novo.

“Nos infiltramos no complexo Destemor, e meu pai e eu fomos até a sala de

controle. Ele lutou contra alguns soldados Destemor à custa de sua vida,” eu digo. “Eu fui

até a sala de controle, e Tobias estava lá.”

“Tobias disse que você lutou contra ele, mas então parou. Por que fez isso?”

“Por que eu percebi que um de nós teria que matar o outro,” eu digo, “e eu não

queria matá-lo.”

“Você desistiu?”

“Não!” eu estalo. Eu balanço minha cabeça. “Não, não exatamente. Eu me lembrei

de algo que fiz na minha paisagem do medo na iniciação do Destemor... Em uma

simulação, uma mulher pedia que eu matasse a minha família, e eu a deixava atirar em

mim ao invés disso. Funcionou lá. Pensei que...” Eu belisco o topo do meu nariz. Minha

cabeça está começando a doer e eu perco o controle e meus pensamentos se tornam

palavras. “Eu estava tão agitada, mas tudo em que eu podia pensar era que havia algo

nisso; havia uma força nisso. E eu não podia matá-lo, então eu tive que tentar.”

Eu pisco as lágrimas dos meus olhos.

“Então você nunca esteve sob a simulação?”

“Não.” Eu pressiono as palmas das mãos em meus olhos, tirando as lágrimas para

que elas não caiam em minhas bochechas onde todos possam vê-las.

“Não,” eu digo novamente. “Não, eu sou Divergente.”

“Só para esclarecer,” diz Niles. “Você está me dizendo que quase foi assassinada

pela Erudição... E então lutou para sair do complexo Destemor... E destruiu a simulação?”

“Sim,” eu digo.

“Acho que falo por todos,” ele diz, “quando digo que você ganhou o título de

Destemida.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

89

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Gritos se fazem ouvir do lado esquerdo da sala, e eu vejo borrões de alguns punhos

socando a escuridão. Minha facção, me chamando.

Mas não, eles estão errados, eu não sou corajosa, não sou corajosa, eu atirei em Will

e não consigo admitir, eu nem mesmo consigo admitir...

“Beatrice Prior,” diz Niles, “quais são seus segredos mais profundos?”

Do que eu me arrependo? Não me arrependo de escolher Destemor ou de deixar a

Abnegação. Eu nem mesmo me arrependo de atirar nos guardas fora da sala de controle,

porque era muito importante passar por eles.

“Me arrependo...”

Meus olhos deixaram o rosto de Niles e procuraram pela sala, e pousaram em

Tobias. Ele está sem expressão, sua boca em uma linha firme, seu olhar vazio. Suas mãos

cruzadas em seu peito apertam seus braços com tanta força que os nós dos dedos estão

brancos. Próximo a ele está Christina. Meu peito se aperta, e eu não consigo respirar.

Eu tenho que dizer a eles. Eu tenho que dizer a verdade.

“Will,” eu digo. Minha voz soa como um suspiro, como se fosse puxada direto do

meu estômago. Agora não havia mais como voltar.

“Eu atirei em Will,” eu digo, “quando ele estava sob a simulação. Eu o matei. Ele ia

me matar, mas eu o matei. Meu amigo.”

Will, com o vinco entre as sobrancelhas, com os olhos verdes como aipo e a

habilidade de citar o manifesto Destemor de cor. Eu sinto uma dor em meu estômago tão

intensa que eu quase solto um gemido. Me machuca lembrar dele. Machuca cada parte de

mim.

E tem algo mais, algo pior que eu não percebi antes. Eu estava disposta a morrer ao

invés de matar Tobias, mas esse pensamento nunca me ocorreu quando se tratava de Will.

Decidi matá-lo em uma fração de segundo.

Me sinto nua. Não percebi que usava meus segredos como uma armadura até que

eles sumiram, e agora todos me veem como eu realmente sou.

“Obrigado por sua honestidade,” eles dizem.

Mas Christina e Tobias não dizem nada.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

90

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

13

Eu levanto da cadeira. Não me sinto tão tonta como me sentia há pouco; o soro já

está passando. A multidão se inclina, e eu procuro por uma porta. Eu não costumo fugir

das coisas, mas eu fugiria disso.

Todo mundo começa a sair da sala, exceto Christina. Ela está onde a deixei, as mãos

em punhos que estão em processo de desenrolar. Seus olhos encontram os meus. Lágrimas

nadam em seus olhos e ainda assim ela não está chorando.

“Christina” eu digo, mas a única palavra que eu posso pensar— *desculpe*— soa mais

como um insulto do que um pedido de desculpas. Desculpe é o que você usa quando bate

em alguém com o seu cotovelo, ou quando interrompe alguém. Eu estou mais do que

arrependida.

“Ele tinha uma arma,” eu digo. ”Ele estava prestes a atirar em mim. Ele estava sob a

simulação.”

“Você o matou,” diz ela.

Suas palavras soam mais do que as palavras costumam fazer, como se tivessem

expandido em sua boca antes de falar. Ela olha para mim como se não me reconhecesse

por alguns segundos, então se vira.

A menina mais nova com a mesma cor de pele e a mesma altura segura a mão

dela—é a irmã mais nova de Christina. Eu a vi no Dia de Visita, mil anos atrás. O soro da

verdade torna a vê-los nadar diante de mim, ou poderia ser as lágrimas recolhidas em

meus olhos.

“Você está bem?” diz Uriah, emergindo da multidão para tocar o meu ombro. Eu

não o vejo desde antes do ataque de simulação, mas não consigo virar para cumprimentá-

lo.

“Sim.”

“Ei,” ele aperta meu ombro. ”Você fez o que precisava fazer, certo? Para nos salvar

de ser escravos da Erudição. Ela verá isso, eventualmente. Quando se desvanecer o luto.”

Eu não consigo encontrar forças em mim para concordar. Uriah sorri para mim e

vai embora. Alguns Destemor olham para mim e murmuram palavras que soam como

gratidão ou elogios, ou reafirmação. Outros me dão um amplo espaço, olham para mim

com os olhos semicerrados, suspeitos.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

91

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Corpos vestidos de preto passam por mim. Eu estou vazia. Tudo derramou de

mim.

Tobias está ao meu lado. Eu me preparo para a reação dele.

“Eu tenho as armas de volta,” diz, me oferecendo a minha faca.

Eu a enfio no bolso de trás sem encontrar seus olhos.

“Nós podemos falar sobre isso amanhã,” diz ele. Em voz baixa. Silêncio é perigoso,

com Tobias.

“Ok.” Ele desliza o braço sobre os meus ombros. Minha mão encontra o seu quadril,

e eu o puxo contra mim.

Eu seguro firme enquanto caminhamos em direção aos elevadores juntos.

Ele encontra duas camas no final de um corredor em algum lugar. Deitamos com

nossas cabeças a centímetros de distância, mas não conversamos.

Quando eu tenho certeza que ele está dormindo, eu saio de baixo dos cobertores e

caminho pelo corredor, passando por uma dúzia de Destemidos dormindo. Acho a porta

que leva para as escadas.

Enquanto subo passo a passo e meus músculos começam a queimar, meus

pulmões

a lutar por ar, eu sinto os primeiros momentos de alívio que experimentei em dias.

Eu posso ser boa em correr em terreno plano, mas subir escadas é outro assunto. Eu

massageio um espasmo de meu tendão enquanto passo pelo décimo segundo andar, e

tento recuperar um pouco do meu ar perdido. Eu sorrio pelo queimar feroz em minhas

pernas, no peito. Usando a dor para aliviar a dor. Não faz muito sentido.

No momento em que eu chego ao décimo oitavo andar, minhas pernas se sentem

como se fossem líquido. Eu tropeço em direção à sala onde fui interrogada. Está vazia

agora, mas os bancos do anfiteatro ainda estão lá, posso ver o brilho da lua atrás de uma

névoa de nuvens.

Eu coloco minhas mãos na parte de trás da cadeira. É simples: de madeira, um

pouco rangente. Como é estranho que algo tão simples poderia ter sido fundamental na

minha decisão de arruinar um dos meus relacionamentos mais importantes, e causar dano

em outro.

É ruim o suficiente o fato de eu ter matado Will, de eu não ter pensado rápido o

suficiente para chegar a outra solução. Agora eu tenho que viver com o julgamento de

todos os outros, assim como o meu, e com de fato de que nada será o mesmo novamente—

nem mesmo eu.

A Sinceridade canta louvores sobre verdade, mas nunca diz o quanto ela custa.

A borda da cadeira morde minhas mãos. Eu estava apertando mais forte do que

pensava. Eu olho para baixo para ela por um segundo e depois a levanto, equilibrando as

pernas no meu ombro bom. Eu procuro pelo espaço uma escada ou uma escadaria que me

ajudará a subir. Tudo o que vejo são os bancos do anfiteatro, subindo muito acima do

piso. Eu ando até o banco mais alto e levanto a cadeira acima da minha cabeça. Mal toca a

borda abaixo de um dos espaços da janela. Eu pulo, empurrando a cadeira para frente, e

desliza sobre a borda. Meu ombro dói—eu realmente não deveria usar o meu braço—mas

tenho outras coisas em minha mente.

Eu salto, agarro a borda, e me puxo para cima, com os braços tremendo. Eu balanço

minha perna e arrasto o resto do meu corpo para a borda. Quando subo, fico lá

por um

momento, sugando o ar e soprando-o de volta novamente.

Eu estou na borda, sob o arco do que costumava ser uma janela, e olho para fora na

cidade. O rio morto se enrola ao redor do prédio e desaparece. A ponte, sua tinta vermelha

descascada, estende-se sobre a lama. Após ela, edifícios, a maioria deles vazios. É difícil

acreditar que havia pessoas suficientes na cidade para preenchê-los.

Por um segundo, eu me permito reentrar na memória do interrogatório. A falta de

expressão de Tobias; sua raiva depois, reprimida por amor à minha sanidade. O olhar

vazio de Christina. Os sussurros, “Obrigado por sua honestidade.” Fácil de dizer quando

não os afeta.

Eu pego a cadeira e atiro-a sobre a borda. Um grito fraco me escapa. Ele cresce em

um berro, que se transforma em um grito, e então eu estou de pé no parapeito do Mart

Impiedoso, gritando enquanto a cadeira navega em direção ao chão, gritando até queimar

minha garganta. Em seguida, a cadeira atinge o solo, quebrando como um esqueleto

frágil. Sento-me no parapeito, inclinando-me para o lado da moldura da janela, e fecho os

olhos.

E então eu penso em Al.

Eu me pergunto quanto tempo Al ficou na borda antes de se jogar na Caverna do

Destemor.

Ele deve ter ficado lá por um longo tempo, fazendo uma lista de todas as coisas

terríveis que fez—quase me matar era uma dessas coisas—e outra lista de todas as boas

coisas heróicas e bravas que ele não fez, e então decidiu que estava cansado. Cansado, não

só de viver, mas de existir. Cansado de ser Al.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

93

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Abro os olhos, e olho para as peças da cadeira que posso ver levemente na calçada

abaixo. Pela primeira vez eu sinto que entendo Al. Estou cansada de ser Tris. Eu fiz coisas

ruins. Eu não posso desfazê-las, e elas são parte de quem eu sou. Na maioria das vezes,

elas parecem ser a única coisa que eu sou.

Eu me inclino para frente, para o ar, segurando-me ao lado da janela, com uma só

mão. Mais alguns centímetros e meu peso me puxaria para o chão. Eu não seria

capaz de

parar.

Mas eu não posso fazer isso. Meus pais perderam a vida por amor a mim. Perder a

minha por nenhuma boa razão seria uma maneira terrível de reembolsá-los por esse

sacrifício, não importa o que eu fiz.

“Que a culpa lhe ensine como se comportar na próxima vez,” meu pai diria.

“Eu te amo. Não importa o quê,” diria minha mãe.

Parte de mim deseja que eu pudesse tirá-los da minha mente, então eu nunca teria

que lamentar por eles. Mas o resto de mim está com medo do que eu seria sem eles.

Meus olhos embaçam com lágrimas, eu desço de volta para a sala de interrogatório.

Volto à minha cama ao amanhecer, e Tobias já está acordado. Ele se vira e vai em

direção aos elevadores, e eu o sigo, porque eu sei que é o que ele quer. Estamos no

elevador, lado a lado. Ouço um zumbido nos meus ouvidos.

O elevador desce até o segundo andar, e eu começo a tremer. Começa com as

minhas mãos, mas viaja para os meus braços e meu peito, até estremecimentos pequenos

passando por todo o meu corpo e não tenho nenhuma maneira de pará-los. Estamos entre

os elevadores, bem acima de outro símbolo da Sinceridade, as balanças desequilibradas. O

símbolo que também está desenhado no meio de sua coluna vertebral.

Ele não olha para mim por um longo tempo. Ele está com os braços cruzados e a

cabeça baixa, até que eu não aguento mais, até que eu sinto que poderia gritar. Eu deveria

dizer algo, mas eu não sei o que dizer. Eu não posso pedir desculpas, porque eu só disse a

verdade, e eu não posso mudar a verdade para mentira. Eu não posso dar desculpas.

“Você não me disse,” ele diz. “Por que não?”

“Porque eu não...” Eu balanço minha cabeça. ”Eu não sabia como.”

Ele franze a testa. ”É muito *fácil*, Tris...”

“Ah, sim,” eu digo, balançando a cabeça. “É *tão* fácil. Tudo o que tenho a fazer é ir

até você e dizer, ‘A propósito, eu atirei em Will, e agora a culpa está me rasgando em

pedaços, mas o que tem para o café da manhã?’ Certo? *Certo?* ” De repente, é demais,

demais para conter. Lágrimas enchem meus olhos, e eu grito, “Por que *você* não tenta

matar um de seus melhores amigos e depois lidar com as consequências?”

Eu cubro meu rosto com as mãos. Eu não quero que ele me veja chorando de

novo. Ele toca meu ombro.

“Tris,” ele diz, gentilmente desta vez. ”Eu sinto muito. Eu não deveria fingir que

entendo. Eu só queria dizer que...” Ele luta por um momento. ”Eu queria que você

confiasse em mim o suficiente para me dizer coisas assim.”

Eu confio em você, é o que eu quero dizer. Mas isso não é verdade, eu não confio nele

para me amar apesar das coisas terríveis que eu fiz. Eu não confio em ninguém para fazer

isso, mas isso não é problema dele, é meu.

“Eu quero dizer” diz ele, “eu tive que descobrir que você quase se afogou em um

tanque de água por *Caleb*. Isso não parece um pouco estranho para você?”

Justo quando eu estava prestes a pedir desculpas.

Eu limpo meu rosto com meus dedos e olho para ele.

“Outras coisas parecem estranhas,” eu digo, tentando fazer minha voz leve. ”Como

descobrir que a mãe supostamente morta do seu namorado ainda está viva ao *vê-la*

em pessoa. Ou de ouvir seus planos para aliar com os sem facção, mas ele nunca falou sobre

isso. Isso parece um pouco estranho para mim.”

Ele tira a mão do meu ombro.

“Não finja que isso é apenas problema meu,” eu digo. “Se eu não confio em você,

você também não confia em mim.”

“Eu pensei que chegaríamos a essas coisas eventualmente,” diz ele. ”Eu tenho que

dizer a você tudo de imediato?”

Eu me sinto tão frustrada. Eu não consigo nem falar por alguns segundos. Calor

enche meu rosto.

“Deus, *Quatro*!” eu o agarro. ”Você não quer ter de me contar tudo imediatamente,

mas eu tenho que dizer a você tudo de imediato? Você não pode ver o quão estúpido isso

é?”

“Primeiro de tudo, não use esse nome como uma arma contra mim,” diz ele,

apontando para mim. ”Em segundo lugar, eu não estava fazendo planos para me aliar

com os sem facção, eu estava pensando sobre isso. Se eu tivesse tomado uma decisão, eu

teria dito alguma coisa para você. E, terceiro, o que seria diferente se você tivesse

realmente a intenção de me contar sobre as coisas, em algum momento, mas é óbvio que

você não tinha."

"Eu *quis* falar sobre Will!" digo. "Não era o soro da verdade, era eu. *Eu* disse

porque eu escolhi."

"O que você está falando?"

"Eu estava consciente. Sob o soro. Eu poderia ter mentido, eu poderia ter escondido

isso de você. Mas não o fiz, porque eu pensei que você merecia saber a verdade."

"Que maneira de me dizer!" diz ele, carrancudo. "Na frente de mais de uma

centena de pessoas! Como se fosse íntimo!"

"Ah, então não é o suficiente que eu te disse; precisa ser no ambiente certo?"

Levanto minhas sobrancelhas. "Da próxima vez eu deveria preparar um chá e certificar se

a iluminação está certa também?"

Tobias solta um som frustrado e se afasta de mim, andando alguns passos. Quando

ele se vira, suas bochechas estão manchadas. Não me lembro de alguma vez ter visto seu

rosto mudar de cor antes.

"Às vezes," ele diz em voz baixa, "Não é fácil estar com você, Tris." Ele olha para

longe.

Eu quero dizer a ele que eu sei que não é fácil, mas eu não teria conseguido passar a

última semana sem ele. Mas eu só olho para ele, meu coração batendo em meus ouvidos.

Eu não posso dizer a ele que preciso dele. Eu não posso precisar dele, ponto— ou, na

verdade, não podemos precisar um do outro, porque quem sabe quanto tempo algum de

nós vai durar nesta guerra?

“Sinto muito,” eu digo, toda a minha raiva desaparecendo. ”Eu deveria ter sido

honesta com você.”

“É isso? Isso é tudo que você tem a dizer?” ele franze a testa.

“O que mais você quer que eu diga?”

Ele apenas balança a cabeça. “Nada, Tris. Nada.”

Eu o vejo ir embora. Eu sinto como se um vazio fosse aberto dentro de mim,

expandindo tão rapidamente que vai me quebrar em pedaços.

14

“Ok, que diabos você está fazendo aqui?” diz uma voz.

Sento em um colchão em um dos corredores. Eu vim aqui para fazer alguma coisa,

mas perdi minha linha de pensamento quando cheguei, então sentei ao invés disso. Eu

olho para cima. Lynn—que eu conheci quando ela pisou no meu pé no edifício Hancock—

está em cima de mim com as sobrancelhas levantadas. Seu cabelo está crescendo —ainda é

curto, mas eu não posso ver mais seu crânio.

“Eu estou sentada,” digo. ”Por quê?”

“Você é ridícula, é o que você é.” Ela suspira. ”Pegue suas coisas. Você é Destemor,

e está hora de você agir como uma. Você está nos dando uma má reputação entre a

Sinceridade.”

“Como exatamente eu estou fazendo isso?”

“Ao agir como se você não nos conhecesse.”

“Estou apenas fazendo um favor a Christina.”

“Christina.” Lynn bufa. “Ela é um filhotinho apaixonado. As pessoas morrem. É o

que acontece na guerra. Ela vai descobrir isso eventualmente.”

“Sim, as pessoas morrem, mas não é sempre o seu melhor amigo que as mata.”

“Tanto faz.” Lynn suspira impacientemente. ”Vamos.”

Eu não vejo uma razão para recusar. Levanto-me e a sigo por uma série de

corredores. Ela se move em um ritmo acelerado, e é difícil manter-se com ela.

“Onde está seu namorado assustador?” diz ela.

Meus lábios franzem como se eu provasse algo azedo. ”Ele não é assustador.”

“Claro que ele não é.” Ela sorri.

“Eu não sei onde ele está.”

Ela encolhe os ombros. ”Bem, você pode pegar um beliche pra ele também. Estamos

tentando esquecer aquelas crianças bastardas Destemor-Erudição. Nos reagrupar

novamente.”

Eu sorrio. ”Crianças bastardas Destemor-Erudição, hein.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

97

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ela empurra uma porta aberta, e nós estamos em uma sala grande, aberta, que me

lembra do lobby do edifício. Sem surpresa, os pisos são pretos com um símbolo branco

enorme no centro da sala, mas a maior parte foi coberta com beliches. Homens, mulheres e

crianças Destemor estão por toda parte, e não há um único Sincero à vista.

Lynn me leva para o lado esquerdo da sala entre as fileiras de beliches. Ela olha

para o menino sentado em um dos beliches no fundo—ele é alguns anos mais jovem do

que nós, e está tentando desfazer um nó em seus sapatos.

“Hec,” ela diz, “você vai ter que encontrar outro beliche.”

“O quê? De jeito nenhum,” diz ele, sem olhar para cima. ”Eu não estou mudando *de*

novo só porque você quer ter conversas até tarde da noite com um de seus amigos

estúpidos.”

“Ela não é minha amiga,” encaixa Lynn. Eu quase sorrio. Ela está certa – a primeira

coisa que ela fez quando me conheceu foi pisar no meu pé. ”Hec, esta é Tris. Tris, este é

meu irmão, Hector.”

Ao som de meu nome, empurrando a cabeça ele olha para mim, de boca aberta.

“Prazer em conhecê-lo” eu digo.

“Você é *Divergente,* ” diz ele. “Minha mãe disse para ficar longe de você, porque

você pode ser perigosa.”

“É. Ela é uma grande assustadora Divergente, e ela vai fazer sua cabeça explodir

com apenas o poder do seu cérebro,” diz Lynn, apontando-o entre os olhos com o dedo

indicador. ”Não me diga que você realmente *acredita* em todas as coisas de

criança sobre

Divergente.”

Ele fica vermelho e pega algumas de suas coisas de uma pilha ao lado da cama. Eu

me sinto mal por fazê-lo se mover até que eu o vejo jogar suas coisas em outro beliche. Ele

não precisa ir muito longe.

“Eu poderia ter feito isso,” eu digo. ”Dormir lá, quero dizer.”

“Sim, eu sei.” Lynn sorri. “Ele merece. Ele chamou Zeke de traidor bem na cara de

Uriah. Não é como se isso não fosse verdade, mas isso não é motivo para ser um idiota

sobre isso. Eu acho que a Sinceridade está passando para ele. Ele sente como se pudesse

simplesmente dizer o que quiser. Ei, Mar!”

Marlene enfia a cabeça em torno de um dos beliches e sorri para mim.

“Ei, Tris!” diz Marlene. “Bem-vinda. O que há, Lynn?”

“Você pode pedir para algumas das meninas menores dar algumas peças de roupa

cada uma?” Lynn diz “Não só camisas, no entanto. Jeans, roupa íntima, talvez

um par

extra de sapatos?”

“Claro,” diz Marlene.

Eu coloco a minha faca ao lado do beliche.

“Que *coisa de criança* você estava se referindo?” digo.

“*Os Divergentes*. Pessoas com especiais poderes cerebrais? Qual é.” Ela encolhe os

ombros. ”Eu sei que você acredita nisso, mas eu não.”

“Então como você explica eu estar acordada durante as simulações?” digo. “Ou

resistindo a uma totalmente diferente?”

“Acho que os líderes escolhem pessoas aleatoriamente e alteram as simulações para

eles.”

“Por que eles fariam isso?”

Ela acena com a mão no meu rosto. ”Distração. Você está tão ocupada se

preocupando com os Divergentes—como a minha mãe—que se esquece de se preocupar

com o que os líderes estão fazendo. É apenas um tipo diferente de controle da mente.”

Seus olhos deixam os meus, e ela chuta o chão de mármore com a ponta do

sapato. Eu me pergunto se ela está lembrando a última vez que ela estava sob controle da

mente. Durante a simulação de ataque.

Eu tenho estado tão focada no que aconteceu com a Abnegação que quase esqueci o

que aconteceu com Destemor. Centenas de Destemor acordaram para descobrir a marca

negra do assassinato sobre eles, e eles nem mesmo escolheram por si mesmos.

Eu decido não discutir com ela. Se ela quer acreditar em uma conspiração do

governo, não acho que eu posso dissuadi-la. Ela teria que experimentar por si mesma.

“Eu encontrei roupas,” diz Marlene, passando à frente do nosso beliche. Ela tem

uma pilha de roupas pretas do tamanho de seu torso, a qual ela oferece para mim com um

olhar orgulhoso em seu rosto. ”Eu ainda usei a culpa com sua irmã por um vestido,

Lynn. Ela trouxe três.”

“Você tem uma irmã?” pergunto a Lynn.

“Sim,” ela diz, “ela tem 18 anos. Ela estava na classe do Quatro.”

“Qual é o nome dela?”

“Shauna,” ela diz. Ela olha para Marlene. ”Eu disse a ela que nenhum de nós

precisaria de vestidos tão cedo, mas ela não ouviu, como de costume.”

Lembro-me de Shauna. Ela foi uma das pessoas que me pegou depois da tirolesa.

“Eu acho que seria mais fácil lutar em um vestido” diz Marlene, batendo com o

dedo no queixo. ”Daria livre movimento às pernas. E quem realmente se importa se as

pessoas vão ver sua calcinha, contanto que você esteja acabando com elas?”

Lynn fica em silêncio, como se reconhecesse aquilo como um pensamento brilhante,

mas não pudesse admitir.

“Que história é essa de mostrar a calcinha?” diz Uriah, evitando um beliche. ”Seja o

que for, eu estou dentro.”

Marlene dá um soco no braço dele.

“Alguns de nós estão indo para o edifício Hancock esta noite,” diz Uriah. “Vocês

deveriam vir. Estamos saindo às 10.”

“Tirolesa?” diz Lynn.

“Não. Vigilância. Nós ouvimos que a Erudição mantém as luzes acesas durante

toda a noite, o que vai tornar mais fácil olhar através de suas janelas. Ver o que eles estão

fazendo.”

“Eu vou,” eu digo.

“Eu também,” diz Lynn.

“O quê? Oh. Eu também,” Marlene diz, sorrindo para Uriah. ”Estou indo pegar

comida. Quer vir?”

“Claro,” ele diz.

Marlene e ele se afastam. Ela costumava andar com passos elevados, como se

estivesse pulando. Agora seus passos são mais suaves—mais elegantes, talvez, mas sem a

alegria infantil que eu associo com ela. Eu me pergunto o que ela fez quando estava sob a

simulação.

Lynn franze a boca.

“O quê?” digo.

“Nada,” ela estala. Ela balança a cabeça. ”Eles só ficam saindo sozinhos o tempo

todo ultimamente.”

“Parece que ele precisa de todos os amigos que ele pode conseguir,” eu digo. ”Com

Zeke e tudo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

100

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“É. O que era um pesadelo. Um dia ele estava aqui, e no outro...” suspira. ”Não

importa quanto tempo você treina alguém para ser corajoso, nunca se sabe se eles são ou

não até que algo real acontece.”

Seus olhos se fixam nos meus. Eu nunca percebi antes quão estranho eles são, um

marrom dourado. E agora que seu cabelo cresceu em pouco, e sua calvície não é a primeira

coisa que eu vejo, eu também observo o nariz delicado, os lábios, ela completa é

impressionante, sem tentar ser. Eu tenho inveja dela por um momento, e então acho que

ela deve odiar isso, e é por isso que ela raspou a cabeça.

“*Você* é corajosa,” diz ela. “Você não precisa me dizer isso, porque você já sabe

disso. Mas eu quero que você saiba que eu sei.”

Ela está me elogiando, mas eu ainda sinto que ela me bateu com uma coisa.

Então ela acrescenta: “Não estrague isso.”

Algumas horas mais tarde, depois de eu ter almoçado e tirado uma soneca, eu sento

na beira da minha cama para mudar o curativo no meu ombro. Eu tiro minha camiseta,

deixando minha blusa—há um monte de Destemidos em volta, reunidos entre os beliches,

rindo das piadas um dos outros. Acabo de terminar de aplicar mais pomada de

cicatrização quando ouço um grito de riso. Uriah corre pelo corredor entre os beliches com

Marlene jogada por cima do ombro. Ela acena para mim quando eles passam, com o rosto

vermelho.

Lynn, que está sentada na cama ao lado, bufa. ”Eu não vejo como ele pode estar

flertando, com tudo o que está acontecendo.”

“Ele deveria perambular por aí, carrancudo o tempo todo?” digo, alcançando sobre

meu ombro para pressionar o curativo na minha pele. ”Talvez você possa aprender

alguma coisa com ele.”

“Olha quem fala,” ela diz. ”Você está sempre deprimida. Deveríamos começar a

chamar vocêde Beatrice Prior, Rainha da Tragédia.”

Eu me inclino e bato em seu braço, mais forte do que se eu estivesse brincando,

mais suave do que se eu estivesse falando sério. ”Cale-se.”

Sem olhar para mim, ela empurra o meu ombro para o beliche. ”Eu não recebo

ordens de Caretas.”

Percebo uma curva ligeira em seu lábio e reprimo um sorriso.

“Pronta para ir?” pergunta Lynn.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

101

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Aonde vocês estão indo?” Tobias diz, deslizando entre sua cama e a minha até

ficar no corredor com a gente. Minha boca está seca. Eu não falei com ele o dia todo, e não

tenho certeza do que esperar. Será que vai ser estranho, ou vamos voltar ao normal?

“Topo do edifício Hancock para espionar a Erudição,” afirma Lynn. ”Quer vir?”

Tobias olha para mim. ”Não, tenho algumas coisas para cuidar aqui. Mas tenha

cuidado.”

Concordo com a cabeça. Eu sei por que ele não quer vir—Tobias tenta evitar alturas,

se possível. Ele toca meu braço, me segurando por um momento. Eu fico tensa—ele não

me tocou desde antes de nossa luta—e ele me libera.

“Eu te vejo mais tarde,” resmunga. ”Não faça nada estúpido.”

“Obrigada por esse voto de confiança,” eu digo, franzindo a testa.

“Eu não quis dizer isso,” diz ele. “Eu quis dizer, não deixe ninguém fazer nada

estúpido. Eles vão ouvir você.”

Ele se inclina para mim como se fosse me beijar, então parece pensar melhor e se

inclina para trás, mordendo o lábio. É um pequeno ato, mas ainda sinto como rejeição. Eu

evito seus olhos e corro atrás de Lynn.

Lynn e eu andamos pelo corredor em direção ao elevador. Alguns Destemidos

começaram a marcar as paredes com quadrados coloridos. A sede da Sinceridade é como

um labirinto para eles, e querem aprender a navegar por ele. Eu só sei como chegar aos

lugares mais básicos: a área de dormir, a lanchonete, o lobby, a sala de interrogatório.

“Por que todo mundo deixou a sede Destemor?” digo. ”Os traidores não estão lá,

não é?”

“Não, eles estão na sede da Erudição. Saímos porque a sede Destemor tem mais

câmeras de vigilância que qualquer área da cidade,” afirma Lynn. “Sabíamos que a

Erudição provavelmente poderia acessar todas as filmagens, e que levaria uma eternidade

para encontrar todas as câmeras, então pensamos que era melhor ir embora.”

“Inteligente.”

“Nós temos nossos momentos.”

Lynn pressiona o dedo no botão para o primeiro andar. Eu fico olhando para nossos

reflexos nas portas. Ela é mais alta do que eu apenas alguns centímetros, e apesar de sua

camisa e calças largas tentar encobri-la, eu posso dizer seu corpo tem curvas como deveria.

“O quê?” diz ela, franzindo o cenho para mim.

“Por que você raspou sua cabeça?”

“Iniciação,” diz. ”Eu amo Destemor, mas caras Destemor não veem garotas

Destemor como uma ameaça durante a iniciação. Eu enchi disso. Então pensei, se eu não

me parecer tanto com uma menina, talvez eles não vão olhar para mim desse jeito.”

“Eu acho que você poderia ter usado ser subestimada para sua vantagem.”

“Sim, e o quê? Agir como fraca cada vez que algo assustador viesse?” Lynn revira

os olhos. ”Você acha que eu tenho zero dignidade ou algo assim?”

“Acho que um erro que Destemor comete é, se recusar a ser astuto,” digo. ”Você

não tem que sempre bater no rosto das pessoas para mostrar quão forte você é.”

“Talvez você devesse se vestir de azul a partir de agora,” diz ela, “se você vai agir

como uma Erudita. Além disso, você faz a mesma coisa, mas sem o corte de cabelo.”

Eu escapo do elevador antes de dizer algo que vou me arrepender. Lynn é rápida

para perdoar, mas rápida para acender, como a maioria do Destemor. Como eu, exceto a

parte do *rápida para perdoar*.

Como de costume, alguns Destemor com armas grandes atravessam para frente e

para trás na frente das portas, vigiando por intrusos. Justo na frente deles está um

pequeno grupo de Destemidos mais jovens, incluindo Uriah; Marlene; a irmã de Lynn,

Shauna; e Lauren, que ensinou os iniciados nascidos Destemor enquanto Quatro ensinou

os transferidos de facção durante a iniciação. Sua orelha brilha quando move a cabeça—é

perfurada de cima a baixo.

Lynn para brevemente, e eu piso em seu calcanhar. Ela fala um palavrão.

“Que charme você tem,” diz Shauna, sorrindo para Lynn. Elas não se parecem

muito, com exceção de sua cor de cabelo, que é um castanho médio, mas o de Shauna é na

altura do queixo, como o meu.

“Sim, esse é o meu objetivo. Ser encantadora” responde Lynn.

Shauna coloca um braço sobre os ombros de Lynn. É estranho ver Lynn com uma

irmã—ver Lynn com uma ligação com qualquer pessoa. Shauna olha para mim, seu

sorriso desaparecendo. Ela parece desconfiada.

“Oi,” eu digo, porque não há nada mais a dizer.

“Olá,” diz ela.

“Oh Deus, mamãe falou com você também, não falou.” Lynn cobre o rosto com

uma das mãos. ”Shauna...”

“Lynn. Mantenha sua boca fechada por uma vez,” diz Shauna, os olhos ainda em

mim. Ela parece tensa, como se achasse que eu poderia atacá-la a qualquer momento. Com

os meus poderes cerebrais especiais.

“Oh!” diz Uriah, em meu resgate. ”Tris, você conhece Lauren?”

“Sim,” diz Lauren, antes que eu possa responder. Sua voz é nítida e clara, como se

estivesse repreendendo-o, exceto que parece ser o jeito como ela soa naturalmente. ”Ela

passou pela minha paisagem do medo durante a iniciação. Então, ela me conhece melhor

do que deveria, provavelmente.”

“Sério? Eu pensei que os transferidos passariam pela paisagem do Quatro,” diz

Uriah.

“Como se ele fosse deixar alguém fazer isso,” diz ela, bufando.

Algo dentro de mim fica quente e macio. Ele *me* deixou passar por isso.

Eu vejo um brilho azul por cima do ombro de Lauren, e olho ao seu redor para ver

melhor.

Então as armas disparam.

As portas de vidro explodem em fragmentos. Soldados Destemor com braçadeiras

azuis estão na calçada do lado de fora, carregando armas que eu nunca vi antes, armas

com estreitos feixes azuis de luz acima dos seus barris.

“Traidores!” alguém grita.

Os Destemidos tiram as suas armas, quase em uníssono. Eu não tenho uma para

tirar, então eu abaixo atrás do muro de Destemor leal diante de mim, meus

sapatos

mastigando pedaços de vidro sob suas solas, e puxo a faca do meu bolso de trás.

Ao meu redor, as pessoas caem no chão. Meus companheiros de facção. Meus

amigos mais próximos. Todos eles caindo—eles devem estar mortos ou morrendo—

enquanto o estrondo ensurdecedor de balas enche meus ouvidos.

Então eu congelo. Um dos feixes azul é fixado no meu peito. Eu mergulho de lado

para sair da linha de fogo, mas eu não me movo rápido suficiente.

A arma dispara. Eu caio.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

104

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

15

A dor diminiu para uma dor incômoda. Eu deslizo minha mão debaixo da minha

jaqueta e sinto a ferida.

Eu não estou sangrando. Mas a força do tiro me derrubou, por isso eu deveria ter

sido atingida com algo. Eu corro meus dedos por cima do meu ombro, e sinto um calombo

rígido onde a pele costumava ser lisa.

Eu ouço um estalo contra o chão ao lado do meu rosto, e um cilindro de metal do

tamanho da minha mão rola e para contra a minha cabeça. Antes que eu possa movê-lo,

sprays brancos de fumaça de ambos os lados. Eu tusso, e jogo para longe de mim, no

fundo do saguão. Não é apenas o cilindro, porém—eles estão em toda parte, enchendo a

sala com fumaça que não queima ou pica. Na verdade, ela só obscurece minha visão por

alguns segundos antes de evaporar completamente.

Qual era o objetivo?

Deitado no chão todos os soldados Destemor estão com os olhos fechados. Eu faço

uma careta quando olho para cima e vejo Uriah caído—ele não parece estar sangrando. Eu

não vejo nenhum ferimento perto de seus órgãos vitais, o que significa que ele

não está

morto. Então, o que o deixou inconsciente? Eu olho por cima do meu ombro esquerdo,

onde Lynn caiu em uma posição estranha, meio enrolada. Ela também está inconsciente.

Os traidores Destemor andam no hall de entrada, com as armas levantadas. Eu

decido fazer o que sempre faço quando não tenho certeza do que está acontecendo: eu ajo

como todo mundo. Eu deixo minha cabeça cair e fecho os olhos. Meu coração bate

enquanto os passos dos Destemor chegam mais perto, e mais perto, rangendo no piso de

mármore. Eu mordo minha língua para suprimir um grito de dor quando um deles pisa na

minha mão.

“Não sei por que não podemos simplesmente matar todos com um tiro na cabeça,”

disse um deles. “Se não há exército, nós ganhamos.”

“Agora, Bob, não podemos simplesmente matar *todos*, ” diz uma voz fria.

O cabelo na parte de trás do meu pescoço se levanta. Eu conheço essa voz em

qualquer lugar. Ela pertence a Eric, líder do Destemor.

“Sem pessoas significam que mais ninguém crie condições prósperas,” Eric

continua. “De qualquer forma, não é o seu trabalho fazer perguntas.” Ele levanta a voz.

“Metade nos elevadores, metade nas escadas, à esquerda e direita! Vão!”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

105

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Há uma arma alguns metros a minha esquerda. Se eu abrir meus olhos, eu poderia

pegar e atirar nele antes que ele soubesse o que o atingiu. Mas não há nenhuma garantia

que eu seria capaz de tocá-lo sem entrar em pânico novamente.

Espero até ouvir o último passo desaparecer atrás de um elevador ou em uma

escada antes de abrir meus olhos. Todos no lobby parecem estar inconscientes. O gás que

os atingiu deveria ser indução de simulação, ou eu não seria a única acordada. Não faz

qualquer sentido—não segue as regras de simulação com as quais eu estou

familiarizada—mas não tenho tempo para pensar sobre isso.

Pego minha faca e levanto, tentando ignorar a dor no meu ombro. Eu corro para um

dos traidores Destemor morto perto da porta. Ela estava na meia-idade; há indícios de

cinza em seu cabelo escuro. Eu tento não olhar para a bala brilhando na ferida da cabeça,

mas a luz fraca no que parece ser osso, e eu engasgo.

Pense. Eu não me importo com o que ela era, ou qual era seu nome, ou quão velha

era. Eu me preocupo apenas com o azul na braçadeira que ela usa. Tenho que me

concentrar nisto. Eu tento passar o meu dedo ao redor do tecido, mas não se solta. Ele

parece estar ligado a sua jaqueta preta. Vou ter que levar isso também.

Eu tiro minha jaqueta e lanço sobre o rosto para que não tenha que olhar para ela.

Então eu tiro o casaco e puxo, primeiro de seu braço esquerdo, e depois de seu braço

direito, rangendo os dentes, enquanto a deslizo debaixo de seu corpo pesado.

“Tris!” diz alguém. Eu viro, jaqueta em uma mão, faca na outra. Eu afasto a faca —

os Destemor não carregavam facas e eu não quero ficar evidente.

Uriah está atrás de mim.

“Divergente?” pergunto a ele. Não há tempo para ficar chocada.

“Sim,” ele diz.

“Pegue uma jaqueta,” eu digo.

Ele agacha ao lado de um dos outros traidores Destemor, nem jovem, nem velho o

suficiente para ser um membro Destemor. Eu vacilo com a visão de seu rosto pálido de

morte. Alguém tão jovem não devia ser morto, não deveria nem mesmo estar aqui, em

primeiro lugar.

Meu rosto fica quente com a raiva, eu visto a jaqueta da mulher. Uriah puxa sua

própria jaqueta, sua boca apertada.

“São *eles* que estão mortos,” diz ele calmamente. “Algo aqui parece errado para

você?”

“Eles deveriam saber que atirariam neles, mas vieram mesmo assim,” eu digo.

“Perguntas mais tarde. Temos que ir lá para cima.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

106

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Lá em cima? Por quê?” diz ele. “Devemos sair daqui.”

“Você quer fugir antes de saber o que está acontecendo?” Eu faço carranca para ele.

“Antes dos Destemidos no andar de cima saberem o que os atingiu?”

“E se alguém nos reconhecer?”

Eu dou de ombros. “Nós apenas temos que esperar que não.”

Eu corro em direção à escada, e ele me segue. Assim que meu pé toca o primeiro

degrau, eu me pergunto o que na terra eu pretendo fazer. Não é obrigado ter mais

Divergentes neste edifício, mas será que eles sabem o que são? Será que eles sabem

esconder? E o que eu esperava ganhar entrando em um exército de traidores Destemor?

Dentro de mim eu sei a resposta: estou sendo imprudente. E provavelmente não

vou ganhar nada. Eu provavelmente vou morrer.

E mais preocupante ainda: eu realmente não me importo.

“Eles continuarão seu trabalho lá em cima,” digo entre as respirações. “Então você

deve... Vá para o terceiro andar. Diga a eles para... Evacuarem. Em voz baixa.”

“Aonde *você* vai, então?”

“Segundo andar,” eu digo. Enfio meu ombro para a porta do segundo andar. Eu sei

o que fazer no segundo andar: procurar por Divergentes.

Enquanto ando pelo corredor, pisando sobre as pessoas inconscientes vestidas de

preto e branco, eu penso em um verso da canção da Sinceridade que as crianças

costumavam cantar quando pensava que ninguém podia ouvi-las:

Destemor é a mais cruel das cinco.

Eles despedaçam uns aos outros...

Ela nunca pareceu mais verdadeira para mim do que agora, vendo traidores

Destemor induzir uma simulação de dormir que não é tão diferente daquela que os

obrigou a matar membros de Abnegação nem um mês atrás.

Nós somos a única facção que poderia fazer isto. Amizade não faria, ninguém em

Abnegação seria tão egoísta; Sinceridade argumentaria até que encontrassem uma solução

comum e mesmo a Erudição nunca faria algo ilógico assim. Estamos realmente na facção

mais cruel.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

107

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu pulo um braço dobrado e uma mulher com a boca entreaberta, e cantarolo o

início do próximo verso da canção sob a minha respiração.

Erudição é a mais fria das cinco.

O conhecimento é uma coisa cara...

Gostaria de saber quando Jeanine percebeu que a Erudição e Destemor fariam uma

combinação mortal. Crueldade e lógica fria, ao que parece, pode realizar quase tudo,

inclusive colocar uma facção para dormir.

Eu examino rostos e corpos enquanto ando, em busca de respirações irregulares,

pálpebras piscando, qualquer coisa que sugira que as pessoas deitadas no chão estão

apenas fingindo estar inconscientes. Até agora, todos respiram e ainda todas as pálpebras

estão fechadas. Talvez nenhum dos Sinceros seja Divergente.

“Eric!” eu ouço alguém gritar do fundo do corredor. Prendo a respiração enquanto

ele caminha direto para mim. Tento não me mexer. Se eu me mexer, ele vai olhar para

mim, e vai me reconhecer, eu sei disso. Eu olho para baixo, tão tensa que tremo. *Não olhe*

para mim, não me olhe, não olhe para mim...

Eric passa por mim e entra no corredor à minha esquerda. Eu deveria continuar a

minha procura tão rapidamente quanto possível, mas a curiosidade me impele para frente,

em direção de quem chamou Eric. O grito soou urgente.

Quando levanto os meus olhos, eu vejo um soldado Destemor em pé sobre uma

mulher ajoelhada. Ela veste uma blusa branca e uma saia preta, e tem as mãos atrás da

cabeça. O sorriso de Eric é ganancioso, mesmo de perfil.

“Divergente,” diz ele. “Bem feito. Traga-a para a rampa do elevador. Nós vamos

decidir quais matar e quais traremos de volta mais tarde.”

O soldado Destemor agarra a mulher pelo rabo de cavalo e anda para a rampa do

elevador, arrastando-a atrás dele. Ela grita, e depois embaralha a seus pés, curvada. Tento

engolir, mas parece que tenho um maço de bolas de algodão na minha garganta.

Eric continua pelo corredor, longe de mim, e tento não olhar como a mulher da

Sinceridade tropeça passando por mim, seu cabelo ainda preso no punho do soldado

Destemor. Por agora eu sei como o terror funciona: o deixo me controlar alguns segundos,

e depois me forço a agir.

Um... Dois... Três...

Eu sigo em frente com um novo senso de propósito. Observando cada pessoa,

vendo se estão acordados está tomando muito tempo. A próxima pessoa inconsciente que

eu vejo transversalmente, eu piso forte em seu dedo mindinho. Nenhuma resposta, nem

mesmo um tique. Eu passo sobre eles e encontro a próxima pessoa, pressionando

duramente o dedo com a ponta do meu sapato. Nenhuma resposta lá.

Eu ouço alguém gritar, “Tenho um!” de um corredor distante e começo a me sentir

frenética. Eu pulo o homem caído, depois uma mulher caída, sobre as crianças,

adolescentes e idosos, pisando em dedos, estômagos ou tornozelos, buscando sinais de

dor. Eu mal conseguia ver seus rostos depois de um tempo, mas eu ainda não obtenho

resposta. Eu estou brincando de esconde-esconde com os Divergentes, mas não sou a

única pessoa que está.

E então acontece. Eu estou pisando em um dedinho de uma menina da Sinceridade,

e seu rosto contrai. Apenas um pouco—uma impressionante tentativa de esconder a dor—

mas o suficiente para chamar minha atenção.

Eu olho por cima do meu ombro para ver se há alguém perto de mim, mas todos se

transferiram deste corredor central. Eu verifico se há uma escada mais próxima do que

uma há dez metros de distância, por um lado corredor à minha direita. Eu agacho ao lado

da cabeça da menina.

“Ei, garota,” eu digo tão silenciosamente quanto posso. “Está tudo bem. Eu não sou

um deles.”

Seus olhos abrem, só um pouco.

“Há uma escada a cerca a três metros de distância,” digo. “Eu vou te dizer quando

alguém estiver olhando, e então você tem que correr, entendeu?”

Ela acena com a cabeça.

Eu levando e me movo em um lento círculo. Um traidor Destemor à minha

esquerda está olhando para longe, empurrando um Destemor mole com o pé. Dois

traidores Destemor atrás de mim estão rindo de alguma coisa. Um em frente está vindo à

minha direção, mas em seguida, ele levanta a cabeça e começa a descer o corredor de

novo, longe de mim.

“Agora,” eu digo.

A menina se levanta e corre em direção à porta da escada. Eu a observo até ouvir os

cliques da porta se fechando, e vejo o meu reflexo de uma das janelas. Mas eu não estou

sozinha em um corredor de pessoas dormindo, como eu pensava. Eric está de pé bem atrás

de mim.

Eu olho para o seu reflexo, e ele olha para trás para mim. Eu poderia me distanciar

dele. Se eu me mover rápido o suficiente, ele pode não ter a presença de espírito para me

agarrar. Mas eu sei, mesmo que a ideia me ocorra, que eu não vou ser capaz de correr mais

que ele. E eu não vou ser capaz de matá-lo, porque eu não tenho uma arma.

Eu giro ao redor, trazendo meu cotovelo para cima, e empurro para o rosto de Eric.

Ele pega o fim de seu queixo, mas não forte o suficiente para fazer qualquer dano. Ele

agarra meu braço esquerdo com uma mão e pressiona um cano da arma na minha testa

com a outra, sorrindo para mim.

“Eu não entendo,” diz ele, “como você poderia possivelmente ser estúpida o

suficiente para vir até aqui sem nenhuma arma.”

“Bem, eu sou inteligente o suficiente para fazer isso,” eu digo. Eu bato forte no pé

em que eu disparei uma bala há menos de um mês. Ele grita, seu rosto se contorce e

impulsiona o calcanhar da arma na minha mandíbula. Eu cerro os dentes para suprimir

um gemido. Escorre sangue no meu pescoço—ele cortou a pele.

Através de tudo isso, o controle sobre meu braço não diminui nenhuma uma vez.

Mas o fato que ele não me mata com um tiro na cabeça me diz uma coisa: Ele não está

autorizado a me matar ainda.

“Fiquei surpreso ao descobrir que você ainda estava viva,” diz ele. “Considerando

que fui eu quem disse a Jeanine para construir a caixa d'água só para você.”

Tento descobrir o que eu posso fazer que vai ser doloroso o suficiente para ele me

libertar. Acabo decidindo sobre um forte chute na virilha quando ele desliza por trás de

mim e me agarra pelos braços, apertando contra mim, então eu mal posso me mexer. Suas

unhas cavam a minha pele, e eu cerro os dentes, tanto da dor e do sentimento doentio de

seu peito em minhas costas.

“Ela pensou que estudar a reação de um dos Divergentes na vida real de uma

simulação seria fascinante,” diz ele, e me pressiona para a frente, por isso tenho de andar.

Sua respiração faz cócegas no meu cabelo. “E eu concordei. Você vê, talento—uma das

qualidades que a maioria da Erudição valoriza—exige criatividade.”

Ele torce as mãos para os calos rasparem meus braços. Eu movo o meu corpo

ligeiramente para a esquerda enquanto ando, tentando posicionar um dos meus pés entre

os seus avançando. Eu observo com feroz prazer que ele está mancando.

“Às vezes, a criatividade parece desperdício, ilógico... a menos que seja feito para

um propósito maior. Neste caso, o acúmulo de conhecimento.”

Eu paro de caminhar apenas o tempo suficiente para trazer o meu calcanhar para

cima, forte, entre suas pernas. A alta-frequência de engate solta um grito de sua garganta,

parou antes de realmente começar, e suas mãos ficam moles por apenas um momento.

Naquele momento, eu torço meu corpo tão forte quanto eu posso e me liberto. Eu não sei

para onde estou correndo, mas eu tenho que correr, tenho de...

Ele agarra meu cotovelo, puxando-me de volta, e empurra o dedo na ferida no

ombro, torcendo até que a dor faz minha visão escurecer nas bordas, e eu grito alto dos

meus pulmões.

“Eu me *lembrei* da filmagem de você naquele tanque de água que você levou um

tiro no ombro,” diz ele. “É. Parece que eu estava certo.”

Meus joelhos cedem, e ele agarra meu colar quase descuidadamente, arrastando-me

para rampa do elevador. O tecido aperta em minha garganta, me sufocando, e eu tropeço

atrás dele. Meu corpo lateja de dor persistente.

Quando chegamos ao elevador, ele obriga-me a ficar de joelhos ao lado da Mulher

da Sinceridade que vi antes. Ela e quatro outros se sentam entre as duas fileiras de

elevadores, mantida no lugar por Destemor com armas.

“Eu quero uma arma nela,” diz Eric. “Não apenas apontada para ela. *Nela*.”

Um homem Destemor empurra o cano da arma na parte de trás do meu pescoço.

Ele forma um círculo frio na minha pele. Eu ergo meus olhos para Eric. Seu rosto está

vermelho, seus olhos lacrimejam.

“Qual é o problema, Eric?” eu digo, levantando as sobrancelhas. “Com medo de

uma pequena menina?”

“Eu não sou burro,” ele diz, empurrando as mãos pelos cabelos. “Essa atuação de

menina pode ter funcionado em mim antes, mas não vai funcionar novamente. Você é o

melhor cão de ataque que eles têm.” Ele se inclina mais perto de mim. “É por isso que eu

tenho certeza que você vai ser derrubada em breve.”

Uma das portas do elevador se abre, e um soldado Destemor empurra Uriah—cujos

lábios estão manchados de sangue—em direção à fila dos Divergentes. Uriah olha para

mim, mas eu não posso ler sua expressão suficientemente bem para saber se ele foi bem

sucedido ou não. Se ele está aqui, provavelmente falhou. Agora eles vão encontrar todos

os Divergentes no edifício, e a maioria de nós vai morrer.

Eu provavelmente deveria ter medo. Mas, em vez disso, uma histérica bolha de

risada dentro de mim, só porque eu me lembrei de algo:

Talvez eu não possa segurar uma arma. Mas eu tenho uma faca no bolso de trás.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

16

Eu movo minha mão para trás, centímetro por centímetro, para que o soldado

apontando uma arma para mim não perceba. As portas do elevador abrem novamente,

trazendo mais Divergentes com traidores Destemor. A mulher da Sinceridade à minha

direita geme. Fios de cabelo estão presos aos lábios, que estão molhados com saliva ou

lágrimas, não posso dizer.

Minha mão alcança o canto do meu bolso. Eu mantenho estável, os meus dedos

trêmulos com antecipação. Eu tenho que esperar o momento certo, quando Eric estiver

distraído.

Concentro-me na mecânica de minha respiração, imaginando o ar enchendo cada

parte dos meus pulmões enquanto eu inalo, em seguida, lembrando como eu exalo

enquanto todo o meu sangue, oxigenado e não oxigenado, desloca-se do coração.

É mais fácil pensar em biologia do que na linha de Divergentes sentados entre os

elevadores. Um menino da Sinceridade que não pode ter mais de 11 anos se senta à minha

esquerda. Ele é mais corajoso do que a mulher a minha direita – ele olha para o soldado

Destemor na frente dele, inabalável.

Ar dentro, ar para fora. Sangue percorreu todo o caminho para minhas

extremidades, o coração é um músculo poderoso, o músculo mais forte do corpo, em

termos de longevidade. Mais Destemidos chegam, relatando o sucesso das varreduras de

andares específicos do Mart Impiedoso. Centenas de pessoas inconscientes no chão,

baleado com outra coisa que não balas, e não tenho ideia do porquê.

Mas estou pensando no coração. Não no meu coração mais, mas no de Eric, e como

o peito vazio irá soar quando o seu coração não estiver mais batendo. Apesar do quanto o

odeio, eu realmente não quero matá-lo, pelo menos não com uma faca, tão perto onde eu

possa ver a vida deixá-lo. Mas resta uma chance para eu fazer algo útil, e se eu quiser bater

a Erudição onde dói, eu tenho que tomar um dos líderes deles.

Eu noto que ninguém trouxe a menina da Sinceridade. Eu olho para o elevador, o

que significa que ela deve ter escapado. Bom.

Eric aperta as mãos atrás das costas e começa a andar, para trás e para frente, diante

da linha de Divergentes.

“Minhas ordens são para levar apenas dois de vocês de volta para a sede da

Erudição para o teste,” diz Eric. “O resto de vocês serão executados. Existem várias formas

de determinar quem dentre vocês será menos útil para nós.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

112

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Seus passos ficam lentos quando ele se aproxima de mim. Eu endureço meus dedos,

para agarrar o cabo da faca, mas ele não chega perto o suficiente. Ele continua andando e

para na frente do rapaz à minha esquerda.

“O cérebro termina o desenvolvimento na idade de 25,” diz Eric. “Portanto, a sua

Divergência não está completamente desenvolvida.”

Ele levanta a arma e atira.

Um grito estrangulado salta do meu corpo enquanto o menino caía no chão, e eu

aperto meus olhos fechados. Cada músculo de meu corpo salta em direção a ele, mas eu

me seguro de volta. *Espere, espere, espere*. Eu não posso pensar no menino. *Espere*. Eu forço

meus olhos abertos e pisco as lágrimas deles.

Meu grito conseguiu uma coisa: agora Eric está na minha frente, sorrindo. Eu

chamei sua atenção.

“Você também é jovem demais,” diz ele. “Longe de terminar seu

desenvolvimento.”

Ele dá um passo em minha direção. Meus dedos se aproximam do cabo da faca.

“A maioria dos Divergentes obtém dois resultados na prova de aptidão. Alguns só

obtêm um. Ninguém jamais conseguiu três, não por falta de aptidão, mas simplesmente

porque, para obter esse resultado, você tem de recusar escolher algo,” diz ele, movendo-se

mais perto ainda. Eu inclino a cabeça para trás para olhar para ele, em todo o metal

brilhando em seu rosto, os olhos vazios.

“Meus superiores suspeitam que você tem dois, Tris,” diz ele. “Eles não acham que

você é tão complexa—apenas uma mistura igual de Abnegação e Destemor—altruísta a

ponto da idiotice. Ou será corajosa a ponto da idiotice?”

Eu fecho a minha mão em torno da faca, seguro e aperto. Ele se inclina para mais

perto.

“Apenas entre você e eu... *Eu* acho que você pode ter obtido três, porque você é o

tipo de pessoa teimosa que se recusa a fazer uma simples escolha só porque disseram,” ele

diz. “Pode me esclarecer?”

Eu dou uma guinada para frente, puxando a minha mão do meu bolso. Eu fecho

meus olhos, enquanto empurro a lâmina para cima e em direção a ele. Eu não quero ver

seu sangue.

Sinto a faca entrar e depois retiro de novo. Todo o meu corpo pulsa no ritmo do

meu coração. A parte de trás do meu pescoço está pegajosa de suor. Abro os olhos

enquanto Eric cai no chão e, em seguida—caos.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

113

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Os traidores Destemor não estão segurando armas letais, apenas as que disparam o

que eles atiraram em nós antes, então todos eles lutam por suas armas de verdade.

Enquanto eles procuram suas armas, Uriah se lança em um deles e lhe dá um soco forte no

queixo. A vida sai dos olhos do soldado e ele cai. Uriah pega a arma do soldado e começa

a atirar no Destemido mais próximo de nós.

Eu procuro a arma de Eric, tão em pânico que mal posso ver, e quando eu olho, juro

que a quantidade de Destemor na sala dobrou. Tiros enchem meus ouvidos, e eu caio no

chão quando todo mundo começa a correr. Meus dedos escovam o cano da arma,

e eu

estremeço. Minhas mãos estão fracas demais para agarrá-la.

Um braço pesado envolve meus ombros e me empurra para a parede. Meu ombro

direito queima, e eu vejo o símbolo Destemor tatuado em uma nuca. Tobias se vira, agacha

em torno de mim para me proteger dos tiros, e balas.

“Diga-me se alguém está atrás de mim!” diz ele.

Eu espreito por cima do ombro, enrolando minhas mãos em punhos em torno de

sua camisa.

Existem mais Destemor na sala, sem braçadeiras azuis—traidores Destemor. Minha

facção. Minha facção veio nos salvar. Como eles estão acordados?

Os traidores Destemor correm para longe do elevador. Não estavam preparados

para um ataque, não de todos os lados. Alguns deles lutam, mas a maioria corre para as

escadas. Tobias atira mais e mais uma vez, até que a arma fica sem balas, e o gatilho faz

um clique soar. Minha visão está muito embaçada com lágrimas e minhas mãos também

inúteis para disparar uma arma. Eu grito entre os dentes, frustrada. Eu não posso ajudar.

Eu sou inútil.

No chão, Eric geme. Ainda vivo, por enquanto.

Os tiros gradualmente param. Minha mão está molhada. Um vislumbre de

vermelho me diz que estou coberta com o sangue—de Eric. Eu limpo em minhas calças e

tento piscar as lágrimas. Meus ouvidos estão zumbindo.

“Tris,” diz Tobias. “Você pode abaixar a faca agora.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

114

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

17

Tobias me conta a história:

Quando a Erudição atingiu o átrio da escada, um deles não subiu para o segundo

andar. Em vez disso, ela correu até um dos níveis mais altos do edifício. Lá, ela evacuou

um grupo de Destemidos leais—inclusive Tobias – para uma saída de incêndio que os

traidores Destemor não selaram. Aqueles Destemidos leais reunidos no hall de entrada se

dividiram em quatro grupos que invadiram as escadarias simultaneamente, em torno dos

traidores Destemor, que estavam agrupados perto do elevador.

Os traidores Destemor não estavam preparados para tanta resistência. Eles

pensaram que todos, menos os Divergentes, estavam inconscientes, então eles correram.

A mulher da Erudição era Cara. Irmã mais velha de Will.

Soltando um suspiro, eu abaixo a jaqueta dos meus braços e examino meu ombro.

Um disco de metal do tamanho da unha do meu dedo mindinho está pressionado contra a

minha pele. Em torno dela tem um pedaço de fios azuis, como se alguém injetasse tinta

azul nas pequenas veias logo abaixo da superfície da minha pele. Franzindo a testa, eu

tento descascar o disco de metal do meu braço, e sinto uma dor aguda.

Rangendo os dentes, eu calço a ponta da lâmina da minha faca debaixo do disco e

força. Eu grito com os dentes cerrados, quando a dor corre através de mim, fazendo tudo

escurecer por um momento. Mas eu continuo empurrando, tão forte quanto eu posso, até

que o disco se eleva da minha pele o suficiente para eu conseguir meus dedos em torno

dele. Presa no fundo do disco tem uma agulha.

Eu seguro o disco na ponta dos dedos, e puxo uma última vez. Desta vez, a agulha

vem fácil. É menor que meu dedo e manchada com meu sangue. Eu ignoro o sangue

escorrendo pelo meu braço e seguro o disco e a agulha até a luz acima da pia.

A julgar pelo corante azul em meu braço e a agulha, eles devem ter nos injetado

com algo. Mas o quê? Veneno? Um explosivo?

Eu balanço minha cabeça. Se quisessem nos matar, a maioria de nós já estaria

inconsciente, para que pudessem dar apenas um tiro em todos nós. O que quer que seja

que eles nos injetaram não é para nos matar.

Alguém bate na porta. Eu não sei por quê—estou em um banheiro público, afinal.

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Tris, você está aí?” a voz abafada de Uriah pergunta.

“Sim,” eu respondo.

Uriah parece melhor do que estava uma hora atrás—ele lavou o sangue da boca, e

alguma cor voltou ao seu rosto. Estou impressionada, de repente, por quão bonito ele é—

todas as suas características são proporcionais, seus olhos escuros e animados, sua pele

bronze-marrom. E ele provavelmente sempre foi bonito. Só os garotos que foram bonitos

desde criança têm aquela arrogância em seu sorriso.

Não como Tobias, que é quase tímido quando sorri, como se estivesse surpreso que

você se preocupou em olhar para ele em primeiro lugar.

Minha garganta dói. Eu coloco a agulha e o disco na extremidade da pia.

Uriah olha de mim para a agulha e para a linha de sangue na minha mão correndo

do meu ombro para o meu pulso.

“Nojento,” diz ele.

“Não estava prestando atenção,” digo. Eu coloco a agulha para baixo e pego uma

toalha de papel, limpando o sangue no meu braço. “Como estão os outros?”

“Marlene conta piadas, como sempre.” O sorriso de Uriah cresce, colocando

uma

covinha na bochecha. “Lynn está resmungando. Espere, você puxou isso do seu próprio

braço?” Ele aponta para a agulha. “Deus, Tris. Você não tem terminações nervosas ou

alguma coisa?”

“Eu acho que preciso de um curativo.”

“Você acha?” Uriah balança sua cabeça. “Você deveria pegar um pouco de gelo

para seu rosto, também. Então, todo mundo está acordando agora. Está uma loucura lá

fora.”

Eu toco minha mandíbula. Está dolorida onde a arma de Eric me bateu—vou ter

que colocar pomada de cicatrização sobre ela para não ficar roxo.

“Eric está morto?” Eu não sei qual a resposta que estou esperando, sim ou não.

“Não. Alguns dos Sinceros decidiram dar tratamento médico a ele.” Uriah lança

uma carranca para a pia. “Algo sobre o tratamento honroso de prisioneiros. Kang está

interrogando-o em privado agora. Não nos querem lá, perturbando a paz ou o que quer

que seja.”

Eu bufo.

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“É. De qualquer forma, ninguém entende,” diz ele, empoleirando-se na borda do

meu lado. “Por que invadir aqui e, em seguida, nos deixar insconscientes? Por que não

apenas nos matar?”

“Não tenho ideia,” eu digo. “O único uso que eu vejo para isso é que os ajudou a

descobrir quem é Divergente e quem não é. Mas isso não pode ser o único motivo pelo

qual eles fizeram isso.”

“Eu não entendo por que eles nos querem. Quero dizer, quando eles estavam

tentando controle da mente para controlar um exército, com certeza, mas agora? Parece

inútil.”

Eu faço uma careta quando pressiono uma toalha de papel limpa no meu ombro,

para parar o sangramento. Ele está certo. Jeanine já tem um exército. Então, por que matar

os Divergentes agora?

“Jeanine não quer matar todos,” digo lentamente. “Ela sabe que seria ilógico. Sem

cada facção, a sociedade não funciona, porque cada facção treina seus membros para

empregos especiais. O que ela quer é o *controle*.”

Olho para o meu reflexo. Meu queixo está inchado, e as marcas de unha ainda

estão

em meus braços. Nojento.

“Ela deve estar planejando outra simulação,” eu digo. “A mesma coisa de antes,

mas desta vez, ela quer ter certeza de que todo mundo está sob sua influência ou morto.”

“Mas a simulação dura apenas por um determinado período de tempo,” diz ele.

“Não é útil, a menos que você esteja tentando realizar algo específico.”

“Certo.” Eu suspiro. “Eu não sei. Eu não entendo.” Eu pego a agulha. “Eu não

entendo o que essa coisa é. Se era como outra daquelas injeções indutoras de simulação,

significava que era apenas para uma utilização. Então, por que atirar essas coisas na gente

só para nos deixar inconscientes? Não faz nenhum sentido.”

“Eu não sei, Tris, mas agora temos um enorme edifício com pessoas cheias de

pânico para lidar. Vamos pegar um curativo.” Ele faz uma pausa e diz: “Pode me fazer um

favor?”

“O quê?”

“Não diga a ninguém que eu sou Divergente.” Ele morde o lábio. “Shauna é minha

amiga, e eu não quero que ela de repente fique com medo de mim.”

“Claro,” eu digo, forçando um sorriso. “Eu vou manter isso para mim mesma.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

117

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu fico acordada a noite toda removendo agulhas dos braços das pessoas. Depois

de algumas horas, eu paro de tentar ser gentil. Eu só puxo tão forte quanto posso.

Eu descobri que o menino da Sinceridade que Eric deu um tiro na cabeça se

chamava Bobby, e que Eric está em condição estável, e que entre as centenas de pessoas no

Mart Impiedoso, apenas 80 não têm agulhas enterradas em sua carne, 70 dos quais são

Destemor, um dos quais é Christina. Toda a noite eu quebro a cabeça com agulhas e soros

de simulação, tentando entender a mente de meus inimigos.

De manhã, eu fico sem agulhas para remover e vou para o refeitório, esfregando os

olhos. Jack Kang anuncia que teremos uma reunião ao meio-dia, de forma que talvez eu

possa ter uma longa soneca depois de comer.

Quando entro no refeitório, no entanto, vejo Caleb.

Caleb corre até mim e me envolve cuidadosamente em seus braços. Eu dou um

suspiro de alívio. Eu pensei que ter chegado ao ponto onde não preciso mais do meu

irmão, mas não acho que tal ponto exista de verdade. Eu relaxo contra ele por um

momento, e chamo a atenção de Tobias sobre o ombro de Caleb.

“Você está bem?” Caleb diz, recuando. “Seu queixo...”

“Não é nada,” eu digo. “Só está inchado.”

“Eu ouvi dizer que eles pegaram um monte de Divergentes e começaram a atirar.

Graças a Deus eles não a encontraram.”

“Na verdade, eles encontraram. Mas só mataram um,” eu digo. Eu belisco a ponte

do meu nariz para aliviar um pouco da pressão na minha cabeça. “Mas eu estou bem.

Quando você chegou aqui?”

“Cerca de dez minutos atrás. Eu vim com Marcus,” diz ele. “Como nosso único

líder político legal, ele sentiu que era seu dever estar aqui—nós não ouvimos sobre o

ataque até uma hora atrás. Um dos sem facção viu o Destemor entrar no edifício, e as

notícias levam um tempo para viajar entre os sem facção.”

“Marcus está *vivo*?” digo. Nós realmente nunca o vimos morrer quando escapamos

do complexo da Amizade, mas eu apenas assumi que ele morreu—não tenho certeza de

como me sinto. Desapontada, talvez, porque eu o odeio por como ele tratou Tobias? Ou

aliviada, porque o último líder da Abnegação ainda está vivo? É possível sentir ambos?

“Ele e Peter escaparam, e caminharam de volta para a cidade,” diz Caleb.

Eu não estou nada aliviada em saber que Peter ainda está vivo. “Onde está Peter,

então?”

“Ele está no lugar onde você esperaria que ele esteja,” responde Caleb.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

118

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Erudição,” digo. Eu balanço minha cabeça. “Mas que...” Eu não posso nem pensar

em uma palavra forte o suficiente para descrevê-lo. Aparentemente, preciso ampliar meu

vocabulário.

Caleb vira o rosto por um momento, então ele acena com a cabeça e toca meu

ombro. “Você está com fome? Quer que eu pegue alguma coisa?”

“Sim, por favor,” eu digo. “Eu estarei de volta em pouco tempo, ok? Eu tenho que

falar com Tobias.”

“Tudo bem.” Caleb aperta meu braço e sai, provavelmente para entrar na longa fila

do refeitório. Tobias e eu ficamos a metros de distância um do outro por alguns segundos.

Ele se aproxima de mim lentamente.

“Você está bem?” diz ele.

“Eu posso vomitar se tiver que responder a isso mais uma vez,” eu digo. “Eu não

tenho uma bala na minha cabeça, não é? Então, eu estou bem.”

“Sua mandíbula está tão inchada, que parece que tem um monte de comida em sua

bochecha, e você acabou de esfaquear Eric,” diz ele, franzindo a testa. “Eu não estou

autorizado a perguntar se você está bem?”

Eu suspiro. Eu deveria dizer a ele sobre Marcus, mas não quero fazer isso aqui, com

tantas pessoas ao redor. “É. Eu estou bem.”

Seus braços levantam como se ele estivesse pensando em me tocar, mas decidiu

contra isso. Então ele reconsidera e passa o braço em volta de mim, me puxando para ele.

De repente, eu acho que talvez eu deva deixar alguém assumir todos os riscos,

talvez vá começar a agir egoisticamente para que eu possa ficar perto de Tobias sem feri-

lo. Tudo que eu quero é enterrar meu rosto em seu pescoço e esquecer que tudo mais

existe.

“Sinto muito que me levou tanto tempo para buscá-la,” ele sussurra em meu cabelo.

Eu suspiro e o toco com apenas a ponta dos meus dedos. Eu poderia ficar aqui até

cair inconsciente de exaustão, mas não deveria; não posso. Eu me afasto e digo: “Eu

preciso falar com você. Podemos ir a algum lugar calmo?”

Ele acena com a cabeça, e nós deixamos a refeitório. Um dos Destemidos passando

grita: “Oh, olha! É *Tobias Eaton*!”

Eu quase esqueci o interrogatório, e o nome que foi revelado para todos os

Destemidos.

Outro grita: “Eu vi seu papai aqui mais cedo, Eaton! Você vai se esconder?”

Tobias se endireita e endurece, como se alguém estivesse mirando uma arma para

seu peito, em vez de zombando dele.

“Sim, você vai se esconder, covarde?”

Algumas pessoas ao nosso redor riem. Eu agarro o braço de Tobias e puxo para os

elevadores antes que ele possa reagir. Parecia que ele estava prestes a socaralguém. Ou

pior.

“Eu ia te dizer—ele veio com Caleb,” eu digo. “Ele e Peter escaparam da...”

“O que você estava esperando, então?” diz ele, mas não com severidade. Sua voz

parece, de algum modo, separada dele, como se ela estivesse flutuando entre nós.

“Não é o tipo de notícia que você dá em um refeitório,” eu digo.

“Justo,” diz ele.

Nós esperamos em silêncio pelo elevador, Tobias mastigando seu lábio e olhando

para o espaço. Ele faz isso todo o caminho até o décimo oitavo andar, que está vazio. Lá, o

silêncio me envolve como o abraço de Caleb fez, me acalmando. Sento-me em um dos

bancos na borda da sala de interrogatório, e Tobias puxa a cadeira de Niles para sentar-se

em frente a mim.

“Não existia duas destas para ser usada?” diz, franzindo a testa para a cadeira.

“Sim,” eu digo. “Eu, uh... Ela foi jogada para fora da janela.”

“Estranho,” diz ele. Ele se senta. “Então o que você quer falar? Ou era sobre

Marcus?”

“Não, não era isso. Você... Está bem?” eu digo com cautela.

“Eu não tenho uma bala na minha cabeça, não é?” diz ele, olhando para suas mãos.

“Então, eu estou bem. Eu gostaria de falar sobre outra coisa.”

“Eu quero falar sobre simulações,” eu digo. “Mas primeiro, sobre outra coisa—sua

mãe pensou que Jeanine iria atrás dos sem facção depois. Obviamente ela estava errada—e

eu não sei por quê. Não é como se a Sinceridade estivesse pronta para a batalha ou

qualquer coisa...”

“Bem, pense sobre isso,” diz. “Pense nisso, como Erudição.”

Eu olho para ele.

“O quê?” diz ele. “Se você não pode, o resto de nós não tem esperança.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

120

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Tudo bem,” eu digo. “Hum...teve que ser porque Destemor e Sinceridade eram os

alvos mais lógicos. Porque... os sem facção estão em vários lugares, enquanto nós estamos

todos no mesmo lugar.”

“Certo,” ele diz. “Além disso, quando Jeanine atacou a Abnegação, ela tinha todos

os dados da Abnegação. Minha mãe me disse que a Abnegação havia documentado a

população de Divergentes sem facção, o que significa que, após o ataque, Jeanine deve ter

descoberto que a proporção de Divergentes entre os sem facção é maior do que entre a

Sinceridade. Isso os torna um alvo ilógico.”

“Tudo bem. Então me conte sobre o soro de novo,” eu digo. “Ele tem algumas

partes, certo?”

“Duas,” diz ele, assentindo. “O transmissor e o líquido que induz a simulação. O

transmissor comunica a informação para o cérebro a partir do computador, e vice-versa, e

o líquido altera o cérebro para colocá-lo em um estado de simulação.”

Concordo com a cabeça. “E o transmissor só funciona para uma simulação, certo? O

que acontece com ele depois disso?”

“Ele se dissolve,” diz ele. “Até onde eu sei, a Erudição não foi capaz de desenvolver

um transmissor que dure mais do que uma simulação, embora a simulação de ataque

tenha durado muito mais tempo do que qualquer simulação que eu vi antes.”

As palavras “até onde eu sei” ficam na minha mente. Jeanine passou a maior parte

de sua vida adulta desenvolvendo os soros. Se ela ainda está caçando Divergentes,

provavelmente ainda está obcecada em criar versões mais avançadas da tecnologia.

“Sobre o que é tudo isso, Tris?” ele diz.

“Você já viu isso?” eu digo, apontando para o curativo cobrindo meu ombro.

“Não de perto,” diz ele. “Zeke e eu estivemos transportando feridos da Erudição até

o quarto andar toda a manhã.”

Eu levanto a borda do curativo, revelando a ferida—não mais sangrando,

felizmente—e a mancha de corante azul, que não parece estar desbotando. Então

eu coloco

a mão no bolso e retiro a agulha que foi enterrada no meu braço.

“Quando eles atacaram, não estavam tentando nos matar. Estavam atirando com

isto,” eu digo.

Sua mão toca a pele tingida em torno da ferida. Eu não percebi isso antes porque

estava acontecendo bem em frente a mim, mas ele parece diferente do que costumava ser,

durante a iniciação. Ele deixou a barba crescer um pouco, e seu cabelo está mais longo do

que jamais o vi— denso o suficiente para me mostrar que é marrom, não preto.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

121

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ele pega a agulha de mim e bate no disco de metal na ponta. “Isso provavelmente é

oco. Deve ser o que continha o material azul no seu braço. O que aconteceu depois que

você levou o tiro?”

“Eles jogaram cilindros de gás no quarto, e todos ficaram inconscientes. Isto é,

todos, menos Uriah e eu, e os outros Divergentes.”

Tobias não parece surpreso. Eu estreito meus olhos.

“Você sabia que Uriah era Divergente?”

Ele dá de ombros. “É claro. Eu fiz suas simulações, também.”

“E você nunca me contou?”

“Informação privilegiada,” ele diz. “Informação perigosa.”

Eu sinto um surto de raiva—quantas coisas ele vai esconder de mim?—e tento

sufocá-la. É claro que ele não podia me dizer que Uriah era Divergente. Ele estava apenas

respeitando a privacidade de Uriah. Faz sentido.

Eu limpo minha garganta. “Você salvou nossas vidas, sabe,” eu digo. “Eric estava

tentando nos caçar.”

“Eu acho que nós já passamos da fase de manter um placar de quem salvou a vida

de quem.” Ele me olha por alguns longos segundos.

“De qualquer forma,” eu digo para quebrar o silêncio. “Depois que descobrimos

que todos estavam dormindo, Uriah subiu correndo para alertar as pessoas que estavam lá

em cima, e eu fui para o segundo andar para descobrir o que estava acontecendo. Eric

tinha juntado todos os Divergentes perto dos elevadores, e estava tentando descobrir quais

de nós ele iria levar. Ele disse que tinha permissão para pegar dois. Eu não sei por que ele

iria levar algum.”

“Estranho,” diz ele.

“Alguma ideia?”

“Meu palpite é que a agulha injetou um transmissor em você,” diz ele, “e o gás era

uma versão em aerossol do líquido que altera o cérebro. Mas por que...” Um vinco aparece

entre as sobrancelhas. “Ah. Ela colocou todos para dormir para descobrir quem eram os

Divergentes.”

“Você acha que foi a única razão para atirar transmissores em nós?”

Ele balança a cabeça, e seus olhos se colam nos meus. Seu azul é tão escuro e

familiar, que eu sinto que poderia me engolir completamente. Por um momento, desejo

que pudesse, para que eu pudesse escapar deste lugar e tudo o que aconteceu.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

122

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu acho que você já percebeu,” diz ele, “mas quer que eu a contradiga. E eu não

vou.”

“Eles desenvolveram um transmissor duradouro,” eu digo.

Ele assente.

“Então agora estamos todos ligados para várias simulações,” acrescento. “Tantas

quanto Jeanine quiser, talvez.”

Ele acena com a cabeça novamente.

Minha próxima respiração treme ao sair da minha boca. “Isso é muito ruim,

Tobias.”

No corredor do lado de fora do quarto de interrogatório, ele para, inclinando-se

contra a parede.

“Então, você atacou Eric,” diz. “Isso foi durante a invasão? Ou quando você estava

perto dos elevadores?”

“Perto dos elevadores,” eu digo.

“Uma coisa que eu não entendo,” diz ele. “Você estava no andar de baixo. Você

poderia ter simplesmente fugido. Mas em vez disso, você decidiu mergulhar em uma

multidão de Destemidos armados, sozinha. E eu estou disposto a apostar que não estava

carregando uma arma.”

Eu pressiono meus lábios.

“É verdade?” ele exige.

“O que faz você pensar que eu não tinha uma arma?” Eu faço carranca.

“Você não tem sido capaz de tocar em uma arma desde o ataque,” diz ele. “Eu

entendo por que, com a coisa toda do Will, mas...”

“Aquilo não tem nada a ver com isso.”

“Não?” ele levanta as sobrancelhas.

“Eu fiz o que precisava fazer.”

“É. Mas agora você já deveria ter acabado,” diz ele, afastando-se da parede para me

enfrentar. Os corredores da Sinceridade são largos, o suficiente largo para todo o espaço

que eu quero manter entre nós. “Você devia ter ficado com a Amizade. Você devia ter

ficado longe de tudo isso.”

“Não, eu não devia,” eu digo. “Você acha que sabe o que é melhor para mim? Você

não tem ideia. Eu estava enlouquecendo com a Amizade. Aqui finalmente me sinto... sã de

novo.”

“O que é estranho, considerando-se que você está agindo como um psicopata,” diz

ele. “Não é valente escolher a posição que você tomou ontem. É mais que estúpido—é

suicida. Você não tem qualquer respeito para sua própria vida?”

“É claro que eu tenho!” eu retorno. “Eu estava tentando fazer algo útil!”

Por alguns segundos, ele apenas olha para mim.

“Você é mais do que Destemida,” diz ele em voz baixa. “Mas se você quer ser

exatamente como eles, lançando-se em situações ridículas sem razão e retaliar contra seus

inimigos sem qualquer consideração pelo que é ético, vá em frente. Eu pensei que você

fosse melhor que isso, mas talvez eu estivesse errado!”

Eu aperto minhas mãos, minha mandíbula.

“Você não deveria insultar o Destemor,” eu digo. “Ele o aceitou quando você não

tinha mais para onde ir. Confiou em você com um bom trabalho. Deu a você todos os seus

amigos.”

Encosto-me à parede, os meus os olhos no chão. Os pisos no Mart Impiedoso são

sempre preto e branco, e aqui eles estão em um padrão xadrez. Se eu desfocar meus olhos,

eu vejo exatamente no que a Sinceridade não acredita—cinza. Talvez Tobias e eu não

acreditemos nisso, também. Não realmente.

Eu peso demais, muito mais do que meu corpo pode suportar, tanto que eu deveria

cair direto pelo chão.

“Tris.”

Eu continuo olhando.

“Tris.”

Eu finalmente olho para ele.

“Eu só não quero perder você.”

Nós ficamos lá parados por alguns minutos. Eu não digo que o que eu estou

pensando, que é que ele pode estar certo. Existe uma parte de mim que quer estar perdida,

que se esforça para se juntar a meus pais e Will, assim eu não tenho que sofrer por eles.

Uma parte de mim que quer ver o que vem a seguir.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

124

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Então você é o irmão dela?” diz Lynn. “Eu acho que já sabemos quem tem os

genes bons.”

Eu rio da expressão no rosto de Caleb, a boca franzida de leve e os olhos

arregalados.

“Quando você tem que voltar?” eu digo, cutucando-o com o cotovelo.

Eu mordo o sanduíche que Caleb pegou do restaurante. Eu estou nervosa de tê-lo

aqui, misturando o triste resto da minha vida familiar com o triste resto da minha vida

Destemor. O que será que ele acha dos meus amigos, minha facção? O que a minha facção

acha dele?

“Em breve,” diz ele. “Eu não quero que ninguém se preocupe.”

“Eu não sabia que Susan mudou seu nome para ‘Ninguém’,” eu digo, levantando

uma sobrancelha.

“Ha-ha,” diz ele, fazendo uma careta.

Provocação entre irmãos deve parecer familiar, mas não para nós. Abnegação

desencorajava qualquer coisa que pudesse fazer alguém se sentir desconfortável, e

provocações estavam incluídas.

Posso sentir como nós somos cautelosos um com o outro, agora que estamos

descobrindo uma maneira diferente de nos relacionar à luz de nossas novas facções e a

morte de nossos pais. Toda vez que eu olho para ele, percebo que ele é a única família que

me resta e eu me sinto desesperada, desesperada para mantê-lo ao redor, desesperada

para reduzir o abismo entre nós.

“Susan é outra desertora da Erudição?” diz Lynn, esfaqueando o feijão com o garfo.

Uriah e Tobias ainda estão na fila do almoço, esperando atrás de duas dúzias de

Sinceridade que estão muito ocupados discutindo para pegar sua comida.

“Não, ela era nossa vizinha quando éramos crianças. Ela é da Abnegação,” eu digo.

“E você está envolvido com ela?” ela pergunta a Caleb. “Você não acha que é

uma

espécie de movimento burro? Quero dizer, quando tudo isso acabar, vocês vão estar em

facções diferentes, vivendo em lugares completamente diferentes...”

“Lynn,” diz Marlene, tocando seu ombro, “Você vai calar a boca?”

Do outro lado do quarto, algo azul chama a minha atenção. Cara acabou de entrar.

Eu abaixo meu sanduíche, o meu apetite desaparecido, e olho para ela com a minha cabeça

abaixada. Ela caminha para o canto do refeitório, onde refugiados da Erudição sentam em

algumas mesas. A maioria deles abandonaram suas roupas azuis em favor do preto-e-

branco, mas elas ainda usam seus óculos. Eu tento me concentrar em Caleb—mas Caleb

também está observando a Erudição.

“Eu não posso voltar para a Erudição mais do que *eles* podem,” diz Caleb. “Quando

isso acabar, eu não vou ter uma facção.”

Pela primeira vez percebo como ele parece triste, quando fala sobre a Erudição. Eu

não percebi como deve ter sido difícil para ele tomar a decisão de deixá-los.

“Você poderia se sentar com eles,” digo, apontando para os refugiados da Erudição.

“Eu não os conheço.” Ele encolhe os ombros. “Eu só estive lá por um mês, lembra-

se?”

Uriah deixa cair sua bandeja na mesa, carrancudo. “Eu ouvi alguém falando sobre o

interrogatório de Eric na fila do almoço. Aparentemente, ele não sabia quase *nada* sobre o

plano de Jeanine.”

“O quê?” Lynn bate o garfo em cima da mesa. “Como isso é possível?”

Uriah encolhe os ombros, e se senta.

“Eu não estou surpreso,” Caleb diz.

Todos olham para ele.

“O quê?” ele murcha. “Sim. Seria estúpido confessar todo o seu plano a uma

pessoa. É infinitamente mais inteligente dar pequenos pedaços para cada pessoa que

trabalha com você. Dessa forma, se alguém te trai, a perda não é muito grande.”

“Oh,” diz Uriah.

Lynn pega o garfo e começa a comer novamente.

“Eu ouvi que a Sinceridade fez sorvete,” diz Marlene, torcendo a cabeça ao redor

para ver a fila do almoço. “Você sabe, como uma espécie de, *é uma porcaria*

sermos atacados,

mas pelo menos tem sobremesa.”

“Já me sinto melhor,” diz Lynn secamente.

“Provavelmente não será tão bom como o bolo Destemor,” diz Marlene tristemente.

Ela suspira, e um fio de cabelo castanho cai em seus olhos.

“Nós tínhamos um bolo bom,” eu digo a Caleb.

“Nós tinhamos refrigerantes,” ele diz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

126

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Ah, mas você tem uma borda com vista para um rio subterrâneo?” diz Marlene,

balançando as sobrancelhas. “Ou uma sala onde você enfrentava todos os seus pesadelos

de uma vez?”

“Não,” diz Caleb, “e para ser honesto, eu estou meio ok com isso.”

“*Me-dro-so*,” canta Marlene.

“*Todos* os seus pesadelos?” diz Caleb, com os olhos brilhando. “Como é que

funciona? Quer dizer, os pesadelos são produzidos pelo computador ou pelo seu

cérebro?”

“Oh Deus.” Lynn deixa cair a cabeça em suas mãos. “Aqui vamos nós.”

Marlene se lança em uma descrição das simulações, e eu deixo sua voz, e a voz de

Caleb, levar-me enquanto termino meu sanduíche. Então, apesar do barulho dos garfos e o

rugido de centenas de conversas ao meu redor, eu descanso minha cabeça na mesa e caio

no sono.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

127

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

18

“Quietos, todos!”

Jack Kang ergue suas mãos, e a multidão fica em silêncio. Isso é um talento.

Eu fico entre a multidão de Destemor que chegou aqui tarde, quando havia lugares

sobrando. Um flash de luz captura meu olho – relâmpago. Não é o melhor momento para

se reunir em uma sala com buracos nas paredes em vez de janelas, mas esta é a maior sala

que eles têm.

“Eu sei que muitos de vocês estão confusos e abalados com o que aconteceu

ontem,” diz Jack. “Eu ouvi muitos relatórios de várias perspectivas, e consegui descobrir

um sentido do que é simples e o que requer mais investigação.”

Ponho meu cabelo molhado atrás da minha orelha. Acordei dez minutos antes da

reunião começar e corri para os chuveiros. Embora ainda esteja exausta, eu me sinto mais

alerta agora.

“O que me parece exigir mais investigação,” Jack diz, “são os Divergentes.”

Ele parece cansado—ele tem círculos escuros sob seus olhos, e seu cabelo curto se

arrepia ao acaso, como se tivesse sido puxado a noite toda. Apesar do calor sufocante da

sala, ele veste uma camisa de mangas compridas com botões nos punhos—ele devia estar

distraído quando se vestiu esta manhã.

“Se você é um dos Divergentes, por favor, um passo à frente de modo que nós

possamos ouvir de você.”

Eu olho de esguelha para Uriah. Isso é perigoso. Minha Divergência é algo que eu

devo esconder. Admitir isso deveria significar a morte. Mas não há sentido em esconder

isso agora—eles já sabem sobre mim.

Tobias é o primeiro a se mover. Ele começa a passar pelo meio da multidão, no

começo virando seu corpo para percorrer seu caminho entre as pessoas, e então, quando

eles recuam para ele passar, movendo-se em linha reta em direção a Jack Kang com os

ombros para trás.

Eu saio do meu lugar também, murmurando “Com licença” para as pessoas na

minha frente. Elas recuam, como se eu ameaçasse cuspir veneno nelas. Alguns outros

passam para frente, Sinceros de preto e branco, mas não muitos. Um deles é a garota que

eu ajudei.

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Apesar da notoriedade que Tobias agora tem entre o Destemor, e meu novo título

como Aquela Menina que Esfaqueou Eric, não somos o foco real da atenção de todos.

Marcus é.

“Você, Marcus?” diz Jack quando Marcus atinge o centro do salão e fica em cima da

balança mais baixa no chão.

“Sim,” diz Marcus. “Eu entendo que você está preocupado—que todos vocês estão

preocupados. Vocês nunca ouviram falar dos Divergentes até uma semana atrás, e agora

tudo o que sabem é que eles são imunes a algo a que vocês são suscetíveis, e isso é uma

coisa assustadora. Mas posso assegurar-lhes que não há nada a temer, no que nos

concerne.”

Enquanto ele fala, sua cabeça se inclina e as sobrancelhas levantam em simpatia, e

eu entendo de uma vez por que algumas pessoas gostam dele. Ele faz você sentir que, se

você apenas colocar tudo em suas mãos, ele cuidaria de tudo.

“Parece claro para mim,” diz Jack, “que fomos atacados para que a Erudição

pudesse encontrar os Divergentes. Você sabe o porquê disso?”

“Não, eu não sei,” diz Marcus. “Talvez a sua intenção fosse apenas nos identificar.

Parece útil ter a informação, se eles pretendem usar suas simulações outra vez.”

“Essa *não* era a intenção deles.” As palavras saem dos meus lábios antes de eu

decidir falar. Minha voz soa alta e fraca em comparação com Marcus e Jack, mas é tarde

demais para parar. “Eles queriam nos matar. Eles têm nos matado desde antes de qualquer

coisa dessas acxontecer.”

As sobrancelhas de Jack se encontram. Eu ouço centenas de sons minúsculos, gotas

de chuva batendo no telhado. O salão escurece, como se sob a penumbra do que eu disse.

“Isso soa muito com uma teoria da conspiração,” diz Jack. “Qual motivo teria a

Erudição para matar você?”

Minha mãe disse que as pessoas temiam os Divergentes porque eles não podiam ser

controlados. Isso pode ser verdade, mas temer o incontrolável não é razão suficiente para

dar a Jack Kang como motivo da Erudição nos querer mortos. Meu coração dispara

quando percebo que não posso responder a sua pergunta.

“Eu...” eu começo. Tobias me interrompe.

“Obviamente nós não sabemos,” ele diz, “mas há quase uma dúzia de mortes

misteriosas registradas no Destemor nos últimos seis anos, e existe uma

correlação entre as

pessoas e resultados irregulares dos testes de aptidão ou da simulação de iniciação.”

Relâmpagos brilham na sala.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

129

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Jack balança a cabeça. “Enquanto isso é intrigante, a correlação não constitue

prova.”

“Um líder do Destemor disparou na *cabeça* de uma criança da Sinceridade” eu atiro.

“Será que você recebeu um relatório *disso*? Parece *digno de uma investigação*?”

“Na verdade, eu recebi,” diz ele. “E matar uma criança a sangue frio é um crime

terrível que não pode ficar impune. Felizmente, temos o autor em custódia e seremos

capazes de colocá-lo em julgamento. *No entanto*, devemos ter em mente que os soldados

Destemor não deram qualquer prova de querer prejudicar a maioria de nós, ou eles teriam

nos matado enquanto estavámos inconscientes.”

Ouço murmúrios irritados em torno de mim.

“A invasão pacífica me sugere que pode ser possível negociar um tratado de paz

como a Erudição e os outros Destemidos," ele continua. "Então eu vou marcar uma

reunião com Jeanine Matthews para discutir essa possibilidade o mais breve possível."

"A invasão não foi *pacífica*, " eu digo. Eu posso ver o canto da boca de Tobias de

onde eu estou, e ele está sorrindo. Eu respiro fundo e começo novamente. "Só porque eles

não atiraram em todos vocês na cabeça não significa que suas intenções eram honrosas de

forma alguma. Por que você acha que eles vieram aqui? Só para correr através de seus

corredores, deixá-los inconscientes, e ir embora?"

"Eu presumo que eles vieram aqui por pessoas como você," diz Jack. "E enquanto

eu estou preocupado com a segurança de vocês, eu não acho que podemos atacá-los só

porque eles queriam matar uma fração de nossa população."

"Matar não é a pior coisa que eles podem fazer para você," eu digo. "Controlar você

é."

Os lábios de Jack curvam com diversão. *Diversão.* "Oh? E como será que eles

conseguirão isso?"

"Eles atiraram agulhas," diz Tobias. "Agulhas cheias de transmissores de

simulação. Simulações podem controlá-lo. Desse jeito."

“Nós sabemos como simulações funcionam,” diz Jack. “O transmissor não é um

implante permanente. Se eles pretendiam nos controla-, teriam feito isso imediatamente.”

“Mas...” eu começo.

Ele me interrompe. “Eu sei que você tem estado sob muito estresse, Tris,” ele diz

calmamente, “e que você fez um grande serviço à sua facção e à Abnegação. Mas eu acho

que a sua experiência traumática pode ter comprometido a sua capacidade de ser

completamente objetiva. Eu não posso lançar um ataque baseado em especulações de uma

garotinha.”

Eu estou como estátua ainda, incapaz de acreditar que ele pudesse ser tão burro.

Meu rosto queima. *Garotinha*, ele me chamou. Uma garotinha que está estressada ao ponto

da paranóia. Isso não sou eu, mas agora, é quem a Sinceridade acha que eu sou.

“*Você* não toma nossas decisões por nós, Kang,” diz Tobias.

Ao meu redor, o Destemor grita seu assentimento. Alguém grita, “Você não é o

líder da nossa facção!”

Jack espera seus gritos morrerem e, em seguida, diz: “Isso é verdade. Se vocês

quiserem, podem se sentir livres para tomar o complexo da Erudição por vocês mesmos.

Mas irão fazê-lo sem o nosso apoio, e deixem-me lembrá-los, vocês estão muito menos

numerosos e preparados."

Ele está certo. Não podemos atacar traidores Destemor e Erudição sem os números

da Sinceridade. Seria um banho de sangue se tentássemos. Jack Kang tem todo o poder. E

agora todos nós sabemos.

"Eu imaginei," diz ele presunçosamente. "Muito bem. Entrarei em contato com

Jeanine Matthews, e verei se podemos negociar a paz. Alguma objeção?"

Não podemos atacar sem a Sinceridade, eu acho, *a menos que tenhamos os sem facção.*

19

Naquela tarde, me junto a um grupo da Sinceridade e Destemor limpando as

janelas quebradas no saguão. Concentro-me no caminho da vassoura, mantendo meus

olhos na poeira que se acumula entre os fragmentos de vidro. Meus músculos lembram o

movimento antes que o resto de mim faça, mas quando olho para baixo, em vez de

mármore escuro eu vejo branco liso no fundo de uma parede cinza claro, vejo fios de

cabelo loiro aparados da minha mãe, e o espelho na parede.

Meu corpo fica fraco, e me inclino e uso o cabo de vassoura para o apoio.

Uma mão toca no meu ombro, e eu estremeço e me afasto dela. Mas é apenas uma

menina da Sinceridade—uma criança. Ela olha para mim, com os olhos arregalados.

“Você está bem?” diz ela, com a voz alta e indistinta.

“Eu estou bem,” digo. Muito bruscamente. Me apresso a corrigir. ”Só cansada.

Obrigada.”

“Eu acho que você está mentindo,” diz ela.

Percebo uma bandagem saindo do final da manga, provavelmente cobrindo a

punção com agulha. A ideia desta menina em uma simulação é nauseante para mim. Eu

não posso nem olhar para ela. Eu me afasto.

E eu os vejo: lá fora, um traidor Destemor, apoiando uma mulher com a perna

sangrando. Eu vejo as listras cinza no cabelo da mulher, o fim do nariz adunco do homem

e a braçadeira azul de um traidor Destemor sob seus ombros, e reconheço ambos. Tori e

Zeke.

Tori está tentando andar, mas uma de suas pernas se arrasta atrás dela, inútil. Um

remendo molhado escuro cobre a maior parte de sua coxa.

A Sinceridade para de varrer e olha para eles. Os guardas Destemor queestavam em

pé perto da entrada dos elevadores correm para a porta com suas armas levantadas. Meus

companheiros de varrida recuam para sair do caminho, mas eu fico onde estou, o calor

correndo por mim enquanto Zeke e Tori se aproximam.

“Eles estão mesmo armados?” diz alguém.

Tori e Zeke alcançam onde as portas costumavam ser, e ele levanta uma de suas

mãos quando vê a linha de Destemidos com armas. A outra continua em volta da cintura

de Tori.

“Ela precisa de atenção médica,” diz Zeke. ”Agora.”

“Por que deveríamos dar atenção médica a um traidor?” Um homem Destemor com

cabelos loiros e um lábio fino duplamente perfurado pergunta sobre a sua arma. Uma

mancha de tinta azul marca seu antebraço.

Tori geme, e eu passo entre dois Destemidos para alcançá-la. Ela coloca sua mão,

que é pegajosa com sangue, na minha. Zeke abaixa-a no chão com um grunhido.

“Tris,” ela diz, parecendo confusa.

“É melhor dar um passo para trás, menina,” o homem loiro Destemor diz.

“Não,” eu digo. ”Abaixe sua arma.”

“Eu disse que os Divergentes eram loucos,” um dos outros Destemor armados

murmura para a mulher ao lado dele.

“Eu não me importo se você levá-la para cima e amarrá-la a uma cama para impedi-

la de atirar!” diz Zeke, carrancudo. ”Apenas não a deixe sangrar até a morte no átrio da

sede da Sinceridade!”

Finalmente, um Destemor vem para frente e levanta Tori.

“Onde devemos... Levá-la?” um deles pergunta.

“Encontre Helena,” Zeke diz. “Enfermeira Destemor.”

Os homens a leva em direção aos elevadores. Meus olhos se encontram com os de

Zeke.

“O que aconteceu?” pergunto a ele.

“Um traidor Destemor nos descobriu quando estávamos coletando informações

deles,” diz ele. ”Tori tentou fugir, mas eles atiraram enquanto ela estava correndo. Ajudei

ela chegar até aqui.”

“É uma bela história,” diz o homem loiro Destemor. ”Quer dizer novamente sob o

soro da verdade?”

Zeke encolhe os ombros. ”Tudo bem.” Ele coloca os pulsos juntos na frente dele de

forma dramática. ”Leve-me embora, se você está tão desesperado por isso.”

Então os seus olhos se concentram em algo sobre o meu ombro, e ele começa a

andar. Viro-me e vejo Uriah correndo do elevador. Ele está sorrindo.

“Ouvi um boato de que você era um sujo traidor,” diz Uriah.

“Sim, que seja,” diz Zeke.

Eles colidem em um abraço que parece quase doloroso para mim, batendo nas

costas um do outro e rindo com seus punhos apertados entre eles.

“Eu não posso acreditar que você não nos disse,” diz Lynn, sacudindo a cabeça. Ela

se senta na minha frente na mesa, com os braços cruzados e uma das pernas apoiada.

“Oh, não fiquem todos zangados sobre isso,” disse Zeke. ”Eu não deveria contar

nem a Shauna e a Uriah. E é meio difícil ser um espião se você disser a todos que você é

um.”

Nós sentamos em uma sala no quartel general da Sinceridade chamada de Ponto de

Encontro, o que os Destemidos tentam dizer de uma forma zombeteira sempre que

podem. É grande e aberta, com um pano preto-e-branco em cada parede, e um círculo de

pódios no centro da sala. Grandes mesas redondas cercam os pódios. Lynn me disse que

eles sediam debates mensais aqui para entretenimento, e também realizar serviços

religiosos uma vez por semana. Mas, mesmo quando não há eventos marcados, a sala

geralmente está cheia.

Zeke foi absolvido pela Sinceridade uma hora atrás, em um curto interrogatório no

décimo oitavo andar. Não foi uma ocasião sombria como o interrogatório meu e de Tobias,

em parte porque não havia vídeo suspeito implicando Zeke, e em parte porque Zeke é

engraçado mesmo quando sob o soro da verdade. Talvez especialmente. Em qualquer

caso, chegamos ao Ponto de Encontro “para uma celebração de *“Ei, você não é um traidor*

sujo!” como Uriah colocou.

“Sim, mas nós estamos o insultando desde o ataque de simulação,” afirma Lynn. ”E

agora eu me sinto uma idiota sobre isso.”

Zeke coloca o braço em volta de Shauna. ”Você *é* uma idiota, Lynn. É parte de seu

charme.”

Lynn lança um copo de plástico nele, que desvia. Água borrifa sobre a mesa,

atingindo-o no olho.

“De qualquer forma, como eu estava dizendo,” diz Zeke, esfregando os olhos, “Eu

estava trabalhando principalmente em fazer desertores da Erudição saírem em

segurança. É por isso que há um grupo grande deles aqui, e um pequeno grupo na sede da

Amizade. Mas Tori... Eu não tenho nenhuma ideia do que ela estava fazendo. Ela se

manteve oculta, afastada por horas em um momento, e sempre que ela estava por perto,

era como se ela estivesse prestes a explodir. Não é de admirar que ela nos entregou.”

“Como *você* conseguiu o trabalho?” diz Lynn. ”Você não é tão especial.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

134

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Foi mais por causa de onde eu estava após o ataque de simulação. Bem no meio de

um bando de traidores Destemor. Eu decidi ir com eles,” diz ele. “Não tenho certeza sobre

Tori, no entanto.”

“Ela foi transferida da Erudição,” eu digo. O que eu não digo, porque eu tenho

certeza que ela não quer que todos saibam, é que Tori provavelmente parecia explosiva na

sede da Erudição porque eles assassinaram seu irmão por ser Divergente.

Ela me disse uma vez que esperava uma oportunidade para se vingar.

“Oh,” disse Zeke. ”Como você sabe disso?”

“Bem, todos os transferidos de facção têm um clube secreto,” eu digo, inclinando

para trás na cadeira. ”Nós nos encontramos toda terceira quinta-feira.”

Zeke bufa.

“Onde está Quatro?” diz Uriah, verificando o relógio. ”Devemos começar sem ele?”

“Nós não podemos,” diz Zeke. ”Ele está conseguindo A Informação.”

Uriah acena com o que significa alguma coisa. Em seguida, ele faz uma pausa e diz:

“Que informação, de novo?”

“A informação sobre o pequeno encontro pacífico de Kang com Jeanine,” diz

Zeke. ”Obviamente.”

Do outro lado do quarto, eu vejo Christina sentada em uma mesa com sua irmã.

Ambas estão lendo alguma coisa.

Meu corpo enrijece. Cara, irmã mais velha de Will, está andando pela sala em

direção à mesa de Christina. Eu abaixo minha cabeça.

“O quê?” Uriah diz, olhando por cima do ombro. Eu quero dar um soco nele.

“Pare com isso!” eu digo. ”Você poderia ser mais óbvio?” Eu me inclino para frente,

cruzando os braços sobre a mesa. ”A irmã de Will está ali.”

“Sim, eu falei com ela sobre sair da Erudição uma vez, enquanto eu estava lá,” diz

Zeke. ”Ela disse que viu uma mulher da Abnegação ser morta enquanto estava em uma

missão para Jeanine e não podia tolerar mais isso.”

“Temos certeza de que ela não é apenas uma espiã da Erudição?” afirma Lynn.

“Lynn, ela salvou a metade da nossa facção dessa coisa,” diz Marlene, batendo no

curativo do braço onde os traidores Destemor atiraram nela.

“Bem, metade da metade da nossa facção.”

“Em alguns círculos eles chamam de quarta parte, Mar,” afirma Lynn.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

135

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“De qualquer forma, quem se importa se ela é uma traidora?” Zeke diz. ”Nós não

estamos planejando nada que ela possa informá-los. E nós certamente não vamos incluí-la

se formos.”

“Há muita informação para ela reunir aqui,” afirma Lynn. ”Como quantos nós

somos, por exemplo, ou quantos de nós não estamos ligados para simulações.”

“Você não a viu quando me disse por que ela saiu,” diz Zeke. ”Eu acredito nela.”

Cara e Christina se levantaram, e estão caminhando para fora da sala.

“Volto logo,” eu digo. ”Eu tenho que ir ao banheiro.”

Eu espero até que Cara e Christina passem pelas portas, então meio ando, meio

corro nessa direção. Eu abro uma das portas lentamente, para não fazer qualquer barulho,

e em seguida, fecho-a lentamente atrás de mim. Eu estou em um corredor escuro que

cheira a lixo—este deve ser o lugar onde fica a rampa de lixo da Sinceridade.

Eu ouço duas vozes femininas ao redor e vou em direção ao fim do corredor para

ouvir melhor.

“...só não posso lidar com ela aqui,” uma delas soluça. Christina. “Eu não consigo

parar de imaginar isso... O que ela fez... Eu não entendo como ela pode ter feito isso!”

Os soluços de Christina me fazem sentir como eu estivesse prestes a rachar.

Cara leva o seu tempo a responder.

“Bem, eu entendo,” diz ela.

“O quê?” Christina diz com um soluço.

“Você tem que entender; nós estamos treinados para ver as coisas o mais

logicamente possível,” diz Cara. ”Então não ache que eu sou insensível. Mas a menina

estava provavelmente morrendo de medo, certamente não era capaz de avaliar situações

inteligentes no momento, se ela alguma vez foi capaz de fazê-lo.”

Meus olhos se abrem. *Mas que*—faço uma pequena lista de insultos em minha

mente antes de ouvi-la continuar.

“E a simulação a deixou incapaz de argumentar com ele, então, quando ele

ameaçou sua vida, ela reagiu como foi treinada para reagir pelo Destemor: Atirar para

matar.”

“Então o que você está dizendo?” diz Christina amargamente. ”Devemos esquecer

isso, porque faz todo o sentido?”

“Claro que não,” diz Cara. Sua voz oscila, só um pouco, e ela repete, desta vez

baixinho. ” *Claro* que não.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

136

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ela limpa a garganta. ”É só que você precisa conviver com ela, e eu quero tornar

mais fácil para você. Você não tem que perdoá-la. Na verdade, eu não sei por que você era

amiga dela, em primeiro lugar; ela sempre me pareceu um pouco errática.”

Fico tensa enquanto espero Christina concordar com ela, mas para minha

surpresa—e alívio—ela não faz.

Cara continua. ”De qualquer forma. Você não tem que perdoá-la, mas você deve

tentar entender que o que ela fez não foi por maldade; foi por pânico. Dessa forma, você

pode olhar para ela sem querer socar seu nariz.”

Minha mão se move automaticamente para o meu nariz. Christina ri um pouco, o

que parece um soco no estômago. Eu volto através da porta para o Ponto de Encontro.

Mesmo que Cara tenha sido rude—e o comentário sobre o nariz foi um golpe

baixo—eu sou grata pelo que ela disse.

Tobias surge de uma porta escondida por trás de uma quantidade de pano

branco. Ele afasta o pano do caminho irritado antes de vir em nossa direção e sentar ao

meu lado na mesa no Ponto de Encontro.

“Kang está indo se encontrar com um representante da Jeanine Matthews às sete da

manhã,” diz ele.

“Um representante?” Zeke diz. ”Ela não vai?”

“Sim, e ficar céu aberto, onde um grupo de pessoas furiosas com armas pode

mirar?” Uriah sorri um pouco. “Eu gostaria de vê-la tentar. Não, realmente, eu gostaria.”

“E Kang o Brilhante levará uma escolta Destemor, pelo menos?” pergunta Lynn.

“Sim,” diz Tobias. ”Alguns dos membros mais antigos foram voluntários. Bud disse

que manteria os ouvidos abertos e daria o relatório.”

Eu faço uma carranca para ele. Como é que ele sabe todas essas informações? E por

que, depois de dois anos evitando se tornar um líder Destemor a todo custo, ele está, de

repente, agindo como um?

“Então eu acho que a verdadeira questão é,” diz Zeke, cruzando as mãos sobre a

mesa, “se você fosse Erudição, o que você diria nesse encontro?”

Todos olham para mim. Com expectativa.

“O quê?” digo.

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você é Divergente,” responde Zeke.

“Assim como Tobias.”

“Sim, mas ele não tem aptidão para Erudição.”

“E como você sabe que eu tenho?”

Zeke levanta seu ombro. “Parece provável. Não parece provável?”

Uriah e Lynn acenam. A boca de Tobias contrai, como se estivesse dando um

sorriso, mas se é o que era, ele suprime. Eu me sinto como se uma pedra tivesse caído em

meu estômago.

“Todos vocês têm cérebros funcionais, a última vez que eu chequei,” eu

digo. ”Vocês podem pensar como alguém da Erudição, também.”

“Mas não temos cérebros especiais *Divergentes*!” diz Marlene. Ela toca a ponta dos

dedos para o meu couro cabeludo e aperta levemente. ”Vamos lá, faça a sua magia.”

“Não há tal coisa como magia Divergente, Mar,” diz Lynn.

“E se houver, não deve ser consultada,” diz Shauna. É a primeira coisa que ela disse

desde que se sentou. Ela nem sequer olha para mim quando fala, ela só faz carrancas para

sua irmã mais nova.

“Shauna...” Zeke começa.

“Não venha com *Shauna* para cima de mim!” diz Shauna, concentrando sua

carranca nele ao invés. “Você não acha que alguém com aptidão para múltiplas facções

pode ter um problema de lealdade? Se ela tem aptidão para Erudição, como podemos ter

certeza que ela não está *trabalhando* para Erudição?”

“Não seja ridícula” diz Tobias, em voz baixa.

“Eu não estou sendo ridícula.” Ela bate na mesa. ”Eu sei que pertenço ao Destemor,

porque tudo o que fiz no teste de aptidão me disse isso. Eu sou leal à minha facção por

essa razão—porque não há outro lugar que eu poderia estar. Mas ela? E você?” Ela balança

a cabeça. ”Eu não tenho ideia a quem você é leal. E eu não vou fingir que está tudo bem.”

Ela se levanta, e quando Zeke tenta detê-la, ela lança a mão de lado, marchando em

direção a uma das portas. Eu a vejo até que a porta se fecha atrás dela e o tecido preto que

fica em frente a ela se quieta.

Eu me sinto tensa, como se pudesse gritar, só que Shauna não está aqui para eu

gritar com ela.

“Não é *mágica,* ” eu digo com veemência. “Você apenas tem que se perguntar qual é

a resposta mais lógica para uma situação especial.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

138

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Estou recebendo olhares em branco.

“Sério,” eu digo. ”Se eu estivesse nessa situação, olhando para um grupo de

guardas Destemor e Jack Kang, eu provavelmente não iria recorrer à violência, certo?”

“Bem, você poderia, se você tivesse seus próprios guardas Destemor. E então tudo o

que leva é um tiro—bam, ele está morto, e a Erudição está em melhor situação,” diz Zeke.

“Quem quer que eles enviem para falar com Jack Kang não vai ser um garoto

aleatório da Erudição; será alguém importante,” eu digo. ”Seria um movimento estúpido

disparar em Jack Kang e arriscar perder quem quer que enviem como representante de

Jeanine.”

“Vê? É por isso que precisamos de você para analisar a situação,” diz Zeke. “Se

fosse comigo, eu iria matá-lo, mas valeria a pena o risco.”

Eu belisco a ponta do meu nariz. Eu já tenho uma dor de cabeça. ”Tudo bem.”

Eu tento me colocar no lugar de Jeanine Matthews. Eu já sei que ela não vai

negociar com Jack Kang. Por que ela precisaria? Ele não tem nada para oferecer a ela. Ela

usará a situação a seu favor.

“Eu acho,” eu digo, “que Jeanine Matthews vai manipulá-lo. E que ele fará qualquer

coisa para proteger sua facção, mesmo que isso signifique sacrificar os Divergentes.” Faço

uma pausa por um momento, lembrando como ele usou a sua influência da facção sobre

as nossas cabeças na reunião. “Ou sacrificar o Destemor. Então, *precisamos* ouvir o que eles

dizem nesse encontro.”

Uriah e Zeke trocam um olhar. Lynn sorri, mas não é comum pra ela sorrir. Seu

sorriso não se espalhou para os olhos, que parece mais ouro do que nunca, com frieza

neles.

“Então, vamos ouvi-los,” diz ela.

20

Eu verifico meu relógio. São sete horas da noite. Apenas 12 horas até que possamos

ouvir o que Jeanine tem a dizer para Jack Kang. Verifiquei o meu relógio pelo menos uma

dúzia de vezes na última hora, como se isso fosse fazer o tempo passar mais rápido. Estou

ansiosa para fazer algo— *qualquer coisa*, exceto sentar na lanchonete com Lynn, Tobias e

Lauren, pegando o meu jantar e evitando olhar para Christina, que se senta com sua

família Sinceridade em uma das outras mesas.

“Eu me pergunto se nós vamos ser capazes de voltar à velha forma depois de tudo

isso acabar” diz Lauren. Ela e Tobias estavam conversando sobre métodos de treinamento

de iniciados no Destemor por pelo menos cinco minutos. É provavelmente a única coisa

que eles têm em comum.

“Se *sobrar* alguma facção após tudo isso acabar,” afirma Lynn, empilhando seu purê

de batatas em um rolo.

“Não me diga que você vai comer um sanduíche de batata amassada,” eu digo para

ela.

“Então, e se eu for?”

Um grupo Destemor caminha entre nossa mesa e na próxima a nós. Eles são mais

velhos do que Tobias, mas não muito. Uma das meninas tem cinco cores diferentes em seu

cabelo, e seus braços estão cobertos com tatuagens, de forma que eu não posso ver nem

um centímetro de pele nua. Um dos rapazes se inclina perto do Tobias, que se volta para

eles, e sussurra: “Covarde” enquanto passa.

Alguns dos outros fazem a mesma coisa, sibilando “covarde” no ouvido de Tobias e

depois continuam seus caminhos. Ele faz uma pausa com sua faca contra um pedaço de

pão, uma bola de manteiga à espera de ser passada, e olha para a mesa.

Eu espero, tensa, ele explodir.

“Que idiotas,” diz Lauren. “E a Sinceridade, por fazer você derramar sua história de

vida para todo mundo ver... Eles são idiotas também.”

Tobias não responde. Ele põe a faca no pedaço de pão, e se empurra para trás da

mesa. Seus olhos levantam e se concentram em algo do outro lado da sala.

“Isso precisa parar,” diz ele de longe, e começa a ir em direção a que quer que seja

que ele está olhando antes de eu descobrir o que é. Isso não pode ser bom.

Ele desliza por entre as mesas e as pessoas como se fosse mais líquido do que

sólido, e eu tropeço atrás dele, murmurando desculpas enquanto empurro as pessoas para

o lado.

E então eu vejo exatamente para quem Tobias se dirige. Marcus. Ele está sentado

com alguns dos mais velhos da Sinceridade.

Tobias o alcança e agarra-o pela parte de trás do pescoço, arrancando-o de seu

assento. Marcus abre a boca para dizer alguma coisa, e isso é um erro, porque Tobias lhe

dá um soco forte nos dentes. Alguém grita, mas ninguém corre para ajudar Marcus.

Estamos em uma sala cheia de Destemor, afinal.

Tobias empurra Marcus para o meio da sala, onde existe um espaço entre as mesas

para revelar o símbolo da Sinceridade. Marcus tropeça em uma das balanças, com as mãos

cobrindo o rosto, então não posso ver o estrago que Tobias fez.

Tobias empurra Marcus para o chão e pressiona o salto de seu sapato na a garganta

de seu pai. Marcus cheira a perna de Tobias, o sangue fluindo passando pelos

lábios, mas

mesmo que ele fosse mais forte, ele ainda não seria tão forte quanto seu filho. Tobias

desfaz a fivela do cinto e desliza-o de seus laços.

Ele levanta o pé da garganta de Marcus e chama o cinturão de volta.

“Isto é para o seu próprio bem,” diz ele.

Isso, eu me lembro, é o que Marcus, e suas muitas manifestações, sempre dizia a

Tobias em sua paisagem do medo.

Então o cinto voa pelo ar e Marcus é acertado no braço. O rosto de Marcus é

vermelho brilhante, e ele cobre a sua cabeça para o próximo golpe, que acerta seu

lado. Tudo ao meu redor é riso, provenientes das mesas Destemor, mas eu não estou

rindo, eu não posso rir disso.

Finalmente eu recobro os meus sentidos. Eu corro para frente e agarro o ombro

Tobias.

“Pare!” eu digo. ”Tobias, *pare agora*!”

Espero ver um olhar selvagem em seus olhos, mas quando ele olha para mim, eu

não vejo. Seu rosto não está corado e suas respirações são constantes. Este não foi um ato

realizado no calor da paixão.

Foi um ato calculado.

Ele deixa cair o cinto e enfia a mão no bolso. De dentro, ele tira uma corrente de

prata com um anel pendurado. Marcus está do seu lado, ofegante. Tobias deixa cair o anel

no chão ao lado de rosto de seu pai. Ele é feito de metal, opaco, uma aliança de casamento

da Abnegação.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

141

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Minha mãe,” diz Tobias, “diz Olá.”

Tobias vai embora, e leva alguns segundos para eu respirar novamente. Quando eu

faço, eu deixo Marcus encolhido no chão e corro atrás de Tobias. Leva-me até eu chegar ao

corredor para alcançá-lo.

“O que *foi* aquilo?” eu exijo.

Tobias pressiona o botão DESCER no elevador e não olha para mim.

“Era necessário,” diz ele.

“Necessário para quê?” digo.

“O que, você está se sentindo triste por *ele* agora?” Tobias diz, virando-se para mim

com uma cara feia. ”Você sabe quantas vezes ele fez isso comigo? Como você acha que eu

aprendi os movimentos?”

Sinto-me frágil, como se eu pudesse quebrar. Pareceu ensaiado, como se Tobias

tivesse passado pelas etapas em sua mente, recitado as palavras na frente de um espelho.

Ele sabia de cor; ele estava apenas fazendo o outro papel neste momento.

“Não,” eu digo calmamente. ”Não, eu não sinto pena dele, nem um pouco.”

“Então *o quê*, Tris?” Sua voz é áspera; poderia ser a única coisa que me quebra.

”Você não se importa com o que eu faço ou digo desde a semana passada; o que é tão

diferente sobre isso?”

Estou quase com medo dele. Eu não sei o que dizer ou fazer perto da parte errática

dele, e elas está aqui, borbulhando sob a superfície do que ele faz, assim como a parte

cruel de mim. Nós dois temos guerra dentro de nós. Às vezes, nos mantém vivo. Às vezes,

ela ameaça nos destruir.

“Nada,” eu digo.

O elevador sinaliza que chegou. Ele entra, e pressiona o botão FECHAR para as

portas se fecharem entre nós. Eu fico olhando para o metal escovado e tento pensar ao

longo dos últimos dez minutos.

“Isso precisa parar,” diz ele. *Isso* era o ridículo, que era um resultado do

interrogatório, onde ele admitiu que se juntou ao Destemor para escapar de seu pai. E

então ele bate em Marcus—em público, onde todo o Destemor poderia vê-lo.

Por quê? Para salvar seu orgulho? Não pode ser. Era muito intencional para isso.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

142

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

No caminho de volta para o refeitório, eu vejo um homem da Sinceridade

caminhando com Marcus em direção ao banheiro. Ele caminha lentamente, mas não está

curvado, o que me faz pensar que Tobias não causou a ele um grande dano. Eu vejo a

porta se fechar atrás dele.

Eu esqueci completamente o que ouvi no complexo da Amizade, sobre a

informação pela qual meu pai arriscou a vida. *Supostamente*, eu me lembro. Pode não ser

sábio confiar em Marcus. E eu prometi a mim mesma que não iria perguntar a ele sobre

isso de novo.

Eu demoro fora do banheiro até que o homem da Sinceridade sai, e então caminho

antes que a porta se feche completamente. Marcus está sentado no chão ao lado da pia

com um chumaço de papel toalha pressionado em sua boca. Ele não parece feliz em me

ver.

“O que, aqui para tripudiar?” diz ele. ”Saia.”

“Não” eu digo.

Por que estou aqui, exatamente?

Ele olha para mim com expectativa. “Bem?”

“Eu pensei que você poderia gostar de um lembrete,” eu digo. ”Seja o que for que

você quer de Jeanine, você não será capaz de fazer isso sozinho, e não será capaz de fazê-lo

com apenas a Abnegação te ajudando.”

“Eu achei que já havíamos discutido isso.” Sua voz é abafada pelas toalhas de

papel. “A ideia de que *você* poderia ajudar...”

“Eu não sei de onde você tirou esta ilusão de que eu sou inútil, mas é o que é,” eu

atiro. ”E eu não estou interessada em ouvir sobre isso. Tudo o que eu quero dizer é que,

quando você parar de delirar e começar a se sentir desesperado porque é muito inapto

para descobrir por si mesmo, você sabe quem procurar.”

Deixo o banheiro assim que o homem da Sinceridade volta com um saco de gelo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Veronica Roth

21

Eu estou em pé diante da pia do banheiro feminino; uma arma repousa em minha

mão. Lynn colocou-a aqui há alguns minutos atrás; ela parecia confusa com o fato de eu

não ter fechado minha mão ao redor dela e colocado em outro lugar, em um coldre, ou na

cintura por debaixo do meu jeans. Eu simplesmente a deixei ficar ali, e corri para o

banheiro antes de entrar em pânico.

Não seja idiota. Eu não posso fazer o que estou prestes a fazer sem uma arma. Isto

seria loucura. Então tenho que resolver esse problema que estou tendo nos próximos cinco

minutos.

Eu enrolo meu dedo mindinho ao redor do cabo em primeiro lugar, depois meu

segundo dedo, em seguida, os outros. O peso é familiar. Meu dedo indicador escorrega até

o gatilho. Eu solto minha respiração.

Eu começo a erguê-la, trazendo minha mão esquerda para se encontrar com minha

direita para dar firmeza enquanto seguro. Eu mantenho-a afastada de meu corpo, meus

braços retos, assim como Quatro me ensinou, quando este era seu único nome. Usei uma

arma como esta para defender meu pai e meu irmão da simulação obrigatória no

Destemor. Usei-a para impedir que Eric desse um tiro na cabeça de Tobias. Não é

inteiramente maligna. É apenas uma ferramenta.

Vejo o tremeluzir de um movimento no espelho, e antes que eu possa parar, eu

encaro o meu reflexo. *É assim que pareci para ele*, eu penso. *É assim que me parecia quando*

atirei nele.

Gemendo como um animal ferido, deixo a arma cair de minhas mãos e envolvo

meus braços em volta do meu corpo. Eu quero chorar, porque sei que isso vai me fazer

sentir melhor, mas não posso forçar as lágrimas. Eu só me agacho no chão do banheiro,

encarando os azulejos brancos. Eu não posso fazer isso. Não posso levar a arma comigo.

Eu não deveria nem ir; mas ainda vou.

“Tris?” Alguém bate na porta. Eu me levanto e descruzo os braços enquanto a porta

está sendo aberta. Tobias entra no banheiro.

“Zeke e Uriah me disseram que você está indo espiar Jack,” ele disse.

“Oh.”

“Você vai?”

“Por que eu deveria falar para você? Você nunca me diz nada sobre *seus* planos.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Seus olhos castanhos se enrugam. “Do que você está falando?”

“Estou falando sobre socar Marcus em frente de todo Destemor sem nenhum

motivo aparente.” Eu ando na direção dele. “Mas há uma razão, não há? Porque não foi

como se você tivesse perdido o controle; não foi porque ele fez algo para provocar você,

então tem que haver uma razão!”

“Eu precisava provar para o Destemor que eu não sou um covarde,” disse ele. “Isso

foi tudo. Foi só isso.”

“Por que você precisa...” eu comecei.

Por que Tobias precisaria se provar para o Destemor? Só se ele quisesse que o

tivessem em alta estima. Só se ele quisesse se tornar um líder Destemor. Lembro-me da

voz de Evelyn, falando por entre as sombras na casa dos sem facção: “O que estou

sugerindo é que você *se torne* importante.”

Ele quer que Destemor se junte aos sem facção, e sabe que o único jeito de fazer isso

acontecer é fazendo ele mesmo com que isso aconteça.

O porquê dele não sentir necessidade em contar isso para mim é outro mistério

completamente diferente. Antes que eu possa questioná-lo, ele diz, “Então, você vai espiar,

ou não?”

“O que isso importa?”

“Você está se colocando em perigo sem nenhuma razão novamente,” ele diz.

“Assim como quando você correu para enfrentar a Erudição com apenas um... Um *canivete*

para se proteger.”

“Há uma razão. Uma boa. Nós não saberemos o que está acontecendo a menos que

a gente espie, e precisamos saber o que está acontecendo.”

Ele cruza seus braços. Ele não é corpulento do mesmo jeito que alguns dos garotos

Destemor são. Para algumas garotas, o que mais chama a atenção nele são suas orelhas

pontudas, e o jeito de seu nariz se curvar na ponta, mas para mim...

Eu engulo o resto desse pensamento. Ele está aqui para gritar comigo. Ele vem

escondendo coisas de mim. O que quer que sejamos agora, eu não posso me afundar em

pensamentos de quão atraente ele é. Isso só tornará mais difícil para eu fazer o que precisa

ser feito. E nesse momento, é ouvir o que Jack Kang tem a dizer para a Erudição.

“Você não está mais cortando seu cabelo como a Abnegação,” digo. “É por que você

quer se parecer mais com Destemor?”

“Não mude de assunto,” diz ele. “Já tem quatro pessoas indo espiar Jack. Você não

precisa ir.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

145

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Por que você insiste tanto em me deixar aqui?” minha voz aumenta. “Não sou do

tipo de pessoa que só fica sentada e deixa os outros correrem risco!”

“Enquanto você for alguém que parece não dar valor a própria vida... Alguém que

não consegue nem segurar, muito menos disparar uma *arma*...” ele se inclina para perto de

mim. “Você deveria ficar sentada e deixar que outras pessoas corram os riscos.”

Sua voz silenciosa pulsa dentro de mim como um segundo batimento cardíaco. Eu

ouço as palavras, *não parece dar valor a própria vida*, sem parar.

“O que você vai fazer?” digo. “Me trancar no banheiro? Esse é o único jeito de me

impedir.”

Ele coloca a mão na testa e permite que ela escorregue até suas bochechas. Eu nunca

vi sua face ceder dessa maneira antes.

“Eu não quero parar você. Eu quero que você se controle,” diz ele. “Mas se for para

ser imprudente, você não pode me impedir de ir junto.”

Ainda está escuro, mas não completamente, quando alcançamos a ponte, que é pista

dupla, com pilares de concreto em cada canto. Nós descemos a escada próxima a um dos

pilares e rastejamos com passos silenciosos até o nível do rio. Grandes poças de água

parada brilham como se a luz do dia estivesse batendo nelas. O sol está nascendo; temos

que entrar em posição.

Uriah e Zeke estão em um edifício do outro lado da ponte, de modo que eles

possam ter uma visão melhor e mais ampla para nos cobrir de certa distância. Eles têm

melhor pontaria do que Lynn e Shauna, que veio porque Lynn pediu, apesar de sua

explosão no Ponto de Encontro.

Lynn vai primeiro, suas costas pressionadas contra o concreto enquanto ela avança

lentamente em direção à parte de baixo do suporte da ponte. Eu a sigo, com Shauna e

Tobias atrás de mim. A ponte é suportada por quatro estruturas de metal curvadas que a

fixam na parede de concreto, e por estreitas vigas sob seu nível inferior. Lynn se segura

diante de uma das estruturas de metal e a escala rapidamente, mantendo as vigas estreitas

abaixo de seus pés enquanto ela continua em direção ao meio da ponte.

Eu deixo Shauna ir à frente, pois não posso escalar tão bem. Meu braço esquerdo

treme enquanto tento me lançar para o topo da estrutura de metal. Eu sinto o toque frio

das mãos de Tobias em minha cintura, me estabilizando.

Eu agacho para me encaixar no espaço entre a parte inferior da ponte e as vigas

debaixo de mim. Eu não vou muito longe antes de parar, meu pé sobre uma viga e meu

braço esquerdo em outra. E eu terei que permanecer assim por um longo tempo.

Tobias desliza por uma das vigas e coloca uma de suas pernas em cima das minhas.

É longa o suficiente para se estender por baixo de mim e pisar em uma segunda viga. Eu

expiro e sorrio para ele em um tipo de agradecimento. É a primeira vez desde que

deixamos o Mart Impiedoso que damos uma trégua um para o outro.

Ele sorri de volta, mas severamente.

Nós esperamos pelo momento certo em silêncio. Eu respiro pela boca e tento

controlar a tremedeira de meus braços e pernas. Shauna e Lynn parecem se comunicarem

sem nenhuma palavra. Elas fazem caras e bocas uma para a outra que eu não consigo

entender, e acenam e sorriem quando atingem uma compreensão. Eu nunca pensei sobre

como poderia ser se eu tivesse uma irmã. Será que Caleb e eu seríamos próximos se ele

fosse uma garota?

A cidade está tão quieta nesta manhã que os passos ecoam assim que se aproximam

da ponte. O som vem por detrás de mim, o que só pode significar que é Jack e sua escolta

Destemor, não a Erudição, que chegaram. Destemor deve saber que estamos aqui, apesar

de Jack Kang nem parecer notar. Se ele olhar para baixo por mais de alguns segundos, ele

poderá nos ver por entre a grade de metal sob seus pés. Eu tento respirar o mais

silenciosamente possível.

Tobias verifica seu relógio, e em seguida segura seu braço na minha frente para me

mostrar a hora. Exatamente sete da manhã.

Eu olho para cima e observo a teia de metal sobre mim. Pés passam por cima de

minha cabeça. E então eu o escuto.

“Olá, Jack,” ele diz.

É Max, que nomeou Eric à liderança Destemor sob as ordens de Jeanine, que

implantou políticas de crueldade e brutalidade na iniciação Destemor. Eu nunca falei com

ele diretamente, mas o som de sua voz me fez tremer.

“Max,” Jack diz. “Onde está Jeanine? Pensei que ela teria a cortesia de se

apresentar.”

“Jeanine e eu dividimos nossas responsabilidades de acordo com nossos pontos

fortes,” ele diz. “Isto significa que eu tomo todas as decisões militares. Acredito que isso

inclui o que estamos fazendo hoje.”

Eu franzo o cenho. Eu não ouvi Max falar muito, mas algo nas palavras que ele está

usando, e em seu ritmo, parece... *estranho*.

“Ótimo,” diz Jack. “Eu vim para...”

“Devo informar que isso não será uma negociação,” Max diz. “Em uma negociação,

você deve estar no mesmo nível, e você não está.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que você pertence à única facção descartável. A Sinceridade não

nos

dá proteção, sustento, ou inovação tecnológica. Por isso vocês são dispensáveis para nós. E

vocês não têm feito o bastante para ganharem um favor de seus companheiros Destemor,”

diz Max. “Então, você é completamente vulnerável e completamente inútil. Eu recomendo,

portanto, que você faça exatamente o que eu disser.”

“Seu projeto de gente,” diz Jack rangendo os dentes. “Como *ousa*...”

“Não vamos nos exaltar agora,” Max diz.

Eu mordo meu lábio inferior. Eu devo confiar em meus instintos, e eles me dizem

que alguma coisa está errada aqui. Nenhum homem Destemor que se preze diria a palavra

exaltar. Nem reagir tão calmo a um insulto. Ele está falando como outra pessoa. Está

falando como Jeanine.

Os pelos de minha nuca se eriçam. Faz todo sentido. Jeanine não confiaria em

ninguém, particularmente em um volátil Destemor, para falar em seu nome. A melhor

solução para esse problema era dar a Max um ponto eletrônico. E o sinal de um ponto

eletrônico pode chegar somente até um quarto de um quilômetro, no máximo.

Eu encontro o olhar de Tobias, e lentamente movo minha mão para apontar minha

orelha. Depois eu aponto acima de mim, para onde Max está de pé.

Tobias franze o cenho por um momento, depois assente levemente com a cabeça,

mas não tenho certeza de que ele entendeu o que eu disse.

“Tenho três exigências,” diz Max. “Primeiro, quero que você liberte o líder

Destemor que atualmente está detido no cativeiro ileso. Segundo, que você permita a

entrada de nossos soldados em seu recinto para que possamos procurar pelos Divergentes,

e extraí-los de lá; e terceiro, que você nos forneça os nomes daqueles em que não injetaram

o soro de simulação.”

“Por quê?” Jack diz amargamente. “O que você está procurando? E por que você

precisa desses nomes? O que você pretende fazer com eles?”

“O propósito de nossa busca será localizar e remover qualquer Divergente no local.

E quanto aos nomes, isto não é da sua conta!”

“Não é da minha conta!” Ouço passos rangerem acima de mim e olho através da

teia de metal. Pelo que eu posso ver, Jack está segurando a gola da camisa de Max.

“Liberte-me,” diz Max. “Ou irei ordenar aos meus guardas para abrirem fogo.”

Eu franzo. Se Jeanine está mesmo falando através de Max, ela deve estar próxima

para ver que ele está sendo agarrado. Eu me inclino para frente, olhando para os edifícios

do outro lado da ponte. À minha esquerda, as curvas do rio, e um edifício de vidro

atarracado na margem. Deve ser ali que ela está.

Eu começo a escalar de volta para trás, indo até a estrutura de metal que suporta a

ponte, em direção à escada que me levará até a rua principal. Tobias me segue

imediatamente, e Shauna cutuca Lynn no ombro. Mas Lynn está fazendo outra coisa.

Eu estava ocupada demais pensando em Jeanine. E nem notei que Lynn pegou sua

arma e começou a escalar em direção à extremidade da ponte. A boca de Shauna está

aberta e seus olhos vidrados em Lynn balançando-se para frente, agarrando a borda da

ponte, e empurrando o braço sobre ela. Seu dedo aperta o gatilho.

Max arfa, sua mão batendo contra seu peito, e tropeça para trás. Quando ele deixa

sua mão cair para longe de seu corpo, vejo que está escura com sangue.

Eu não me importo em escalar mais. Eu caio dentro de uma poça de lama, seguido

por Tobias, Lynn, e Shauna. Minhas pernas afundam na lama, e meus pés fazem sons de

sucções enquanto os coloco para fora. Meus sapatos estão escorregadios, mas continuo

andando até chegar ao concreto. Armas e munições afundam na lama perto de mim. Eu

me lanço contra a parede debaixo da ponte de modo que eles não conseguem me ver.

Tobias se prensa na parede atrás de mim, tão perto que posso sentir seu queixo

flutuar sobre minha cabeça e consigo sentir seu peito contra meus ombros. Protegendo-

me.

Posso voltar correndo para a sede da Sinceridade, e para a segurança temporária.

Ou posso achar Jeanine em seu estado mais vulnerável, provavelmente, no qual eu nunca

poderia encontrar novamente.

Não é nem mesmo uma escolha.

“Vamos!” digo. E corro até a escada, os outros bem atrás de mim. No nível inferior

da ponte, Destemor atira contra os traidores da facção. Jack está seguro, curvado, com um

braço de alguém do Destemor pendurado em seus ombros. Eu corro mais rápido. Corro

através da ponte sem olhar para trás. Eu já consigo ouvir os passos de Tobias. Ele é o único

que consegue continuar comigo.

O edifício de vidro está na minha frente. E então eu ouço mais passos, mais tiros. Eu

corro em zigue-zague, para tornar mais difícil para os traidores Destemor me acertarem.

Estou próxima do edifício de vidro. Estou a metros de distância. Eu cerro os dentes

e me esforço mais. Minhas pernas estão dormentes; mal consigo sentir o solo debaixo de

meus pés. Mas antes que eu alcance as portas, vejo um movimento em um beco à minha

direita. Eu me desvio e sigo-o.

Três figuras correm pelo beco. Uma é loira. Uma é alta. E a outra é Peter.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

149

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu tropeço e quase caio.

“Peter!” eu grito. Ele levanta sua arma, e atrás de mim, Tobias levanta a dele, e nós

paramos a alguns metros de distância, por um momento. Por trás dele, a figura loira—

Jeanine, provavelmente—e o outro traidor Destemor viram a esquina. Apesar de eu não

ter uma arma, e nem um plano, eu quero correr atrás deles, e talvez eu fosse se Tobias não

prendesse sua mão em meu ombro e me segurasse no lugar.

“Seu traidor,” eu digo para Peter. “Eu sabia, eu *sabia*.”

Um grito perfura o ar. É angustiante e feminino.

“Parece que seus amigos precisam de você,” Peter diz com um flash de um

sorriso—ou está cerrando os dentes, não posso dizer. Ele mantém sua arma levantada.

“Você tem uma escolha. Pode nos deixar ir e ajudar seus amigos, ou você pode morrer

tentando nos seguir.”

Eu quase solto um grito. Ambos sabemos o que estou prestes a fazer.

“Espero que você morra,” eu digo.

Eu me apoio em Tobias, que se apoia em mim, até chegarmos ao fim do beco,

depois viramos e corremos.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

150

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

22

Shauna está estirada no chão, com o rosto virado para baixo, e sangue escorrendo

por sua camisa. Lynn está agachada ao seu lado. Encarando-a. Parada.

“É culpa minha,” murmura Lynn. “Eu não devia ter atirado nele. Não devia...”

Eu fito a ferida em Shauna, que está coberta de sangue. Uma bala a atingiu nas

costas. Não consigo dizer se ela está respirando. Tobias coloca dois dedos em um lado do

pescoço dela, e balança a cabeça.

“Temos que sair daqui,” ele diz. “Lynn. Olhe para mim. Eu vou carregá-la, e isso

pode causar muita dor nela, mas é a nossa única opção.”

Lynn concorda com um breve aceno de cabeça. Tobias se ajoelha ao lado de Shauna

e coloca suas mãos por debaixo dos braços dela. Ele a ergue, e ela solta um gemido. Eu

corro até ele para ajudá-lo a colocar o corpo flácido em cima de seu ombro. Minha

garganta dá um nó, e tusso para aliviar a tensão.

Tobias se levanta com um grunhido de esforço, e juntos caminhamos em direção ao

Mart Impiedoso—Lynn vai na frente, com sua arma. Caminho olhando para trás,

observando se há alguém nos seguindo, mas não vejo ninguém. Acho que os traidores

Destemor foram embora. Mas tenho que ter certeza.

“Ei!” alguém grita. É Uriah, correndo em nossa direção. “Zeke teve que ajudar a proteger Jack... Oh não.” Ele para. “Oh não. Shauna?”

“Agora não é hora,” diz Tobias, severo. “Corra de volta para o Mart Impiedoso e veja se consegue encontrar um médico.”

Uriah permanece parado, encarando-o.

“Uriah! Vai, *agora*!” O grito ecoa pela rua sem que qualquer outro som o abafe.

Uriah finalmente se vira e corre a toda velocidade em direção ao Mart Impiedoso.

Estamos a apenas alguns metros de distância, mas com os gemidos de Tobias, com a respiração irregular de Lynn, e com a impressão de que Shauna está sangrando até a morte, o caminho parece interminável. Eu observo os músculos nas costas de Tobias se expandindo e se contraindo conforme sua respiração. Eu não ouço nossos passos; escuto apenas as batidas do meu coração. Quando finalmente alcançamos as portas, sinto que posso vomitar a qualquer momento, ou desmaiar, ou gritar com toda a força que conseguir.

Uriah, e outro homem da Erudição com um moicano, e Cara, nos encontram assim

que entramos. Eles pegam uma maca para que Tobias coloque Shauna. O médico começa a

trabalhar imediatamente, cortando a camisa de Shauna. Eu me viro. Não quero ver a

ferida que a bala causou.

Tobias está de frente para mim, seu rosto está vermelho pelo esforço feito. Eu quero

que ele me envolva em seus braços novamente, como fez depois do último ataque, mas ele

não o faz.

“Não vou fingir que sei o que está acontecendo com você,” ele diz. “Mas se arriscar

sua vida, novamente, sem nenhuma razão...”

“Eu não estou arriscando minha vida. Estou tentando fazer *sacrifícios*, como meus

pais teriam feito, como...”

“Você *não* é seus pais. Você é apenas uma garota de dezesseis anos...”

Eu ranjo os dentes. “Como você se *atreve*...”

“...que não entende que o valor de um sacrifício reside na *necessidade*, e não em jogar

sua vida fora! Se você fizer isso de novo, nós terminamos.”

Eu não esperava que ele dissesse isso.

“Você está me chantageando?” Tento manter minha voz baixa para que os outros

não consigam ouvir.

Ele chacoalha a cabeça. “Não, estou dizendo um fato.” Seus lábios estão alinhados.

“Se você se colocar em perigo por razão nenhuma novamente, você terá se tornado nada

mais do que uma idiota Destemor em busca de adrenalina, e não vou ajudá-la a se tornar

isso.” Ele lança as palavras asperamente. “Eu amo Tris, a Divergente, aquela que toma

decisões contrárias. Mas a Tris que está tentando o mais arduamente que pode se

destruir... Não posso amá-la.”

Quero gritar. Mas não porque estou irritada, mas sim porque estou com medo de

que ele esteja certo. Minhas mãos tremem e agarro a bainha de minha camisa para acalmá-

las.

Ele encosta sua testa na minha e fecha os olhos. “Acredito que você ainda está aí,”

ele diz com sua boca contra a minha. “Volte.”

Ele me beija levemente, estou chocada demais para interrompê-lo.

Ele volta para o lado de Shauna, e eu fico de pé, na frente de uma escada da

Sinceridade no saguão, perplexa.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

152

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Quanto tempo.”

Me afundo na cama ao lado de Tori. Ela está sentada, com suas pernas escoradas em uma pilha de travesseiros.

“Muito tempo,” eu digo. “Como está se sentindo?”

“Como se tivesse levado um tiro.” Um sorriso brota em seus lábios. “Fiquei sabendo que está familiarizada com a sensação.”

“Pois é. É ótimo, não é?” Tudo o que consigo pensar é na bala nas costas de Shauna.

Ao menos Tori e eu vamos nos recuperar de nossas feridas.

“E então, descobriu alguma coisa interessante no encontro de Jack?” ela pergunta.

“Pouca coisa,” digo. “Você sabe como marcar um encontro com Destemor?”

“Posso ajudar. Uma coisa boa em ser uma tatuadora Destemor é... Você conhece muita gente.

“Claro,” eu digo. “Você também tem o prestígio de ser uma ex-espiã.”

A boca de Tori se contorce. “Eu quase me esqueci disso.”

“*Você* descobriu alguma coisa interessante? Quero dizer, como espiã.”

“Minha principal missão era focada em Jeanine Matthews.” Ela olhou furiosamente

para as mãos. “Como ela passava o dia. E, mais importante, *onde* ela passava.”

“Não em seu escritório, então?”

Tori não respondeu de imediato.

“Acho que posso confiar em você, Divergente.” Ela olhou para mim pelo canto de

olho. “Ela tem um laboratório privado no nível superior. Medidas de segurança insanas

protegendo-o. Eu tentava entrar lá quando eles descobriram o que eu realmente era.”

“Você tentou entrar lá,” eu digo. Seus olhos fogem do encontro com os meus. “Não

para espionar, suponho.”

“Achei que seria mais... *Conveniente,* se Jeanine Matthews não ficasse viva por muito

tempo.”

Eu vejo um tipo de sede em sua expressão, a mesma que vi quando ela me contou

sobre seu irmão no quarto dos fundos do estúdio de tatuagem. Antes da simulação de

ataque eu poderia ter chamado isso de sede por justiça, ou até mesmo vingança, mas agora

sou capaz de identificar como uma sede por sangue. E mesmo que isso me espante, eu

entendo.

O que provavelmente deveria me espantar ainda mais.

Tori diz: “Eu vou marcar uma reunião.”

Os membros do Destemor estão reunidos no espaço entre algumas fileiras de

beliches e a porta, que está coberta por um lençol amarrotado, a melhor forma que

encontramos para manter nossa reunião em sigilo. Não tenho dúvidas de que Jack Kang

concordará com as ordens de Jeanine. Nós não estamos mais seguros aqui.

“Quais eram os termos?” Tori pergunta. Ela se senta em uma cadeira ao lado de um

beliche, sua perna ferida descansa à sua frente. Ela pergunta para Tobias, mas ele parece

não prestar atenção. Ele está inclinado contra uma dos beliches, seus braços estão cruzados

em seu peito, fitando o piso.

Eu limpo minha garganta: “Foram três. Soltar Eric. Entregar uma lista com os

nomes de quem não foi injetado com o soro da última vez. E entregar os Divergentes na

sede da Erudição.”

Eu olho para Marlene. Ela sorri para mim, um pouco triste. Ela provavelmente deve

estar preocupada com Shauna, que ainda está com o médico da Erudição. Lynn, Hector,

seus pais, e Zeke estão com ela.

“Se Jack Kang está fazendo acordos com a Erudição, não podemos ficar mais aqui,”

diz Tori. “Então, para onde vamos?”

Eu penso no sangue na camisa de Shauna, e nos pomares da Amizade, o som do

vento nas folhas, o sentimento das cascas sob minhas mãos. Nunca pensei que almejaria

aquele lugar. Não pensei que havia isso em mim.

Eu fecho meus olhos por um instante, e quando os abro, estou de volta à realidade,

e a Amizade é só um sonho.

“Para casa,” Tobias diz, levantando sua cabeça. Todos estão escutando. “Nós

devemos tomar de volta o que é nosso. Podemos quebrar as câmeras de segurança na sede

Destemor para que a Erudição não possa nos ver. Devemos ir para casa.”

Alguém concorda com um grito, e outra voz se junta à primeira. É assim que

algumas coisas no Destemor são decididas: com acenos e gritos. São nesses momentos que

não parecemos mais como isolados. Somos todos parte de uma mesma mente.

“Mas, antes de fazermos isto,” diz Bud, que trabalhava uma vez com Tori no

estúdio de tatuagem, e que está com uma de suas mãos nas costas da cadeira de Tori, “Nós

precisamos decidir o que fazer com Eric. Deixá-lo aqui para a Erudição, ou executá-lo.”

“Eric é Destemor,” Lauren diz, girando o piercing em seu lábio com um de seus

dedos. “Significa que *nós* decidimos o que acontecerá com ele. Não a Sinceridade.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

154

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Desta vez, um grito ruge para fora de meu corpo, se juntando com outros.

“De acordo com as leis Destemor, somente líderes da facção podem fazer uma

execução. E todos os cinco ex-líderes são traidores,” diz Tori. “Então, acho que é hora de

escolhermos novos líderes. A lei diz que precisamos de mais de um, e precisamos de um

número ímpar. Se vocês tiverem sugestões, devem dizê-las agora, e votaremos se for

necessário.”

“Você!” alguém grita.

“Tudo bem,” diz Tori. “Alguém mais?”

Marlene coloca as mãos ao redor da boca e diz: “Tris!”

Meu coração acelera. Mas para minha surpresa, ninguém murmura e nem mesmo

ri. Ao invés disso, algumas pessoas concordam, assim como fizeram quando o

nome de

Tori foi mencionado. Eu faço uma varredura na multidão e encontro Cristina. Ela está de

pé com os braços cruzados, e não parece reagir nem um pouco a minha nomeação.

Eu me pergunto como eu pareço para eles. Eles devem ver alguém que eu não sou.

Alguém capaz e forte. Alguém que não posso ser; alguém que posso ser.

Tori afirma com um aceno de cabeça e olha ao redor para outra recomendação.

“Harrison,” alguém diz. Eu não sei quem é Harrison até que alguém bate no ombro

de um homem de meia-idade com um longo cabelo loiro. Eu o reconheço—ele é o

Destemido que me chamou de *garota* quando Zeke e Tori voltaram da sede da Erudição.

Os membros do Destemor ficam calados por um momento.

“Eu vou nomear Quatro,” diz Tori.

Apesar de alguns poucos murmúrios enraivecidos no fundo da sala, ninguém

discorda. Ninguém está mais o chamando de covarde, não depois dele bater em Marcus

no refeitório. Pergunto-me como eles reagiriam se soubessem quão calculada foi aquela

briga.

Agora, ele poderia obter exatamente o que ele pretendia obter. A menos que eu

ficasse em seu caminho.

“Nós precisamos somente de três líderes,” Tori diz. “Nós vamos ter que votar.”

Eles nunca me nomeariam se não fosse por eu ter parado a simulação de ataque. E

talvez, eles nunca teriam me nomeado se não fosse por eu ter atacado Eric no elevador, ou

me colocado debaixo daquela ponte. Quanto mais imprudente fico, mais popular me torno

no Destemor. Tobias olha para mim. Não posso ser popular com Destemor, porque, Tobias

está certo—não pertenço ao Destemor; sou uma Divergente. Eu sou o que escolho ser. E

não posso escolher ser isto. Eu tenho que me afastar deles.

“Não,” eu digo. Limpo minha garganta e digo mais alto. “Não, vocês não precisam

votar. Eu recuso minha nomeação.”

Tori levanta uma de suas sobrancelhas para mim. “Você tem certeza, Tris?”

“Sim,” digo. “Eu não quero isso. Tenho certeza.”

E assim, sem nenhum argumento e nenhuma cerimônia, Tobias é eleito para ser um

líder Destemor. E eu não.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

156

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

23

Nem dez segundos depoid da escolha de nossos novos líderes, algo toca—uma

vibração longa, duas curtas. Eu sigo o som, meu ouvido direito em direção à parede, e

encontro um alto falante suspenso no teto. Há outro do outro lado da sala.

Então a voz de Jack Kang fala à nossa volta.

“Atenção a todos os ocupantes da sede da Sinceridade. Há algumas horas eu me

encontrei com um representante de Jeanine Matthews. Ele me lembrou de que nós da

Sinceridade estamos numa posição frágil, dependendo da Erudição para nossa

sobrevivência, e me disse que se pretendemos manter essa facção livre, teremos que

cumprir algumas exigências.”

Eu encaro o alto falante, paralisada. Não deveria estar surpresa de que o líder da

Sinceridade fosse direto ao ponto, mas não esperava um anúncio público.

“Para cumprir essas exigências, eu peço que todos vão até ao Ponto de Encontro

para que reportem se têm um implante ou não,” ele diz. “A Erudição também pediu que

todos os Divergentes sejam entregues à Erudição. Eu não sei com qual propósito.”

Ele soa indiferente. Derrotado. *Bom, ele* está *derrotado,* eu acho. *Porque foi muito fraco*

para lutar.

Uma coisa que Destemor sabe que a Sinceridade não sabe é como lutar, mesmo

quando a luta parece inútil.

Às vezes, sinto que estou colecionando lições que cada facção tem a me ensinar, e as

guardando em minha mente como um guia para sobreviver ao mundo. Sempre tem algo a

aprender, sempre tem algo importante a entender.

O anúncio de Jack Kang termina com os mesmo três toques do começo. Destemor

corre pela sala, jogando coisas em mochilas. Alguns Destemidos jovens vão até a porta,

gritando algo sobre Eric. O cotovelo de alguém me pressiona na parede, e eu paro e fico

olhando o pandemônio se intensificar.

Por outro lado, uma coisa que a Sinceridade sabe que Destemor não sabe é como

não se deixar levar pela situação.

O Destemor para em um semicírculo em volta da cadeira de interrogatório, onde

Eric agora está sentado. Ele parece mais morto do que vivo. Ele está caído na cadeira, suor

brilhando em sua pálida testa. Ele encara Tobias com a cabeça inclinada para baixo, de

modo que seus cílios sobrepõem às sobrancelhas. Eu tento manter meus olhos nele, mas

seu sorriso—o jeito com que seus piercings se alargam quando seus lábios se abrem—é

quase muito horrível de se ver.

“Você gostaria que eu dissesse as acusações?” diz Tori. “Ou você gostaria de listá-

las você mesmo?”

Chuva cai do lado de fora do prédio e água escorre pelas paredes. Nós paramos na

sala de interrogatório, no último andar do Mart Impiedoso. A tempestade da tarde é mais

alta aqui. Cada soar do trovão e luz dos raios fazem meu pescoço formigar, enquanto a

eletricidade dança pela minha pele.

Eu gosto do cheiro do asfalto molhado. É fraco aqui, mas assim que terminarmos,

todos os Destemidos irão descer as escadas e deixar o Impiedoso Mart para trás, e o asfalto

será o único cheiro que irei sentir.

Temos nossas mochilas conosco. A minha é um saco feito de pano e cordas. Contém

minhas roupas e um par de sapatos. Estou usando a jaqueta que roubei de um traidor

Destemor—eu quero que Eric veja, se olhar para mim.

Eric procura pela multidão por alguns segundos, e então seus olhos pousam em

mim. Ele enlaça os dedos e os solta—com cuidado—em seu estômago. “Eu gostaria que *ela*

os listasse. Já que foi ela quem me esfaqueou, claramente está familiarizada com eles.”

Eu não sei que jogo ele está jogando, ou qual a vantagem de mexer comigo,

especialmente agora, antes de sua execução. Ele parece arrogante, mas percebo que os seus

dedos tremem quando ele os move. Até mesmo Eric deve ter medo da morte.

“Deixe-a fora disso,” diz Tobias.

“Por quê? Porque você transando com ela?” Eric sorri. “Ah espere, eu esqueci.

Caretas não *fazem* esse tipo de coisa. Eles só amarram o sapato um do outro e cortam o

cabelo um do outro.”

A expressão de Tobias não muda. Eu acho que entendo: Eric não se importa

comigo. Mas ele sabe exatamente onde atingir Tobias, e quão forte. E um dos lugares para

atingir Tobias mais fundo é atingir a mim.

Isso era o que eu mais queria evitar: meus altos e baixos se tornarem os altos e

baixos de Tobias. Esse é o motivo de não poder deixá-lo me defender agora.

“Eu quero que ela os liste,” repete Eric.

Eu digo, o mais uniformemente possível.

“Você conspirou com a Erudição. Você é responsável pelas mortes de centenas de

Abnegados.” Enquanto eu continuo, não consigo manter minha voz estável; eu começo a

cuspir as palavras como se fosse veneno. “Você traiu o Destemor. Você atirou na cabeça de

uma criança. Você é o brinquedo ridículo de Jeanine Matthews.”

Seu sorriso desaparece.

“Eu mereço morrer?” ele diz.

Tobias abre a boca para interromper. Mas eu respondo antes que ele possa.

“Sim.”

“É justo.” Seus olhos escuros estão vazios, como poços, como noites sem estrelas.

“Mas você tem o direito de decidir isso, Beatrice Prior? Como você decidiu o destino

daquele outro garoto—qual era o nome dele? Will?”

Eu não respondo. Eu escuto meu pai me dizendo, “O que faz você pensar que tem o

direito de atirar em alguém?” enquanto lutamos para chegar à sala de controle da sede

Destemor. Ele me disse que havia um jeito certo de fazer tudo, e que eu precisava achar a

resposta. Sinto algo em minha garganta, como uma bola de cera, tão grossa que eu mal

consigo engolir, quase não consigo respirar.

“Você cometeu cada crime que garante execução entre o Destemor,” diz Tobias.

“*Temos* o direito de executar você, sob as leis do Destemor.”

Ele se agacha para as três armas no chão perto dos pés de Eric. Uma por uma, ele

esvazia as câmaras de balas. Elas quase tilintam quando tocam o chão, e então rolam,

chegando até os sapatos de Tobias. Ele pega a arma do meio e coloca uma bala na primeira

câmara.

Então ele move as três armas no chão, misturando-as, até que eu não consiga mais

seguir a arma do meio. Eu perco vista de qual arma está carregada. Ele pega uma das

armas e oferece uma a Tori e outra para Harrison.

Tento pensar na simulação de ataque, e no que ela fez com a Abnegação. Todos os

inocentes vestidos de cinza mortos na rua. Não havia nem mesmo membros da Abnegação

suficientes para cuidar dos corpos, então eles provavelmente ainda devem estar lá. E isso

não teria acontecido sem Eric.

Penso no garoto da Sinceridade, assassinado sem um segundo de hesitação, como

ele estava rígido quando bateu no chão ao meu lado.

Talvez nós não sejamos aqueles que estão decidindo se Eric vive ou morre. Talvez

seja ele que decidiu isso, quando fez todas aquelas coisas horríveis.

Mas ainda é difícil respirar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

159

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu olho para ele sem malícia, sem ódio, e sem medo. Seu rosto brilha, e uma mecha

de cabelo sujo cai em seus olhos.

“Espere,” ele diz. “Eu tenho um pedido.”

“Não aceitamos pedidos de criminosos,” diz Tori. Ela está apoiada em uma só

perna, e ficou assim por alguns minutos. Ela parece cansada—provavelmente quer acabar

logo com isso para que possa sentar novamente. Para ela, essa execução é só um

inconveniente.

“Eu sou um líder Destemor,” ele diz. “Tudo que eu quero é que Quatro seja aquele

que atire.”

“*Por quê?* ” Tobias diz.

“Para que você possa viver com a culpa,” Eric responde. “De saber que você

usurpou meu lugar e então atirou na minha cabeça.”

Eu acho que entendo. Ele quer ver as pessoas quebrarem—sempre quis, desde que

colocou a câmera na sala de execução quando eu quase me afoguei, e provavelmente

muito antes disso. E ele acredita que, se Tobias matá-lo, ele verá isso antes de morrer.

Doente.

“Não haverá culpa,” diz Tobias.

“Então você não terá nenhum problema em fazer isso.” Eric sorri de novo.

“Diga-me,” diz Eric, “porque eu sempre me perguntei. É o seu pai que sempre

aparece na Paisagem do Medo que você atravessa?”

Tobias coloca a bala dentro da câmara vazia sem olhar.

“Você não gostou da pergunta?” Eric diz. “O quê, medo de que Destemor mude de

ideia sobre você? Perceba que, mesmo você tendo somente quatro medos, você ainda é um

covarde?”

Ele se ajeita na cadeira e coloca as mãos nos braços.

Tobias segura sua arma acima de seu ombro esquerdo.

“Eric,” ele diz, “seja corajoso.”

Ele aperta o gatilho.

Eu fecho os olhos.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

160

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

24

Sangue tem uma cor estranha. É mais escuro do que você espera ser.

Eu encaro a mão de Marlene, que está enrolada no meu braço. Suas unhas são

curtas e irregulares—ela as rói. Ela me puxa para frente, e eu devo estar andando, porque

eu me sinto mover, mas minha mente ainda está com Eric e ele ainda está vivo.

Ele morreu como Will morreu. Caiu como Will caiu.

Pensei que a sensação de inchaço na minha garganta iria embora quando ele

morresse, mas não foi. Eu tenho que dar um longo, longo suspiro para respirar ar

suficiente. Boa coisa que a multidão ao meu redor é muito barulhenta que ninguém pode

me ouvir. Ele marcha até as portas. Na frente do bando está Harrison, carregando Tori em

suas costas como uma criança. Ela ri, seus braços enrolados no pescoço dele.

Tobias coloca a mão em minhas costas. Eu sei por que eu o vejo atrás de mim

fazendo isso, não porque eu senti. Não sinto nada.

As portas abrem por fora. Nós paramos antes de atropelar Jack Kang e seu grupo da

Sinceridade que o seguiu.

“O que vocês fizeram?” ele diz. “Eu fui avisado de que Eric está desaparecido de

sua cela.”

“Ele estava sob nossa jurisdição,” diz Tori. “Nós demos a ele um julgamento e o

executamos. Você deveria nos agradecer.”

“Por que...” O rosto de Jack ruboriza. Sangue é mais escuro que rubor, mesmo que

um faça parte do outro. “Por que eu deveria agradecer vocês?”

“Porque você o queria morto também, certo? Já que ele matou uma de suas

crianças?” Tori inclina sua cabeça, seus olhos arregalados, inocentes. “Bem, nós tomamos

conta para você. E agora, se você nos desculpar, estamos indo embora.”

“O q... *Indo embora*?” Jack reage.

Se formos embora, ele será incapaz de completar duas das três condições que Max

deu a ele. O pensamento o aterroriza, o que é visível em seu rosto.

“Não posso deixar vocês irem,” ele diz.

“Você não nos *deixa* fazer nada,” diz Tobias. “Se você não se afastar, seremos

forçados a abrir caminho ou passar por cima de você.”

“Vocês não vieram aqui procurando por aliados?” Jack rebate. “Se fizerem isso, nós

iremos nos aliar a Erudição, prometo a vocês isso, e vocês nunca irão encontrar aliados

novamente, seus...”

“Não precisamos de vocês como nossos aliados,” diz Tori. “Somos Destemor.”

Todos gritam, e de alguma forma os gritos deles perfuram a névoa da minha mente.

A multidão toda segue em frente de uma vez. A Sinceridade no corredor se afasta abrindo

caminho enquanto nós nos derramamos como um cano estourado, água Destemor

preenchendo os espaços vazios.

O controle de Marlene em meu braço se quebra. Eu desço correndo as escadas,

seguindo o Destemor na minha frente, ignorando as cotoveladas e os gritos ao meu redor.

Sinto-me na iniciação de novo, correndo as escadas do Eixo logo após a Cerimônia de

Escolha. Minhas pernas queimam, mas está tudo bem.

Nós alcançamos a entrada. Um grupo da Sinceridade e Erudição está esperando lá,

incluindo a Divergente loira que foi arrastada pelos cabelos até o elevador, a garota que eu

ajudei a escapar, e Cara. Elas assistem o Destemor passar por elas com olhares

desamparados no rosto.

Cara me encontra e agarra meu braço, me puxando de volta. “Onde vocês todos

estão indo?”

“Sede Destemor.” Eu tento libertar meu braço, mas ela não me deixa ir. Não olho

para ela. Não posso olhar para ela agora.

“Vá para a Amizade,” eu disse. “Eles prometeram segurança para todos que

quiserem. Você não estará segura aqui.”

Ela me solta, quase me jogando para longe dela no processo.

Do lado de fora, o chão parece liso debaixo dos meus tênis, e meu saco de roupas

pula nas minhas costas enquanto diminuo a velocidade. Chuva respinga em meu rosto e

minhas costas. Meus pés pisam em poças de água, molhando minhas calças.

Eu cheiro o asfalto molhado, e finjo que isso é tudo que existe.

Eu paro na grade que dá para o abismo. Água atinge a parede atrás de mim, mas

não é alto o suficiente para molhar meus sapatos.

A cem metros de distância, Bud repassa armas de paintball. Alguém mais repassa

recargas de tinta. Logo os cantos escondidos da sede Destemor estarão revestidos de tinta

multicolorida, bloqueando as lentes das câmeras de vigilância.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

“Ei, Tris,” Zeke diz, se juntando a mim no corrimão. Os olhos dele estão vermelhos

e inchados, mas sua boca está curvada em um pequeno sorriso.

“Ei. Você conseguiu.”

“Sim. Esperamos até que Shauna estivesse estável e então a trouxemos aqui.” Ele

esfrega um de seus olhos com o polegar. “Eu não queria movê-la, mas… Não era mais

seguro na Sinceridade. Obviamente.”

“Como ela está?”

“Não sei. Ela irá sobreviver, mas a enfermeira disse que ela talvez fique paralítica

da cintura para baixo. E isso não me incomodaria, mas...” Ele levanta um ombro. “Como

ela pode ser Destemor se não puder andar?”

Eu olho através da Caverna, onde algumas crianças Destemor estão perseguindo

umas às outras, atirando bolas de tinta nas paredes. Uma delas quebra e respinga a pedra

de amarelo. Eu penso no que Tobias me disse quando passamos a noite com os sem facção,

sobre os Destemidos idosos deixarem a facção porque não conseguem mais ser fisicamente

capazes de continuarem aqui. Penso no ritmo da canção da Sinceridade, que nos chama da

facção mais cruel.

“Ela consegue,” eu disse.

“Tris. Ela não será capaz de se mover por aí.”

“Claro que será.” Eu olho para ele. “Ela pode conseguir uma cadeira de rodas, e

alguém pode levá-la pelos caminhos da Caverna, e tem um elevador em um prédio de *lá*.”

Eu aponto acima de nossas cabeças. “Ela não precisa ser capaz de andar para descer pela

tirolesa ou atirar com uma arma.”

“Ela não vai querer que eu a empurre.” Sua voz se quebra um pouco. “Ela não vai

querer que eu a levante ou carregue.”

“Ela terá que superar, então. Você vai deixá-la sair do Destemor por uma razão

estúpida como não ser capaz de andar?”

Zeke fica quieto por alguns segundos. Seus olhos se voltam para o meu rosto, e ele

aperta os olhos, como se estivesse me medindo ou me pesando.

Em seguida, ele se vira e se curva e envolve seus braços em volta de mim. Faz tanto

tempo que alguém me abraçou que eu endureço. Então eu relaxo, e deixo o gesto forçar

calor para dentro do meu corpo, que está gelado pela minha roupa úmida.

“Eu vou atirar em coisas,” ele disse enquanto se afasta. “Quer vir?”

Dou de ombros e vou atrás dele pelo chão da Caverna. Bud nos entrega uma arma

de paintball, e eu carrego a minha. O seu peso, forma e seu material são tão diferentes de

um revolver que eu não tenho problemas em segurá-la.

“Nós praticamente terminamos na Caverna e no subterrâneo,” diz Bud. “Mas vocês

deveriam enfrentar a Pira.”

“A Pira?”

Bud aponta para o edifício de vidro acima de nós. A visão me espeta como uma

agulha. A última vez que eu estive nesse lugar e olhei para esse teto, eu estava em uma

missão para destruir a simulação. Eu estava com o meu pai.

Zeke já está no caminho para lá. Eu me forço a acompanhá-lo, um pé depois do

outro. É difícil andar porque é difícil respirar, mas de alguma forma eu consigo. Quando

alcanço as escadas, a pressão no meu peito quase já se foi.

Quando chegamos à Pira, Zeke levanta a arma e aponta para as câmeras próximas

ao teto. Ele atira, e tinta verde atinge as janelas do outro lado, longe das lentes das

câmeras.

“Ooh,” eu digo, fazendo careta. “Ai.”

“É? Eu quero ver você fazer perfeito na primeira vez.”

“Você quer?” Eu levanto minha própria arma, sustentando com meu ombro

esquerdo ao invés do direito. A arma parece estranha na minha mão esquerda, mas eu não

consigo suportar seu peso com a minha mão direita ainda. Através da mira eu encontro a

câmera, e então eu foco nas lentes. Uma voz sussurra em minha cabeça. *Inspire. Mire.*

Expire. *Atire*. Leva alguns segundos para que eu perceba que é a voz de Tobias, porque foi

ele quem me ensinou a atirar. Eu aperto o gatilho e a bola atinge a câmera, derramando

tinta azul nas lentes. “Aí. Agora você viu. Com a mão errada, também.”

Zeke murmura alguma coisa que não soa agradável.

“Ei!” grita uma voz animada. Marlene enfia a cabeça acima do piso de vidro. Sua

testa está manchada de tinta, dando a ela uma sobrancelha roxa. Com um sorriso perverso,

ela mira em Zeke, o atingindo na perna, e então em mim. A bola de tinta me atinge no

braço, ardendo.

Marlene ri e some abaixo do vidro. Zeke e eu olhamos um para o outro, e então

corremos atrás de Marlene. Ela ri enquanto corre pelo caminho, desviando de uma

multidão de crianças. Eu atiro nela, e acerto a parede ao invés. Marlene atira em um garoto

próximo ao corrimão—Hector, o irmão mais novo de Lynn. Ele parece surpreso

no

começo, mas então ele atira de volta, acertando a pessoa perto de Marlene.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

164

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Estalos enchem o ar enquanto todos na Caverna começam a atirar uns nos outros,

jovens e adultos, as câmeras momentaneamente esquecidas. Eu corro pelo caminho,

cercada por risos e tiros. Agrupamos-nos juntos para formar times, e então viramos uns

contra os outros.

Na hora em que a luta termina, minhas roupas então mais coloridas do que pretas.

Eu decido manter a camiseta para me lembrar de por que escolhi Destemor em primeiro

lugar: não porque eles são perfeitos, mas porque eles são vivos. Porque eles são livres.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

165

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

25

Alguém invade a cozinha Destemor e aquece os alimentos imperecíveis mantidos

lá, por isso temos um jantar quente naquela noite. Eu sento na mesma mesa que

costumava sentar com Christina, Al e Will. A partir do momento que eu sento, sinto um

nó na garganta. Como é que apenas a metade de nós sobrou?

Sinto-me responsável por isso. Meu perdão poderia ter salvado Al, mas eu não o

dei. Minha lucidez poderia ter poupado Will, mas eu não pude tê-la.

Antes que eu possa me afundar demais em minha culpa, Uriah deixa cair sua

bandeja ao meu lado. Ela está cheia com guisado de carne e bolo de chocolate. Eu fico

olhando para a pilha de bolo.

“Tinha bolo?” digo, olhando para o meu próprio prato, que é mais humilde do que

o abastecido de Uriah.

“Sim, alguém acabou de trazer. Encontrou um par de caixas da mistura na parte de

trás e assou,” ele diz. ”Você pode dar algumas mordidas no meu.”

“*Algumas* mordidas? Então você está pensando em comer essa montanha de bolo

sozinho?”

“Sim.” Ele parece confuso. “Por quê?”

“Não importa.”

Christina se senta à mesa, tão longe de mim quando pode. Zeke coloca sua bandeja

ao lado dela. São logo acompanhados por Lynn, Hector e Marlene. Eu vejo um flash de

movimento sob a mesa, percebo que a mão de Marlene encontra a de Uriah sobre seu

joelho. Os dedos se unem. Ambos estão claramente tentando parecer casuais, mas parecem

esgueirar-se para o outro.

Na esquerda de Marlene, Lynn parece provar algo azedo. Ela empurra a comida em

sua boca.

“Onde está o fogo?” Uriah pergunta a ela. ”Você vai passar mal se continuar

comendo tão rápido.”

Lynn faz uma carranca para ele. ”Eu vou passar mal de qualquer jeito com o olhar

de vocês dois um para o outro o tempo todo.”

As orelhas de Uriah ficam vermelhas. ”Do que você está falando?”

“Eu não sou idiota, e nem ninguém aqui é. Então, por que você simplesmente

não

se agarra com ela e acaba com isso?”

Uriah parece atordoado. Marlene, no entanto, olha para Lynn, se inclina e beija

Uriah firmemente na boca, os dedos deslizando ao redor de seu pescoço, sob o colarinho

de sua camisa. Percebo que todas as ervilhas caem do meu garfo, que estava a caminho da

minha boca.

Lynn pega a bandeja e sai da mesa revoltada.

“O que foi aquilo?” diz Zeke.

“Não me pergunte,” diz Hector. “Ela está sempre zangada com alguma coisa. Eu

parei de tentar registrar tudo.”

O rosto de Uriah e o de Marlene ainda estão juntos. E eles ainda estão sorrindo.

Eu me forço a olhar para o meu prato. É tão estranho ver duas pessoas que se

conhecem separadamente unirem-se, apesar de ter visto isso acontecer antes. Eu ouço um

rangido quando Christina coça a bandeja à toa com o garfo.

“Quatro!” Zeke chama, acenando. Ele parece aliviado. ”Vem cá, tem espaço.”

Tobias descansa a mão no meu ombro bom. Algumas das articulações de sua mão

estão feridas, e o sangue parece fresco. ”Desculpe, eu não posso ficar.”

Ele se inclina para baixo e diz: “Posso pegar você emprestada por um tempo?”

Levanto-me, acenando um adeus a todos na mesa que estão prestando atenção—

que na verdade é apenas Zeke, realmente, porque Christina e Hector estão olhando para

seus pratos, e Uriah e Marlene estão conversando baixinho. Tobias e eu saímos do

refeitório.

“Para onde vamos?”

“O trem,” ele diz. ”Eu tenho uma reunião, e quero você lá para me ajudar a ler a

situação.”

Nós caminhamos até um dos caminhos que reveste as paredes da Caverna, para as

escadas que nos levam à Pira.

“Por que você precisa de *mim* para...”

“Porque você é melhor nisso do que eu.”

Eu não tenho uma resposta para isso. Subimos as escadas e atravessamos o chão de

vidro. No meio do caminho, andamos pela sala úmida na qual enfrentei minha paisagem

do medo. A julgar pela seringa no chão, alguém esteve lá recentemente.

“Você passou por sua paisagem do medo hoje?” pergunto.

“O que te faz dizer isso?” Seus olhos escuros fogem dos meus. Ele empurra a porta

da frente, e o ar de verão passa ao meu redor. Não há vento.

“Seus dedos estão cortados e alguém usou esse quarto.”

“Isso é exatamente o que eu quero dizer. Você é muito mais perspicaz do que a

maioria.” Ele verifica o seu relógio. ”Eles me disseram para pegar o trem saindo às

08h05. Vamos.”

Eu sinto uma onda de esperança. Talvez nós não vamos discutir neste momento.

Talvez as coisas vão finalmente ficar melhores entre nós.

Andamos nos trilhos. A última vez que fizemos isso, ele queria me mostrar que as

luzes estavam acesas na sede da Erudição, queria me dizer que Erudição estava

planejando um ataque contra a Abnegação. Agora, tenho a sensação de que estamos

prestes a nos encontrar com os sem facção.

“Perspicaz o suficiente para saber que você está fugindo da pergunta,” eu digo.

Ele suspira. ”Sim, eu passei pela minha paisagem do medo. Eu queria ver se ela

havia mudado.”

“E mudou. Não foi?”

Ele escova um fio de cabelo para fora do seu rosto e evita meus olhos. Eu não sabia

que seu cabelo era tão espesso—era difícil de dizer quando ele tinha o cabelo raspado,

como na Abnegação, mas agora tem seis centímetros de comprimento e quase paira sobre

sua testa. Faz ele parecer menos ameaçador, mais como a pessoa que eu vim a conhecer

em particular.

“Sim,” diz ele. ”Mas o número ainda é o mesmo.”

Ouço a buzina de trem explodir à minha esquerda, mas a luz fixada no primeiro

vagão não está ligada. Em vez disso, ele desliza sobre os trilhos como alguma coisa

escondida, rasteira.

“Quinto vagão,” ele grita.

Nós dois corremos rapidamente. Acho o vagão e pego a alça ao lado com a mão

esquerda, puxando tão forte quanto posso. Eu tento balançar as pernas para dentro, mas

elas não chegam a fazê-lo; estão perigosamente perto das rodas—eu grito, e raspo meu

joelho contra o chão quando eu me puxo para dentro.

Tobias entra depois de mim e se agacha ao meu lado. Aperto meu joelho e cerro os

dentes.

“Aqui, deixe-me ver,” diz ele. Ele empurra o meu jeans pela minha perna até o

joelho. Seus dedos deixam marcas frias na minha pele, invisíveis a olho nu, e penso

envolver sua camisa em minhas mãos e puxá-lo para me beijar, eu penso em me

pressionar contra ele, mas eu não posso, porque todos os nossos segredos iriam manter

um espaço entre nós.

Meu joelho está vermelho com sangue. ”É superficial. Vai curar rapidamente,” diz

ele.

Concordo com a cabeça. A dor já está parando. Ele dobra meu jeans para ele ficar

erguido. Eu vou para trás, olhando para o teto.

“Então, *ele* ainda está em sua paisagem do medo?” pergunto.

Parece que alguém acendeu um fósforo atrás de seus olhos. ”Sim. Mas não da

mesma maneira.”

Ele me disse uma vez que a sua paisagem do medo não mudou desde que ele

passou por isso, durante sua iniciação. Então, se ela mudou, mesmo que de forma

pequena, é alguma coisa.

“No entanto, você está nela.” Ele franze a testa para suas mãos. ”Em vez de ter que

atirar naquela mulher, como eu costumava fazer, eu tenho que ver você morrer. E não há

nada que eu possa fazer para impedir.”

Suas mãos tremem. Eu tento pensar em algo útil a dizer. *Eu não vou morrer*—mas eu

não sei isso. Vivemos em um mundo perigoso, e eu não sou tão ligada à vida para fazer de

tudo para sobreviver. Eu não posso tranquilizá-lo.

Ele verifica o seu relógio. ”Eles estarão aqui a qualquer minuto.”

Eu me levanto, e vejo Evelyn e Edward em pé ao lado dos trilhos. Eles correm antes

que o trem passe, e saltam para dentro com quase quase tão poucos problemas como

Tobias. Eles devem ter praticado.

Edward sorri para mim. Hoje, o seu tapa-olho tem um grande *X* azul costurado

sobre ele.

“Olá,” diz Evelyn. Ela olha apenas para Tobias quando diz isso, como se eu não

estivesse lá.

“Local de reunião agradável,” diz Tobias. Está quase escuro agora, então eu vejo

apenas sombras de edifícios contra um céu azul escuro, e algumas luzes brilhantes perto

do lago que deve pertencer à sede da Erudição.

O trem segue um caminho que não costuma seguir—para a esquerda, longe do

brilho da Erudição e para a parte abandonada da cidade. Eu posso dizer pelo silêncio

crescente no vagão que está parando.

“Parecia mais seguro,” diz Evelyn. ”Então você queria me ver.”

“Sim. Eu gostaria de discutir uma aliança.”

“Uma aliança,” repete Edward. ”E quem lhe deu autoridade para fazer isso?”

“Ele é um líder Destemor,” eu digo. ”Ele tem a autoridade.”

Edward levanta as sobrancelhas, parecendo impressionado. Os olhos de Evelyn

finalmente se voltam para mim, mas só por um segundo, antes dela sorrir para Tobias

novamente.

“Interessante,” ela diz. ”E *ela* também é uma líder Destemor?”

“Não,” ele diz. ”Ela está aqui para me ajudar a decidir se devo ou não confiar em

você.”

Evelyn franze os lábios. Parte de mim quer levantar o nariz para ela e dizer: “Ha!”

Mas eu me contento com um pequeno sorriso.

“Nós vamos, claro, concordar com uma aliança... Sob um determinado conjunto de

condições,” diz Evelyn. ”Garantia—e igualdade—em qualquer forma de governo após a

destruição da Erudição e controle total sobre os dados da Erudição após o

ataque.

Claramente...”

“O que você vai fazer com os dados da Erudição?” interrompo.

“Obviamente, nós vamos destruí-los. A única maneira de privar a Erudição do

poder é privá-los do conhecimento.”

Meu primeiro instinto é dizer que ela é uma tola. Mas algo me impede. Sem a

tecnologia de simulação, sem os dados que eles tinham sobre todas as outras facções, sem

o foco no avanço tecnológico, o ataque à Abnegação não teria acontecido. Meus pais

estariam vivos.

Mesmo se conseguirmos matar Jeanine, poderámos confiar que a Erudição não nos

atacaria e controlaria de novo? Eu não tenho certeza.

“O que recebemos em troca, nesses termos?” Tobias diz.

“Nossa muito necessária mão de obra, a fim de ter a sede da Erudição, e um lugar

igual no governo, conosco.”

“Estou certo de que Tori também solicita o direito de livrar o mundo de Jeanine

Matthews,” diz ele em voz baixa.

Levanto minhas sobrancelhas. Eu não sabia que o ódio de Tori por Jeanine era de

conhecimento comum—ou talvez não seja. Ele deve saber coisas sobre ela que os outros

não saibam, agora que ele e Tori são líderes.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

170

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Tenho certeza de que poderia ser arranjado,” responde Evelyn. ”Eu não me

importo com quem a mate, só quero que ela morra.”

Tobias lança olhares para mim. Eu gostaria de poder dizer a ele por que me sinto

tão conflituosa... Explicar a ele por que eu, de todas as pessoas, tenho reservas sobre

queimar a Erudição completamente, por assim dizer. Mas não sei como dizer isso, mesmo

que eu tivesse tempo. Ele se vira para Evelyn.

“Então, estamos de acordo,” diz ele.

Ele estende sua mão, e ela sacode.

“Devemos nos reunir em uma semana,” diz ela. ”Em território neutro. A maior

parte da Abnegação gentilmente concordou em nos deixar ficar em seu setor da cidade

para planejar enquanto eles limpam as consequências do ataque.”

“A maioria deles,” ele diz.

A expressão de Evelyn se torna plana. ”Temo que seu pai ainda comande a lealdade

de muitos deles, e ele os aconselhou a nos evitar quando veio visitar alguns dias

atrás.” Ela

sorri amargamente. ”E eles concordaram, como fizeram quando ele persuadiu-os a me

exilarem.”

“Eles exilaram você?” diz Tobias. ”Eu pensei que você os *deixou*.”

“Não, a Abnegação está inclinada para o perdão e a reconciliação, como se poderia

esperar. Mas seu pai tem muita influência sobre a Abnegação, e sempre teve. Eu decidi

sair em vez de enfrentar a indignidade do exílio público.”

Tobias fica atordoado.

Edward, que estava inclinado para fora do lado do carro por alguns segundos, diz:

“Está na hora!”

“Vejo vocês em uma semana,” diz Evelyn.

Com as depressões no nível da rua, o trem se aproxima e Edward pula. Poucos

segundos depois, Evelyn segue. Tobias e eu permanecemos no trem, ouvindo o silvo

contra os trilhos, sem falar.

“Por que você me trouxe se iria fazer uma aliança de qualquer maneira?” digo

categoricamente.

“Você não me impediu.”

“O que eu deveria fazer, agitar as mãos no ar?” Faço uma carranca para ele.”Eu não

gosto disso.”

“Precisa ser feito.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

171

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu não acho que precise,” eu digo. “Tem que haver outra maneira...”

“Que outra maneira?” ele diz, cruzando os braços. ”Você simplesmente não gosta

dela. Você não gosta dela desde que a conheceu.”

“Obviamente, eu não gosto dela! Ela abandonou você!”

“Eles a *exilaram*. E se eu decidir perdoá-la é melhor você tentar fazer isso também!

Fui eu que fui abandonado, não você.”

“Acho que é mais do que isso. Eu não confio nela. Acho que ela está tentando usar

você.”

“Bem, não é para você decidir.”

“Por que você me trouxe, de novo?” digo, espelhando-o, dobrando meus braços.

”Ah, sim—para que eu pudesse ler a situação para você. Bem, eu li, e só porque você não

gosta do que eu vi não significa...”

“Eu esqueci como seus julgamentos são preconceituosos. Se eu tivesse me

lembrado, eu poderia não ter trazido você.”

“Meus preconceitos. E os *seus* preconceitos? E pensar que todo mundo que odeia seu

pai tanto quanto você é um aliado?”

“Isto não é sobre ele!”

“É claro que é! Ele sabe coisas, Tobias. E nós devíamos tentar descobrir o que elas

são.”

“Isso de novo? Eu pensei que resolvemos isso. Ele é um *mentiroso*, Tris.”

“Sim?” Levanto minhas sobrancelhas. ”Bem, sua mãe também é. Você acha que a

Abnegação seria realmente capaz de exilá-la? Porque eu não sei.”

“Não fale sobre minha mãe desse jeito.”

Eu vejo uma luz à frente. Ela pertence à Pira.

“Tudo bem.” Eu ando até a borda da porta do vagão. ”Eu não vou.”

Eu salto, correndo alguns passos para manter o equilíbrio. Tobias salta depois de

mim, mas eu não dou uma chance dele me alcançar—eu ando em linha reta para dentro

do prédio, desço as escadas, e volto à Caverna para encontrar um lugar para dormir.

Veronica Roth

26

Alguém me sacode e me acorda.

“Tris! Levante-se!”

Um grito. Eu não questiono isso. Eu jogo minhas pernas sobre a beira da cama e

deixo uma mão puxar-me para a porta. Meus pés estão nus, e o chão é irregular aqui. Ele

raspa os meus dedos dos pés e as pontas dos meus calcanhares. Eu olho de soslaio na

minha frente para descobrir quem está me arrastando. Christina. Ela está quase puxando

meu braço esquerdo do seu encaixe.

“O que aconteceu?” digo.”O que está acontecendo?”

“Cale a boca e corre!”

Nós corremos para a Caverna, e o rugido do rio me segue no caminho. A última vez

que Christina me tirou da cama, foi para ver o corpo de Al atirado no abismo. Eu cerro os

dentes e tento não pensar sobre isso. Não pode ter acontecido de novo. Não pode.

Eu suspiro—ela corre mais rápido do que eu—enquanto corremos rapidamente

através do piso de vidro da Pira. Christina bate a palma da mão em um botão do elevador

e desliza para dentro antes que as portas estejam totalmente abertas, me

arrastando atrás

dela. Ela soca o botão FECHAR da porta, e então o botão para o andar superior.

“Simulação,” ela diz. ”Há uma simulação. Não é todo mundo, é apenas... Apenas

alguns.”

Ela coloca as mãos sobre os joelhos e toma respirações profundas.

“Um deles disse algo sobre o Divergente,” diz ela.

“Disse isso?” digo. ”Durante uma simulação?”

Ela acena com a cabeça. ”Marlene. Não soa como ela, no entanto. Monótona

demais.”

As portas se abrem, e eu a sigo pelo corredor para a porta marcada com ACESSO

AO TELHADO.

“Christina,” digo, “por que estamos indo para o telhado?”

Ela não me responde. As escadas para o telhado cheiram a tinta velha. Grafites do

Destemor estão pichados nas paredes de blocos de cimento em tinta preta. O símbolo

Destemor. Iniciais emparelhadas com sinais de mais: RG + NT, BR + FH. Casais que são

provavelmente de idade agora, talvez mortos. Eu toco meu peito para sentir o meu

batimento cardíaco. Está tão rápido, que é de se espantar que eu ainda esteja respirando.

O ar da noite é frio; dá arrepios em meus braços. Meus olhos se adaptaram à

escuridão até agora, e do outro lado do telhado, vejo três figuras em pé na borda, de frente

para mim. Uma delas é Marlene. Uma delas é Hector. Uma é alguém que não reconheço—

uma jovem Destemida, apenas oito anos de idade, com uma mecha verde no cabelo.

Eles ainda estão na borda, embora o vento esteja soprando forte, jogando seus

cabelos sobre a testa, nos olhos, na boca. Suas roupas sacodem no vento, mas ainda ficam

imóveis.

“Só desçam da borda agora,” diz Christina. ”Não façam nada estúpido. Vamos,

agora...”

“Eles não podem ouvir você,” digo baixinho, enquanto ando em direção a eles. ”Ou

te ver.”

“Deveríamos pular neles ao mesmo tempo. Eu pego Hec, você...”

“Vamos arriscar empurrá-los do telhado se fizermos isso. Fique com a menina, só

por precaução.”

Ela é jovem demais para isso, eu penso, mas não tenho coragem de dizer, porque

significa que Marlene é velha o suficiente.

Eu fico olhando para Marlene, cujos olhos estão vazios como pedras pintadas, como

esferas de vidro. Eu sinto como se as pedras estivessem caindo na minha garganta e

estabelecendo-se em meu estômago, puxando-me para o chão. Não há maneira de tirá-la

da borda.

Finalmente ela abre a boca e fala.

“Eu tenho uma mensagem para os Divergentes.” Sua voz parece plana. A simulação

está usando suas cordas vocais, mas rouba-lhes as flutuações naturais da emoção humana.

Eu olho de Marlene para Hector. Hector, que tinha tanto medo do que eu sou,

porque sua mãe disse a ele para ter. Lynn está, provavelmente, ainda na cabeceira de

Shauna, esperando Shauna poder mover as pernas quando acordar de novo. Lynn não

pode perder Hector.

Eu passo em frente para receber a mensagem.

“Isso não é uma negociação. É um aviso,” diz a simulação através de Marlene,

movendo os lábios e vibrando em sua garganta. ”A cada dois dias, até que um de vocês se

ofereça para a sede Erudição, isso vai acontecer de novo.”

Isto.

Marlene dá um passo para trás, e eu me jogo para frente, mas não para ela. Não

para Marlene, que uma vez deixou Uriah atirar em um muffin em sua cabeça, em um

desafio. Que reuniu uma pilha de roupas para eu usar. Que sempre, sempre me

cumprimentou com um sorriso. Não, para Marlene.

Enquanto Marlene e a outra garota Destemor dão um passo para fora da borda do

telhado, eu mergulho para Hector.

Eu pego o que minhas mãos podem encontrar. Um braço. Um punhado de

camisa. O telhado áspero raspa meus joelhos como seu peso me arrasta para frente. Eu não

sou forte o suficiente para levantá-lo. Eu sussurro, “Ajuda,” porque não posso falar mais

alto do que isso.

Christina já está no meu ombro. Ela me ajuda a transportar o corpo inerte de Hector

para o telhado. Seu braço falha para o lado, sem vida. A poucos metros dali, a menina

encontra-se de costas sobre o telhado.

Em seguida, a simulação termina. Hector abre os olhos, e eles não estão mais vazios.

“Ai,” ele diz. ”O que está acontecendo?”

A menina começa a gemer, e Christina vai até ela, murmurando alguma coisa com

uma voz tranquilizadora.

Eu permaneço onde estou, meu corpo todo tremendo. Eu me arrasto em direção à

borda do telhado e olho para o chão. A rua abaixo não está muito bem acesa, mas eu posso

ver o esboço fraco de Marlene no pavimento.

Respiração—quem se preocupa com a respiração?

Viro-me contra a visão, ouvindo meu coração bater nos meus ouvidos. Christina faz

movimentos com a boca. Eu a ignoro, e caminho até a porta e desço as escadas para o

corredor e entro no elevador.

As portas fecham e eu desço para dentro da terra, assim como Marlene fez depois

que eu decidi não salvá-la, eu grito, minhas mãos rasgando as minhas roupas. Minha

garganta está crua após apenas alguns segundos, e há arranhões sobre os meus braços,

onde eu errei o tecido, mas continuo gritando.

O elevador para com um *ding.* As portas abrem.

Eu endireito a minha camisa, arrumo meu cabelo e caminho.

Eu tenho uma mensagem para os Divergentes.

Eu sou Divergente.

Isso não é uma negociação.

Não, não é.

É um aviso.

Eu entendo.

A cada dois dias, até que um de vocês se ofereça para a sede da Erudição...

Eu vou.

...isso vai acontecer de novo.

Isso nunca vai acontecer de novo.

27

Eu cruzo a multidão próxima ao abismo. Está um som alto na Caverna, e não é só

pelo barulho do rio. Eu quero encontrar um pouco de silêncio, então corro para o corredor

que leva aos dormitórios. Não quero ouvir o discurso que Tori fará em homenagem a

Marlene, ou ficar perto dos gritos e brindes que Destemor faz para celebrar a vida e a

bravura.

Esta manhã, Lauren nos informou quefalhamos em encontrar algumas câmeras no

dormitório dos iniciados, onde Christina, Zeke, Lauren, Marlene, Hector e Kee, a garota de

cabelo verde, dormiam. Foi assim que Jeanine descobriu quem ela estava controlando com

a simulação. Não duvido nada de que Jeanine escolheu jovens Destemor por saber que

suas mortes iriam nos afetar mais.

Eu paro em um corredor estranho e pressiono minha testa contra a parede. A pedra

parece áspera e gelada contra minha pele. Consigo ouvir os Destemidos gritando atrás de

mim, suas vozes abafadas por algumas camadas de concreto.

Ouço alguém se aproximando, e olho para o lado. Christina, ainda vestindo a

mesma roupa de ontem à noite, permanece a alguns metros de distância.

“Ei,” ela diz.

“Eu não estou com vontade de me sentir mais culpada agora. Então, por favor, vá

embora.”

“Eu só quero dizer uma coisa, e então eu vou embora.”

Seus olhos estão inchados, e sua voz soa um pouco sonolenta, devido à exaustão ou

o álcool, ou ambos. Mas ela me encara diretamente, o bastante para mostrar que ela sabe o

que está falando. Eu me afasto da parede.

“Eu nunca vi aquele tipo de simulação antes. Você sabe, pelo lado de fora. Mas

ontem...” Ela balança a cabeça. “Você estava certa. Eles não podem ouvir e nem ver você.

Assim como Will...”

Ela para ao pronunciar o nome. Respira fundo, engole em seco. Pisca algumas

vezes. Em seguida, olha para mim novamente.

“Você disse que teve de fazer aquilo, ou ele atiraria em você, e eu não acreditei. Mas

acredito agora... Vou tentar perdoar você. Isto... É tudo o que eu queria dizer.”

Há uma parte de mim que se sente aliviada. Ela acredita em mim, e está tentando

me perdoar, mesmo não sendo fácil.

Mas a maior parte de mim sente raiva. O que ela pensou, antes disso? Que eu *quis*

atirar de propósito em Will, um dos meus melhores amigos? Ela devia ter confiado em

mim desde o começo, devia *saber* que eu não teria feito aquilo se não fosse necessário.

“Que sorte a minha, que você finalmente teve uma *prova* de que não sou uma

assassina de sangue frio. Sabe, fora a minha palavra. Quero dizer, qual motivo você teria

para acreditar nisso?” Eu forço uma risada, tentando permanecer indiferente. Ela abre a

boca, mas continuo falando, incapaz de parar. “É melhor você se apressar nessa coisa de

perdão, porque não temos muito tempo...”

Minha voz se quebra, e eu não consigo me segurar mais. Começo a soluçar. Me

encosto novamente na parede para me apoiar e sinto meu corpo se deslocar para baixo

enquanto minhas pernas perdem a força.

Meus olhos estão embaçados demais para enxergá-la, mas sinto quando ela se

aproxima de mim e aperta seus braços ao redor dos meus com força. Ela cheira a óleo de

coco e parece forte, exatamente como era durante a iniciação Destemor, quando ela se

segurou sobre o abismo só com seus dedos. Naquela época—o que não faz muito tempo—

ela fazia com que eu me sentisse fraca, mas agora, sua força me faz sentir como se eu

pudesse ser forte também.

Ajoelhamo-nos juntas no chão, e eu a abraço tão apertado quanto ela abraça a mim.

“Já está dado,” ela diz. “Isto que eu queria dizer. Que o perdão já está dado.”

Todos os membros Destemor ficam quietos quando entro no refeitório. Eu não os

culpo. Por ser uma Divergente, tenho o poder de deixar que Jeanine mate um deles no

meu lugar. Provavelmente, a maioria quer que eu me sacrifique. Ou estão aterrorizados

que eu não o faça.

Se esta fosse a Abnegação, nenhum Divergente estaria se sentando aqui agora.

Por um momento eu não sei aonde ir ou como chegar lá. Mas Zeke acena para que

eu me sente em sua mesa, com um olhar sombrio, então guio meus pés naquela direção.

Mas antes que eu possa alcançar a mesa, Lynn se aproxima de mim.

Ela é diferente da Lynn que eu sempre conheci. Ela não tem uma expressão feroz

em seus olhos. Ao invés disso, ela está pálida e mordendo o lábio para disfarçar sua

oscilação.

“Hum...” ela diz. Ela olha para a direita, para a esquerda, para todas as direções

menos para mim. “Eu realmente... Sinto falta da Marlene. Eu a conhecia há muito tempo, e

eu...” Ela balança a cabeça. “O que quero dizer é, não pense que o que estou dizendo é por

não me importar com Marlene,” ela diz, como se estivesse me repreendendo, “mas

obrigada por salvar Hec.”

Lynn transfere o peso de um pé para o outro, seus olhos percorrem toda a sala.

Então ela me abraça com um de seus braços, sua mão apertando minha camisa. Uma dor

lancinante atravessa meu ombro. Eu não digo nada sobre isso.

Ela me solta, soluçando, e volta para sua mesa como se nada tivesse acontecido. Eu

encaro sua retirada por alguns segundos, e depois me sento.

Zeke e Uriah estão sentados um ao lado do outro. A cara de Uriah está calma e

sonolenta, como se ele não estivesse completamente acordado. Na sua frente, há uma

garrafa marrom escura, da qual ele bebe a cada poucos segundos.

Sinto que devo ficar cautelosa ao lado dele. Eu salvei Hec—o que significa que

falhei em salvar Marlene. Mas Uriah não olha para mim. Eu puxo minha cadeira para

longe dele, e me sento mais para o final da mesa.

“Onde está Shauna?” pergunto. “Ainda no hospital?”

“Não, ela está bem ali,” diz Zeke, apontando com a cabeça para a mesa de onde

Lynn saiu para falar comigo. Eu a vejo lá, tão pálida que parece ser transparente, sentada

em uma cadeira de rodas. “Shauna não deveria estar de pé, mas Lynn está muito nervosa,

então elas estão fazendo companhia uma para outra.”

“Mas se você está se perguntando o porquê de todos agirem dessa maneira...

Shauna descobriu que sou Divergente,” diz Uriah lentamente. “E ela não quer se infectar.”

“Oh.”

“Ela está bem estranha comigo também,” diz Zeke. “‘Como você sabe se seu irmão

não está trabalhando contra nós? Você tem vigiado ele?’ O que eu daria para socar quem

quer que seja que envenenou a mente dela.”

“Você não tem que dar nada,” diz Uriah. “A mãe dela está sentada bem ali. Vá em

frente e bata nela.”

Eu sigo seu olhar até uma mulher de meia idade com mechas azuis no cabelo e

brincos cobrindo todo seu lóbulo. Ela é bonita, assim como Lynn.

Tobias entra no refeitório um momento depois, seguido por Tori e Harrison. Tenho

evitado ele. Não falei com ele desde a briga que tivemos antes de Marlene...

“Olá, Tris,” Tobias diz quando estou perto o suficiente para ouvi-lo. Sua voz é

baixa, rouca. Ela me transporta para lugares serenos.

“Oi,” eu digo em uma voz pequena e apertada que não me pertence.

Ele se senta ao meu lado e coloca seu braço nas costas da minha cadeira, se

inclinando para perto de mim. Eu não faço o mesmo—eu me *recuso* a encará-lo.

Eu o encaro.

Olhos escuros—um tom peculiar de azul, que de algum modo é capaz de apagar

todo o resto do refeitório, me confortar e também me lembrar de que estamos mais

distantes do que eu quero.

“Você não vai me perguntar se estou bem?” digo.

“Não, tenho certeza de que você não está bem.” Ele balança a cabeça. “Só vou te

pedir para não tomar nenhuma decisão antes de conversarmos sobre isso.”

É tarde demais, eu penso. *A decisão já foi tomada*.

“Até nós todos conversarmos sobre isso, você quer dizer, já que envolve todos nós,”

diz Uriah. “Eu acho que ninguém deve se entregar.”

“Ninguém?” digo.

“Não!” Uriah franze o cenho. “Acho que temos que atacar de volta.”

“É,” digo, sombria, “vamos provocar a mulher que forçou metade deste complexo a

atacar uns aos outros. Parece uma ótima ideia.”

Eu fui dura demais. Uriah derrama o conteúdo da garrafa garganta abaixo. Ele bate

a garrafa tão forte na mesa que fico com medo de que ela se quebre.

“Não fale sobre isso desse modo,” ele diz com um rosnado.

“Desculpe-me” digo. “Mas você sabe que estou certa. A melhor maneira de garantir

a segurança de metade da facção é sacrificar uma só vida.”

Eu não sei o que esperava. Talvez que Uriah, que sabe muito bem o que vai

acontecer se um de nós não for, não se voluntariar. Mas ele olha para baixo. Relutante.

“Tori, Harrison e eu decidimos aumentar a segurança. Esperamos que se todos

estiverem mais atentos a esses ataques, vamos ser capazes de pará-los,” Tobias diz. “Se

isso não funcionar, então pensaremos em outra solução. Fim de papo. Mas ninguém vai

fazer nada ainda. Tudo bem?”

Ele olha para mim quando pergunta, e levanta as sobrancelhas.

“Tudo bem,” digo, não querendo encontrar seus olhos.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

180

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Depois do jantar, tento voltar para o dormitório onde estava dormindo, mas não

consigo atravessar a porta. Ao invés disso cruzo o corredor, passando meus dedos pela

parede, ouvindo o eco dos meus passos.

Sem querer, eu passo em frente à fonte de água onde Peter, Drew e Al me atacaram.

Eu sabia que era Al pelo seu cheiro—ainda posso sentir o cheiro de limão em minha

mente. Agora eu o associo não com meu amigo, mas com a impotência que senti quando

me arrastaram até o abismo.

Eu acelero o passo, mantendo meus olhos bem abertos para que seja difícil imaginar

as imagens do ataque em minha mente. Tenho que me afastar daqui, me afastar do lugar

onde meu amigo me atacou, onde Peter esfaqueou Edward, onde um exército cego

começou a marchar em direção ao complexo da Abnegação e toda essa insanidade

começou.

Eu sigo em frente, em direção ao último lugar onde me senti segura: o quarto de

Tobias. No segundo em que abro a porta, me sinto mais calma.

A porta não está completamente fechada. Eu a empurro com o pé. Ele não está lá,

mas mesmo assim não vou embora. Eu sento em sua cama e enrolo a colcha em meus

braços, enterrando meu rosto no tecido e tomando ar através dele. O cheiro que costumava

ter quase se foi, faz tanto tempo que ele dormiu aqui.

A porta se abre e Tobias entra no quarto. Meus braços ficam moles, e a colcha cai no

meu colo. Como vou explicar minha presença aqui? Eu deveria estar com raiva dele.

Ele não expressa nenhum sinal de que esteja com raiva, mas sua boca está tão tensa

que sei que está bravo *comigo*.

“Não seja uma idiota,” ele diz.

“Uma idiota?”

“Você estava mentindo. Você disse que não iria para o complexo da Erudição, mas

estava mentindo, e ir para lá te faria uma idiota. Então, não seja.”

Eu jogo a colcha para o lado e me levanto.

“Não tente fazer isso parecer simples,” digo. “Porque não é. Você sabe melhor do

que eu que essa é a coisa certa a ser feita.”

“Você escolhe logo *esse* momento para agir como alguém da Abnegação?” Sua voz

enche o quarto e faz meu peito se arrepiar de medo. Sua raiva parece muito repentina.

Muito estranha. “Todo esse tempo que você gastou insistindo que era muito egoísta para

eles, e agora, quando sua *vida* está em perigo, você quer ser uma heroína? O que há de

errado com você?”

“O que há de errado com *você*? Pessoas morreram. Elas andaram diretamente pra

fora da cobertura de um prédio! E eu posso impedir que isso aconteça de novo!”

“Você é muito importante para simplesmente... Morrer.” Ele balança a cabeça. Ele

nem ao menos olha para mim—seus olhos se deslocam para longe do meu rosto, para a

parede atrás de mim, ou o teto acima, qualquer lugar menos diretamente para mim. Estou

atordoada demais para ficar zangada.

“Não sou importante. Todos vão ficar bem sem mim,” digo.

“Quem liga para todo mundo? E quanto a *mim*?”

Ele abaixa a cabeça em suas mãos, cobrindo seus olhos. Seus dedos estão tremendo.

Ele cruza o quarto rapidamente e toca seus lábios nos meus. Seu toque gentil apaga

os últimos meses, e volto a ser a garota que se sentou nas pedras próximas ao abismo, com

borrifos de água em seus tornozelos, e beijando-o pela primeira vez. Sou a garota que

apertou a mão dele no corredor só por querer apertar.

Eu me afasto, minhas mãos no seu peito mantendo-o afastado. O problema é, eu

também sou a garota que atirou em Will e escondeu isso, que escolheu entre Marlene e

Hector, e milhares de outras coisas também. E não posso apagá-las da minha mente.

“Você *ficaria* bem.” Eu não olho para ele. Eu encaro sua camiseta entre meus dedos

e a tatuagem preta tremulando em volta de seu pescoço, mas não olho para seu rosto.

“Não rapidamente. Mas seguiria em frente, e faria o que tem que ser feito.”

Ele me envolve com um de seus braços e me coloca contra seu corpo. “Isso é uma

mentira, ” ele diz, antes de me beijar de novo.

Isso é errado. É errado eu me esquecer de quem me tornei, e deixar que ele me beije

quando sei o que estou prestes a fazer.

Mas eu quero. Oh, eu quero.

Coloco-me na ponta dos pés e lanço meus braços ao redor dele. Pressiono uma mão

em seu ombro e coloco a outra em volta de seu pescoço. Eu consigo ouvir sua respiração

contra a palma da minha mão, seu corpo se expandindo e se contraindo, eu sei que ele é

forte, firme invencível. Tudo o que eu preciso ser, mas que não sou, eu não sou.

Ele anda para trás, me puxando junto com ele, então eu tropeço. Tropeço para fora

dos meus sapatos. Ele se senta na beirada da cama e eu fico de pé em frente dele, e

finalmente estamos olho a olho.

Ele toca minha face, cobrindo minhas bochechas com suas mãos, deslizando seus

dedos para baixo do meu pescoço, encaixando-os nas curvas dos meus quadris.

Eu não posso parar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

182

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu encaixo minha boca na dele, e eletem gosto de água e cheira a ar fresco. Eu

arrasto minha mão de seu pescoço para suas costas, e coloco-a debaixo de sua camisa. Ele

me beija mais.

Eu sabia que ele era forte; mas não sabia o quanto até eu mesma sentir os músculos

em suas costas se apertando contra meus dedos.

Pare, falo para mim mesma.

De repente, é como se estivéssemos com pressa, seus dedos acariciando meu corpo

por baixo de minha camisa, minhas mãos o apertando, o aproximando para mais perto de

mim, só que nunca perto o suficiente. Eu nunca desejei alguém desse jeito, ou tanto assim.

Ele se afasta só o suficiente para olhar em meus olhos, ele abaixa suas pálpebras.

“Prometa-me,” ele sussurra, “que você não vai. Por mim. Faça isso por mim.”

Posso fazer isso? Posso ficar aqui, consertar as coisas entre nós, deixar outras

pessoas morrerem em meu lugar? Olhando para ele, acredito por um momento que posso.

Mas então vejo Will. O vinco entre suas sobrancelhas. Os olhos vazios por causa da

simulação. O corpo caído no chão.

Faça isso por mim. Os olhos escuros de Tobias me imploram.

Mas se eu não for para o complexo da Erudição, quem vai? Tobias? É o tipo de coisa

que ele faria.

Eu sinto uma pontada de dor no meu peito enquanto minto para ele. “Tudo bem.”

“Prometa,” ele diz, franzindo a testa.

A dor se torna aguda, se espalha por toda parte—tudo misturado; culpa, terror e saudade. “Eu prometo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

183

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

28

Quando Tobias começa a cair no sono, mantém seus braços em volta de mim,

firmes, como uma prisão para preservar minha vida. Eu espero, me mantendo desperta

com o pensamento de corpos caindo pesadamente no chão, até que seu aperto hesita e sua

respiração estabiliza.

Não vou deixar que Tobias vá para o complexo da Erudição quando atacarem

novamente, quando mais alguém morrer. Não vou.

Eu escorrego para longe de seus braços. Visto um de seus moletons para que eu

possa levar seu cheiro junto comigo. Deslizo meus pés para dentro dos meus sapatos. Não

pego nenhuma arma ou lembrança.

Eu paro ao lado da porta, olho para ele, meio enterrado sob a colcha da cama,

pacífico e forte.

“Eu te amo,” digo baixinho, experimentando as palavras. Deixo a porta se fechar

atrás de mim.

É hora de colocar tudo em ordem.

Caminho até o dormitório onde os iniciados nascidos no Destemor dormiam. O

quarto se parece exatamente com o que eu dormia quando era uma iniciada: é comprido e

largo, com beliches, um ao lado do outro, e um quadro pendurado em uma das

paredes.

Eu vejo, com a ajuda de uma luz azul no canto, que ninguém se preocupou em apagar os

nomes que estavam escritos no ranking lá—o nome de Uriah ainda está no topo.

Christina dorme em um dos beliches do fundo, debaixo de Lynn. Não quero

assustá-la, mas não há outro jeito de acordá-la. Então cubro a boca dela com uma de

minhas mãos, ela acorda, encarando-me com seus olhos bem abertos. Eu toco levemente

um de meus dedos em meus lábios, para que ela faça silêncio, e faço sinal para que ela me

siga.

Ando até o final do corredor e viro para um canto. O corredor é iluminado por uma

lâmpada de emergência que paira sobre uma das saídas. Christina está descalça; ela

encolhe seu dedão para protegê-lo do frio.

“O que está acontecendo?” ela diz. “Vai a algum lugar?”

“Sim, eu vou...” Tenho que mentir, ou ela tentará impedir. “Vou ver meu irmão. Ele

está com a Abnegação, se lembra?”

Ela estreita os olhos.

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Desculpe-me por acordar você,” digo. “Mas há algo que preciso que você faça por

mim. É realmente importante.”

“Tudo bem. Tris, você está agindo de maneira muito estranha. Você tem certeza de

que não...”

“Não. Me escute. A hora da simulação de ataque não foi ao acaso. A razão dela

acontecer foi porque a Abnegação estava prestes a fazer alguma coisa—eu não sei o que

era, mas tinha a ver com alguma informação importante, e agora, Jeanine *tem* essa

informação...”

“O quê?” Ela franze a testa. “Você não sabe o que eles estavam prestes a fazer? Você

sabe qual é essa informação?”

“Não.” Eu devo parecer louca. “O problema é, que não fui capaz de descobrir muito

sobre isso, porque Marcus Eaton é o único que sabe de tudo, e ele não vai contar para

mim. Eu só... é a razão pelo ataque. É a *razão*. E precisamos saber o que é.”

Eu não sei o que mais dizer. Mas Christina já está assentindo com a cabeça.

“A razão pela qual Jeanine nos forçou a atacar pessoas inocentes,” ela diz

amargamente. “É. Precisamos saber o que é.”

Eu quase esqueci— *ela* estava sobre o efeito da simulação. Quantos membros da

Abnegação ela matou? Como ela se sentiu quando acordou daquele transe como uma

assassina? Eu não perguntei, e nem iria.

“Quero sua ajuda, e rápido. Quero que alguém persuada Marcus para ele cooperar,

e acho que você pode fazer isso.”

Ela inclina a cabeça e me encara por alguns segundos.

“Tris. Não faça nada de estúpido.”

Eu forço um sorriso. “Por que as pessoas continuam dizendo isso para mim?”

Ela agarra meu braço. “Não estou brincando.”

“Eu te disse, vou visitar Caleb. Estarei de volta em alguns dias, e podemos bolar

uma estratégia. Só pensei que seria melhor se alguém mais soubesse disso antes de eu

partir. No caso de acontecer alguma coisa. Tudo bem?”

Ela segura meu braço por alguns segundos a mais, e então o solta. “Tudo bem,” ela

diz.

Eu caminho em direção à saída. Me recomponho enquanto atravesso o portal, e

então sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Essa foi minha última conversa com ela, e foi cheia de mentiras.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Assim que estou fora, puxo o capuz do moletom de Tobias para cima de minha

cabeça. Quando alcanço o final da rua, olho para cima e para baixo, procurando algum

sinal de vida. Não há nenhum.

O ar frio entra como lâminas em meu pulmão, quando sai, uma nuvem de vapor se

espalha acima de mim. O inverno logo chegará. Pergunto-me se a Erudição e Destemor

ainda estarão em conflito até lá, esperando que uma facção destrua a outra. Estou feliz por

não ter que ver isso.

Antes de escolher Destemor, pensamentos como esses nunca me ocorreram. Eu me

sentia segura, com a certeza de que teria uma vida longa. Agora, não tenho mais nenhuma

garantia, exceto a de que, para onde vou, vou porque escolhi ir.

Ando pelas sombras dos edifícios, esperando que os sons dos meus passos não

chamem a atenção de alguém. Nenhuma das luzes da cidade está acesa nessa área, mas a

lua está brilhante o suficiente para que eu possa andar sem problemas.

Ando sob os trilhos elevados. Eles estremecem com o movimento de um trem.

Tenho que andar rápido se quiser chegar lá antes que alguém perceba que eu fui embora.

Eu contorno uma grande rachadura no meio da rua, e pulo um poste que está caído no

caminho.

Eu não pensei sobre o quão longe teria que andar quando parti. Não demora muito

para meu corpo esquentar com o esforço de andar e checar por cima do ombro qualquer

movimento, e me esquivar dos perigos no caminho. Eu pego o ritmo, meio andando e

meio correndo.

Chego a uma parte da cidade que reconheço. As ruas são mais bem cuidadas aqui,

mais limpas, e com apenas alguns buracos. Ao longe vejo o brilho da sede da Erudição,

suas luzes violando nossa lei de conservação de energia. Não sei o que vou fazer quando

chegar lá. Pedir para ver Jeanine? Ou só ficar parada até que alguém me note?

Meus dedos arranham o vidro de um edifício ao lado. Não estou muito longe.

Tremores atravessam meu corpo agora que estou próxima, o que torna difícil andar.

Respirar é difícil também; eu paro de tentar ficar quieta, e deixo que o ar chie ao entrar e

sair do meu pulmão. O que eles vão fazer comigo quando eu chegar lá? Quais os planos

que eles têm para mim antes que eu me torne uma inútil e eles me matem? Não duvido

que eles possam matar a qualquer momento. Me concentro em continuar andando, em

mover minhas pernas mesmo que elas não pareçam dispostas a suportar meu peso.

E então estou de pé na frente da sede da Erudição.

Dentro do edifício, uma aglomeração de pessoas vestindo camisas azuis está

sentada ao redor de mesas, digitando em computadores, curvados sobre livros ou

passando folhas de papéis para frente e para trás. Alguns deles são pessoas inocentes que

não sabem o que sua facção vem fazendo, mas se o complexo inteiro entrar em colapso

diante de meus olhos, eu posso não ter em mim a capacidade de me importar.

Este é o último momento que terei para voltar atrás. O ar gélido corta minhas

bochechas e minhas mãos enquanto hesito. Posso ir embora agora. Refugiar-me na sede

Destemor. Esperar, rezar e desejar que ninguém mais morra por causa do meu egoísmo.

Mas não posso ir embora, ou a culpa, o peso da vida de Will, e de meus pais, e

agora de Marlene, quebrará meus ossos, e fará com que seja impossível respirar.

Eu caminho lentamente em direção ao edifício e entro empurrando as portas.

Este é o único jeito de me manter longe da dor sufocante.

Por um segundo, depois que meus pés tocam o piso de madeira, e fico parada

diante de um grande retrato de Jeanine Matthews pendurado na parede da frente,

ninguém me nota, nem mesmo os dois guardas traidores Destemor rondando perto das

vias de entrada. Caminho até um balcão a minha frente, onde um homem de meia-idade,

com pouco cabelo, se senta, examinando uma pilha de papel. Coloco minhas mãos em

cima do balcão.

“Com licença,” digo.

“Só um momento,” ele diz, sem olhar para mim.

“Não.”

Com *isso*, ele olha diretamente para meu rosto, seus óculos tortos, carrancudo, como

se estivesse a ponto de me brigar. Quaisquer palavras que ele estava prestes a usar ficam

presas em sua garganta. Ele me encara com a boca aberta, seus olhos saltam do meu rosto

para o moletom que estou vestindo.

Em emu terror, sua expressão parece alegre. Eu sorrio e escondo minhas mãos, que

estão tremendo.

“Acredito que Jeanine Matthews queira me ver,” digo. “Então, agradeceria se você

entrasse em contato com ela.”

Ele faz sinal para os traidores Destemor à porta, mas não há necessidade. Os

guardas finalmente me viram. Soldados Destemor de outras partes da sala também

começam a vir na minha direção, e todos eles me cercam, mas não me tocam, e nem falam

comigo. Eu fito suas faces, tentando parecer o mais calma possível.

“Divergente?” um deles finalmente pergunta enquanto o homem atrás do balcão

pega o receptor do sistema de comunicação do edifício.

Se eu fechar minhas mãos em punho, posso impedi-las de tremerem. Eu concordo

com a cabeça.

Meus olhos desviam para o membro Destemor saindo do elevador do lado

esquerdo da sala, e os músculos em meu rosto se contraem. Peter está vindo em nossa

direção.

Milhares de potenciais reações, que vão desde pular no pescoço de Peter a chorar e

a fazer algum tipo de piada, passam por minha mente no momento. Não posso decidir por

uma. Então continuo parada, encarando-o. Jeanine deveria saber que eu estava vindo,

deve ter escolhido Peter de propósito para me buscar, sem dúvida.

“Fomos instruídos a levar você para cima,” diz Peter.

Quero dizer alguma coisa sarcástica, ou indiferente, mas o único som que sai de

mim é um ruído anasalado, espremido e apertado pela minha garganta inchada. Peter

anda em direção aos elevadores, e eu o sigo.

Nós descemos em direção a uma série de corredores lustrosos. Apesar do fato de

subirmos alguns lances de escada, ainda tenho a sensação de estar debaixo da terra.

Eu esperava que eles me levassem para Jeanine, mas não me levam. Eles param de

andar em um pequeno corredor com uma série de portas de metal em cada lado. Peter

digita algum código para abrir uma das portas, e os traidores Destemor me cercam

novamente, ombro com ombro, formando um túnel estreito para eu passar a caminho da

sala.

O quarto é pequeno, talvez seis metros de comprimento por seis de largura. O piso,

as paredes, e o teto são feitos do mesmo painel luminoso, embaçado agora, que brilhava

na sala do teste de aptidão. Em cada canto há uma pequena câmera preta.

Finalmente me permito entrar em pânico.

Olho de um canto para outro, para as câmeras, e luto contra um grito construído em

meu estômago, peito e garganta, o grito que preenche cada parte de mim. Novamente

sinto culpa e dor lutando dentro de mim, guerreando entre si por controle, mas o terror é

mais forte que ambos. Eu inspiro, e não expiro. Meu pai me contou uma vez que isto era

uma maneira de curar soluços. Eu perguntei para ele se poderia morrer segurando a

respiração.

“Não,” ele disse. “Os instintos do seu corpo vão assumir o controle, e forçá-la a

respirar.”

Uma pena, realmente. Eu poderia usar isso como uma saída. O pensamento faz com

que eu queira rir. E depois gritar.

Eu me agacho para que possa pressionar meu rosto contra meu joelho. Preciso de um plano. Se eu conseguir pensar em um plano, não ficarei com tanto medo.

Mas não há nenhum plano. Nenhuma escapatória do fundo da sede da Erudição, nenhuma fuga de Jeanine, e nenhuma outra fuga para o que eu fiz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

189

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

29

Eu esqueci meu relógio.

Minutos ou horas depois, quando o pânico desaparece, é disso que mais me

arrependo. Não vir aqui, em primeiro lugar—isso parecia uma escolha óbvia—mas com

meu pulso nu, o que faz impossível para eu saber quanto tempo estive sentada nesse

quarto. Minhas costas doem, o que é uma indicação, mas definitivamente não o suficiente

para saber.

Depois de um tempo, eu levanto e ando, esticando meus braços por cima da minha

cabeça. Eu hesito ao fazer qualquer coisa porque as câmeras estão lá, mas elas não podem

detectar nada só me assistindo tocar meus dedos dos pés.

O pensamento faz minhas mãos tremerem, mas eu não tento tirá-lo da minha

cabeça. Ao invés, eu digo a mim mesma que sou Destemor e não sou estranha ao medo.

Eu vou morrer nesse lugar. Talvez logo. Esses são fatos.

Mas há outros modos de pensar nisso. Logo, vou honrar meus pais morrendo como

eles morreram. E se tudo que eles acreditavam sobre a morte era verdade, logo eu vou me

juntar a eles em seja lá o que venha depois.

Eu agito minhas mãos enquanto ando. Elas ainda estão tremendo. Eu quero saber

que horas são. Eu cheguei um pouco depois de meia noite. Deve ser cedo pela manhã

agora, talvez 4h00, ou 5h00. Ou talvez não tenha sido tanto tempo, e só parece que foi,

porque eu não estou fazendo nada.

As portas se abrem, e finalmente me encontro cara a cara com minha inimiga e seus

guardas Destemor.

“Olá, Beatrice,” Jeanine diz. Ela usa azul e óculos da Erudição, e um olhar de

superioridade da Erudição, o qual meu pai me ensinou a odiar. “Eu pensei que seria você

que viria.”

Mas eu não sinto ódio quando olho para ela. Eu não sinto realmente nada, embora

eu saiba que ela é responsável por incontáveis mortes, incluindo a de Marlene. As mortes

estão em minha mente como uma sequência de equações sem sentido, e eu permaneço

congelada, incapaz de resolvê-las.

“Olá, Jeanine,” eu digo, porque é a única coisa que me vem à mente.

Eu olho dos olhos cinza aguados de Jeanine para os Destemidos que a circulam.

Peter está parado perto de seu ombro direito, e uma mulher com cicatrizes de ambos os

lados de sua boca está à sua direita. Atrás dela está um homem careca com um crânio

angular. Eu faço uma carranca.

Como Peter se encontra em uma posição tão prestigiosa, como o guarda-costas de

Jeanine Matthews? Onde está a lógica nisso?

“Eu gostaria de saber que horas são,” eu digo.

“Você gostaria,” ela diz. “Isso é interessante.”

Eu deveria saber que ela não me diria. Todo pedaço de informação que ela recebe

interfere em sua estratégia, e ela não me diria as horas a menos que decidisse que dar a

informação seria mais útil do que não dar.

“Eu tenho certeza de que meus amigos Destemor estão desapontados,” ela diz,

“que você ainda não tentou arrancar meus olhos.”

“Isso seria estupidez.”

“Verdade. Mas de acordo com a sua tendência de comportamento, *agir primeiro,*

pensar depois...”

“Eu tenho dezesseis anos.” Eu aperto meus lábios. “Eu mudo.”

“Que esclarecedor.” Ela tem o poder de embelezar até mesmo as frases que têm

uma inflexão embutida. “Vamos para um pequeno tour?”

Ela dá um passo para trás e gesticula para fora da porta. A última coisa que quero

fazer é sair desse quarto e ir para um destino incerto, mas não hesito. Eu saio, com a

mulher Destemor com olhar severo na minha frente. Peter me segue de perto.

O corredor é longo e pálido. Nós viramos num canto e descemos para outro

exatamente igual ao primeiro.

Mais dois corredores se seguem. Eu estou tão desorientada que nunca conseguiria

encontrar o caminho de volta. Mas então as coisas à minha volta mudam—o túnel branco

se abre para uma sala grande onde homens e mulheres da Erudição em longos jalecos

azuis estão atrás de mesas, alguns segurando ferramentas, outros misturando líquidos

multicoloridos, alguns encarando telas de computador. Se eu tivesse que adivinhar, eu

diria que eles estão misturando soro de simulação, mas eu hesito a confinar a Erudição

somente ao trabalho com simulações.

A maioria deles para a fim de nos observar enquanto vamos para a ilha do meio.

Ou melhor, eles observam a *mim*. Alguns deles sussurram, mas a maioria fica silenciosa. É

muito quieto aqui.

Eu sigo a mulher traidora Destemor através de uma porta, e paro tão abruptamente

que Peter esbarra em mim.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

191

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Essa sala é tão larga quanto a última, mas só há uma coisa nela: uma mesa grande

de metal com uma máquina ao lado. Uma máquina que eu vagamente reconheço como

um monitor cardíaco. E pendendo acima dela, uma câmera. Eu me arrepio sem querer.

Porque eu sei o que isso é.

“Estou muito contente que *você*, em particular, está aqui,” Jeanine diz. Ela passa por

mim e se empoleira na mesa, seus dedos dobrados nas bordas.

“Estou contente, é claro, por causa dos resultados do seu teste de aptidão.” Seu

cabelo loiro, bem apertado ao seu crânio, reflete a luz, capta minha atenção.

“Mesmo em meio aos Divergentes, você é uma singularidade, porque você tem

aptidão para três facções. Abnegação, Destemor e Erudição.”

“Como...” eu coaxo. Eu coloco a pergunta para fora. “Como você sabe disso?”

“Tudo ao seu tempo,” ela diz. “Dos seus resultados eu determinei que você é um

dos Divergentes mais fortes, o que eu digo não como elogio, mas para explicar meu

propósito. Se vou desenvolver uma simulação que não pode ser frustrada pela mente

Divergente, eu devo estudar a mente Divergente mais forte para ver todas as fraquezas na

tecnologia. Entende?”

Eu não respondo. Eu ainda estou encarando o monitor cardíaco próximo à mesa.

“Portanto, por quanto tempo quanto for possível, meus companheiros cientistas e

eu estaremos estudando você.” Ela sorri um pouco. “E então, na conclusão dos meus

estudos, você será morta.”

Eu sabia disso. Eu sabia, então por que meus joelhos estão fracos, por que meu

estômago está se contorcendo, por quê?

“Essa execução será aqui.” Ela passa as pontas dos dedos na mesa abaixo dela.

“Nesta mesa. Eu pensei que seria interessante mostrar isso a você.”

Ela quer estudar minha resposta. Eu mal respiro. Eu costumava pensar que

crueldade requeria maldade, mas isso não é verdade. Jeanine não tem qualquer razão para

agir por maldade. Mas ela é cruel porque ela não se importa com o que faz, enquanto isso

a fascinar. Eu posso muito bem ser um quebra cabeças ou uma máquina que ela quer

consertar. Ela vai abrir meu crânio apenas para ver o funcionamento interno do meu

cérebro; eu vou morrer aqui, isso será a parte piedosa.

“Eu sabia o que aconteceria quando eu vim aqui,” eu digo. “É só uma mesa. E eu

gostaria de voltar para o meu quarto agora.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

192

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu realmente não percebo a passagem do tempo, pelo menos não do jeito que

estava acostumada, quando o tempo estava disponível para mim. Então, quando as portas

se abrem de novo e Peter caminha para minha cela, eu não sei quanto tempo passou, só

que eu estou exausta.

“Vamos, careta,” ele diz.

“Eu não sou da Abnegação.” Eu estico meus braços sobre minha cabeça e eles

encostam-se à parede. “E agora que você é um lacaio da Erudição, você não pode me

chamar de *Careta*. Isso é inadequado.”

“Eu disse vamos.”

“O quê, sem comentários falsos?” Eu olho para ele com uma surpresa fingida.

“Nenhum *você é uma idiota por ter vindo aqui, seu cérebro deve ser tão*

deficiente quanto

Divergente?”

“Isso dá para você saber sem eu dizer, não é?” ele diz. “Você pode levantar ou eu

posso te arrastar pelo corredor. Sua escolha.”

Eu me sinto mais calma. Peter é sempre mau comigo; isso é familiar.

Eu me levanto e caminho para fora da cela. Eu noto enquanto caminho que o braço

de Peter, o que eu atirei, não está mais em uma tipóia.

“Eles consertaram o ferimento de bala?”

“Sim,” ele diz. “Agora você vai precisar encontrar uma fraqueza diferente para

explorar. Pena que eu não tenho nenhuma.” Ele agarra meu braço bom e caminha rápido,

me puxando ao lado dele. “Nós estamos atrasados.”

Apesar do comprimento e do vazio do corredor, nossos passos não fazem muito

eco. Eu me sinto como se alguém tivesse colocado as mãos sobre meus ouvidos e eu

apenas notei isso. Eu tento prestar atenção nos corredores em que passamos, mas eu me

perco depois de um tempo. Nós atingimos o fim de um e viramos à esquerda, para um

quarto escuro que me lembra de um aquário. Uma das paredes é feita de vidro

espelhado—reflexivo no meu lado, mas tenho certeza de que é transparente do outro lado.

Uma máquina grande está do outro lado, com uma bandeja do tamanho de um

homem saindo dela. Eu a reconheço do meu livro sobre a história das facções, na unidade

de medicina da Erudição. Um aparelho de ressonância magnética. Ele vai tirar fotos do

meu cérebro.

Algo se agita dentro de mim. Faz tanto tempo que senti isso que eu mal reconheço o

sentimento a princípio. Curiosidade.

Uma voz—a de Jeanine—fala através de um interfone.

“Deite-se, Beatrice.”

Eu olho para a bandeja que vai me deslizar para dentro da máquina.

“Não.”

Ela suspira. “Se você não fizer isso sozinha, nós temos formas de te forçar.”

Peter está em pé atrás de mim. Mesmo com um braço machucado, ele é mais forte

que eu. Eu imagino suas mãos em mim, me forçando contra a bandeja, me empurrando

contra o metal, puxando as tiras que balançam da bandeja sobre o meu corpo, muito

apertadas.

“Vamos fazer um acordo,” eu digo. “Se eu cooperar, você me deixa ver as fotos.”

“Você vai cooperar querendo ou não.”

Eu levanto um dedo. “Isso não é verdade.”

Eu olho para o espelho. Não é tão difícil fingir que eu estou falando com Jeanine

quando eu falo para meu próprio reflexo. Meu cabelo é loiro como o dela; nós somos

ambas pálidas e sérias. O pensamento é tão perturbador que me faz perder a linha de

pensamento por alguns segundos, e ao invés de falar, fico com meu dedo levantado ao ar

em silêncio.

Eu tenho a pele pálida, cabelo pálido, e frio. E eu estou curiosa sobre as imagens do

meu cérebro. Eu sou como Jeanine. E eu posso desprezar isso, atacar isso, erradicar isso...

Ou posso usar isso.

“Isso não é verdade,” eu repito. “Não importa quantas restrições você use, você não

pode me manter tão parada quanto eu preciso estar para as imagens serem claras.” Eu

limpo minha garganta. “Eu quero ver as imagens. Você vai me matar de qualquer forma,

então realmente importa o quanto eu sei sobre meu próprio cérebro antes de você me

matar?”

Silêncio.

“Por que você quer tanto vê-las?” ela diz.

“Certamente você, de todas as pessoas, entende. Eu tenho tanta aptidão para

Erudição quanto para Destemor e Abnegação, afinal de contas.”

“Certo. Você pode vê-las. Deite-se.”

Eu caminho até a bandeja e me deito. O metal está frio como gelo. A bandeja

desliza, e eu estou dentro da máquina. Eu encaro a brancura. Quando eu era criança, eu

pensava que o paraíso deveria ser assim, só brancura e luz e mais nada. Agora eu sei que

isso não pode ser verdade, porque luz branca é ameaçadora.

Eu ouço batidas, e eu fecho meus olhos enquanto lembro de um dos obstáculos da

minha paisagem do medo, os punhos batendo contra minhas janelas e os homens

invisíveis tentando me sequestrar. Eu finjo que as batidas são as do coração, um padrão

rítmico. O rio batendo contra as paredes do abismo no complexo Destemor. Pés batendo

na cerimônia de fim de iniciação. Pés batendo nos degraus depois da Cerimônia de

Escolha.

Eu não sei quanto tempo se passou quando as batidas cessam e a bandeja desliza para fora. Eu me sento e esfrego meu pescoço com as pontas dos dedos.

A porta se abre, revelando Peter no corredor. Ele acena para mim. “Vamos. Você pode ver as imagens agora.”

Eu desço da bandeja e caminho em direção a ele. Quando estamos no corredor, ele balança sua cabeça para mim.

“O quê?”

“Eu não sei como você faz para sempre conseguir o que quer.”

“Sim, porque eu me queria aqui, numa cela na sede da Erudição. Eu quero ser morta.”

Eu soo espontânea, como se execuções fossem algo que eu encaro normalmente.

Mas ao dizer *morta* meus lábios estremecem. Eu finjo que estou com frio, apertando meus braços com as mãos.

“Não queria, então?” ele diz. “Quero dizer, você realmente veio aqui por vontade própria. Não é o que eu chamo de um bom instinto de sobrevivência.”

Ele digita uma série de números num teclado do lado de uma porta, e ela se abre.

Eu entro na sala do outro lado dos espelhos. Ela é cheia de telas e luzes, refletindo nos óculos da Erudição. Do outro lado da sala, outra porta se fecha. Há uma cadeira vazia

atrás de uma das telas, ainda virando. Alguém acabou de sair.

Peter está muito perto atrás de mim—preparado para me agarrar caso eu decida

atacar alguém. Mas eu não vou atacar ninguém. O quão longe eu chegaria se fizesse isso?

Descer um corredor, ou dois? E então eu estaria perdida. Eu não poderia sair daqui

mesmo se não tivessem guardas me impedindo de ir.

“Coloque-as lá,” Jeanine diz, apontando para a tela grande na parede esquerda. Um

dos cientistas da Erudição bate levemente em sua própria tela de computador, e uma

imagem aparece na parede esquerda. Uma imagem do meu cérebro.

Eu não sei exatamente para o que estou olhando. Eu sei como um cérebro se parece,

e de uma forma geral o que cada região dele faz, mas eu não sei como o meu se compara

com outros. Jeanine coloca a mão no queixo e encara pelo que parece um longo tempo.

Finalmente, ela diz, “Alguém explique à Srta. Prior o que o córtex pré-frontal faz.”

“É a região do cérebro que fica atrás da testa, por assim dizer,” uma das

cientistas

diz. Ela não parece muito mais velha que eu, e usa grandes óculos redondos que fazem

seus olhos parecerem maiores. “É responsável por organizar seus pensamentos e ações

para atingir seus objetivos.”

“Correto,” Jeanine diz. “Agora alguém me diga o que observou sobre o córtex pré-

frontal lateral da Srta. Prior.”

“É grande,” outro cientista diz—um homem com queda de cabelo.

“Especificamente,” diz Jeanine. Como se ela estivesse o castigando.

Estou em uma sala de aula, eu percebo, porque toda sala com mais de um da

Erudição nela, é uma sala de aula. E entre eles, Jeanine é a professora mais valiosa. Todos

olham para ela com olhos amplos e famintos, bocas abertas, esperando para impressioná-

la.

“É muito maior do que a média,” o homem com queda de cabelo se corrige.

“Melhor.” Jeanine inclina a cabeça. “De fato, é um dos maiores córtex pré-frontais

laterais que eu já vi. Enquanto o córtex órbito-frontal é notavelmente menor. O que esses

dois fatos indicam?”

“O córtex órbito-frontal é o centro de recompensa do cérebro,” alguém diz. “Isso

quer dizer que a Srta. Prior se envolve muito pouco com o comportamento de procurar

recompensas.”

“Não somente isso.” Jeanine sorri um pouco. A luz azul das telas faz suas

bochechas e testa mais brilhante, mas lança sombras em suas órbitas dos olhos. “Não

somente indica algo sobre o comportamento dela, mas sobre seus desejos. Ela não é

motivada por recompensas. Mas é extremamente boa em direcionar seus pensamentos e

ações para suas metas. Isso explica sua tendência prejudicial-mas-altruísta e, talvez, sua

habilidade de controlar as simulações. Como isso muda nosso entendimento para o novo

soro de simulação?”

“Ele deve suprimir alguma, mas não toda, atividade do córtex pré-frontal,” a

cientista com os óculos redondos diz.

“Precisamente,” Jeanine diz. Ela finalmente olha para mim, seus olhos brilhando

com deleite. “Então, é como nós vamos proceder. Isso finaliza minha parte do acordo, Srta.

Prior?”

Minha boca está seca, então é difícil engolir.

E o que acontece se eles suprimirem a atividade do meu córtex pré-frontal—se eles

danificarem minha habilidade de tomar decisões? E se o soro funcionar, e eu me

tornar

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

196

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

uma escrava das simulações como todo mundo? E se eu esquecer completamente da

realidade?

Eu não sabia que toda a minha personalidade, meu inteiro ser, poderia ser

descartado como um subproduto da minha anatomia. E se eu realmente for só alguém

com um grande córtex pré-frontal... E nada mais?

“Sim,” eu digo. “Finaliza.”

Em silêncio, Peter e eu voltamos para meu quarto. Nós viramos à esquerda, e um

grupo de pessoas está no outro lado do corredor. É o mais longo dos corredores que nós

percorreremos, mas a distância encolhe quando eu o vejo.

Seguro por cada braço por um traidor Destemor, uma arma apontada para a parte

de trás de sua cabeça.

Tobias, sangue escorrendo pelo lado do seu rosto e manchando sua camisa branca

de vermelho; Tobias, companheiro Divergente, na boca do forno no qual vou queimar.

As mãos de Peter se apertam em meus ombros, me segurando no lugar.

“Tobias,” eu digo, e soa como um suspiro.

O traidor Destemor com a arma empurra Tobias em minha direção. Peter tenta me

empurrar para frente também, mas meus pés permanecem plantados. Eu vim aqui para

proteger tantas pessoas quanto eu pudesse. E eu me importo mais com a segurança de

Tobias do que com a de qualquer um. Então porque eu estou aqui, se ele está aqui? Qual é

o objetivo?

“O que você fez?” eu balbucio. Ele está a apenas alguns metros de mim agora, mas

não próximo o bastante para me ouvir. Enquanto ele passa por mim, ele estica sua mão.

Ele a envolve na minha e a aperta. Aperta, e então solta. Seus olhos estão vermelhos; ele

está pálido.

“O que você fez?” Dessa vez a pergunta sai como um rosnado.

Eu me jogo contra ele, lutando contra o aperto de Peter, embora suas mãos se

apertem.

“O que você fez?” eu grito.

“Você morre, eu morro também.” Tobias olha para mim sobre seu ombro. “Eu te

pedi para não fazer isso. Você tomou sua decisão. Essas são as consequências.”

Ele desaparece no canto. A última coisa que eu vejo dele e dos traidores Destemor o

guiando, é um vislumbre do brilho do cano da arma e sangue na parte de trás de seu

lóbulo da orelha de um machucado que não vi antes.

Toda a vida se esvai de mim tão logo ele vai embora. Eu paro de lutar e deixo as

mãos de Peter me empurrar até minha cela. Eu caio no chão logo quando entro, esperando

a porta se fechar para saber que Peter foi embora, mas ela não se fecha.

“Por que ele veio aqui?” Peter pergunta.

Eu o encaro.

“Por que ele é um idiota.”

“Bem, é.”

Eu descanso minha cabeça contra a parede.

“Ele pensou que podia te resgatar?” Peter bufa um pouco. “Parece com algo que um

nascido careta faria.”

“Eu não acho,” eu digo. Se Tobias tivesse a intenção de me resgatar, ele teria

pensado melhor, teria trazido outros. Ele não teria aparecido na sede da Erudição

sozinho.

Lágrimas enchem meus olhos, e eu não tento afastá-las. Ao invés, eu olho através

delas e encaro ao meu redor. Há poucos dias atrás eu nunca teria chorado na frente de

Peter, mas eu não me importo mais. Ele é o menor de todos os meus inimigos.

“Eu acho que ele veio para morrer comigo,” eu digo. Eu coloco a mão sobre minha

boca para abafar um soluço. Se eu puder continuar respirando, eu posso parar de chorar.

Eu não precisava ou queria que ele morresse comigo. Eu queria mantê-lo a salvo. *Que*

idiota, eu penso, mas meu coração não diz isso.

“Isso é ridículo,” ele diz. “Não faz nenhum sentido. Ele tem dezoito anos; ele vai

encontrar outra namorada uma vez que você morra. E ele é burro se não sabe disso.”

Lágrimas rolam pelas minhas bochechas, primeiro quentes e então frias. Eu fecho

meus olhos. “Se você pensa que é sobre isso...” eu engulo outro soluço. “... buro é você.”

“É. Tanto faz.”

Seus sapatos fazem barulho enquanto ele se vira. Pronto para partir.

“Espere!” eu olho para sua silhueta borrada, incapaz de ver seu rosto. “O que eles

vão fazer com ele? A mesma coisa que estão fazendo comigo?”

“Eu não sei.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

198

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você pode descobrir?” Eu limpo meu rosto com as palmas das mãos, frustrada.

“Você pode pelo menos descobrir se ele está bem?”

Ele diz, “Por que eu faria isso? Por que eu faria qualquer coisa por você?”

Um momento depois eu ouço a porta fechar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

199

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

30

Eu li em algum lugar, uma vez, que o choro desafia a explicação científica.

Lágrimas são apenas para lubrificar os olhos. Não há razão real para as glândulas

lacrimais produzirem lágrimas por causa das emoções.

Eu acho que nós choramos para libertar as partes de animal em nós, sem perdermos

a humanidade. Porque dentro de mim há uma fera que rosna, grunhe e se esforça para a

liberdade, para Tobias, e, acima de tudo, para a vida. E por mais que eu tente, não consigo

matá-la.

Ao invés, eu soluço em minhas mãos.

Esquerda, direita, direita. Esquerda, direita, esquerda. Direita, direita. Nossas

voltas, em ordem, do nosso ponto de origem—minha cela—para nosso destino.

É uma nova sala. Nela, há uma cadeira parcialmente reclinada, como uma cadeira

de dentista. Num canto há uma tela e uma mesa. Jeanine senta nela.

“Onde ele está?” eu digo.

Eu tenho esperado por horas para perguntar isso. Eu dormi e sonhei que estava

seguindo Tobias na sede Destemor. Não importava quão rápido eu corria, ele estava

sempre muito à frente, e eu o observava sumir nos cantos, vendo lampejos de

uma manga

ou o salto de um sapato.

Jeanine me lança um olhar inquisitivo. Mas ela não está em dúvida. Ela está

jogando comigo.

“Tobias,” eu digo de qualquer maneira. Minhas mãos tremem, mas não por medo

dessa vez—por raiva. “Onde ele está? O que você está fazendo com ele?”

“Eu não vejo razão para te dar essa informação,” Jeanine diz. “E já que você não é

influenciável, eu não vejo modo de você me dar uma razão, a menos que você queira

mudar os termos do nosso acordo.”

Eu queria gritar para ela que é claro, é *claro*, que prefiro saber sobre Tobias à minha

Divergência, mas eu não grito. Eu não posso tomar decisões precipitadas. Ela vai fazer o

que ela pretende fazer com Tobias, eu sabendo o que é ou não. É mais importante que eu

entenda completamente o que está acontecendo comigo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Eu inspiro pelo nariz, e expiro pelo nariz. Eu balanço minhas mãos. Eu me sento na

cadeira.

“Interessante,” ela diz.

“Você não deveria estar comandando uma facção e planejando uma guerra?” eu

digo. “O que você está fazendo aqui, aplicando testes em uma garota de dezesseis anos?”

“Você escolhe diferentes formas de se referir a si mesma dependendo do que é

conveniente,” ela diz, se recostando na cadeira. “Às vezes você insiste que não é uma

garotinha, e às vezes insiste que é. O que eu estou curiosa para saber é: Como você

realmente se enxerga? Como um ou como outro? Como ambos? Como nenhum?”

Eu faço minha voz monótona e concreta, como a dela. “Eu não vejo razão para

fornecer essa informação.”

Eu ouço um fraco bufar. Peter está cobrindo sua boca. Jeanine lança um olhar a ele,

e sua risada se transforma sem esforço numa crise de tosse.

“Zombaria é infantil, Beatrice,” ela diz. “Isso não lhe cai bem.”

“*Zombaria é infantil, Beatrice,* ” eu repito na minha melhor imitação da voz dela. “*Isso*

não lhe cai bem.”

“O soro,” Jeanine diz, encarando Peter. Ele dá um passo à frente e se atrapalha com

uma caixa preta na mesa, tirando uma seringa com uma agulha já presa a ela.

Peter começa a vir em minha direção, e eu estico minha mão.

“Permita-me,” eu digo.

Ele olha para Jeanine para permissão, e ela diz “Tudo bem, então.” Ele me entrega a

seringa e eu espeto a agulha no lado do meu pescoço, apertando o êmbolo. Jeanine aperta

um dos botões com seu dedo, e tudo fica preto.

Minha mãe está em pé no corredor, com seu braço esticado sobre sua cabeça então

ela pode segurar a barra. Seu rosto está virado, não para as pessoas sentadas ao meu

redor, mas para a cidade em que passamos enquanto o ônibus dá guinadas para frente. Eu

vejo rugas em sua testa e ao redor de sua boca enquanto ela faz uma carranca.

“O que foi?” eu pergunto a ela.

“Há tanto a ser feito,” ela diz com um pequeno gesto para fora das janelas do

ônibus. “E tão poucos de nós restamos para fazer.”

Está claro ao que ela está se referindo. Além do ônibus há entulhos tão longe quanto

eu posso ver. Do outro lado da rua, um prédio está em ruínas. Fragmentos de

vidro nos

becos. Eu me pergunto o que causou tamanha destruição.

“Onde estamos indo?” eu digo.

Ela sorri para mim, e eu vejo rugas diferentes das anteriores, nos cantos de seus

olhos. “Nós vamos para a sede da Erudição.”

Eu franzo as sobrancelhas. A maior parte da minha vida foi gasta evitando a sede

da Erudição. Meu pai costumava dizer que ele nem mesmo gostava de respirar o ar de lá.

“Por que estamos indo para lá?”

“Eles vão nos ajudar.”

Por que eu sinto uma angústia no estômago quando eu penso no meu pai? Eu

imagino seu rosto, intemperizado por uma vida de frustração com o mundo ao seu redor,

e seu cabelo, mantido curto pelos padrões da Abnegação, e sinto o mesmo tipo de dor no

meu estômago quando eu não como nada em muito tempo—uma dor vazia.

“Algo aconteceu ao papai?” eu digo.

Ela balança a cabeça. “Por que você pergunta isso?”

“Eu não sei.”

Eu não sinto dor quando olho para minha mãe. Mas eu sinto que cada segundo que

nós passamos apenas poucos centímetros afastadas, é um que eu devo gravar em minha

mente até que toda a minha memória tome forma. Mas se ela não é permanente, o que ela

é?

O ônibus para, e as portas se abrem. Minha mãe anda pelo corredor e eu a sigo. Ela

é mais alta que eu, então eu olho por entre seus ombros, para o topo de suas costas. Ela

parece frágil, mas não é.

Eu desço para o chão. Pedaços de vidro estalam sob meus pés. Eles são azuis e,

julgando pelos buracos no prédio à minha direita, costumavam serem janelas.

“O que aconteceu?”

“Guerra,” minha mãe diz. “Isso é o que nós tentávamos tanto evitar.”

“E a Erudição vai nos ajudar... fazendo o quê?”

“Temo que tudo que seu pai disse sobre a Erudição tenha afetado seu julgamento,”

ela diz gentilmente. “Eles cometeram erros, é claro, mas eles, como todo mundo, são uma

mistura de bem e mal, não só um ou o outro. O que nós faríamos sem nossos médicos,

cientistas, professores?”

Ela alisa meu cabelo.

“Tenha o cuidado de lembrar-se disso, Beatrice.”

“Eu vou,” eu prometo.

Nós continuamos andando. Mas algo sobre o que ela disse me incomoda. Foi o que

ela disse sobre o meu pai? Não—meu pai está sempre reclamando sobre a Erudição. Foi o

que ela disse sobre a Erudição? Eu salto sobre um grande pedaço de vidro. Não, não pode

ser isso. Ela estava certa sobre a Erudição. Todos os meus professores eram da Erudição,

assim como o médico que curou o braço da minha mãe quando ela o quebrou há muitos

anos atrás.

É a última parte. *Tenha o cuidado de lembrar-se.* Como se ela não fosse ter a

oportunidade de me lembrar depois.

Eu sinto algo mudar em minha mente, como se algo que estivesse fechado, acabou

de abrir.

“Mãe?” eu digo.

Ela olha para mim. Uma mecha de cabelo loiro cai de seu coque e toca sua

bochecha.

“Eu te amo.”

Eu aponto para uma janela à minha esquerda, e ela explode. Pedaços de vidro

chovem sobre nós.

Eu não quero acordar num quarto na sede da Erudição, então eu não abro os olhos

de imediato, nem quando a simulação acaba. Eu tento preservar a imagem da minha mãe

e o cabelo caindo sobre sua bochecha tanto tempo quanto posso. Mas quando tudo que eu

vejo é a vermelhidão das minhas próprias pálpebras, eu os abro.

“Você vai ter que fazer melhor que isso,” eu digo para Jeanine.

Ela diz, “Isso foi só o começo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

31

Naquela noite eu sonho, não com Tobias, e não com Will, mas com minha mãe.

Estamos nos pomares da Amizade, onde as maçãs estão maduras e balançam a apenas

alguns centímetros acima das nossas cabeças. Sombras das folhas fazem um padrão em

seu rosto e ela se veste de preto, embora eu nunca a teha visto de preto quando estava

viva. Ela está me ensinando a trançar o cabelo, demonstrando em uma mecha dela, rindo

quando os meus dedos se atrapalham.

Eu acordo pensando em como não percebi, todos os dias eu me sentei em frente a

ela à mesa do café, que ela estava cheia de energia Destemor. Foi porque ela escondeu

bem? Ou era porque eu não estava procurando?

Eu enterro meu rosto no colchão fino onde dormi. Eu nunca a conheci. Mas pelo

menos ela nunca vai saber o que eu fiz com Will, também. Nesse ponto, eu não acho que

poderia suportar se ela soubesse.

Eu ainda estou piscando a névoa de sono dos meus olhos quando sigo Peter pelo

corredor, segundos ou minutos depois, eu não posso dizer.

“Peter.” Minha garganta dói; eu devo ter gritado enquanto dormia. “Que horas

são?”

Ele usa um relógio, mas o rosto está coberto, então não posso vê-lo. Ele não se

preocupou em olhar para o relógio.

“Por que você está constantemente me escoltando aos lugares?” digo. “Não há uma

atividade depravada que você deveria participar? Chutar cachorro ou espionar meninas

enquanto elas se trocam, ou algo assim?”

“Eu sei o que você fez para Will, você sabe. Não finja que é melhor do que eu,

porque você e eu, nós somos exatamente iguais.”

A única coisa que distingue um corredor do outro, aqui, é o seu comprimento. Eu

decido identificá-los de acordo com quantos passos eu dou antes de virar. Dez. Quarenta e

sete. Vinte e nove.

“Você está errado,” eu digo. “Nós podemos ser ruins, mas há uma enorme

diferença entre nós—eu não estou satisfeita em ser desta maneira.”

Peter bufa um pouco, e nós andamos entre as mesas do laboratório da Erudição. Foi

quando percebi onde estou, e onde estamos indo: de volta para a sala que Jeanine me

mostrou. A sala onde eu serei executada. Tremo tanto que meus dentes batem, e é difícil

manter o passo, difícil manter meus pensamentos em linha reta. *É apenas uma sala*, eu digo

a mim mesma. *Apenas um aposento como qualquer outro.*

Eu sou uma mentirosa.

Desta vez, a câmara de execução não está vazia. Quatro traidores Destemor em

círculo num canto, e dois da Erudição, uma mulher de pele escura, um homem mais velho,

ambos vestindo jalecos, estão com Jeanine, perto da mesa de metal no centro. Diversas

máquinas estão configuradas em torno dela, e há fios em toda parte.

Eu não sei o que a maioria destas máquinas fazem, mas entre elas está um monitor

cardíaco. O que o plano de Jeanine faz que requer um monitor cardíaco?

“Coloque-a sobre a mesa,” diz Jeanine, parecendo entediada. Eu olho por um

segundo a mesa de aço que me espera. E se ela mudou de ideia sobre esperar para me

executar? E se for hora de morrer? As mãos de Peter fecham em torno dos meus braços e

me contorço, jogando toda minha força para lutar.

Mas ele só me levanta, esquivando meus pés chutando, e joga-me sobre a mesa de

metal, me atordoando. Eu suspiro, e arremesso um punho para fora no que eu posso bater,

o que só acontece de ser o pulso de Peter. Ele estremece, mas agora os outros traidores

Destemor vieram para ajudar.

Um deles segura meus tornozelos, e o outro meus ombros enquanto Peter prende

tiras pretas através do meu corpo para me manter presa. Eu vacilo com a dor no meu

ombro ferido e paro de lutar.

“O que diabos está acontecendo?” pergunto, esticando o pescoço para olhar para

Jeanine. “Nós concordamos—cooperação de troca de resultados! Nós *concordamos*...”

“Isso é totalmente diferente do nosso acordo,” diz Jeanine, olhando para o relógio.

“Isto não é sobre você, Beatrice.”

A porta se abre outra vez.

Tobias entra— *mancando*—ladeado por traidores Destemor. Seu rosto está

machucado e há um corte acima da sobrancelha. Ele não se move como seu cuidado

habitual; está mantendo-se perfeitamente reto. Ele deve estar ferido. Eu tento não pensar

em como ele ficou assim.

“O que é isso?” diz ele, a sua está voz áspera e rouca.

De gritar, provavelmente.

Minha garganta está inchada.

“Tris,” diz ele, e vira para mim, mas os traidores Destemor são muito rápidos.

Eles

o agarram antes que possa se mover mais do que alguns passos. “Tris, você está bem?”

“Sim,” eu digo. “E você?”

Ele acena com a cabeça. Eu não acredito nele.

“Em vez de perder mais tempo, Sr. Eaton, eu pensei em tomar a abordagem mais

lógica. Soro da verdade seria preferível, é claro, mas seriam necessário dias para coagir

Jack Kang a entregar algo mais, quando é zelosamente guardado pela Sinceridade, e eu

prefiro não desperdiçar alguns dias.” Ela passa para frente, uma seringa em sua mão. Este

soro é cinza. Poderia ser uma nova versão do soro de simulação, mas eu duvido.

Eu me pergunto o que faz. Ele não pode ser bom, se ela parece tão satisfeita com ela

mesma.

“Em poucos segundos, eu vou injetar este líquido na Tris. Nesse ponto, eu confio

que seus instintos altruístas vão assumir e você vai me dizer exatamente o que eu preciso

saber.”

“O que ela precisa saber?” eu digo, interrompendo-a.

“Informações sobre as casas seguras dos sem facção,” ele responde sem olhar para

mim.

Meus olhos se arregalam. Os sem facção são a última esperança que qualquer um

de nós tem, agora que a metade do Destemor leal e todos da Sinceridade estão em

simulação, e metade da Abnegação está morta.

“Não dê a ela. Eu vou morrer de qualquer jeito. Não dê a ela qualquer coisa.”

“Lembre-me, Sr.Eaton,” diz Jeanine. “O que simulações Destemor faz?”

“Esta não é uma sala de aula,” ele responde entre os dentes. “Diga-me o que você

vai fazer.”

“Eu vou se você responder minha muito simples pergunta.”

“Tudo bem.” Os olhos de Tobias se movem para mim. “As simulações estimulam a

amígdala, que é responsável pelo processamento do medo, induz uma alucinação com

base no medo, e então transmite os dados para um computador para serem processados e

observados.”

Parece que ele memorizou isso há um bom tempo. Talvez tenha—ele passa muito

tempo executando simulações.

“Muito bom,” diz ela. “Quando eu estava desenvolvendo as simulações Destemor,

anos atrás, nós descobrimos que certos níveis de potência sobrecarregam o cérebro e o

torna muito insensível ao terror de inventar novos ambientes, quando a solução foi diluída

a fim de que as simulações fossem mais instrutivas. Mas eu ainda me lembro de como

fazê-lo.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

206

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Ela bate a seringa com a unha.

“O medo,” diz ela, “é mais poderoso do que a dor. Então, há algo que você gostaria

de dizer, antes de eu injetar na Srta. Prior?”

Tobias pressiona seus lábios.

E Jeanine insere a agulha.

Ela começa em silêncio, como bater de um coração. Eu não tenho certeza, em

primeiro lugar, cujos batimentos cardíacos eu estou ouvindo, porque é muito alto para ser

meu. Mas então eu percebo que é meu, e está ficando mais rápido e mais rápido.

O suor se acumula nas minhas palmas e atrás de meus joelhos.

E então eu tenho arquejo para respirar.

É quando os gritos começam

E eu

Não posso

Pensar

Tobias está lutando contra os traidores Destemor na porta.

Eu ouço o que soa como o grito de criança ao meu lado, e minha cabeça vira para

ver de onde está vindo, mas não existe apenas um monitor cardíaco. Acima de mim as

linhas entre o teto e as telhas urdidura e retorcem em monstruosas criaturas. O cheiro de

carne podre enche o ar e eu seguro a respiração. As criaturas monstruosas assumem uma

forma mais definida—eles são pássaros, corvos, com bicos e asas tão escuras que parecem

engolir toda a luz.

“Tris,” diz Tobias. Eu olho para longe dos corvos.

Ele está na porta, onde estava antes de eu ser injetada, mas agora ele tem uma faca.

Ele a segura para fora de seu corpo e vira a ponta da lâmina para seu estômago. Então, ele

a traz para si mesmo, tocando com a ponta da lâmina em seu estômago.

“O que você está fazendo? Pare!”

Ele sorri um pouco e diz: “Estou fazendo isso por você.”

Ele empurra mais a faca lentamente, e surgem manchas de sangue na bainha de sua

camisa. Eu silencio e me jogo contra as restrições me segurando na mesa. “Não, pare!” Eu

me debato e em uma simulação eu estaria livre agora, isto deve significar que isso é real, é

real. Eu grito e ele enfia a faca até o cabo. Ele cai no chão e derrama seu sangue que

rapidamente o rodeia. A sombra de aves voltam seus olhos redondos sobre ele em um

enxame de asas e garras, bicando sua pele. Eu vejo seus olhos através das penas e ele ainda

está acordado.

As aves pousam nos dedos que segura a faca. Ele puxa de novo e faz um barulho no

chão e eu deveria esperar que ele estivesse morto, mas eu sou egoísta, então eu não posso.

Elevo-me para trás da mesa e todos os meus músculos apertam e minha garganta dói a

partir deste grito que já não forma palavras e não vai parar.

“Sedativos,” uma voz dura comanda.

Outra agulha no meu pescoço, e meu coração começa a desacelerar. Eu soluço com

alívio. Por segundos tudo o que posso fazer é chorar com alívio.

Isso não era medo. Isso foi outra coisa, uma emoção que não deve existir.

“Deixe-me ir,” diz Tobias, e ele soa mais rouco do que antes. Eu pisco rápido para

que eu possa vê-lo através das minhas lágrimas. Há marcas vermelhas em seus braços

onde os traidores Destemor seguraram, mas ele não está morrendo, ele está bem. “Essa é a

única maneira que eu vou te dizer, é se você me deixar ir.”

Jeanine balança a cabeça, e ele corre para mim. Ele envolve uma mão em torno das

minhas e toca o meu cabelo com a outra. Ele se inclina molhado de lágrimas. Ele não as

limpa. Ele pressiona a testa na minha.

“As casas seguras do sem-facção,” diz ele devidamente, bem contra a minha

bochecha. “Traga-me um mapa e eu vou marcá-las para você.”

Sua testa está fria e seca contra a minha. Meus músculos doem, provavelmente de

ser apertada por tanto tempo que Jeanine me deixou com o soro pulsando em mim.

Ele puxa para trás, seus dedos embrulhados em torno dos meus enquanto os

traidores Destemor o puxam para longe de meu alcance para escoltá-lo a outro

lugar.

Minha mão fica pesada na mesa. Eu não quero lutar mais contra as restrições. Tudo o que

quero fazer é dormir.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

208

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Enquanto você está aqui...” Jeanine diz uma vez que Tobias e seus acompanhantes

se foram. Ela olha para cima e foca seus olhos lacrimejantes em um dos da Erudição.

“Consiga-o e traga-o aqui. Está na hora.”

Ela olha para mim.

“Enquanto você dorme, nós estaremos realizando um procedimento curto para

observar algumas coisas sobre seu cérebro. Não será invasivo. Mas antes disso... Eu

prometi a você total transparência com estes procedimentos. Então, eu sinto que é justo

que você saiba exatamente quem me ajudou em meus esforços.” Ela sorri um pouco.

“Quem me contou que você tinha aptidão para três facções, e que nossa melhor chance era

você vir aqui e colocar sua mãe no passado para fazer a simulação mais eficaz.”

Ela olha para a porta, enquanto os sedativos deixam tudo borrado nas bordas. Olho

sobre meu ombro, e através da névoa de drogas eu o vejo.

Caleb.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

209

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

32

Eu acordo com dor de cabeça. Tento voltar a dormir—pelo menos, quando estou

dormindo, eu estou calma—mas a imagem de Caleb em pé na porta corre pela minha

mente mais e mais uma vez, acompanhada pelo som do grasnido de corvos.

Por que nunca me perguntei como Eric e Jeanine sabiam que eu tinha aptidão por

três facções?

Por que nunca me ocorreu que apenas três pessoas em todo o mundo sabiam aquele

fato em particular: Tori, Caleb e Tobias?

Minha cabeça pesa. Eu não consigo entender. Não sei por que Caleb iria me trair.

Gostaria de saber quando isso aconteceu—após a simulação de ataque? Após a fuga da

Amizade? Ou foi mais cedo—quando ele voltou e meu pai ainda era vivo? Caleb nos disse

que deixou a Erudição quando descobriu o que estavam planejando—ele estava

mentindo?

Ele devia estar. Eu pressiono minha mão na testa. Meu irmão escolheu facção sobre

sangue. Tem que haver uma razão. Ela deve tê-lo ameaçado. Ou coagido de alguma

maneira.

A porta se abre. Eu não levanto minha cabeça ou abro os olhos.

“Careta.” É Peter. Claro.

“Sim.” Quando eu deixo a mão cair do meu rosto, uma mecha de cabelo cai junto.

Eu olho para ele com o canto do meu olho. Meu cabelo nunca foi tão gorduroso antes.

Peter deixa uma garrafa de água ao lado da cama, e um sanduíche. O pensamento

de comer causa naúseas em mim.

“Você teve morte cerebral?” ele diz.

“Acho que não.”

“Não tenha tanta certeza.”

“Ha-ha,” eu digo. “Quanto tempo eu dormi?”

“Cerca de um dia. Eu devo escoltá-la para o chuveiro.”

“Se você disser algo sobre o quanto eu preciso de um,” eu digo, cansada, “Eu *vou* te

socar no olho.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

210

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

O quarto gira quando levanto minha cabeça, mas eu consigo colocar minhas pernas

sobre a beira da cama e suporte. Peter e eu andamos pelo corredor. Quando nos voltamos

a um canto para chegar ao banheiro, porém, há pessoas, no final do corredor.

Uma delas é Tobias. Eu posso ver onde nossos caminhos se cruzam, entre onde eu

estou agora e a porta. Eu olho, não para ele, mas para onde estará quando ele chegar para

a minha mão, como fez na última vez que passamos um pelo outro. Minha pele formiga

com antecipação. Por apenas um momento, vou tocá-lo novamente.

Seis passos até ele. Cinco passos.

Em quatro passos, no entanto, Tobias para. Todo o seu corpo fica mole, pegando o

traidor Destemor que é sua escolta desprevenido. O guarda perde o controle sobre ele por

apenas um segundo, e Tobias o joga para o chão.

Em seguida, ele se torce, guinando para frente. E pega uma arma do coldre do

traidor Destemor mais baixo.

A arma dispara. Peter mergulha para a direita, arrastando-me com ele. Minha

cabeça bate na parede. A boca do guarda Destemor está aberta—ele deve estar gritando.

Eu não posso ouvi-lo.

Tobias o chuta com força no estômago. A Destemida em mim admira sua postura —

perfeita—e sua velocidade—incrível. Então ele se vira, mirando a arma em

Peter. Mas

Peter já me liberou.

Tobias pega meu braço esquerdo, ajuda-me a levantar, e começa a correr. Eu

tropeço atrás dele. Cada vez que o meu pé toca o solo, sinto pontadas de dor em minha

cabeça, mas não posso parar. Eu pisco as lágrimas de meus olhos. *Corra,* eu digo a mim

mesma, como se isso fosse deixar mais fácil. A mão de Tobias é áspera e forte. Eu a deixo

me guiar para um canto.

“Tobias,” eu bufo.

Ele para e olha para trás. “Oh, não,” diz ele, roçando meu rosto com os dedos.

“Vamos lá. Nas minhas costas.”

Ele se curva, e eu coloco meus braços ao redor de seu pescoço, enterrando meu

rosto entre seus ombros. Ele me levanta sem dificuldade e segura a minha perna com a sua

mão esquerda. Sua mão direita ainda detém a arma.

Ele corre, e até mesmo com o meu peso, ele é rápido. Eu penso, *Como ele podia já ter*

sido Abnegação? Ele parece projetado especificamente para a velocidade e precisão mortal.

Mas não força, não particularmente—ele é inteligente, mas não forte. Apenas forte o

suficiente para me levar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

211

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Os corredores estão vazios agora, mas não por muito tempo. Logo, todo o Destemor

no edifício virá correndo atrás de nós, de todos os lugares, e nós vamos estar presos neste

labirinto. Eu me pergunto quais os planos de Tobias para passar por eles.

Eu ergo minha cabeça o suficiente só para ver que ele passou por uma saída.

“Tobias, você passou.”

“Passei... O quê?” diz ele entre respirações.

“Uma saída.”

“Não estou tentando escapar. Levaremos um tiro se sairmos,” diz ele. “Tentando...

Encontrar uma coisa.”

Eu suspeitaria estar sonhando se a dor na minha cabeça não fosse tão intensa.

Normalmente, apenas os meus sonhos fazem tão pouco sentido. Por que, se ele não estava

tentando escapar, ele me levou com ele? E o que ele está fazendo, se não escapando?

Ele para abruptamente, quase me derrubando, quando atinge um corredor com

painéis de vidro em ambos os lados, revelando escritórios. Os Eruditos sentam congelados

em suas mesas, olhando para nós. Tobias não presta atenção neles; seus olhos, tanto

quanto eu posso dizer, estão fixos sobre a porta no final do corredor. Um sinal de fora da

porta diz, CONTROLE A.

Tobias procura cada canto da sala, e depois atira na câmera presa ao teto à nossa

direita. A câmera cai. Ele atira na câmera presa ao teto à nossa esquerda. Sua lente quebra.

“Hora de descer,” diz ele. “Nada mais de corrida, eu prometo.”

Eu escorrego de suas costas e pego sua mão. Ele caminha em direção a uma porta

fechada que já passamos, e para um armário de manutenção. Ele fecha a porta e coloca

uma cadeira quebrada sob a maçaneta. Eu o encaro, uma prateleira empilhada com papel

nas minhas costas. Acima de nós, a luz azul treme. Seus olhos percorrem o meu rosto

quase avidamente.

“Eu não tenho muito tempo, então vou ser direto” diz ele.

Concordo com a cabeça.

“Eu não vim aqui em alguma missão suicida” diz ele. “Eu vim por duas razões. A

primeira foi a de encontrar as duas salas de controle central da Erudição para, quando

invadirmos, sabermos o que destruir primeiro para nos livrar de todos os dados de

simulação, de modo que ela não possa ativar os transmissores Destemor.”

Isso explica o correr sem escapar. E encontramos uma sala de controle, no final do

referido corredor.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

212

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu fico olhando para ele, ainda tonta dos últimos minutos.

“Em segundo,” diz ele, limpando a garganta. “É ter certeza que você aguente,

porque nós temos um plano.”

“Que plano?”

“De acordo com um dos nossos iniciados, sua execução está provisoriamente

marcada para duas semanas a partir de hoje,” ele diz. “Pelo menos, essa é a data-alvo de

Jeanine para a nova simulação à prova de Divergente. Assim, 14 dias a partir de agora, os

sem facção, os Destemidos leais, e os Abnegados que estão dispostos a lutar vão invadir o

complexo da Erudição e tirar a sua melhor arma—o seu sistema de computador. Isso

significa que nós vamos superar os traidores Destemor em número, e, portanto, a

Erudição.”

“Mas você disse a Jeanine onde estavam as casas seguras dos sem facção.”

“Sim.” Ele franze a testa um pouco. “Isso é problemático. Mas, como você e eu

sabemos, um monte de sem facção são Divergentes, e muitos deles já estavam se mudando

para o setor da Abnegação quando eu saí, portanto, apenas algumas das casas seguras

serão afetadas. Então, eles ainda terão uma população grande para contribuir com a

invasão.”

Duas semanas. Será que vou ser capaz de passar por duas semanas disso? Eu já

estou tão cansada que estou achando difícil ficar em pé sozinha. Mesmo o resgate que

Tobias está propondo mal me atrai. Eu não quero liberdade. Eu quero dormir. Eu quero

que isso acabe.

“Eu não...” Engasgo com as palavras e começo a chorar. “Eu não consigo...

Aguentar... Todo esse tempo.”

“Tris,” ele diz com firmeza. Ele nunca me mima. Eu desejo que, apenas desta vez,

ele me mime. “Você precisa. Você precisa sobreviver a isso.”

“Por quê?” A questão se forma em meu estômago e se lança de minha boca em um

gemido. Eu sinto meus punhos contra o peito, como uma criança fazendo birra. Lágrimas

cobrem minhas bochechas, e eu sei que estou sendo ridícula, mas não posso

parar. “Por

que eu preciso? Por que outra pessoa não pode fazer algo pelo menos uma vez? E se eu

não quiser fazer mais isso?”

E o que é *isso*, eu percebo, é vida. Eu não quero isso. Eu quero meus pais e tenho

querido por semanas. Eu tenho tentado rasgar meu caminho de volta para eles, e agora

estou tão perto, e ele está me dizendo não.

“Eu sei.” Eu nunca ouvi o som da sua voz tão suave. “Eu sei que é difícil. A coisa

mais difícil que teve que fazer.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

213

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu balanço minha cabeça.

“Eu não posso forçá-la. Eu não posso fazer você querer sobreviver a isso.” Ele me

puxa contra ele e passa a mão sobre o meu cabelo, prendendo-o atrás da minha orelha.

Seus dedos trilham meu pescoço e no meu ombro, e ele diz: “Mas você vai fazer isso. Não

importa se você acredita que pode ou não. Você fará, porque é quem você é.”

Eu recuo e encaixo minha boca na dele, não suavemente, não hesitante. Eu o

beijo

como costumava fazer, quando tinha certeza de nós, e corro minhas mãos por suas costas,

até seus braços, como eu costumava fazer.

Eu não quero dizer a ele a verdade: que ele está errado, e eu não quero sobreviver a

isso.

A porta se abre. Uma multidão de traidores Destemor entra no armário de

manutenção. Tobias dá um passo para trás, vira a arma em sua mão, e a oferece ao traidor

Destemor mais próximo pelo cabo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

33

“Beatrice.”

Eu acordo em um pulo. A sala em que estou agora—para o experimento que eles

desejam executar em mim—é grande, com telas ao longo da parede traseira e luzes azuis

ardendo um pouco acima do chão e linhas de bancos acolchoados em todo o meio. Eu

estou sentada no banco mais distante no fundo com Peter no meu ombro esquerdo, com a

cabeça inclinada contra a parede. Eu ainda não consigo chegar a dormir o suficiente.

Agora, eu gostaria de não ter acordado. Caleb está a poucos metros de distância,

apoiando seu peso em um pé, uma postura incerta.

“*Alguma vez* você deixou a Erudição?” pergunto.

“Não é tão simples assim,” ele começa.”Eu...”

“É simples assim.” Eu quero gritar, mas minha voz sai plana. “Em que momento

você traiu nossa família? Antes de nossos pais morrerem, ou depois?”

“Eu fiz o que tinha que fazer. Você acha que entende, Beatrice, mas não entende.

Toda esta situação... É muito maior do que você pensa que é.” Seus olhos me suplicam

para entender, mas eu reconheço o seu tom—é o que ele empregava quando éramos mais

jovens, para me repreender. É condescendente.

Arrogância é uma das falhas no coração da Erudição—eu sei. Está, muitas vezes, no

meu.

Mas a ganância é a outra. E eu não tenho essa. Então, eu estou meio dentro e meio

fora, como sempre.

Eu fico em pé. “Você ainda não respondeu à minha pergunta.”

Caleb dá passos para trás.

“Isto não é sobre a Erudição; é sobre todos. Todas as facções,” diz ele. “E a cidade. E

o que está fora da cerca.”

“Eu não me importo,” eu digo, mas não é verdade. A frase *fora da cerca* espeta no

meu cérebro. Fora? Como algo disso poderia ter a ver com o que está lá fora?

Algo coça na parte de trás da minha mente. Marcus disse que a informação que a

Abnegação possuía motivou o ataque de Jeanine sobre a Abnegação. Será que a

informação tem a ver com o que está fora, também?

Eu empurro o pensamento para longe, por enquanto.

“Eu pensei que você adorasse fatos. E liberdade de informação? Bem, e sobre *este*

fato, Caleb? Quando...” Minha voz treme. “*Quando* você traiu os nossos pais?”

“Eu sempre fui da Erudição,” diz ele em voz baixa. “Mesmo quando era para ser

Abnegação.”

“Se você está com Jeanine, então eu o odeio. Assim como nosso pai odiaria.”

“Nosso pai.” Caleb bufa um pouco. “Nosso pai *era* da Erudição, Beatrice. Jeanine

me disse—ele estava no mesmo ano que ela na escola.”

“Ele não era da Erudição,” eu digo depois de alguns segundos. “Ele escolheu deixá-

los. Ele escolheu uma identidade diferente, exatamente como você, e tornou-se outra coisa.

Só que você escolheu este... Este *mal*.”

“Falou como uma verdadeira Destemida,” diz Caleb bruscamente. “É de uma

maneira ou de outra. Sem nuances. O mundo não *funciona* assim, Beatrice. O mal depende

de onde você está.”

“Não importa onde eu esteja, eu ainda vou achar que controlar as mentes de uma

cidade inteira de pessoas é ruim.” Eu sinto meu lábio tremer. “Eu ainda vou pensar que

entregar a sua irmã para ser estudada e executada é ruim!”

Ele é meu irmão, mas eu quero rasgá-lo em pedaços.

Em vez de tentar, embora, eu encontro-me sentada novamente. Eu nunca poderia

machucá-lo o suficiente para fazer sua traição parar de doer. E *dói*, em cada parte do meu

corpo. Eu aperto meus dedos ao meu peito para massagear um pouco da tensão e afastá-

la.

Jeanine e seu exército de cientistas da Erudição e traidores Destemor entram

enquanto eu limpo as lágrimas de minhas bochechas. Eu pisco rapidamente para que ela

não veja. Ela quase não me dá um olhar.

“Vamos ver os resultados, mostre-nos,” ela anuncia. Caleb, agora de pé nas telas,

pressiona algo na frente da sala, e as telas ligam. Palavras e números que eu não entendo

preenchem as telas.

“Nós descobrimos algo extremamente interessante, Srta. Prior.” Eu nunca a vi tão

alegre antes. Ela quase sorri—mas não completamente. “Você tem uma grande quantidade

de um determinado tipo de neurônio, chamado simplesmente de neurônio espelho. Será

que alguém gostaria de explicar à Srta. Prior exatamente o que os neurônios espelho

fazem?”

Os cientistas da Erudição levantam suas mãos em uníssono. Ela aponta para uma

mulher mais velha na frente.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

216

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Neurônios espelho funcionam quando se executa uma ação ou quando se vê outra

pessoa realizar essa ação. Eles permitem-nos imitar o comportamento.”

“Pelo quê mais são eles responsáveis?” Jeanine verifica sua “classe” da mesma

forma que meus professores faziam nos Níveis Superiores. Outra Erudita levanta a mão.

“Aprendizagem de línguas, compreender as intenções de outras pessoas com base

em seu comportamento, um...” Ele franze a testa. “E a empatia.”

“Mais especificamente,” Jeanine diz, e dessa vez ela sorri para mim, amplamente,

forçando rugas em seu rosto, “alguém com muitos neurônios espelho fortes poderia ter

uma personalidade flexível—capaz de mimetizar os outros quando a situação pede por

isso, ao invés de permanecer constante.”

Eu entendo porque ela sorri. Sinto que minha mente foi quebrada, seus segredos

derramando pelo chão para eu finalmente ver.

“Uma personalidade flexível,” ela diz, “provavelmente teria aptidão para mais de

uma facção, você não concorda, Srta. Prior?”

“Provavelmente,” eu digo. “Agora, se você puder obter uma simulação para

suprimir essa habilidade em especial, poderíamos terminar com isso.”

“Uma coisa de cada vez.” Ela pausa. “Eu tenho que admitir que me confunde você

estar tão ansiosa para sua própria execução.”

“Não, não confunde.” Eu fecho meus olhos. “Não confundo nada.” Eu suspiro.

“Posso voltar para minha cela agora?”

Devo parecer indiferente, mas não estou. Eu quero voltar para o meu quarto, para

que eu possa chorar em paz. Mas não quero que ela saiba disso.

“Não fique muito confortável,” ela gorjeia. “Nós vamos ter uma simulação para

tentar em breve.”

“Sim,” eu digo. “Tanto faz.”

Alguém sacode meu ombro. Eu acordo num pulo, meus olhos arregalados e

procurando, e vejo Tobias ajoelhado sobre mim. Ele usa uma jaqueta de um traidor

Destemor, e um lado de sua cabeça está coberta com sangue. O sangue flui de uma ferida

em sua orelha—o topo dela está faltando. Eu estremeço.

“O que aconteceu?” digo.

“Levante-se. Temos que correr.”

Veronica Roth

“É muito cedo. Não passou duas semanas.”

“Eu não tenho tempo para explicar. Vamos.”

“Oh Deus. Tobias.”

Sento-me e passo meus braços em torno dele, pressionando o meu rosto em seu

pescoço. Seus braços em volta de mim me apertam forte. Calor passa através de mim, e

conforto. Se ele está aqui, significa que eu estou segura. Minhas lágrimas deixam sua pele

escorregadia.

Ele se levanta e me puxa de pé, o que faz o meu ombro ferido pulsar.

“Reforços vão estar aqui logo. Vamos.”

Eu deixo ele me levar para fora do quarto. Nós andamos pelo primeiro corredor

sem dificuldade, mas no segundo corredor, encontramos dois guardas Destemor, um

jovem e uma mulher de meia-idade. Tobias dispara duas vezes em questão de segundos,

os dois tiros, um na cabeça e um no peito. A mulher, que foi atingida no peito, cai contra a

parede, mas não morre.

Mantemos-nos em movimento. Um corredor, depois outro, todos eles parecem o

mesmo. O aperto de Tobias na minha mão nunca vacila. Eu sei que ele pode jogar uma

faca para que ela atinja apenas a ponta da minha orelha, ele pode disparar com

precisão

nos soldados Destemor que nos emboscam. Desviamos de corpos caídos—pessoas que

Tobias matou no caminho, provavelmente—e finalmente alcançamos uma saída de

incêndio.

Tobias solta minha mão para abrir a porta, e o alarme de incêndio grita em meus

ouvidos, mas nós continuamos correndo. Estou com falta de ar, mas não me importo, não

quando eu finalmente estou fugindo, não quando este pesadelo finalmente acabou. Minha

visão começa a escurecer nas bordas, então pego o braço de Tobias e seguro firme,

confiante que ele vai me conduzir em segurança para o pé das escadas.

Os degradus para descer acabam, e abro meus olhos. Tobias está prestes a abrir a

porta de saída, mas eu o seguro. “Tenho que recuperar o fôlego...”

Ele faz uma pausa, e eu coloco minhas mãos sobre os joelhos, inclinando-me sobre

eles. Meu ombro ainda palpita. Eu franzo a testa, e olho para cima para ele.

“Vamos, vamos sair daqui,” diz ele insistentemente.

Meu estômago afunda. Eu olho para seus olhos. Eles são azul escuro, com um

fragmento de azul claro em sua íris direita.

Eu tomo o queixo na mão e puxo os lábios para baixo nos meus, beijando-o

lentamente, suspirando quando recuo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

218

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Nós não podemos sair daqui,” eu digo. “Porque esta é uma simulação.”

Ele me levanta puxando minha mão direita. O Tobias de verdade teria se lembrado

da ferida no meu ombro.

“O quê?” Ele franze a testa para mim. “Você não acha que eu saberia se eu estivesse

sob uma simulação?”

“Você não está em uma simulação. Você *é* a simulação.” Eu olho para cima e digo

em voz alta: “Você vai ter que fazer melhor do que isso, Jeanine.”

Tudo o que tenho que fazer agora é despertar, e sei como—eu já fiz isso antes, em

minha paisagem de medo, quando quebrei um tanque de vidro apenas tocando a minha

palma nele, ou quando fiz uma arma aparecer na grama para atirar nos pássaros. Pego

uma faca de bolso—uma faca que não estava lá há um momento—e será forte como

diamante na minha perna.

Eu empurro a faca em direção à minha coxa.

Eu acordo com lágrimas nos meus olhos. Eu acordo para ouvir Jeanine gritar de

frustração.

“O que é?” Ela pega a arma de Peter da mão dele e atravessa a sala, pressionando o

cano na minha testa. Meu corpo endurece, fica frio. Ela não vai atirar em mim. Eu sou um

problema que ela não pode resolver. Ela não vai atirar em mim.

“O que é que te dá pistas? Diga-me. Diga-me ou eu vou te matar.”

Eu lentamente me levanto da cadeira, fico de pé, empurrando minha pele mais para

dentro do cilindro frio.

“Você acha que eu vou dizer a você?” digo. “Você acha que eu acredito que você

iria me matar sem descobrir a resposta a esta pergunta?”

“Sua garota burra,” diz ela. “Você acha que isso se trata de você, e seu cérebro

anormal? Isso não é sobre você. Não é sobre mim. É sobre manter esta cidade segura de

pessoas que pretendem mergulhá-la no inferno!”

Invoco o último da minha força e lanço-me para ela, agarrando qualquer pele que

minhas unhas encontram, cavando tão forte quanto eu posso. Ela grita a plenos pulmões,

um som que vira o meu sangue em fogo. Eu a soco com força na face.

Um par de braços me envolve, puxando-me de cima dela, e um punho encontra o

meu lado. Eu solto um gemido, e pulo em sua direção, segura por Peter.

“Dor não pode me fazer dizer a você. Soro da verdade não pode me fazer dizer a

você. Simulações não podem me fazer dizer a você. Eu sou imune a todos os três.”

Seu nariz está sangrando, e eu vejo linhas de arranhões de unhas em suas

bochechas, ao lado de sua garganta, ficando vermelhos com sangue florescendo. Ela olha

para mim, apertando o nariz fechado, seu cabelo despenteado, sua mão livre tremendo.

“Você *falhou*. Você não pode me controlar!” eu grito, tão alto que minha garganta

dói. Eu paro de lutar e cedo contra o peito de Peter. “Você *nunca* será capaz de me

controlar.”

Eu rio, sem alegria, uma risada louca. Eu saboreio a carranca em seu rosto, o ódio

em seus olhos. Ela era como uma máquina; era fria e sem emoção, vinculada apenas pela

lógica. E eu a quebrei.

Eu a quebrei.

220

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

34

Uma vez que estou no corredor, eu paro de lutar em direção a Jeanine. Meu flanco

lateja, efeito colateral de onde Peter me deu um soco, mas não é nada em comparação com

a sensação de triunfo.

Peter escolta-me de volta à minha cela sem uma palavra. Eu fico no meio da cela

por um longo tempo, olhando para a câmera no canto traseiro esquerdo. Quem está me

olhando o tempo todo? São traidores Destemor, me vigiando, ou a Erudição, me

observando?

Uma vez que o calor deixa meu rosto e meu lado para de doer, eu me deito.

Uma imagem de meus pais flutua na minha cabeça no momento em que eu fecho

meus olhos. Uma vez, quando eu tinha 11 anos, eu parei na porta do quarto de meus pais

para vê-los fazer a cama juntos. Meu pai sorriu para minha mãe enquanto eles puxavam o

lençol e alisavam em perfeita sincronia. Eu sabia, pela maneira como olhou para ela, que

ele a prezava com um respeito maior do que tinha por si mesmo.

Nem egoísmo nem insegurança o impediam de ver toda a extensão de sua bondade,

como tantas vezes acontece com o resto de nós. Esse tipo de amor pode só ser

possível na

Abnegação. Eu não sei.

Meu pai: nascido na Erudição, crescido na Abnegação. Ele sempre achou difícil

viver à altura das exigências de sua facção escolhida, assim como eu. Mas ele tentou, e

conhecia a verdadeira Abnegação quando a via.

Aperto o travesseiro ao meu peito e enterro meu rosto nele. Eu não choro. Eu

apenas sofro.

O lutoo não é tão pesado quanto a culpa, mas tira mais de você.

“Careta.”

Eu acordo com um sobressalto, minhas mãos ainda segurando o travesseiro. Há

uma mancha úmida no colchão sob o meu rosto. Sento-me, enxugando os olhos com os

meus dedos.

As sobrancelhas de Peter, que geralmente aparecem no meio, estão franzidas.

“O que aconteceu?” O que quer que seja, não pode ser bom.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

221

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Sua execução foi agendada para amanhã de manhã, às oito horas.”

“Minha execução? Mas ela... Ela não desenvolveu a simulação direito ainda, ela

não

poderia...”

“Ela disse que vai continuar as experiências em Tobias em vez de você,” diz ele.

Tudo o que eu posso dizer é: “Oh.”

Aperto o colchão e balanço para frente e para trás, para frente e para trás. Amanhã

minha vida vai acabar. Tobias pode sobreviver por tempo suficiente para escapar da

invasão dos sem facção. O Destemor vai eleger um novo líder. Todas as pontas soltas que

deixarei serão facilmente atadas.

Concordo com a cabeça. Sem família, sem pontas soltas, sem grande perda.

“Eu poderia ter te perdoado, sabe,” eu digo. “Por tentar me matar durante a

iniciação. Eu provavelmente poderia ter perdoado.”

Nós dois ficamos em silêncio por um momento. Eu não sei por que disse isso a ele.

Talvez apenas porque é verdade, e hoje à noite, de todas as noites, é o momento de

honestidade. Hoje à noite eu vou ser honesta, e altruísta, e corajosa. Divergente.

“Eu nunca pedi que você me perdoasse,” ele diz, e se vira para sair. Mas então ele

para na soleira da porta e diz: “É 09h24.”

Dizer-me as horas é um pequeno ato de traição e—portanto, um simples ato de

bravura. E talvez seja a primeira vez que eu vi Peter ser verdadeiramente

Destemor.

Eu vou morrer amanhã. Faz muito tempo desde que tive certeza de algo, de modo

que isto parece um presente. Hoje à noite, nada. Amanhã, o que quer que venha depois da

vida. E Jeanine ainda não sabe como controlar os Divergentes.

Quando começo a chorar, eu agarro o travesseiro no meu peito e deixo acontecer.

Eu choro muito, como uma criança chora, até que meu rosto está quente e eu sinto que

poderia vomitar. Eu posso fingir ser corajosa, mas não sou.

Acho que agora seria o momento de pedir perdão por todas as coisas que eu fiz,

mas tenho certeza que minha lista nunca estaria completa. Eu também não acredito que o

que vem depois da vida depende de eu recitar corretamente uma lista de minhas

transgressões—isso soa muito como uma pós-vida da Erudição, toda precisão e nenhum

sentimento. Eu não acredito que o que vem depois depende de nada do que fiz.

Acho que ficarei melhor se fizer como a Abnegação me ensinou: afastar-me de mim

mesma, sempre projetando para fora, e na esperança de que na próxima, eu vou

ser

melhor do que sou agora.

Eu sorrio um pouco. Eu gostaria de poder dizer aos meus pais que vou morrer como Abnegação. Eles ficariam orgulhosos, eu acho.

35

Esta manhã eu coloco as roupas limpas que me foram dadas: calças pretas muito

soltas—mas quem se importa?—e uma camisa de mangas compridas preta. Sem sapatos.

Não é a hora, ainda. Encontro-me laçando meus dedos e curvando a cabeça. Às

vezes meu pai fazia isso de manhã antes de se sentar à mesa do café, mas eu nunca

perguntei o que ele estava fazendo. Ainda assim, eu gostaria de sentir que pertenço ao

meu pai de novo antes de... bem, antes que acabe.

Alguns momentos silenciosos depois, Peter me diz que é hora de ir. Ele mal me

olha, fazendo carranca para a parede traseira em vez disso. Acho que teria sido pedir

muito ver um rosto amigável esta manhã. Eu me levanto, e juntos caminhamos pelo

corredor.

Meus dedos estão frios. Meus pés grudam nos azulejos. Nós viramos uma esquina,

e ouço gritos abafados. No começo eu não posso dizer o que a voz está dizendo, mas à

medida que nos aproximamos, ela toma forma.

“Eu quero... ela!” Tobias. ”Eu... *vê-la*!”

Eu olho para Peter. ”Eu não posso falar com ele uma última vez, posso?”

Peter balança a cabeça. ”Há uma janela, no entanto. Talvez, se ele olhar para você,

finalmente cale a boca.”

Ele me leva por um corredor sem saída que tem apenas dois metros de

comprimento. No final há uma porta, e Peter está certo, há uma pequena janela na parte

superior, alguns centímetros acima da minha cabeça.

“Tris!” A voz de Tobias é ainda mais clara aqui. ”Eu quero vê-la!”

Eu me aproximo e pressiono a palma da mão no vidro. A gritaria para e seu rosto

aparece por trás do vidro. Seus olhos estão vermelhos; seu rosto, manchado. Bonito. Ele

olha para mim por alguns segundos e depois aperta a mão no vidro para que se alinhe

com a minha. Eu finjo que posso sentir o calor dele através da janela.

Ele inclina sua testa contra a porta e aperta os olhos fechados.

Eu tiro minha mão e me afasto antes que ele possa abrir os olhos. Sinto dor em meu

peito, pior do que quando levei um tiro no ombro. Eu agarro a frente da minha camisa,

pisco as lágrimas, e volto para Peter no corredor principal.

“Obrigada,” eu digo baixinho. Eu queria dizer mais alto.

“Tanto faz.” Peter faz uma carranca novamente. ”Vamos embora.”

Ouço um estrondo em algum lugar à frente de nós—o som de uma multidão. O

próximo corredor está cheio de traidores Destemor, altos e baixos, jovens e velhos,

armados e desarmados. Todos eles usam a braçadeira azul de traição.

“Ei!” Peter grita. ”Abram caminho!”

Os traidores Destemor mais próximos de nós se pressionam contra as paredes para

abrir caminho para nós. Os outros traidores Destemor seguem o exemplo logo depois, e

todo mundo está quieto. Peter fica alguns passos atrás para me deixar ir à frente dele. Eu

sei o caminho daqui.

Eu não sei onde a batida começa, mas alguém bate os punhos contra a parede, e

mais alguém se junta, e eu ando pelo corredor entre solenes, mas estridentes traidores

Destemor, suas mãos em movimento em seus lados. A batida é tão rápida que meu

coração acelera para acompanhá-la.

Alguns dos traidores Destemor inclinam a cabeça para mim—eu não sei por

quê. Não importa.

Eu chego ao final do corredor e abro a porta para minha câmara de execução.

Eu abro.

Traidores Destemor encheram o corredor; a Erudição enche a sala de execução, mas

ali, eles já abriram um caminho para mim. Silenciosamente eles me estudam enquanto eu

ando para mesa de metal no centro da sala. Jeanine está a poucos passos de distância. Os

arranhões no rosto estão visíveis através de maquiagem aplicada às pressas. Ela não olha

para mim.

Quatro câmaras oscilam no teto, uma em cada canto da mesa. Sento primeiro, limpo

minhas mãos na minha calça, e depois deito.

A mesa é fria. Frígida, penetrando em minha pele, em meus ossos. Apropriado,

talvez, porque é isso que vai acontecer com o meu corpo quando toda a vida deixá-lo; ele

vai se tornar frio e pesado, mais pesado do que eu jamais fui. Quanto ao resto de mim, eu

não tenho certeza. Algumas pessoas acreditam que eu não vou a lugar nenhum, e talvez

elas estejam certas, mas talvez elas não estejam. Tais especulações não são mais úteis para

mim de qualquer maneira.

Peter desliza um eletrodo sob a gola da minha camisa e pressiona-o para o meu

peito, bem em cima do meu coração. Ele então atribui um fio para o eletrodo e liga o

monitor cardíaco. Eu ouço meu batimento cardíaco, rápido e forte. Em breve,

onde está

esse ritmo constante, não haverá nada.

E então, crescendo dentro de mim está um único pensamento:

Eu não quero morrer.

Todas aquelas vezes que Tobias me repreendeu por ter arriscado a minha vida, eu

nunca levei a sério. Eu acreditava que queria estar com meus pais e que tudo isso

acabasse. Eu tinha certeza que queria imitar seu auto-sacrifício. Mas não. Não, não.

Queimando e fervendo dentro de mim está o desejo de viver.

Eu não quero morrer eu não quero morrer eu não quero!

Jeanine avança com uma seringa cheia de soro roxo. Seus óculos refletem a luz

fluorescente acima de nós, então eu mal posso ver seus olhos.

Cada parte do meu corpo canta em uníssono. *Viver, viver, viver.* Pensei que, a fim de

dar a minha vida em troca da de Will, em troca das de meus pais, eu precisava morrer,

mas estava errada, eu preciso viver a minha vida, à luz de suas mortes. Eu preciso viver.

Jeanine segura a minha cabeça firme com uma mão e insere a agulha no meu

pescoço com a outra.

Eu não estou pronta! Eu grito na minha cabeça, e não para Jeanine. *Eu não terminei*

aqui!

Ela aperta o êmbolo para baixo. Peter se inclina para frente e olha nos meus olhos.

“O soro vai entrar em ação em um minuto,” diz ele. ”Seja corajosa, Tris.”

As palavras me assustam, porque é exatamente isso que Tobias disse quando me

colocou sob a minha primeira simulação.

Meu coração começa a correr.

Por que Peter me disse para ser corajosa? Por que ele ofereceria palavras amáveis?

Todos os músculos do meu corpo relaxam ao mesmo tempo. Um sentimento de

peso líquido preenche meus membros. Se esta é a morte, não é tão ruim. Meus olhos ficam

abertos, mas minha cabeça cai para o lado. Tento fechar meus olhos, mas eu não posso—

não posso me mover.

Em seguida, o monitor cardíaco deixa de apitar.

Veronica Roth

36

Mas eu ainda estou respirando. Não profundamente; não o suficiente para

satisfazer, mas *respirando*. Peter empurra minhas pálpebras para ver meus olhos. Ele sabe

que eu não estou morta? Jeanine sabe? Ela pode me ver respirando?

“Leve o corpo para o laboratório,” diz Jeanine. ”A autópsia está marcada para esta

tarde.”

“Tudo bem,” responde Peter.

Peter empurra a mesa para frente. Eu ouço múrmurios ao meu redor enquanto

passamos pelo grupo de espectadores da Erudição. Minha mão cai da borda da mesa

quando viramos uma esquina, e encosta na parede. Eu sinto uma pontada de dor na ponta

dos meus dedos, mas não posso mover minha mão, não importa quanto eu tente.

Desta vez, quando vamos para o corredor de traidores Destemor, está

silencioso. Peter caminha lentamente no início, depois vira outra esquina e pega o

ritmo. Ele quase corre pelo próximo corredor, e para abruptamente. Onde eu estou? Não

posso estar no laboratório já. Por que ele parou?

Os braços de Peter deslizam sob meus joelhos e ombros, e me levantam. Minha

cabeça cai contra seu ombro.

“Para alguém tão pequena, você é *pesada,* Careta,” resmunga.

Ele sabe que eu estou acordada. Ele *sabe.*

Eu ouço uma série de sinais sonoros, e um deslize— uma porta trancada, abrindo.

“O que...” A voz de Tobias. *Tobias!* ”Oh meu Deus. Oh...”

“Poupe-me da sua choradeira, ok?” diz Peter. ”Ela não está morta; está apenas

paralisada. Isso só vai durar cerca de um minuto. Agora se prepare para correr.”

Não estou entendendo.

Como Peter sabe?

“Deixe-me carregá-la,” diz Tobias.

“Não. Você atira melhor do que eu. Pegue minha arma. Eu vou levá-la.”

Eu ouço a arma deslizar do coldre. Tobias roça a mão sobre minha testa. Ambos

começam a correr.

A princípio, tudo o que ouço é o barulho dos seus pés, e minha cabeça balança

dolorosamente. Eu sinto um formigamento nas mãos e pés. Peter grita: “Esquerda!” para

Tobias.

Em seguida, um tiro vem do corredor. ”Ei, o que...”

Um estrondo. E nada.

Mais corrida. Peter grita: “Direita!” Eu ouço outro estrondo, e mais outro. ”Uau,”

ele murmura. ”Espere, pare aqui!”

Minha espinha está formigando. Abro os olhos quando Peter abre outra porta. Ele

passa por ela, e pouco antes de eu bater minha cabeça contra a moldura da porta, eu

coloco meu braço para fora e nos paro.

“Cuidado!” digo, minha voz tensa. Minha garganta ainda se sente tão apertada

como quando ele me injetou da primeira vez, e acho difícil respirar. Peter vira de lado para

me trazer através da porta, em seguida, a empurra fechada com o calcanhar e me joga no

chão.

A sala está quase vazia, exceto por uma fileira de latas de lixo vazia ao longo de

uma parede e uma porta de metal quadrada, grande o suficiente para passar uma das

latas, ao longo da outra parede.

“Tris,” diz Tobias, agachando-se ao meu lado. Seu rosto está pálido, quase amarelo.

Há muito que eu quero dizer. A primeira coisa que sai é, “Beatrice.”

Ele ri fracamente.

“Beatrice,” ele altera, e toca seus lábios nos meus. Eu enrolo meus dedos em sua

camisa.

“A menos que você queira que eu vomite em cima de vocês, você pode querer

deixar isso para mais tarde.”

“Onde estamos?” pergunto.

“Este é o incinerador de lixo,” diz Peter, batendo a porta do quadrado. ”Eu o

desliguei. Ele vai nos levar para o beco. E então sua mira tem que ser mais do que perfeita,

Quatro, se quiser sair do setor da Erudição vivo.”

“Não se preocupe com a minha mira,” retruca Tobias. Ele, como eu, está descalço.

Peter abre a porta para o incinerador. ”Tris, você primeiro.”

A rampa de lixo tem cerca de um metro de largura e um metro e meio de altura. Eu

deslizo uma perna pela calha e, com a ajuda de Tobias, balanço a outra perna dentro. Meu

estômago afunda quando deslizo pelo curto tubo de metal. Em seguida, uma série de

pesados rolos empurram contra as minhas costas quando deslizo sobre eles.

Sinto o cheiro de fogo e cinzas, mas não sou queimada. Então eu caio, e meu braço

bate em uma parede de metal, fazendo-me gemer. Eu pouso em um chão de cimento duro,

e a dor do impacto estala meus calcanhares.

“Ai.” Eu manco para longe da abertura e grito: “Vá em frente!”

Minhas pernas se recuperaram no momento em que Peter cai, de lado em vez de em

pé. Ele geme, e arrasta-se para longe da abertura para se recuperar.

Eu olho em volta. Estamos no interior do incinerador, que seria totalmente escuro,

senão pelas linhas de luz brilhante na forma de uma pequena porta no outro lado. O piso é

de metal sólido em alguns lugares e grade de metal em outros. Tudo cheira a lixo podre e

fogo.

“Não diga que eu nunca a levei a um lugar agradável,” diz Peter.

“Não sonho com isso,” eu digo.

Tobias cai no chão, pousando primeiro em seus pés e, em seguida, inclina para

frente joelhos, estremecendo. Eu o puxo e, em seguida, me aproximo dele. Todos os

cheiros e paisagens e sentimentos do mundo se ampliaram. Eu estava quase morta, mas

estou viva. Por causa de Peter.

De todas as pessoas.

Peter caminha sobre a grelha e abre a pequena porta. Luz corre pelo incinerador.

Tobias caminha comigo para longe do cheiro de fogo, para longe da fornalha de metal,

para a sala de paredes de cimento que o contém.

“Tem a arma?” Peter diz a Tobias.

“Não,” diz Tobias, “eu achei que iria atirar as balas nas minhas narinas, então eu a

deixei lá em cima.”

“Ah, cala a boca.”

Peter segura outra arma à sua frente e sai da sala do incinerador. Um corredor

úmido com tubulações expostas no teto nos cumprimenta, mas tem apenas três metros de

comprimento. O sinal ao lado da porta no final diz SAÍDA. Eu estou viva, e estou saindo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

229

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

A faixa de terra entre a sede Destemor e a sede Erudição não parece a mesma em

sentido inverso. Acho que tudo deve parecer diferente quando você não está no seu

caminho para morrer.

Quando chegamos ao final do beco, Tobias pressiona o ombro em uma parede e se

inclina para frente apenas o suficiente para ver a esquina. Seu rosto em branco, ele coloca

um braço em torno do canto, firmando-o com a parede do edifício, e dispara duas

vezes. Enfio meus dedos nos ouvidos e tento não prestar atenção para os tiros e o que eles

me fazem lembrar.

“Depressa,” diz Tobias.

Nós corremos, Peter primeiro, eu depois, e Tobias por último, através da Avenida

Wabash. Eu olho por cima do ombro para ver em que Tobias atirou, e vejo dois homens no

terreno atrás da sede da Erudição. Um não está se movendo, e outro está segurando o

braço e correndo em direção à porta. Eles vão enviar outros atrás de nós.

Minha cabeça está confusa, provavelmente de exaustão, mas a adrenalina me

mantém correndo.

“Pegue a rota menos lógica!” grita Tobias.

“O quê?” diz Peter.

“A rota menos lógica,” diz Tobias. ”Para que eles não nos encontrem!”

Peter desvia para a esquerda, por outro beco, cheio de caixas de papelão que

contêm cobertores puídos e travesseiros manchados—antigo abrigo dos sem facção, eu

assumo. Ele salta sobre uma caixa na qual eu bato, chutando-a atrás de mim.

No final do beco ele vira à esquerda, em direção ao pântano. Estamos de volta na

Avenida Michigan. Bem à vista da sede Erudição, se alguém se preocupar em olhar para a

rua.

“Má ideia!” eu grito.

Peter toma a próxima à direita. Pelo menos todas as ruas aqui são limpas—não há

placas caídas para se esquivar ou buracos para pular. Meus pulmões ardem como se eu

tivesse inalado veneno. Minhas pernas, que doíam no início, agora estão dormentes, o que

é melhor. Em algum lugar ao longe, eu ouço tiros.

Em seguida, ocorre-me: a coisa menos lógica a fazer é parar de correr.

Eu pego a manga de Peter e o arrasto em direção ao edifício mais próximo. Ele tem

seis andares, com amplas janelas dispostas em uma grade, divididas por pilares de

tijolo. A primeira porta que eu tento está trancada, mas Tobias atira na janela ao lado até

que ela quebre, e abre a porta por dentro.

O edifício está completamente vazio. Não há uma única cadeira ou mesa. E há

muitas janelas. Nós caminhamos em direção à escada de emergência, e eu rastejo para

baixo do primeiro lance, de modo que estamos escondidos pela escada. Tobias senta ao

meu lado, e Peter em frente a nós, seus joelhos dobrados contra o peito.

Eu tento recuperar o fôlego e me acalmar, mas não é fácil. Eu estava morta . Eu

estava *morta*, e então eu não estava, e por quê? Por causa de Peter? *Peter?*

Eu o encaro. Ele ainda parece tão inocente, apesar de tudo o que ele fez para provar

que não é. Seu cabelo está liso contra sua cabeça, brilhante e escuro, como se nós não

tivéssemos acabado de correr um quilômetro e meio a toda velocidade. Seus olhos

redondos exploram a escada e, em seguida, descansam no meu rosto.

“O quê?” diz ele. ”Por que você está me olhando assim?”

“Como você fez isso?” digo.

“Não foi tão difícil,” diz ele. ”Eu tingi um soro de paralisia com a cor púrpura e o

troquei pelo soro da morte. Substituí o fio que deveria ler o seu batimento cardíaco como

um neutro. O monitor cardíaco foi mais difícil; tive que arrumar um Erudito para me

ajudar com um controle remoto e outras coisas—você não entenderia se eu explicasse.”

“Por que você fez isso?” digo. ”Você me *quer* morta. Eestava disposto a fazer isso

você mesmo! O que mudou?”

Ele aperta os lábios e não desvia o olhar, não por muito tempo. Então ele abre a

boca, hesita, e, finalmente, diz: “Eu não posso estar em dívida com ninguém. Ok? A ideia

de que eu devia algo a você me deixou doente. Eu acordava no meio da noite com a

sensação de que ia vomitar. Em dívida com uma Careta? É ridículo. Absolutamente

ridículo. E eu não podia aguentar.”

“Do que você está falando? Você me deve alguma coisa?”

Ele revira os olhos. ”Sede da Amizade. Alguém atirou em mim—a bala foi ao nível

da cabeça, teria me acertado bem entre os olhos. E você me empurrou para fora do

caminho. Nós estávamos quites antes disso—eu quase te matei durante a iniciação, você

quase me matou durante a simulação de ataque; estávamos quites, certo? Mas depois

disso...”

“Você é louco,” diz Tobias. ”Essa não é a maneira como o mundo funciona... Com

todos mantendo um placar.”

“Não é?” Peter levanta as sobrancelhas. ”Eu não sei em que mundo *você* vive, mas

no meu, as pessoas só fazem as coisas para você por uma de duas razões. A primeira é se

eles querem algo em troca. E a segunda é se eles se sentem como se lhe devessem alguma

coisa.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

231

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Essas não são as únicas razões que as pessoas fazerem coisas para você,” eu

digo. ”Às vezes eles fazem porque te amam. Bem, talvez não *você,* mas...”

Peter bufa. ”Isso é exatamente o tipo de lixo que espero que uma Careta delirante

diga.”

“Acho que só precisamos nos assegurar que você nos deva,” diz Tobias. ”Ou você

vai correndo para quem oferece o melhor negócio.”

“Sim,” diz Peter. ”É exatamente assim.”

Eu balanço minha cabeça. Não posso imaginar a vida do jeito dele—sempre

mantendo um registro de quem me deu o quê e o que eu deveria dar em troca, incapaz de

amor ou lealdade ou perdão, um homem caolho com uma faca na mão, à procura do olho

de outra pessoa para furar. Isso não é vida. É uma versão pálida de vida. Gostaria de saber

onde ele a aprendeu.

“Então, quando você acha que podemos sair daqui?” diz Peter.

“Algumas horas,” diz Tobias. ”Devemos ir para o setor da Abnegação. É onde os sem facção e o Destemor que não estão ligados para simulações estão agora.”

“Fantástico,” diz Peter.

Tobias coloca o braço em volta de mim. Eu pressiono minha bochecha em seu ombro, e fecho meus olhos para que eu não precise olhar para Peter. Eu sei que há muito a dizer, embora não saiba exatamente o quê, mas não podemos dizer aqui, ou agora.

Ao andarmos pelas ruas que eu chamava de casa, conversas começam e morte, e olhos se agarram ao meu rosto e corpo. Tanto quanto eles sabiam—e eu tenho certeza que eles sabiam, porque Jeanine sabe como espalhar notícias—eu morri há menos de seis horas. Percebo que alguns dos sem facção por quem eu passo estão marcados com manchas de tinta azul. Eles estão marcados para a simulação.

Agora que estamos aqui, e seguros, eu percebo que há cortes na planta dos meus pés por correr por pavimento áspero e pedaços de vidro das janelas quebradas. A cada passo dói. Concentro-me nisso em vez de todos os olhares.

“Tris?” alguém chama à nossa frente. Eu ergo minha cabeça, e vejo Uriah e Christina na calçada, comparando revólveres. Uriah deixa cair sua arma na grama e corre

em minha direção. Christina segue-o, mas a um ritmo mais lento.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

232

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Uriah se aproxima de mim, mas Tobias coloca a mão em seu ombro para detê-lo.

Sinto uma onda de gratidão. Não acho que possa lidar com o abraço de Uriah, ou suas

perguntas, ou sua surpresa, agora.

“Ela passou por muita coisa,” diz Tobias. ”Ela só precisa dormir. Ela vai estar aqui

na rua—número 37. Venha visitar amanhã.”

Uriah franze a testa para mim. Os Destemor não costumam entender contenção, e

Uriah sempre conheceu o Destemor. Mas ele deve respeitar avaliação de Tobias a mu

respeito, porque balança a cabeça e diz: “Ok. Amanhã.”

Christina levanta o braço quando passo por ela e aperta meu ombro levemente. Eu

tento ficar mais reta, mas meus músculos parecem uma gaiola, segurando meus ombros

curvados. Os olhos me seguem na rua, apertando minha nuca. Fico aliviada quando

Tobias anda pelo caminho da frente da casa cinza que pertencia a Marcus Eaton.

Eu não sei com que força Tobias marchas através da porta. Para ele, essa casa deve

conter ecos de pais gritando e estalos de cinto e horas gastas em pequenos armários

escuros, mas ele não parece preocupado enquanto conduz Peter e eu para a cozinha. Se

qualquer coisa, ele permanece firme. Mas talvez este seja Tobias—quando ele deveria ser

fraco, ele é forte.

Tori, Harrison e Evelyn estão na cozinha. A visão me oprime. Eu inclino meu

ombro contra a parede e aperto os olhos fechados. A imagem da mesa de execução está

impressa em minhas pálpebras. Abro os olhos. Tento respirar. Eles estão falando, mas eu

não consigo ouvir o que estão dizendo. Por que Evelyn está aqui, na casa de Marcus?

Onde está Marcus?

Evelyn coloca um braço em volta de Tobias e toca seu rosto com o outro, apertando

seu rosto no dele. Ela diz algo para ele. Ele sorri para ela quando se afasta. Mãe e filho,

reconciliados. Não tenho certeza que é sábio.

Tobias me gira, mantendo uma mão no meu braço e um na minha cintura, para

evitar o ferimento no ombro, pressiona-me para a escada. Nós subimos os degraus juntos.

No andar de cima estão o quarto dos seus pais e seu antigo quarto, com um

banheiro entre eles, e é isso. Ele me leva para seu quarto, e eu fico parada por um

momento, olhando para o quarto onde ele passou a maior parte de sua vida.

Ele mantém sua mão no meu braço. Ele está sempre me tocando de alguma forma

desde que deixamos a escadaria do prédio, como se achasse que eu poderia quebrar se ele

não me segurar.

“Marcus não entrou neste quarto depois que fui embora, eu tenho certeza,” diz

Tobias. ”Porque nada foi tirado do lugar.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

233

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Membros da Abnegação não possui muitas decorações, já que elas são vistas como

autoindulgentes, mas as poucas coisas que eram permitidas, ele tem. Uma pilha de

trabalhos escolares. Uma pequena estante. E, estranhamente, uma escultura feita de vidro

azul em sua cômoda.

“Minha mãe contrabandeou isso para mim quando eu era jovem. Disse-me para

escondê-la,” diz ele. ”No dia da cerimônia, eu a coloquei em meu armário antes de

sair. Para que ele visse. Um pequeno ato de desafio.”

Concordo com a cabeça. É estranho estar em um lugar que carrega uma única

memória tão completamente. Esta sala é o Tobia de 16 anos, prestes a escolher Destemor

para escapar de seu pai.

“Vamos cuidar de seus pés,” diz ele. Mas não se move, apenas muda os dedos para

o interior do meu cotovelo.

“Tudo bem,” eu digo.

Entramos no banheiro contíguo, e eu sento na borda da banheira. Ele se senta ao

meu lado, a mão no meu joelho enquanto liga a torneira e tampa o ralo. Água jorra para a

banheira, cobrindo minhas unhas. Meu sangue colore de rosa a água.

Ele se agacha na banheira e coloca o meu pé em seu colo, esfregando os cortes mais

profundos com um pano. Eu não sinto isso. Mesmo quando ele espalha espuma de sabão

sobre eles, eu não sinto nada. A água na banheira fica cinza.

Eu pego a barra de sabão e passo em minhas mãos até que a minha pele fica

revestida com espuma branca. Eu levo minhas mãos para ele e corro os dedos sobre suas

mãos, com cuidado para esfregar as linhas em suas palmas e os espaços entre os dedos. É

bom fazer algo, limpar alguma coisa, e ter minhas mãos nele novamente.

Espalhamos água por todo o chão do banheiro quando nós dois a espirramos em

nós para tirar o sabonete. A água me deixa com frio, mas eu tremo e não me importo. Ele

pega uma toalha e começa a secar minhas mãos.

“Eu não...” Soo como se estivesse sendo estrangulada. ”Minha família está toda

morta, ou são traidores; como posso...”

Eu não estou fazendo nenhum sentido. Os soluços assumem o meu corpo, minha

mente, tudo. Ele me puxa para si, e a água do banho molha minhas pernas. Seu abraço é

apertado. Eu escuto o seu batimento cardíaco e, depois de um tempo, encontro uma

maneira de deixar o ritmo me acalmar.

“Eu vou ser a sua família agora,” diz ele.

“Eu te amo,” eu digo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

234

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu disse isso uma vez, antes de ir para a sede Erudição, mas ele estava dormindo.

Não sei por que eu não disse quando ele poderia ouvir. Talvez eu estivesse com medo de

confiar nele com algo tão pessoal como a minha devoção. Ou com medo de não saber o

que era amar alguém. Mas agora, eu acho que assustador era não dizer antes que fosse

quase tarde demais. Não dizer antes que fosse quase tarde demais para mim.

Eu sou dele, e ele é meu, e tem sido assim desde sempre.

Ele olha para mim. Espero com minhas mãos segurando seus braços para me

estabilizar enquanto ele considera sua resposta.

Ele franze a testa para mim. ”Diga isso de novo.”

“Tobias,” eu digo, “eu te amo.”

Sua pele está escorregadia por causa da água e ele cheira a suor e minha camisa

gruda em seus braços quando ele os desliza em torno de mim. Ele pressiona o rosto em

meu pescoço e me beija logo acima da clavícula, beija minha bochecha, beija meus lábios.

“Eu também te amo,” diz ele.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

235

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

37

Ele deita ao meu lado enquanto eu durmo. Eu espero ter pesadelos, mas devo estar

muito cansada, porque minha mente permanece vazia. Na próxima vez em que abro meus

olhos, ele já saiu, mas tem uma pilha de roupas na cama ao meu lado.

Eu levanto e ando até o banheiro e me sinto crua, como se minha pele tivesse sido

esfregada e limpa, e cada respiração a machuca um pouco, mas estável. Não acendo as

luzes do banheiro porque sei que ela será pálida e clara, como as luzes da sede a Erudição.

Tomo banho no escuro, quase não conseguindo diferenciar o sabão do condicionador, e

digo a mim mesma que irei emergir nova e forte, que aquela água irá me curar.

Antes de deixar o banheiro, eu belisco forte minhas bochechas para corar minha

pele. É estupidez, mas não quero parecer fraca e exausta na frente de todos.

Quando volto para o quarto de Tobias, Uriah está deitado de bruços na cama;

Christina está segurando a escultura azul em cima da mesa de Tobias, examinando-a;

Lynn está parada acima de Uriah com um travesseiro, um sorriso perverso rastejando em

seu rosto.

Lynn acerta Uriah na cabeça e Christina diz, “Ei, Tris!” e Uriah chora, “ai! Como

você consegue machucar com um *travesseiro*, Lynn?”

“Minha força excepcional,” ela diz. “Você levou um tapa, Tris? Uma de suas

bochechas está vermelha.”

Não devo ter beliscado a outra forte o suficiente. “Não, é só… Meu brilho matinal.”

Eu tento a piada na minha língua como se fosse um novo idioma. Christina ri,

talvez um pouco mais do que o meu comentário merece, mas eu aprecio o esforço. Uriah

quica na cama algumas vezes quando se move até a borda.

“Então, a coisa sobre a qual todos nós não estamos falando” ele diz. Ele aponta para

mim. “Você quase morreu, um mariquinha sádico te salvou, e agora todos estamos

travando uma séria guerra tendo os sem facção como aliados.”

“Mariquinha?” diz Christina.

“Gíria Destemor.” Lynn sorri. “Era para ser um grande insulto, só que ninguém

mais usa.”

“Porque é muito ofensivo,” diz Uriah, concordando.

“Não. Porque é tão idiota que nenhum Destemor com senso falaria, muito menos pensaria em falar. Mariquinha. Quantos anos você tem, doze?”

“E meio,” ele diz.

Tenho a sensação que a brincadeira é por minha causa, para que não tenha que dizer nada; eu só consigo rir. E eu rio, o suficiente para aquecer a pedra que se formou no meu estômago.

“Tem comida no andar de baixo,” diz Christina. “Tobias fez ovos mexidos, o que, como se pôde ver, é uma comida nojenta.”

“Ei,” eu digo. “Eu *gosto* de ovos mexidos.”

“Deve ser um café de manhã de Careta, então.” Ela agarra meu braço. “Vamos.”

Juntos nós descemos as escadas, nossos passos trovejando de um jeito que nunca seria permitido na casa de meus pais. Meu pai costumava me repreender por descer correndo as escadas. “Não chame atenção para si mesma,” ele disse. “Não é cortês para com as pessoas à sua volta.”

Escuto vozes na sala de estar—um coro delas, de fato, acompanhado por ocasionais surtos de risada e uma melodia fraca arrancada de um instrumento, um banjo ou um violão. Não é o que eu esperava em uma casa da Abnegação, onde todos estão

sempre

quietos, não importa quantas pessoas estão reunidas. As vozes e as risadas e as músicas

respiram vida para as paredes sombrias. Sinto-me até mais aquecida.

Eu paro na entrada da sala de estar. Cinco pessoas estão espremidas no sofá de três

lugares, jogando um jogo de cartas que eu reconheço da sede da Sinceridade. Um homem

se senta no braço com uma mulher balançando em seu colo, e alguém mais se equilibra no

outro braço, uma lata de sopa em sua mão. Tobias está sentado no chão, suas costas contra

a mesa de centro. Cada parte de sua postura sugere relaxamento—uma perna dobrada, a

outra reta, um braço pendurado em seu joelho, a cabeça inclinada para ouvir. Eu nunca o

vi parecer tão confortável sem uma arma. Não achei que fosse possível.

Sinto a mesma sensação de afundamento no estômago que sempre sinto quando sei

que estão mentindo para mim, mas não sei quem mentiu dessa vez, ou sobre o quê,

exatamente. Mas não foi isso que me ensinaram a esperar dos sem facção. Fui ensinada

que era pior que a morte.

Eu paro lá por alguns segundos antes das pessoas perceberem que estou ali. A

conversa deles esgota. Eu limpo as palmas das minhas mãos na barra da minha

camisa.

Olhos demais, e silêncio demais.

Evelyn limpa a garganta. “Todos, essa é Tris Prior. Eu creio que vocês talvez

tenham ouvido muito sobre ela ontem.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

237

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“E Christina, Uriah e Lynn,” adiciona Tobias. Sou grata pela tentativa dele de

desviar a atenção de mim, mas não funciona.

Eu fico colada à moldura da porta por alguns segundos, e então um dos sem

facção—um homem mais velho, sua pele enrugada estampada com tatuagens—começa a

falar.

“Não era para você estar morta?”

Alguns dos outros riem, e eu tento sorrir. Surge torto e pequeno.

“Deveria,” eu digo.

“Não gostamos de dar a Jeanine Matthews o que ela quer,” Tobias disse. Ele levanta

e me estende uma lata de ervilhas—mas não está cheia de ervilhas; está cheia de ovos

mexidos. O alumínio aquece meus dedos.

Ele se senta, então eu sento perto dele, e jogo um pouco dos ovos na minha boca.

Não estou com fome, mas sei que preciso comer, então eu mastigo do mesmo jeito.

Conheço o jeito de comer dos sem facção, então passo os ovos para Christina, e pego uma

lata de pêssegos de Tobias.

“Por que todos estão acampados na casa de Marcus?” pergunto a ele.

“Evelyn o expulsou. Disse que era a casa dela também, e ele a usou por anos, e era a

vez dela.” Tobias sorri. “Isso causou uma explosão enorme no gramado da frente, mas

eventualmente, Evelyn ganhou.”

Eu olho para a mãe de Tobias. Ela está no canto da sala, conversando com Peter e

comendo mais ovos de outra lata. Meu estômago se agita. Tobias fala sobre ela quase

reverentemente. Mas eu ainda lembro o que ela me disse sobre minha efemeridade na vida

de Tobias.

“Tem pão em algum lugar.” Ele pega uma cesta na mesa de café e a estende para

mim. “Pegue dois pedaços. Você precisa.”

Enquanto eu mastigo a crosta do pão, olho para Peter e Evelyn novamente.

“Acho que ela está tentando recrutá-lo,” Tobias diz. “Ela tem uma forma de fazer

com que a vida dos sem facção soe extraordinariamente atraente.”

“Qualquer coisa para tirá-lo do Destemor. Não me importa se ele salvou minha

vida. Ainda não gosto dele.”

“Com sorte, não vamos mais precisar nos preocupar com as distinções de facção

quando isso acabar. Será bom, eu acho.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

238

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Não digo nada. Não quero começar uma briga com ele aqui. Ou lembrá-lo que não

será tão fácil convencer o Destemor e a Sinceridade a se juntar aos sem facção na cruzada

contra o sistema de facção. Talvez se torne outra guerra.

A porta se abre, e Edward entra. Hoje ele usa um tapa-olho com um olho azul

pintado, completo com uma pálpebra meio abaixada. O efeito do olho grande demais

contra o rosto bonito é tanto grotesco quanto divertido.

“Eddie!” alguém chama. Mas o olho bom de Edward já está em Peter. Ele começa a

atravessar a sala, quase chutando a lata de comida da mão de alguém. Peter se pressiona

nas sombras da moldura da porta como se tentasse desaparecer.

Edward para a centímetros dos pés de Peter, e então se empurra para frente como

se fosse socá-lo. Peter corre para trás tão rápido que bate a cabeça na parede. Edward sorri,

e ao redor de nós, os sem facção riem.

“Não é tão corajoso à luz do dia,” Edward diz. E então, para Evelyn, “Tenha certeza

de não dar a ele nenhum utensílio. Nunca se sabe o que ele vai fazer com eles.”

Enquanto fala, ele arranca o garfo da mão de Peter.

“Devolva isso,” diz Peter.

Edward soca com a mão livre a garganta de Peter, e pressiona os dentes do garfo

entre os dedos, contra o pomo de Adão de Peter. Peter enrijece, sangue correndo em seu

rosto.

“Mantenha a boca fechada perto de mim,” ele diz, sua voz baixa, “ou eu farei isso

novamente, mas na próxima vez, eu irei direto para o seu esôfago.”

“Já chega,” Evelyn diz. Edward larga o garfo e solta Peter. Então ele atravessa a sala

e senta ao lado da pessoa que o chamou de *Eddie* um pouco antes.

“Não sei se você sabe disso,” Tobias diz, “mas Edward é um pouco instável.”

“Estou vendo,” eu digo.

“Aquele Drew, que ajudou Peter a fazer aquela manobra com a faca,” Tobias disse.

“Aparentemente, quando ele foi chutado do Destemor, tentou se juntar ao mesmo grupo

dos sem facção do qual Edward fazia parte. Perceba que não temos visto Drew em lugar

algum.”

“Edward o matou?” eu digo.

“Quase,” Tobias diz. “Evidentemente esse é o motivo da outra transferida—Myra,

esse era o nome?—ter deixado Edward. Muito gentil para suportar.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

239

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Sinto-me vazia ao pensar em Drew, quase morto nas mãos de Edward. Drew me

atacou, também.

“Não quero falar sobre isso,” eu digo.

“Tudo bem,” Tobias diz. Ele toca meu ombro. “É difícil para você estar em uma

casa da Abnegação novamente? Eu gostaria de ter perguntado antes. Podemos ir para

outro lugar, se for assim.”

Eu termino meu segundo pedaço de pão. Todas as casas da Abnegação são as

mesmas, então essa sala de estar é exatamente igual à da minha casa, e traz de volta

algumas lembranças, se eu olhar com cuidado. Luz brilhando através das cortinas a cada

manhã, o suficiente para o meu pai conseguir ler. O clique das agulhas de tricô de minha

mãe todas as noites. Mas não me sinto como se estivesse sufocando. É um começo.

“Sim,” eu digo. “Mas não é tão difícil quanto eu achei que seria.”

Ele ergue uma sobrancelha.

“De verdade. As simulações na sede da Erudição… Me ajudaram, de alguma forma.

A suportar, talvez.” Franzo a testa. “Ou talvez não. Talvez elas me ajudaram a parar de

segurar tão firmemente.” Parece certo. “Algum diria eu irei contar para você.” Minha voz

soa distante.

Ele toca minha bochecha e, mesmo que estejamos em uma sala cheia de pessoas,

rodeados por risadas e conversas, ele me beija devagar.

“Calma aí, Tobias,” diz o homem à minha esquerda. “Você não foi criado como um

Careta? Eu pensei que o máximo que vocês faziam era... dar as mãos, ou algo assim.”

“Então como você explica as crianças da Abnegação?” Tobias ergue suas

sobrancelhas.

“Elas são trazidas à existência por pura força de vontade,” a mulher sentada no

braço da cadeira exclama. “Você não sabia disso, Tobias?”

“Não, não estava ciente.” Ele sorri. “Minhas desculpas.”

Eles todos riem. *Nós* todos rimos. E me ocorre que eu talvez esteja conhecendo a

verdadeira facção de Tobias. Eles não são caracterizados por uma virtude em particular.

Eles reivindicam todas as cores, todas as atividades, todas as virtudes, e todos os defeitos

como se fossem seus.

Não sei os que os conecta. O único motivo comum que eles têm, até onde eu sei, é

uma falha. O que quer que seja, parece ser o suficiente.

Sinto, enquanto olho para ele, que eu estou finalmente o vendo por quem ele é, ao

invés de como ele é em relação a mim. Então, o quanto eu realmente o conhecia, se não vi

esse lado dele antes?

O sol está começando a se pôr. O setor da Abnegação está longe do silêncio. O

Destemor e os sem facção vagueiam pelas ruas, alguns com garrafas em suas mãos.

Diante de mim, Zeke empurra Shauna em sua cadeira de rodas passando a casa de

Alice Brewster, antiga líder da Abnegação. Eles não me veem.

“Faça de novo!” ela diz.

“Você tem certeza?”

“Sim!”

“Tudo bem…” Zeke começa a correr atrás da cadeira de rodas. Então, quando ele

está tão longe que não consigo vê-lo, ele se empurra com as mãos para cima de modo que

seus pés não estão tocando o chão, e juntos eles voam para baixo até o meio da rua,

Shauna gritando, Zeke gargalhando.

Eu viro à esquerda no cruzamento seguinte e começo a descer a calçada rachada até

o prédio onde aconteciam as reuniões mensais da Abnegação. Embora pareça ter se

passado muito tempo desde que fui lá, ainda lembro onde é. Um quarteirão ao sul, dois

quarteirões a oeste.

O sol se aproxima do horizonte enquanto eu caminho. A cor some dos prédios

surrados na luz do crepúsculo, então eles todos parecem cinzentos.

A fachada da sede da Abnegação é somente um retângulo de cimento, como todos

os outros prédios no setor da Abnegação. Mas quando eu abro a porta, pisos de madeira

familiares e fileiras de bancos de madeira dispostos em um quadrado me cumprimentam.

No centro da sala fica uma claraboia que deixa entrar um quadrado de luz laranja do sol. É

a única decoração da sala.

Eu sento no velho banco da minha família. Eu costumava sentar ao lado do meu

pai, e Caleb ao lado da minha mãe. Agora parece que sou a única que restou. A última

Prior.

“É bom, não é?” Marcus aparece e se senta na minha frente, as mãos cruzadas em

seu colo. A luz do sol está entre nós.

Ele tem um largo machucado na mandíbula de onde Tobias o bateu, e seu cabelo foi

recentemente raspado.

“É legal,” eu digo, me endireitando. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu a vi entrando.” Ele examina as unhas cuidadosamente. “E eu quero falar com

você sobre a informação que Jeanine Matthews roubou.”

“E se você estiver atrasado? E se eu já souber o que é?”

Marcus olha por cima das unhas, e seus olhos escuros estreitam. O olhar é muito

mais venenoso do que Tobias poderia conseguir, mesmo tendo os olhos do pai. “Não há

posibilidade.”

“Você não sabe isso.”

“Eu sei, na verdade. Por que eu vi o que acontece com as pessoas quando ouvem a

verdade. Eles parecem como se tivessem esquecido o que procuravam, e só ficam olhando

ao redor, tentando se lembrar.”

Um calafrio percorre seu caminho pela minha espinha e se espalha pelos meus

braços, me dando arrepios.

“Eu sei que Jeanine decidiu assassinar metade de uma facção para roubá-lo, então

deve ser incrivelmente importante,” eu digo. Eu pauso. Sei de algo mais, também, mas

acabei de perceber.

Logo antes de eu atacar Jeanine, ela disse, “Isso não é sobre você! Não é sobre

mim!”

E *isso* significa o que ela estava fazendo comigo—tentando encontrar uma

simulação que funcionasse em mim. Nos Divergentes.

“Eu sei que tem algo a ver com os Divergentes,” eu digo. “Sei que a informação é

sobre algo além da cerca.”

“Isso não é a mesma coisa que saber o que está além da cerca.”

“Bem, você vai me contar ou vai me fazer pular na sua cabeça para te obrigar?”

“Eu não vim aqui para discussões autoindulgentes. E não, não irei dizer a você, mas

não por que não quero. E sim porque não tenho ideia de como descrever para você. Você

tem que ver por si mesma.”

Enquanto ele fala, eu percebo a luz do sol ficar mais laranja do que amarelo, e

lançando sombras mais escuras no rosto.

“Eu acho que Tobias talvez esteja certo,” eu disse. “Você *gosta* de ser o único que

sabe. Você gosta de saber que eu não sei. Faz você se sentir importante. É por isso que

você não me conta, não porque é indescritível.”

“Isso não é verdade.”

“Como eu deveria saber disso?”

Marcus encara e eu encaro de volta.

“Uma semana antes do ataque com a simulação, os líderes da Abnegação decidiram

que era hora de revelar a informação no arquivo para todos. *Todos*, na cidade inteira. O dia

em que pretendíamos fazer a revelação era aproximadamente sete dias depois do ataque.

Obviamente, nós não pudemos fazer isso."

"Ela não queria que vocês revelassem o que tem além da cerca? Por que não? Como

ela descobriu isso, em primeiro lugar? Pensei que você havia dito que somente os lideres

da Abnegação sabiam."

"Não *somos* daqui, Beatrice. Fomos colocados neste lugar, com um propósito

específico. Um tempo atrás, a Abnegação foi forçada a contar com a ajuda da Erudição

para atingir esse propósito, mas eventualmente tudo deu errado por causa de Jeanine. Por

que ela não quer fazer o que supostamente devemos fazer. Ela preferiu recorrer ao

assassinato."

Colocados neste lugar .

Meu cérebro se sente tonto com a informação. Eu agarro a borda do banco debaixo

de mim.

"O que supostamente devemos fazer?" eu digo, minha voz quase um sussurro.

"Eu te disse o suficiente para convencer você de que não sou mentiroso. Quanto ao

resto, eu me acho verdadeiramente inadequado para a tarefa de lhe explicar. Eu só disse a

você tudo isso porque a situação ficou extrema.”

Extrema. De repente, eu entendo o problema. Os sem facção planejam destruir, não

só as figuras importantes na Erudição, mas todos os arquivos que eles têm. Eles vão

destruir tudo.

Nunca pensei que aquele plano fosse uma boa ideia, mas sabia que poderíamos

voltar, porque a Erudição ainda *sabe* as informações relevantes, mesmo que não tenham os

arquivos. Mas isso é algo que até o Erudito mais inteligente não sabe; algo que, se tudo for

destruído, não podemos duplicar.

“Se eu ajudar você, eu traio Tobias. Eu irei perdê-lo.” Eu engulo em seco. “Então

você tem que me dar uma boa razão.”

“Fora o bem de todos na sociedade?” Marcus enruga o nariz com desgosto. “Não é

o suficiente para você?”

“Nossa sociedade está em pedaços. Então não, não é.”

Marcus suspira.

“Seus pais morreram por *você*, é verdade. Mas a razão de sua mãe estar no quartel

da Abnegação na noite em que quase fomos executados não foi para salvar você. Ela não

sabia que você estava lá. Ela estava tentando resgatar o arquivo de Jeanine. E quando

ouviu que você estava prestes a morrer, ela correu para te salvar, deixando o arquivo nas

mãos de Jeanine.”

“Não foi o que ela me disse,” eu digo com fervor.

“Ela estava mentindo. Por que precisava mentir. Mas Beatrice, o ponto é… o ponto

é que, sua mãe sabia que ela provavelmente não sairia do quartel da Abnegação viva, mas

ela precisava tentar. Esse arquivo era algo pelo qual ela estava disposta a morrer.

Entende?”

A Abnegação está disposta a morrer por qualquer pessoa, amigo ou inimigo, se a

situação pedir. É por isso, talvez, que eles acham difícil sobreviver em situações de vida ou

morte. Mas há poucas *coisas* pelas quais estão dispostos a morrer. Eles não valorizam

muitas coisas no mundo físico.

Então, se ele estiver dizendo a verdade, e minha mãe realmente estava disposta a

morrer para a informação vir a publico... Eu faria qualquer coisa para atingir o objetivo no

qual ela falhou.

“Você está tentando me manipular. Não é.”

“Eu suponho,” ele diz, enquanto as sombras passam por seus olhos como água negra, “que isso seja algo que você deve decidir por si mesma.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

38

Eu levo um tempo para voltar para a casa dos Eaton, e tento lembrar o que minha

mãe me disse quando me salvou do tanque durante o ataque. Algo sobre observar os trens

desde que o ataque começou. *Não sabia o que fazer quando encontrei você. Mas sempre foi*

minha intenção te salvar.

Mas quando analiso a memória da voz dela em minha mente, soa diferente. *Não*

sabia o que fazer, quando encontrei você. Quer dizer: Não sabia como salvar os dois, você e o

arquivo. *Mas sempre foi minha intenção te salvar.*

Eu balanço a cabeça. Foi assim que ela disse, ou eu estava manipulando minha

própria memória por causa do que Marcus me disse? Não tem como saber. Tudo que eu

posso fazer é decidir se confio em Marcus ou não.

E enquanto ele fez coisas cruéis, más, nossa sociedade não é dividida em *bem* ou

mal. Crueldade não faz uma pessoa desonesta, do mesmo jeito que coragem não faz uma

pessoa ser gentil. Marcus não é bom ou ruim, mas ambos.

Bem, ele provavelmente é mais ruim do que bom.

Mas isso não significa que ele esteja mentindo.

Na rua à minha frente, vejo o brilho laranja de fogo. Alarmada, eu ando rápido, e

vejo o fogo se alargar, tigelas de metal do tamanho de homens na calçada. O Destemor e os

sem facção se reunem entre elas, uma divisão estreita separando um grupo do outro. E em

frente a eles estão Evelyn, Harrison, Tori e Tobias.

Eu vejo Christina, Uriah, Lynn, Zeke e Shauna no lado direito do conjunto de

Destemor, e paro junto a eles.

“Onde você estava?” Christina diz. “Procuramos por você.”

“Fui dar uma caminhada. O que está acontecendo?”

“Eles finalmente nos dirão o plano de ataque,” diz Uriah, parecendo ansioso.

“Oh,” eu digo.

Evelyn levanta as mãos, palmas para fora, e todos os sem facção ficam em silêncio.

Eles são mais bem treinados do que o Destemor, cujas vozes demoram trinta segundos

para se esgotar.

“Nas últimas semanas, nós estivemos desenvolvendo um plano para lutar contra a

Erudição," Evelyn diz, sua voz baixa levada com facilidade. "E agora que terminamos, nós

gostaríamos de compartilhá-lo com vocês."

Evelyn acena para Tori, que assume. "Nossa estratégia não é focada, mas

generalizada. Não há como saber quem, dentro da Erudição, apoia Jeanine e quem não

apoia. É, portanto, seguro assumir que todos aqueles que não a apoiam já saíram do

quartel da Erudição."

"Nós todos sabemos que o poder da Erudição não está nas pessoas, mas na

informação," diz Evelyn. "Enquanto ele sainda tiverem essa informação, nunca estaremos

livres deles, especialmente enquanto grandes números de nós estão ligados para

simulações. Eles usaram informação para nos controlar e nos manter me suas mãos por

muito tempo."

Um grito começa entre os sem facção e se espalha entre o Destemor, cresce a partir

da multidão como se todos fôssemos partes de um único organismo, seguindo comandos

de um único cérebro. Mas não tenho certeza do que pensar, ou do que sentir. Há uma

parte de mim que está gritando, também—clamando pela destruição de cada um da

Erudição e de tudo que eles mais prezam.

Olho para Tobias. Sua expressão é neutra, e ele continua atrás do brilho da fogueira,

aonde é difícil vê-lo. Pergunto-me o que ele acha disso.

“Sinto muito por ter que dizer a vocês que aqueles que foram atingidos com os

transmissores da simulação terão que permanecer aqui,” diz Tori, “ou vocês podem ser

ativados como armas da Erudição a qualquer momento.”

Há alguns gritos de protesto, mas ninguém parece surpreso. Eles sabem muito bem

que Jeanine pode fazer com as simulações, talvez.

Lynn geme e olha para Uriah. “Temos que *ficar*?”

“*Vocês* têm que ficar,” ele diz.

“Você levou um tiro também,” ela diz. “Eu vi.”

“Divergente, lembra?” ele diz. Lynn rola os olhos, e ele se apressa, provavelmente

para evitar ouvir a teoria da conspiração Divergente de novo. “De qualquer jeito, eu

aposto que ninguém vai checar, e quais são as chances de ela ativar você, especificamente,

se ela souber que todos os outros com os transmissores da simulação ficaram para trás?”

Lynn franze o cenho, considerando isso. Mas ela parece mais animada—tão

animada quanto Lynn pode ficar, de qualquer forma—até que Tori começa a falar

novamente.

“O resto de nós se dividirá em grupos mistos de sem facção e Destemor,” diz Tori.

“Um único grande grupo tentará penetrar a sede da Erudição e tentará dominar o prédio,

limpando-o da influência da Erudição. Muitos outros grupos menores irão proceder

imediatamente aos níveis mais altos do prédio para se livrar de alguns oficiais da

Erudição. Vocês irão receber suas tarefas de grupo mais tarde.”

“O ataque ocorrerá em três dias,” diz Evelyn. “Se preparem. Isso será perigoso e

difícil. Mas os sem facção estão acostumados com a dificuldade...”

Nisso os sem facção celebram, e lembro que nós, o Destemor, somos as mesmas

pessoas que há poucas semanas atrás criticavam a Abnegação por dar aos sem facção

comida e outros itens necessários. Como isso foi tão fácil de esquecer?

“E o Destemor está acostumado com o perigo...”

Todos à minha volta socam o ar com seus punhos e gritam. Sinto as vozes deles

dentro da minha cabeça, e a queimação do triunfo no meu peito me faz querer me juntar a

eles.

A expressão de Evelyn é muito vazia para alguém dando a impressão de um

discurso apaixonado. O rosto dela parece uma máscara.

“Abaixo a Erudição!” Tori grita, e todos repetem, todas as vezes juntos,

independente de qual facção. Nós compartilhamos um inimigo comum, mas isso nos faz

amigos?

Eu percebo que Tobias não se junta ao coro, e nem Christina.

“Isso não parece certo,” ela diz.

“O que quer dizer?” Lynn diz enquanto as vozes crescem ao nosso redor. “Você não

se lembra do que eles fizeram conosco? Colocar nossas mentes sob o controle da simulação

e nos forçar a atirar em pessoas sem nem sabermos? Assassinar cada líder da Abnegação?”

“Sim,” diz Christina. “É só que... Invadir a sede de uma facção e matar todos, não é

o que a Erudição fez com a Abnegação?”

“Isso é diferente. *Isso* não é um ataque do nada, sem motivo,” diz Lynn, com cara

amarrada.

“Sim,” Christina diz. “Sim, eu sei.”

Ela olha para mim. Não digo nada. Ela fez uma boa colocação—não parece certo.

Eu ando até a casa dos Eaton em busca do silêncio. Abro a porta da frente e desço as

escadas. Quando alcanço o antigo quarto de Tobias, eu sento na cama e olho a janela, onde

os sem facção e os Destemor estão reunidos ao redor do fogo, rindo e conversando. Mas

eles não estão mais misturados juntos; ainda há uma divisão incerta entre eles, sem facção

de um lado e Destemor do outro.

Eu assisto Lynn, Uriah e Christina por uma das fogueiras. Uriah põe a mão nas

chamas, muito rápido para ser queimado. Seu sorriso parece mais uma careca, retorcido

pelo luto.

Depois de alguns minutos eu ouço passos na escada, e Tobias entra no quarto,

tirando seus sapatos no corredor.

“O que tem de errado?” ele diz.

“Nada, de verdade,” eu digo. “Eu só estava pensando, estou surpresa pelos sem

facção concordarem em trabalhar com o Destemor tão facilmente. Não é como se o

Destemor tivesse sido bom para eles.”

Ele para na janela atrás de mim se inclina para dentro da moldura.

“Não é uma aliança natural,” ele diz. “Mas temos o mesmo objetivo.”

“Agora. Mas o que acontece quando esse objetivo mudar? Os sem facção querem se

livrar das facções, e o Destemor não.”

Tobias aperta sua boca em uma linha. Eu lembro de repente de Marcus e Johanna,

caminhando juntos no pomar—Marcus tinha a mesma expressão quando estava

escondendo algo dela.

Será que Tobias herdou essa expressão do pai? Ou significa algo diferente?

“Você está no meu grupo,” ele diz. “Durante o ataque. Espero que não se importe.

Nós temos que liderar o caminho até as salas de controle.”

O ataque. Se eu participar no ataque, não poderei ir atrás da informação que Jeanine

roubou da Abnegação. Tenho que escolher um ou outro.

Tobias disse que lidar com a Erudição era mais importante do que saber a verdade.

E se ele não tivesse prometido aos sem facção controle sobre os arquivos da Erudição, ele

talvez estivesse certo. Mas ele não me deixou escolha. Tenho que ajudar Marcus, se há ao

menos uma chance dele estar dizendo a verdade. Tenho que agir contra as pessoas que eu

mais amo.

E nesse momento, eu tenho que mentir.

Eu torço meus dedos.

“O que foi?” ele diz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

248

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu ainda não posso disparar uma arma.” Eu olho para ele. “E depois do que

aconteceu na sede da Erudição...” Eu limpo a garganta. “Ariscar minha vida não parece

mais tão atraente.”

“Tris.” Ele acaricia meu rosto com a ponta dos dedos. “Você não tem que ir.”

“Não quero parecer uma covarde.”

“Ei.” Seus dedos se encaixam em minha mandíbula. Eles estão frios contra a minha

pele. Ele olha severamente para mim. “Você fez mais por essa facção do que qualquer

outra pessoa. Você...”

Ele suspira, e toca sua testa com a minha.

“Você é a pessoa mais corajosa que eu conheci. Fique aqui. Dê um tempo para se

recuperar.”

Ele me beija, e me sinto como se estivesse desmoronando novamente, começando

com as mais profundas partes de mim. Ele acha que eu ficarei aqui, mas estarei

trabalhando contra ele, trabalhando com o pai que ele despreza. Essa mentira—essa

mentira é a pior que eu já contei. Eu nunca serei capaz de voltar atrás.

Quando nos separamos, tenho medo de que ele ouça minha respiração tremer,

então me viro em direção a janela.

39

“Oh claro. Você parece completamente uma molenga tocadora de banjo,” Christina

diz.

“Sério?”

“Não, de jeito nenhum, na verdade. Apenas... Deixe-me consertar isso, certo?”

Ela vasculha sua bolsa por alguns segundos e tira uma caixa pequena. Nela há

tubos de diferentes tamanhos e recipientes que eu reconheço como maquiagem, mas eu

não saberia usar.

Nós estamos na casa de meus pais. É o único lugar que eu consegui pensar em ir

para me aprontar. Christina se sente à vontade para bisbilhotar—ela já descobriu dois

livros didáticos presos entre o guarda roupas e a parede, evidência da inclinação de Caleb

para a Erudição.

“Deixe-me ver se entendi. Então você deixou a sede Destemor para se preparar para

a guerra... E trouxe sua bolsa de maquiagem com você?”

“É. Achei que seria mais difícil alguém atirar em mim se percebesse o quão

devastadoramente atraente eu sou,” ela diz, arqueando uma sobrancelha. “Fique parada.”

Ela retira a tampa de um tubo preto do tamanho de um dos meus dedos, revelando

um bastão vermelho. Batom, obviamente. Ela o pressiona contra minha boca e dá

batidinhas até que meus lábios estão cheios de cor. Eu posso ver quando os aperto.

“Alguém já te disse sobre os milagres de se fazer as sobrancelhas?” ela diz,

segurando uma pinça.

“Afaste isso de mim.”

“Certo.” Ela suspira. “Eu passaria o blush, mas eu tenho certeza que não é a cor

certa para você.”

“Chocante, considerando que nós temos o tom de pele parecido.”

“Ha-ha,” ela diz.

Quando nós saímos, meus lábios estão vermelhos e meus cílios curvados, e estou

vestindo um vestido vermelho brilhante. E há uma faca presa do lado de dentro do meu

joelho. Isso tudo faz perfeito sentido.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

250

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Onde Marcus, Destruidor de Vidas, vai nos encontrar?” Christina diz. Ela usa o

amarelo da Amizade ao invés de vermelho, e ele brilha contra sua pele.

Eu rio. “Atrás da sede da Abnegação.”

Nós andamos pela calçada em silêncio. Todos os outros devem estar jantando

agora—eu me assegurei disso—mas caso nos encontremos com alguém, estamos vestindo

jaquetas pretas para ocultar nossa roupa da Amizade. Eu pulo sobre uma rachadura no

concreto por hábito.

“Onde vocês duas estão indo?” a voz de Peter diz. Eu olho por cima do ombro. Ele

está na calçada atrás de nós. Eu me pergunto há quanto tempo ele está lá.

“Por que você não está com o seu grupo de ataque, jantando?” eu digo.

“Eu não tenho um.” Ele toca o braço em que atirei. “Estou machucado.”

“Ah, claro que você está!” Christina diz.

“Bem, eu não quero ir para a batalha com um bando de sem facção,” ele diz, seus

olhos verdes cintilando. “Então eu vou ficar aqui.”

“Como um covarde,” Christina diz, seu lábio torcido em desgosto. “Deixe todo

mundo limpar a bagunça para você.”

“É!” ele diz com um tipo de satisfação maliciosa. Ele bate as mãos. “Divirtam-se

morrendo.”

Ele atravessa a rua, assobiando, e caminha na outra direção.

“Bem, nós o distraímos,” ela diz. “Ele não perguntou aonde estávamos indo de

novo.”

“É. Bom.” Eu limpo minha garganta. “Então, esse plano. É um pouco estúpido,

certo?”

“Não é... *Estúpido*.”

“Ah, vamos. Confiar em Marcus é burrice. Tentar passar pelo Destemor na cerca é

burrice. Ir contra o Destemor e os sem facção é burrice. Os três combinados é... um tipo

diferente de estupidez nunca antes visto pela humanidade.”

“Infelizmente, também é o melhor plano que temos,” ela aponta. “Se nós queremos

que todos saibam a verdade.”

Eu confiei em Christina para pegar essa missão quando pensei que morreria, então

parece estúpido não confiar nela agora. Eu estava preocupada que ela não quisesse vir

comigo, mas me esqueci de onde Christina veio: Sinceridade, onde a verdade é mais

importante que tudo. Ela pode ser Destemor agora, mas se há uma coisa que eu aprendi

com isso tudo, é que nunca deixamos nossas antigas facções para trás.

“Então é aqui que você cresceu. Você gostava daqui?” Ela franze o cenho. “Acho

que não, se você quis partir.”

O sol vai se aproximando do horizonte enquanto caminhamos. Eu nunca gostei da

luz da noite porque ela fazia tudo no setor da Abnegação mais monocromático do que já é,

mas agora eu acho o cinza imutável reconfortante.

“Eu gostava de algumas coisas e odiava outras” digo. “E havia algumas coisas que

eu não sabia que tinha até que as perdi.”

Nós chegamos à sede da Abnegação, e sua frente é um quadrado de cimento como

tudo no setor da Abnegação. Eu adoraria caminhar na sala de reunião e sentir o cheiro de

madeira velha, mas não temos tempo. Nós entramos no beco próximo ao prédio e vamos

até o fundo, onde Marcus me disse que estaria esperando.

Uma caminhonete azul espera lá, seu motor ligado. Marcus está atrás do volante.

Eu deixo Christina caminhar à minha frente, então ela se sentará no meio. Eu não quero

sentar perto dele se eu posso evitar. Eu sinto como se meu ódio por ele enquanto

trabalhamos juntos diminui minha traição a Tobias de alguma forma.

Você não tem outra escolha, eu digo a mim mesma. *Não há outro jeito.*

Com isso em mente, eu fecho a porta e procuro pelo cinto de segurança. Acho

apenas o fim desgastado do cinto de segurança e uma fivela quebrada.

“Onde você encontrou esse lixo?” Christina diz.

“Eu o roubei dos sem facção. Eles o consertaram. Não foi fácil fazê-lo ligar. Melhor

tirar essas jaquetas, meninas.”

Eu faço uma bola com nossas jaquetas e as jogo pela janela meio aberta. Marcus

muda a marcha, e ela ronca. Eu meio que espero que continuemos parados quando ele

pisa no acelerador, mas a caminhonete se move.

Pelo que me lembro, leva aproximadamente uma hora para dirigir do setor da

Abnegação até a sede da Amizade, e a viagem requer um motorista habilidoso. Marcus

entra em uma das principais vias e empurra o acelerador. Nós damos solavancos para

frente, evitando por pouco um buraco na estrada. Eu agarro o painel para me estabilizar.

“Relaxe, Beatrice,” Marcus diz. “Eu já dirigi um carro antes.”

“Eu já fiz um monte de coisas antes, mas não significa que sou boa nelas!”

Marcus sorri e vira a caminhonete para a esquerda para não acertarmos um

semáforo caído. Christina grita enquanto esbarramos em outro pedaço de escombros,

como se ela estivesse tendo o melhor momento de sua vida.

“Um tipo diferente de estupidez, certo?” ela diz, sua voz alta o suficiente para ser

ouvida sobre a rajada de vento na cabine.

Eu aperto o banco embaixo de mim e tento não pensar no que comi no jantar.

Quando chegamos à cerca, nós vemos os Destemidos nos feixes de nossos faróis,

bloqueando o portão. Suas braçadeiras azuis sobre o resto de suas roupas. Eu tento manter

minha expressão agradável. Não penso em como poderia enganá-los para pensarem que

sou da Amizade com uma carranca no rosto.

Um homem com pele escura com uma arma na mão se aproxima da janela de

Marcus. Ele aponta a lanterna para Marcus primeiro, depois Christina, depois eu. Eu

aperto os olhos contra o feixe, e forço um sorriso para o homem como se não me

importasse com luzes brilhantes nos meus olhos e armas apontadas para minha cabeça.

A Amizade deve ser demente se esse é o modo como realmente pensam. Ou eles

comeram muito daquele pão.

“Então me diga,” o homem diz. “O que um membro da Abnegação está fazendo

numa caminhonete com dois membros da Amizade?”

“Essas duas garotas se voluntariaram para trazer suprimentos para a cidade,”

Marcus diz, “e eu me voluntariei para trazê-las para que ficassem a salvo.”

“E também, nós não sabemos dirigir,” Christina diz, sorrindo. “Meu pai tentou me

ensinar alguns anos atrás, mas eu continuava confundindo o acelerador com o freio, e você

pode imaginar o desastre que isso foi! De qualquer forma, foi *muito* legal da parte de

Joshua se voluntariar para nos trazer, porque teria levado um bom tempo de outro jeito, as

caixas eram tão pesadas...”

O guarda Destemor levantou sua mão. “Certo, entendi.”

“Oh, claro que sim. Desculpe.” Christina ri. “Eu só pensei que deveria explicar,

porque você parecia tão confuso, e com razão, porque quantas vezes você encontra...”

“Certo,” o homem diz. “E você pretende retornar à cidade?”

“Não tão cedo,” Marcus diz.

“Certo. Vão em frente, então.” Ele acena para os outros Destemidos no portão. Um

deles digita uma série de números no teclado, e o portão se abre para nos deixar passar.

Marcus acena para o guarda que nos deixou passar e dirige pelo caminho gasto para a

sede da Amizade. Os faróis da caminhonete mostram marcas de pneus e pradarias e

insetos voando para frente e para trás. Na escuridão à minha direita eu vejo vaga-lumes se

acendendo num ritmo parecido com o de batidas de coração.

Após alguns segundos, Marcus olha para Christina. “O que foi *aquilo*?”

“Não há nada que um Destemido deteste mais do que conversas alegres da

Amizade,” Christina diz, levantando um ombro. “Eu achei que se ele ficasse irritado, isso

o distrairia e ele nos deixaria passar.”

Eu sorrio com todos os meus dentes. “Você é um *gênio*.”

“Eu sei.” Ela vira sua cabeça como se tivesse jogando seu cabelo sobre um ombro,

apesar de não ter nenhum para jogar.

“Exceto,” Marcus diz, “que Joshua não é um nome da Abnegação.”

“Tanto faz. Como se alguém soubesse a diferença.”

Eu vejo o brilho da sede da Amizade á frente, o aglomerado de prédios de madeira

com a estufa ao centro. Nós dirigimos através do pomar de maçãs. O ar cheira a terra

quente.

De novo eu me lembro de minha mãe se esticando para pegar uma maçã nesse

pomar, anos atrás quando viemos ajudar a Amizade na colheita. Uma angústia atinge meu

peito, mas a memória não me esmaga como fazia há poucas semanas atrás. Talvez seja

porque estou em uma missão para honrá-la. Ou talvez eu esteja muito apreensiva sobre o

que vai acontecer para lamentar propriamente. Mas algo mudou.

Marcus estaciona a caminhonete atrás de umas cabines de dormir. Pela primeira

vez, noto que não há chave na ignição.

“Como você conseguiu ligar?” eu pergunto a ele.

“Meu pai me ensinou muito sobre mecânica e computadores,” ele diz.

“Conhecimento que passei ao meu filho. Você não pensou que ele aprendeu tudo sozinho,

pensou?”

“Na verdade sim, pensei.” Eu abro a porta e saio da caminhonete. A grama roça

meus dedos e panturrilhas. Christina fica á minha direita e joga sua cabeça para trás.

“É tão diferente aqui fora,” ela diz. “Você quase pode esquecer o que está

acontecendo *lá*.” Ela aponta seu dedo para a cidade.

“E eles geralmente esquecem,” eu digo.

“Mas eles sabem o que há além da cidade, certo?” ela pergunta.

“Eles sabem tanto quanto as patrulhas Destemor,” diz Marcus. “Que é que esse mundo do lado de fora é desconhecido e potencialmente perigoso.”

“Como você sabe o que eles sabem?” eu digo.

“Porque isso é o que nós dissemos a eles,” ele diz, e ele caminha em direção à estufa.

Eu troco um olhar com Christina. Então nós corremos para alcançá-lo.

“O que *isso* significa?”

“Quando você é confiado com toda a informação, você tem que decidir o quanto as outras pessoas devem saber,” Marcus diz. “Os líderes da Abnegação disseram a eles o que nós tínhamos que dizer. Agora, vamos esperar que Johanna esteja mantendo seus hábitos normais. Ela geralmente está na estufa a essa hora da noite.”

Ele abre a porta da estufa. O ar é tão denso quanto da última vez em que estive aqui, mas agora há uma neblina também. A umidade esfria minhas bochechas.

“Uau,” Christina diz.

A estufa é iluminada pela luz da lua, então é difícil distinguir planta de árvore de estruturas feitas pelo homem. Folhas esfregam meu rosto enquanto caminho para a borda externa da estufa. E então eu vejo Johanna, agachada ao lado de um arbusto com

uma

tigela nas mãos, colhendo o que parece ser framboesa. Seu cabelo está preso para trás,

então eu posso ver sua cicatriz.

“Eu não pensei que fosse vê-la aqui de novo, Srta. Prior,” ela diz.

“Isso é porque supostamente eu deveria estar morta?” eu digo.

“Eu sempre espero que aqueles que vivem pela arma morram por ela. Sou muitas

vezes agradavelmente surpreendida.” Ela equilibra a tigela em seus joelhos e olha para

mim. “Embora eu não ache que você voltou porque você gosta daqui.”

“Não,” eu digo. “Nós viemos por algo mais.”

“Certo,” ela diz, levantando. “Vamos falar sobre isso, então.”

Ela leva a tigela para o meio da estufa, onde as reuniões da Amizade são feitas. Nós

a seguimos até as raízes das árvores, onde ela se senta e me oferece framboesas. Eu pego

uma pequena mão cheia delas e passo a tigela para Christina.

“Johanna, esta é Christina,” Marcus diz. “Destemor nascida na Sinceridade.”

“Bem vinda à sede da Amizade, Christina.” Johanna sorri com ar conhecedor.

Parecetão estranho, que duas pessoas nascidas na Sinceridade tenham acabado em lugares

tão diferentes: Destemor e Amizade.

“Diga-me, Marcus,” diz Johanna. “Por que você veio visitar?”

“Acho que Beatrice deveria responder isso,” ele diz. “Sou meramente o transporte.”

Ela muda o foco para mim sem questionar, mas eu posso dizer pelo olhar cauteloso

em seu rosto que ela preferiria falar com Marcus. Ela negaria isso se eu perguntasse, mas

estou quase certa de que Johanna Reyes me odeia.

“Hum...” eu digo. Não foi o meu começo mais brilhante. Eu esfrego minhas mãos

em minha saia. “As coisas ficaram feias.”

As palavras começam a jorrar, sem sutileza e delicadeza. Eu explico que o Destemor

se aliou aos sem facção, e eles planejam destruir todos da Erudição, deixando-nos sem

uma das duas facções essenciais. Eu conto a ela que há informações importantes no

complexo da Erudição, somadas a todo conhecimento que eles possuem, que precisam ser

recuperadas. Quando eu termino, eu percebo que não disse a ela o porquê isso tem algo a

ver com ela ou sua facção, mas não sei como dizer isso.

“Estou confusa, Beatrice,” ela diz. “O que exatamente você quer que façamos?”

“Eu não vim aqui para pedir sua ajuda,” eu digo. “Eu achei que você deveria saber

que muitas pessoas vão morrer, e logo. E eu sei que você não quer ficar aqui não fazendo

nada enquanto isso acontece, mesmo que alguns de sua facção façam isso.”

Ela olha para baixo, sua boca torta a trai, revelando quão certa eu estou.

“Eu também queria perguntar a você se podemos falar com os Eruditos que você

está mantendo em segurança aqui,” digo. “Eu sei que eles estão escondidos, mas preciso

de acesso a eles.”

“E o que você pretende fazer?” ela pergunta.

“Atirar neles,” eu digo, rolando os olhos.

“Isso não é engraçado.”

Eu suspiro. “Desculpe. Eu preciso de informação. Isso é tudo.”

“Bem, você vai ter que esperar até amanhã,” Johanna diz. “Vocês podem dormir

aqui.”

Eu durmo assim que minha cabeça encosta no travesseiro, mas acordo antes do que

planejei. Posso dizer pelo brilho perto no horizonte que o sol está para nascer.

Do outro lado do corredor entre duas camas, está Christina, seu rosto pressionado

contra o colchão com o travesseiro sobre sua cabeça. Uma cômoda com uma lâmpada no

topo está entre nós. O chão de madeira faz barulho, não importa onde você pise. E na

parede esquerda está um espelho, casualmente colocado. Todos têm espelhos, menos a

Abnegação. Eu ainda sinto um pequeno choque quando vejo um deles em qualquer lugar.

Eu me visto, não me importando em fazer silêncio—quinhentos Destemidos

andando não acordariam Christina quando ela dorme profundamente, mas um sussurro

da Erudição talvez fosse capaz. Ela é singular dessa maneira.

Eu vou para fora enquanto o sol aparece através dos galhos das árvores, e vejo um

pequeno grupo da Amizade reunido perto do pomar. Eu me aproximo para ver o que

estão fazendo.

Eles estão num círculo, mãos dadas. Metade deles são jovens adolescentes, e a outra

metade, adultos. A mais velha, uma mulher com um cabelo branco trançado, fala.

“Nós acreditamos num Deus que concede paz e a estima,” ela diz. “Então nós

damos paz uns aos outros, e a estimamos.”

Eu não ouviria isso como uma deixa, mas a Amizade parece ouvir. Eles todos

começam a se mover de uma vez, achando alguém além do círculo e dando as mãos.

Quando todos têm um par, eles param por vários segundos, olhando uns para os outros.

Alguns murmuram uma frase, alguns sorriem, alguns permanecem parados e silenciosos.

Então eles se separam e passam para outra pessoa, fazendo as mesmas ações de novo.

Eu nunca vi uma cerimônia religiosa da Amizade antes. Só estou familiarizada com

a religião da facção dos meus pais, à qual parte de mim ainda se segura e a outra acha

tolice—as orações antes do jantar, as reuniões semanais, os atos de serviço, os poemas

sobre um Deus altruísta. Isso é algo diferente, algo misterioso.

“Junte-se a nós,” a mulher de cabelo branco diz. Demoro alguns segundos para

perceber que ela está falando comigo. Ela acena para mim, sorrindo.

“Ah, não,” eu digo. “Eu só...”

“Venha,” ela diz novamente, e eu sinto como se não tivesse escolha a não ser

caminhar e ficar entre eles.

Ela se aproxima de mim primeiro, segurando minha mão. Seus dedos são secos e

ásperos e seus olhos procuram os meus, persistentes, embora eu me sinta estranha

encontrando seu olhar.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

257

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Uma vez que encontro, o efeito é imediato e peculiar. Eu fico parada, e toda parte

de mim está parada, como se pesassem mais do que costumavam pesar, só que o peso não

é agradável. Seus olhos são marrons, completamente, e não se movem.

“Que a paz do Senhor esteja com você,” ela diz, sua voz baixa, “mesmo no meio da

tribulação.”

“Por que estaria?” eu digo suavemente, para que ninguém possa ouvir. “Depois de

tudo que eu fiz...”

“Não é sobre você” ela diz. “É um presente. Você não pode merecê-lo, senão

pararia de ser um dom.”

Ela me solta e passa para outra pessoa, mas eu permaneço com a mão esticada,

sozinha. Alguém se move para pegar minha mão, mas eu saio do grupo, primeiro

caminhando, depois correndo.

Eu me enfio no meio das árvores o mais rápido que posso, e só quando parece que

meus pulmões estão pegando fogo, eu paro.

Eu pressiono minha testa no tronco de árvore mais próximo, embora ele arranhe

minha pele, e luto contra as lágrimas.

Mais tarde naquela manhã, eu caminho através da chuva fina para a estufa

principal. Johanna convocou uma reunião de emergência.

Estou escondida tanto quanto possível no fundo da sala, entre duas plantas grandes

que estão suspensas em solução mineral. Levo alguns segundos para encontrar Christina,

vestida no amarelo da Amizade, no lado direito da estufa, mas é fácil ver Marcus, que está

nas raízes da árvore gigante com Johanna.

Johanna está com as mãos fechadas em sua frente e o cabelo preso para trás. O que

causou sua cicatriz também danificou seu olho—sua pupila está tão dilatada que sobressai

sua íris, e seu olho esquerdo não se move com o direito enquanto ela olha a multidão da

Amizade em frente a ela.

Mas não há só Amizade. Há pessoas com o cabelo cortado curto e coques retorcidos

que devem pertencer à Abnegação, e alguns grupos de pessoas usando óculos que devem

ser da Erudição. Cara está entre eles.

“Eu recebi uma mensagem da cidade,” Johanna diz quando todos se calam. “E eu

gostaria de contá-la para vocês.”

Ela puxa a borda de sua camisa, então aperta as mãos em frente a si. Ela parece

nervosa.

“O Destemor se aliou aos sem facção,” ela diz. “Eles planejam atacar a Erudição em

dois dias. Sua batalha não vai atingir somente os exércitos da Erudição e Destemor, mas

também inocentes da Erudição e o conhecimento que eles trabalharam duro para

adquirir.”

Ela olha para baixo, respira fundo, e continua: “Eu sei que não reconhecemos um

líder, então não tenho direito de me endereçar a vocês como se eu fosse,” ela diz. “Mas

espero que vocês me perdoem, só dessa vez, por perguntar se devemos reconsiderar nossa

decisão prévia de não nos envolvermos.”

Há murmúrios. Eles não são nada como os murmúrios do Destemor—eles são mais

gentis, como pássaros voando dos galhos.

“A despeito da nossa relação com a Erudição, sabemos muito mais do que qualquer

outra facção como o papel dela na nossa sociedade é essencial," ela diz. "Eles devem ser

protegidos de matanças sem necessidade, se não por serem seres humanos, então porque

nós não podemos sobreviver sem eles. Eu proponho que entremos na cidade

pacificamente, guardiões da paz imparciais para impedir qualquer modo de extrema

violência que irá com certeza ocorrer. Por favor, discutam isso."

A chuva embaça os painéis de vidro sobre nossas cabeças. Johanna se senta numa

raiz de árvore para esperar, mas a Amizade não inicia uma conversação como na última

vez em que estive aqui. Sussurros, quase imperceptíveis pela chuva, viram conversa

normal, e eu ouço vozes suaves se levantarem sobre outras, quase gritando, mas não

completamente.

Cada voz levantada lança um abalo através de mim. Eu já sentei em muitas

discussões na minha vida, a maioria nos últimos dois meses, mas nenhuma delas nunca

me assustou assim. A Amizade supostamente não deveria discutir.

Eu decido não esperar mais. Eu caminho pela área de reunião, espremendo-me

entre os membros da Amizade que estão em pé, pulando sobre as mãos e as pernas

estendidas. Alguns deles me encaram—posso estar vestindo uma camisa vermelha, mas as

tatuagens na minha clavícula são tão claras como nunca, mesmo à distância.

Eu pauso perto do grupo da Erudição. Cara se levanta quando me aproximo, seus braços cruzados.

“O que você está fazendo aqui?” ela diz.

“Eu vim para dizer a Johanna o que está acontecendo,” eu digo. “E para te pedir ajuda.”

“Para mim?” ela diz. “Por que...”

“Não para *você,* ” eu digo. Eu tento esquecer o que ela disse sobre meu nariz, mas é difícil. “Todos vocês. Eu tenho um plano para salvar alguns arquivos da sua facção, mas preciso da ajuda de vocês.”

“Na verdade,” Christina diz, aparecendo ao meu ombro esquerdo, “*nós* temos um plano.”

Cara olha de mim para Christina e de volta para mim de novo.

“*Vocês* querem ajuda da Erudição?” ela diz. “Estou confusa.”

“Você queria ajudar o Destemor,” eu digo. “Você acha que é a única que não faz

cegamente o que sua facção diz para fazer?”

“Isso está de acordo com o seu padrão de comportamento,” Cara diz. “Atirar em

pessoas que entram em seu caminho é um traço Destemor, afinal.”

Sinto um aperto na garganta. Ela parece tanto com seu irmão, até o vinco entre as

sobrancelhas e as listras escuras em seu cabelo loiro.

“Cara,” Christina diz. “Você vai nos ajudar ou não?”

Cara suspira. “Claro que eu vou. Estou certa de que os outros irão também.

Encontre-nos no dormitório da Erudição no fim da reunião, e nos diga o plano.”

A reunião dura mais uma hora. Nesse tempo, a chuva já parou, embora água ainda

molhe a parede e os painéis do teto. Christina e eu estamos sentadas contra uma das

paredes, jogando um jogo em que tentamos abaixar o dedão da outra. Ela sempre vence.

Finalmente Johanna e os outros que se destacaram como líderes de discussão ficam

em fila em frente às raízes. O cabelo de Johanna agora paira sobre o rosto abaixado. Ela

deve nos dizer o resultado da conversa, mas ela só para com os braços cruzados, seus

dedos batendo contra seus cotovelos.

“O que está havendo?” Christina diz.

Finalmente Johanna levanta o olhar.

“Obviamente foi difícil encontrar concordância,” ela diz. “Mas a maioria de vocês

deseja apoiar nossa política de não envolvimento.”

Não importa para mim se a Amizade decidir ir à cidade ou não. Mas eu comecei a

esperar que eles não fossem todos covardes, e para mim, essa decisão parece muito com

covardia. Eu afundo contra a janela.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

260

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Não é meu desejo encorajar a divisão nessa comunidade, que já me deu tanto,”

Johanna diz. “Mas minha consciência me força a ir contra essa decisão. Alguém mais cuja

consciência o guie para cidade é bem vindo a ir comigo.”

No início, eu, como todo mundo, não estou certa do que ela está dizendo. Johanna

vira sua cabeça de modo que sua cicatriz fica visível e adiciona, “Eu entendo se isso

significa que não posso mais ser parte da Amizade.” Ela funga. “Mas, por favor, saibam

que, se eu tenho que deixá-los, eu os deixo com amor, não com maldade.”

Johanna vai em direção à multidão, coloca seu cabelo atrás das orelhas, e caminha

em direção à saída. Alguns membros da Amizade a seguem, depois mais alguns, e então a

multidão inteira está em pé, e alguns deles—não muitos, mas alguns—estão caminhando

atrás dela.

“Isso,” Christina diz, “não é o que eu estava esperando.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

261

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

40

O dormitório da Erudição é um dos maiores cômodos na sede da Amizade. Há

doze camas no total: uma fila de oito amontoadas ao longo da parede mais distante, e duas

juntas de cada lado, deixando um grande espaço no meio do cômodo. Uma mesa grande

ocupa o espaço, cheia de ferramentas, pedaços de metal e motores e partes velhas de

computadores e fios.

Christina e eu acabamos de explicar nosso plano, o qual soou muito mais estúpido

com mais de uma dúzia da Erudição nos encarando enquanto falávamos.

“Seu plano é falho,” Cara diz. Ela é a primeira a responder.

“É por isso que viemos até vocês,” eu digo. “Para nos dizer como consertá-lo.”

“Bem, primeiramente, esses dados importantes que você quer resgatar,” ela diz.

“Colocá-los num disco é uma ideia ridícula. Discos acabam quebrando se estiverem nas

mãos da pessoa errada, como todos os objetos físicos. Eu sugiro que você use a rede de

dados.”

“A... O quê?”

Ela olha para os outros da Erudição. Um dos outros—um homem de óculos com a

pele marrom—diz, “Vá em frente. Diga a elas. Não há mais razão para mantermos

segredos.”

Cara olha de novo para mim. “Muitos dos computadores no complexo da Erudição

estão programados para acessar informações de computadores de outras facções. É por

isso que foi tão fácil para Jeanine rodar a simulação de ataque de um computador

Destemor ao invés de um da Erudição.”

“O quê?” Christina diz. “Você quer dizer que você pode dar uma voltinha pelos

dados de todas as facções quando sentir vontade?”

“Você não pode *dar uma voltinha pelos dados,”* um homem jovem diz. “Isso não é

lógico.”

“É uma metáfora,” Christina diz. Ela franze o cenho. “Certo?”

“Uma metáfora, ou simplesmente uma figura de linguagem?” ele diz, também

franzindo o cenho. “Ou uma metáfora é uma categoria definida sob o título *figura de*

linguagem?”

“Fernando,” Cara diz. “Foco.”

Ele assente.

“O fato é,” Cara continua, “a rede de dados existe, é eticamente questionável, mas

eu acredito que ela pode trabalhar a nosso favor aqui. Assim como os computadores

podem acessar dados das outras facções, eles podem *enviar* dados para outras facções. Se

nós enviarmos os dados que você queria recuperar a todas as outras facções, destruí-los

seria impossível.”

“Quando você diz *nós,* ” eu digo, “você quer dizer que...”

“Que nós estaríamos indo com você?” ela diz. “Obviamente que não todos iríamos,

mas alguns de nós devemos. Como vocês esperam andar pelo complexo da Erudição por

conta própria?”

“Você percebe que, se vier conosco, pode levar um tiro,” Christina diz. Ela sorri. “E

sem se esconder atrás de nós porque você não quer quebrar seus óculos, ou qualquer

coisa.”

Cara tira seus óculos e os quebra ao meio.

“Nós arriscamos nossas vidas desertando da nossa facção,” Cara diz, “e nós vamos

arriscá-las de novo para salvar nossa facção dela mesma.”

“E também,” sibila uma pequena voz atrás de Cara. Uma garota com não mais de

dez ou onze anos espreita pelos cotovelos de Cara. Seu cabelo preto é curto, como o meu, e

uma auréola de frizz cerca sua cabeça. “Nós temos apetrechos legais.”

Christina e eu trocamos um olhar.

Eu digo, “Que tipo de apetrechos?”

“Eles são apenas protótipos,” Fernando diz, “então não há necessidade de

investigá-los.”

“Investigar não é realmente nosso forte,” Christina diz.

“Então como vocês melhoram as coisas?” A menininha pergunta.

“Não fazemos, na verdade,” Christina diz, suspirando. “Elas meio que só vão

piorando.”

A garotinha assente. “Entropia.”

“O quê?”

“Entropia,” ela silva. “É a teoria de que toda a matéria no universo está

gradualmente se movendo em direção à mesma temperatura. Também conhecida como

morte do calor.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Elia,” Cara diz, “essa é uma simplificação grosseira.”

Elia mostra a língua a Cara. Eu não posso evitar rir. Eu nunca vi um Erudito

mostrar a língua antes. Mas então, eu não interagi com muitos jovens da Erudição. Só

Jeanine e as pessoas que trabalhavam para ela. Incluindo meu irmão.

Fernando se agacha perto de uma das camas e pega uma caixa. Ele procura dentro

dela por alguns segundos, então pega um disco pequeno e redondo. É feito de metal

pálido que eu vi várias vezes na sede da Erudição, mas nunca vi em qualquer outro lugar.

Ele o leva em sua palma em minha direção. Quando vou pegar, ele se afasta de mim.

“Cuidado!” ele diz. “Eu trouxe isso da sede. Não é algo que inventamos aqui. Vocês

estavam lá quando eles atacaram a Sinceridade?”

“Sim,” eu digo. “*Bem* lá.”

“Lembram-se de quando o vidro se quebrou?”

“*Você* estava lá?” eu digo, estreitando os olhos.

“Não. Eles gravaram e mostraram a filmagem na sede da Erudição,” ele diz. “Bem,

pareceu que o vidro quebrou porque atiraram nele, mas isso não é realmente verdade. Um

dos soldados Destemor jogou um *desses* perto das janelas. Ele emite um sinal que você não

pode ouvir, mas vai fazer o vidro se quebrar.”

“Certo,” eu digo. “E como isso vai ser útil para nós?”

“Você vai ver que é muito fácil as pessoas se distraírem quando todas as suas

janelas se quebram de uma só vez,” ele diz com um pequeno sorriso. “Especialmente na

sede da Erudição, onde há muitas janelas.”

“Certo,” eu digo.

“O que mais vocês têm?” Christina diz.

“A Amizade vai gostar disso,” Cara diz. “Onde está? Ah. Aqui.”

Ela pega uma caixa preta feita de plástico, pequena o suficiente para que ela

envolva os dedos ao redor dela. No topo da caixa há dois pedaços de metal que parecem

dentes. Ela aciona um interruptor no fundo da caixa, e um fio de luz azul se estende pelo

espaço entre os dentes.

“Fernando,” Cara diz. “Quer demonstrar?”

“Você está brincando?” ele diz, seus olhos bem abertos. “Eu nunca vou fazer isso de

novo. Você é perigosa com essa coisa.”

Cara sorri para ele, e explica, “Se eu te tocasse com isso agora, seria extremamente

doloroso, e te deixaria incapacitada. Fernando descobriu pelo jeito difícil ontem. Eu fiz isso

para que a Amizade tenha um jeito de defender-se sem atirar em ninguém.”

“Isso é...” Eu franzo o cenho. “...Gentil da sua parte.”

“Bem, tecnologia supostamente deveria fazer a vida melhor,” ela diz. “Não importa

no que você acredita, há uma tecnologia para você.”

O que minha mãe disse naquela simulação? “Temo que tudo que seu pai disse

sobre a Erudição tenha afetado seu julgamento.” E se ela estava certa, mesmo que ela fosse

apenas parte de uma simulação? Meu pai me ensinou a ver a Erudição de um modo

particular. Ele nunca me ensinou que eles não faziam julgamentos sobre o que as pessoas

acreditavam, mas desenvolviam coisas para elas que se ajustavam às suas crenças. Ele

nunca me ensinou que eles podiam ser engraçados, e que eles podiam criticar sua própria

facção.

Cara se aproxima de Fernando com o apetrecho, rindo quando ele pula para trás.

Ele nunca me disse que alguém da Erudição poderia me oferecer ajuda mesmo

depois de eu ter matado seu irmão.

O ataque vai começar à tarde, depois que ficar escuro demais para ver as

braçadeiras azuis que marcam alguns dos traidores Destemor. Assim que nossos planos

estão finalizados, nós caminhamos através do pomar para a clareira onde as caminhonetes

são mantidas. Quando eu saio por entre as árvores, eu vejo que Johanna Reyes está

sentada no capô de uma das caminhonetes, as chaves balançando dos seus dedos.

Atrás dela espera um pequeno comboio de veículos cheios de membros da

Amizade—mas não só Amizade, porque a Abnegação, com seus cortes de cabelos severos

e bocas paradas, está entre eles. Robert, o irmão mais velho de Susan, está com eles.

Johanna desce do capô. Na parte de trás da caminhonete em que ela estava sentada

está uma pilha de caixas marcadas com MAÇÃS, FARINHA e MILHO. É uma boa coisa

que só temos que colocar duas pessoas na traseira.

“Olá, Johanna,” Marcus diz.

“Marcus,” ela diz. “Espero que você não se importe de acompanharmos vocês até a

cidade.”

“Claro que não,” ele diz. “Lidere o caminho.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Johanna dá as chaves a Marcus e entra na caçamba de uma das outras

caminhonetes. Christina se dirige em direção à cabine da caminhonete, e eu vou para a

caçamba, com Fernando atrás de mim.

“Você não quer sentar na frente?” Christina diz. “E você se diz Destemida...”

“Eu vou ficar na parte da caminhonete em que é menos provável que eu vomite,”

eu digo.

“Vomitar é parte da vida.”

Estou prestes a perguntar a ela com que frequência ela pretende vomitar no futuro

quando a caminhonete vai para frente. Eu seguro o lado com ambas as mãos para não cair,

mas depois de alguns minutos, quando me acostumo com as colisões e empurrões, eu as

solto. As outras caminhonetes seguem a nossa frente, atrás de Johanna, que lidera o

caminho.

Eu me sinto calma até atingirmos a cerca. Eu espero encontrar os mesmos guardas

que tentaram nos parar na ida, mas o portão está abandonado, aberto. Um tremor começa

no meu peito e se espalha para minhas mãos. No meio de conhecer novas pessoas e fazer

planos, eu esqueci que meu plano é caminhar direto para uma batalha que pode reclamar

minha vida. Logo depois de eu perceber que minha vida valeu a pena.

O comboio diminui a velocidade enquanto passamos pela cerca, como se esperasse

que alguém aparecesse e nos parasse. Tudo é silêncio, tirando as cigarras nas árvores

distantes e os motores das caminhonetes.

“Você acha que já começou?” eu digo para Fernando.

“Talvez. Talvez não,” ele diz. “Jeanine tem muitos informantes. Alguém

provavelmente disse a ela que algo aconteceria, então ela chamou todas as forças

Destemor de volta para a sede da Erudição.”

Eu assinto, mas estou realmente pensando em Caleb. Ele era um desses

informantes. Eu me pergunto por que ele acreditava tão fortemente que o mundo do lado

de fora deveria ser escondido de nós, a ponto de trair quem ele supostamente se

importava por Jeanine, que não se importa com ninguém.

“Você conheceu alguém chamado Caleb?” eu digo.

“Caleb,” Fernando diz. “Sim, tinha um Caleb na minha aula de iniciação. Brilhante,

mas ele era... Qual o termo coloquial para isso? Um puxa-saco.” Ele sorri. “Havia um

pouco de divisão entre os iniciados. Aqueles que aceitavam tudo que Jeanine dizia e

aqueles que não. Obviamente eu estava no segundo grupo. Caleb era um membro do

primeiro. Por que a pergunta?”

“Eu o conheci enquanto estava presa,” eu digo, e minha voz parece distante mesmo

para mim. “Eu só estava curiosa.”

“Eu não o julgaria muito duramente,” Fernando diz. “Jeanine pode ser

extraordinariamente persuasiva para aqueles que não são naturalmente desconfiados. Eu

sempre fui naturalmente desconfiado.”

Eu olho sobre seu ombro esquerdo, para o horizonte que fica mais claro enquanto

mais nos aproximamos da cidade. Eu procuro os dois pinos no topo do Eixo, e quando

encontro, eu me sinto melhor e pior ao mesmo tempo—melhor, porque o prédio é tão

familiar, e pior, porque vê-lo significa que estamos nos aproximando.

“É,” eu digo. “Eu também.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

267

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

41

Quando chegamos ao centro da cidade, toda a conversa é interrompida dentro do

caminhão, substituída por lábios cerrados e feições pálidas. Marcus dirige em meio aos

buracos, do tamanho de pessoas, e de peças de ônibus quebrados no meio da rua. O

caminho é mais tranquilo quando saímos do território dos sem facção e alcançamos a parte

limpa da cidade.

Ouço tiros. De uma distância que mais se parecem pancadas.

Por um momento fico desorientada, tudo o que consigo ver são os líderes da

Abnegação de joelhos no meio da rua e membros do Destemor, com rostos inexpressivos,

segurando armas; também consigo ver minha mãe se virando para encarar as balas que

vêm em sua direção, e Will caindo no chão. Eu mordo meu pulso para não chorar, e a dor

me traz de volta para o presente.

Minha mãe disse para eu ser forte. Mas se ela soubesse que sua morte me deixaria

com tanto medo, teria se sacrificado?

Disparando contra um comboio de caminhões, Marcus pega a Avenida Madison e,

quando estamos a apenas dois quarteirões da Avenida Michigan, onde a simulação está

acontecendo, ele estaciona o caminhão em um beco e o desliga.

Fernando salta para fora da cabine do caminhão e me oferece seu braço.

“Vamos lá, Insurgente,” diz ele, com uma piscadela.

“O quê?” eu digo. Seguro em seu braço e deslizo para fora do caminhão.

Ele abre a bolsa que estava segurando durante todo o caminho. Está cheia de

roupas azuis. Ele seleciona algumas delas, arremessando-as para Christina e para mim. Eu

pego uma camiseta cintilante azul, e um par de jeans também azuis.

“Insurgente,” diz ele. “Substantivo. Uma pessoa que age em oposição à autoridade

estabelecida, que não é necessariamente considerada agressiva.”

“Você precisa mesmo dar nome a *tudo*?” diz Cara, correndo suas mãos por entre

seu cabelo loiro, prendendo-o atrás da cabeça. “Nós só estamos fazendo uma coisa que

deve ser feita. Não precisamos de um novo rótulo.”

“Acontece que eu gosto de rotular,” responde Fernando, arqueando uma de suas

sobrancelhas escuras.

Olho para ele. A última vez que invadi a sede de alguma facção, eu estava com

uma arma em minha mão, e deixei corpos atrás de mim. Quero que desta vez seja

diferente. Eu *preciso* que desta vez seja diferente. “Gostei do termo,” eu digo. “Insurgente.

É perfeito.”

“Viu?” Fernando diz para Cara. “Não sou o único.”

“Parabéns,” diz ela, ironicamente.

Fito minhas roupas da Erudição enquanto os outros se despem de suas.

“Não temos tempo para modéstia, Careta!” Christina diz, lançando-me um olhar

penetrante.

Eu sei que ela está certa, então tiro minha camisa vermelha e coloco a azul. Eu olho

para Fernando e Marcus para ter certeza de que eles não estão me observando, e troco

minha calça também. Eu tenho que puxar a calça para cima umas quatro vezes, e quando

passo o cinto, ele aperta minha cintura como se fosse a boca de um saco de papel.

“Ela acabou de te chamar de *Careta*?” Fernando diz.

“É”, digo. “Eu me transferi da Abnegação para Destemor.”

“Ah.” Ele franze a testa. “Essa é uma mudança e tanto. Esse tipo de mudança de

personalidade entre gerações é quase geneticamente impossível nos dias de hoje.”

“Às vezes a personalidade de alguém não tem nada a ver com a escolha de uma

facção,” eu digo, pensando em minha mãe. Ela deixou Destemor não porque não se sentia

pertencente a ela, mas porque era seguro ser Divergente na Abnegação. Também tem

Tobias, que se transferiu para Destemor para escapar de seu pai. “Há muitos outros

fatores a considerar.”

Tobias se transferiu para Destemor para escapar do homem com quem fiz uma

aliança. Sinto uma pontada de culpa.

“Continue falando assim e eles nunca vão descobrir que você não é da Erudição,”

diz Fernando.

Eu penteio meu cabelo para que ele fique arrumado e o coloco atrás da orelha.

“Aqui,” diz Cara. Ela pega uma mecha do meu cabelo e a prende com um grampo

prata, do mesmo jeito que as garotas da Erudição fazem.

Christina pega as armas que trouxemos e me olha.

“Você quer uma?” diz ela. “Ou prefere levar uma arma de choque?”

Eu fito a arma na mão dela. Se não eu levar a arma de choque, vou ficar

completamente sem defesa contra pessoas que vão atirar em mim sem pensar duas vezes.

Se eu levar, admito que sou fraca na frente de Fernando, Cara e Marcus.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

269

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você sabe o que Will diria?” diz Christina.

“O quê?” pergunto, minha voz entrecortada.

“Ele diria para superar isso,” ela diz. “E para parar de ser tão irracional e pegar logo a arma.”

Will tinha pouca paciência com a irracionalidade. Christina está certa; ela o conhecia melhor que eu.

E ela—que perdeu alguém querido naquele dia, assim como eu—foi capaz de me perdoar, um ato que beirava o impossível. Teria sido impossível para mim, se a situação fosse inversa. Então por que era tão difícil eu perdoar a mim mesma?

Eu fecho minha mão em torno da arma que Christina me ofereceu. O metal está quente onde ela estava segurando. Eu sinto a memória de tiros cutucando o fundo da minha mente, e tento sufocá-las. Mas não consigo. Eu largo a arma no chão.

“A arma de choque é uma opção perfeitamente boa,” diz Cara enquanto puxa o longo cabelo de dentro da camisa. “Se você me perguntar, o Destemor gosta demais de armas de fogo.”

Fernando me oferece a arma de choque. Eu queria poder dizer o quanto estou

sentindo gratidão por Cara, mas ela não está olhando para mim.

“Como vou esconder esta coisa?” digo.

“Não se preocupe,” diz Fernando.

“Certo.”

“Melhor a gente ir logo,” diz Marcus, checando a hora no seu relógio.

Meu coração bate tão forte que marca cada segundo em mim, mas o resto do meu

corpo está dormente. Mal posso sentir o chão. Eu nunca estive tão aterrorizada, e

considerando tudo o que tenho visto em simulações, e tudo o que fiz durante a simulação

de ataque, isto não faz nenhum sentido.

Ou talvez faça. Seja o que for que a Abnegação estava prestes a mostrar para todo

mundo antes do ataque, foi o suficiente para Jeanine tomar providências terríveis e

drásticas para impedi-los. E agora estou prestes a terminar o trabalho deles, o trabalho

pelo qual toda minha antiga facção morreu. Muito mais que minha vida está em jogo

agora.

Christina e eu seguimos os outros. Nós corremos pelas calçadas limpas da Avenida

Madison, passando pela Rua State, seguindo em direção à Avenida Michigan.

Faltando meio quarteirão para chegarmos à sede da Erudição, eu paro subitamente.

De pé, formando quatro filas a nossa frente, está um grupo de pessoas, a maioria

vestida de preto e branco, separados por dois pés de distância, armas firmes em suas mãos

e prontas para atirar. Eu pisco, e eles se tornam membros Destemor, controlados pela

simulação, no setor da Abnegação, durante a simulação de ataque. *Controle-se! Controle-se*

controle-se controle-se... Eu pisco novamente e eles voltam a ser da Sinceridade de novo—

embora alguns deles estejam vestidos todo de preto, o que faz com que se pareça com os

membros Destemor. Se eu não tomar cuidado vou perder contato com onde, e quando,

estou.

“Meu Deus,” diz Christina. “Minha irmã, meus *pais*... E se eles...”

Ela olha para mim, e acho que sei no que ela está pensando, porque já experimentei

esse sentimento antes. *Onde estão meus pais? Tenho que encontrá-los*. Mas se os pais dela

estiverem no meio desse grupo, controlados pela simulação e armados, não há nada que

ela possa fazer por eles.

Gostaria de saber se Lynn está em uma dessas filas, em algum lugar.

“O que vamos fazer?” pergunta Fernando.

Eu dou um passo em direção ao grupo de membros da Sinceridade. Talvez eles não

estejam programados para atirar. Eu olho bem no fundo dos olhos de uma mulher que

veste uma blusa branca e uma calça preta. Ela parece com alguém que acaba de sair do

trabalho. Dou outro passo.

Bang. Por instinto eu me jogo no chão, cobrindo minha cabeça com meus braços, e

me arrastando em retirada, em direção aos sapatos de Fernando. Ele me ajuda a me

levantar.

“Que tal não fazermos *isso*?” diz ele.

Eu caminho para frente—não muito longe—e viro em um beco, entre um edifício

perto de nós e a sede da Erudição. Membros da Sinceridade estão no beco também. Eu não

ficaria surpresa se a sede da Erudição estivesse cercada por uma camada densa de

membros da Sinceridade.

“Existe algum outro caminho para a sede da Erudição?” digo.

“Não que eu saiba,” diz Cara. “A menos que você queira pular de um telhado

para

outro.”

Ela solta uma risadinha abafada enquanto diz isso, como se fosse uma piada.

Levanto minhas sobrancelhas para ela.

“Espera,” diz ela. “Você não está realmente considerando...”

“O telhado?” eu digo. “Não. As janelas.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

271

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Eu caminho para a esquerda, cuidadosamente, para não avançar em direção aos

membros da Sinceridade. O edifício à minha esquerda se sobrepõe à sede da Erudição.

Deve haver alguma janela que fique de frente para outra.

Cara murmura alguma coisa sobre loucas acrobacias Destemor, mas corre atrás de

mim. Fernando, Marcus e Christina a segue. Tento abrir a porta dos fundos do edifício,

mas está trancada.

Christina dá um passo à frente e diz: “Para trás.” Ela aponta sua arma para a

fechadura. Eu protejo meu rosto com um braço enquanto ela dispara. Nós ouvimos um

grande estrondo, e depois um tinido agudo, o efeito de disparar uma arma em um

espaço

tão fechado. A fechadura está quebrada.

Eu abro a porta e entro. Vejo um corredor longo e com um piso de cerâmica, portas

em cada lado do corredor, algumas abertas, algumas fechadas. Quando olho por entre

algumas delas, vejo fileiras de carteiras velhas, e quadros-negros nas paredes, como os que

têm na sede Destemor. O ar cheira a mofo, como páginas de um livro de biblioteca

misturadas com produtos de limpeza.

“Este costumava ser um edifício comercial,” Fernando diz, “mas a Erudição fez

dele uma escola, para educação pós-Escolha. Depois da grande reforma na sede da

Erudição, há uma década—sabe, quando todos os edifícios do outro lado do Milennium

foram conectados?—eles pararam de ensinar lá. Era muito velho, difícil de se atualizar.”

“Obrigada pela aula de história,” diz Christina.

Quando alcanço o final do corredor, entro em uma das salas de aula para ver onde

estou. Vejo os fundos da sede da Erudição, mas não há nenhuma janela depois do beco no

nível da rua.

Próxima da janela, tão perto que poderia tocá-la se esticasse minha mão através do

vidro, está uma criança da Sinceridade, uma garota, segurando uma arma que é tão longa

quanto seu antebraço. Ela está tão imóvel, que me pergunto se ela está respirando.

Eu torço meu pescoço para ver as janelas acima do nível da rua. Sobre minha cabeça

há muitas janelas. Nos fundos da sede da Erudição há apenas uma que se alinha com uma

das do prédio onde estou. E está no terceiro andar.

“Boa noticia,” digo. “Descobri um jeito de entrar.”

42

Todos se espalham pelo edifício em busca de armários de manutenção, seguindo

minhas instruções para encontrar uma escada. Ouço tênis rangendo no piso e gritos como,

“Achei um... Não, espera, só há baldes aqui, esqueçam,” e, “De que tamanho tem que ser a

escada? Um só degrau não vai funcionar, certo?”

Enquanto eles procuram, encontro a classe no terceiro andar que fica de frente para

uma das janelas da sede da Erudição. Eu tento três vezes até conseguir abrir a janela certa.

Eu me inclino para fora, sobre o beco, e grito: “Ei!” Então me abaixo o mais rápido

que consigo. Mas eu não ouço nenhum tiro... *Bom*, eu penso. *Eles não reagem ao barulho.*

Christina marcha para dentro da sala com uma escada debaixo de seu braço, os

outros estão atrás dela. “Encontrei uma! Acho que ela é longa o suficiente, se esticá-la até o

fim.”

Ela tenta virar cedo demais, e a escada acaba batendo no ombro de Fernando.

“Desculpe-me, Nando.”

O impacto deixou seus óculos tortos. Ele sorri para Christina e tira os óculos,

deslizando-o para dentro de seu bolso.

“Nando?” eu digo para ele. “Achei que membros da Erudição não gostavam de apelidos?”

“Quando uma bela garota te chama por um apelido,” ele diz, “é lógico você responder.”

Christina olha para o lado, de imediato penso que ela é tímida, mas então eu vejo seu rosto se contorcer como se Fernando tivesse batido nela ao invés de elogiá-la. É muito cedo para que ela fique flertando após a morte de Will.

Eu ajudo guiar a escada através da janela da sala e através da lacuna entre os edifícios. Marcus nos ajuda a estabilizá-la. Fernando solta um suspiro quando a escada bate na janela da sede da Erudição.

“Hora de quebrar o vidro,” digo.

Fernando pega o dispositivo de quebra de vidro do bolso e me oferece. “Você provavelmente tem a melhor pontaria.”

“Eu não contaria com isso,” eu digo. “Meu braço direito não está muito bom. Vou ter que arremessar com meu esquerdo.”

“Deixa que eu jogo,” diz Christina.

Ela pressiona o botão ao lado do dispositivo e o joga através do beco. Eu aperto

minhas mãos enquanto espero ele pousar. Ele quica no peitoril da janela e rola para perto

do vidro. Uma luz laranja acende, e, de uma só vez, a janela—e as janelas abaixo, do lado,

e próximas ao dispositivo—se quebra em centenas de cacos minúsculos, que caem nos

membros da Sinceridade abaixo.

Ao mesmo tempo, os membros da Sinceridade se viram e começam a atirar para o

alto. Todos se jogam no chão, mas eu fico de pé, parte de mim admirando a perfeita

sincronia dos disparos, e a outra parte está desgostosa com a forma que Jeanine Matthews

conseguiu transformar outra facção de humanos em máquinas. Nenhuma das balas

atingiu as janelas onde estamos, muito menos penetrou a sala.

Quando os membros da Sinceridade param de atirar, eu espio a situação lá

embaixo. Eles retornaram para suas antigas posições, metade de frente para a Avenida

Madison, e a outra metade de frente para a Rua Washington.

“Eles reagem somente ao movimento, então... Não caiam da escada,” eu digo.

“Quem for primeiro, segura a escada do outro lado.”

Percebo que Marcus, que deveria ser altruísta e se oferecer para atravessar, não

se

voluntaria.

“Não está se sentindo muito Careta hoje, Marcus?” diz Christina.

“Se eu fosse você, prestaria bem atenção em quem você insulta,” ele diz. “Ainda sou

a única pessoa aqui que pode achar o que estamos procurando.”

“Isso é uma *ameaça*?”

“Eu vou,” digo, antes que Marcus possa responder. “Sou metade Careta também,

certo?”

Enfio a arma de choque sob o cós da minha calça jeans e subo em uma mesa para

ter um ângulo melhor da janela. Christina segura a escada enquanto eu subo e começo a

seguir em frente.

Quando consigo atravessar a janela, eu posiciono meus pés nas bordas estreitas da

escada e minhas mãos nos degraus. A escada parece ser sólida e estável como uma lata de

alumínio. Ela range abaixo de mim. Eu tento não olhar para baixo, para os membros da

Sinceridade; tento não pensar em suas armas atirando em mim.

Respirando rápido, eu encaro meu destino, a janela da sede da Erudição. Só faltam

mais alguns degraus.

Uma brisa sopra pelo beco, me empurrando para o lado, e eu me lembro de quando

escalei a roda gigante com Tobias. Ele me manteve firme. Não sobrou ninguém para me

manter firme agora.

Olho de relance para o chão, três andares abaixo, os tijolos menores do que

deveriam ser, as fileiras de membros da Sinceridade escravizada por Jeanine. Meus

braços—especialmente meu braço direito—doem enquanto eu avanço lentamente por meu

caminho através da lacuna.

A escada se desloca, passando perto da borda da moldura de uma janela do outro

lado. Christina está mantendo um dos lados firme, mas ela não pode impedir que a escada

escorregue. Eu cerro os dentes e tento não me mover muito, mas não consigo mover

minhas duas pernas ao mesmo tempo. Tenho que deixar a escada balançar um pouco. Só

faltam mais quatro degraus.

A escada pende para a esquerda, e depois, enquanto movo meu pé direito à frente,

eu piso em falso. Eu grito quando meu corpo se desloca para o lado, meus braços

envolvendo a escada e minha perna balançando no espaço.

“Você está bem?” Christina grita atrás de mim.

Não respondo. Eu levanto minha perna e encosto-a sob meu corpo. Minha queda

fez com que a escada escorregasse ainda mais para longe do peitoril da janela. Ela está

sendo suportada por apenas um milímetro de concreto.

Decido me mover rapidamente. Dou uma guinada em direção ao peitoril da janela,

e assim como supus, a escada escorrega. Minhas mãos agarram o peitoril e o concreto

arranha meus dedos enquanto eles suportam meu peso corporal. Várias vozes atrás de

mim gritam.

Eu cerro meus dentes enquanto dou impulso para que meu corpo suba, meu ombro

direito atacado por uma dor aguda. Eu chuto os tijolos da construção, esperando que me

dêem tração, mas isso não ajuda. Eu grito entre os dentes enquanto me coloco para cima e

sobre o parapeito da janela, metade do meu corpo dentro do edifício e a outra metade

ainda balançando. Felizmente Christina não deixou a escada cair muito longe. Nenhum

dos membros da Sinceridade atirou em mim.

Eu entro no cômodo da sede da Erudição. É um banheiro. Eu desabo no chão

batendo meu ombro esquerdo, e tento respirar por entre a dor. Suor escorre por minha

testa.

Uma mulher, membro da Erudição, sai de uma das cabines do banheiro, com

dificuldade me coloco de pé, pego a arma de choque, e aponto para ela, tudo sem pensar.

Ela congela, seus braços para cima, papel higiênico preso em seu sapato.

“Não atire!” Seus olhos saltam para fora das órbitas.

Só então, me lembro que estou vestida como alguém da Erudição. Eu coloco a arma

de choque em cima de uma pia.

“Minhas desculpas,” eu digo. Tentando-me adaptar a um modo formal de falar,

comum aos membros da Erudição. “Eu estou um pouco nervosa, com tudo o que está

ocorrendo. Estamos reentrando a fim de recuperar alguns dos nossos resultados dos testes

do... Laboratório 4-A.”

“Oh,” a mulher diz. “Isso me parece um tanto imprudente.”

“Os dados são de extrema importância,” eu digo, tentando soar tão arrogante quanto alguém da Erudição. “Eu preferia não deixá-los crivados de balas.”

“É dificilmente meu lugar prevenir você de tentar recuperá-los,” ela diz. “Agora, se você me der licença, vou lavar minhas mãos e me retirar.”

“Ótima ideia,” eu digo. Decido não falar para ela que tem papel higiênico em seu sapato.

Eu me viro de volta para a janela. Através do beco, Christina e Fernando estão tentando colocar a escada de volta para o peitoril da janela. Ultrapassando a dor em meus braços e mãos, eu me inclino para fora da janela e pego a outra extremidade da escada, levantando-a de volta. Então seguro ela no lugar enquanto Christina atravessa.

Desta vez, a escada está mais estável, e Christina atravessa sem nenhum problema.

Ela toma meu lugar e segura a escada enquanto coloco a lata de lixo na frente da porta para que ninguém mais possa entrar. Depois deixo um pouco de água gelada escorrer por meus dedos, para amenizar a dor.

“Isso é bem inteligente, Tris,” diz Christina.

“Você não tem que soar tão surpresa.”

“É só que...” Ela faz uma pausa. “Você teve aptidão para Erudição, não teve?”

“Isso importa?” eu digo, muito severa. “As facções estão sendo destruídas, e era

tudo muito idiota, desde o começo.”

Eu nunca disse nada parecido com isso antes. Eu nunca nem pensei nisso. Mas

estou surpresa em saber que acredito no que acabei de dizer—surpresa por concordar com

Tobias.

“Eu não estava tentando insultar você,” diz Christina. “Ter aptidão para Erudição

não é tão ruim assim. Especialmente neste momento.”

“Desculpe-me. Só estou... Tensa. Só isso.”

Marcus passa pela janela e cai no chão de ladrilhos. Cara é surpreendentemente

ágil—ela se move sobre os degraus como se estivesse tocando banjo, tocando cada degrau

e respirando fundo antes de se mover para outro.

Fernando será o último, e ele estará na mesma posição que eu estive, com a escada

segura de um só lado. Vou para perto da janela para que eu possa dizer para ele que se a

escada escorregar ele tem de parar de se mover.

Fernando, que achei que não teria problemas, se move mais sem jeito do que

qualquer um dos outros. Ele deve ter passado a vida inteira atrás de um

computador ou

de livros. Ele continua desengonçado, seu rosto está vermelho brilhante, e segura os

degraus tão firme que suas mãos ficam com uma coloração roxa.

Na metade do caminho, eu vejo alguma coisa escorregar de seu bolso. É seus

óculos.

Eu grito: “Fernan...”

Mas grito tarde demais.

Os óculos caem, batem na beirada da escada, e batem no chão abaixo dele.

Em sincronia, os membros da Sinceridade abaixo se viram e começam a atirar para

cima. Fernando grita, e seu corpo se choca com a escada. Uma bala acerta sua perna. Eu

não vejo para onde as outras foram parar, mas sei, quando vejo sangue escorrer por entre

os degraus da escada, que foram parar em um lugar não muito bom.

Fernando encara Christina, seu rosto está pálido. Christina sobe na janela, para

atravessá-la e ajudá-lo.

“Não seja idiota!” diz ele, sua voz fraca. “Deixe-me.”

É a última coisa que ele diz.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Veronica Roth

43

Christina volta para o aposento. Estamos todos quietos.

“Eu não quero ser insensível,” diz Marcus, “mas temos que ir antes que Destemor e

os sem facção entrem neste prédio. Se já não fizeram.”

Eu ouço algo bater contra a janela e viro minha cabeça para o lado, por uma fração

de segundo acredito que é Fernando tentando entrar, mas é só chuva.

Seguimos Cara para fora do banheiro. Ela é nossa líder agora. Ela conhece melhor a

sede da Erudição. Christina segue, então Marcus, depois eu. Deixamos o banheiro, e

estamos em um corredor da Erudição como qualquer outro corredor da Erudição: pálido,

brilhante, estéril.

Mas este corredor é mais ativo do que eu já vi. Pessoas de azul da Erudição correm

para todos os lados, em grupos e sozinhas, gritam coisas um para o outro como, “Eles

estão nas portas da frente! Vá tão alto quanto você pode!” e “Eles desativarão os

elevadores! Corram para as escadas!” É só ali, no meio do caos, que percebo que esqueci a

arma de choque no banheiro. Estou desarmada novamente.

Traidores Destemor também correm por nós, apesar de serem menos frenéticos do

que a Erudição. Eu me pergunto o que Johanna, a Amizade e a Abnegação estão fazendo

nesse caos. Eles estão cuidando dos feridos? Ou eles estão de pé entre as armas Destemor e

inocentes da Erudição, levando balas pela paz?

Eu tremo. Cara nos leva a uma escada de volta, e passamos por um grupo

aterrorizado da Erudição quando subimos correndo um, dois, três lances de escadas.

Então Cara enfia seu ombro em uma porta e a abre, segurando a arma perto de seu peito.

Reconheço este andar.

É o meu andar.

Meus pensamentos se tornam lentos. Eu quase morri aqui. Eu ansiei pela morte

aqui.

Eu desacelero e fico para trás. Eu não posso sair do torpor, embora as pessoas

continuem correndo atrás de mim, e Marcus grita alguma coisa para mim, mas sua voz é

abafada. Christina dobra para trás e me agarra, me arrastando em direção ao Controle A.

Dentro da sala de controle, eu vejo fileiras de computadores, mas eu realmente não

os vejo, é como um filme cobrindo meus olhos. Eu tento piscar. Marcus fica em um dos

computadores, e Cara senta-se no outro. Eles irão enviar todos os dados dos computadores da Erudição para os computadores de outra facção.

Atrás de mim, a porta se abre.

E eu ouço Caleb dizer: “O que você está fazendo aqui?”

Sua voz me acorda. Viro-me e olho direto para sua arma.

Seus olhos são os olhos de minha mãe—um verde escuro, quase cinza, apesar de sua camisa azul fazer a cor parecer mais potente.

“Caleb,” eu digo. ”O que você pensa que está fazendo?”

“Eu estou aqui para parar o que vocês estão fazendo!” Sua voz treme. A arma oscila em sua mão.

“Estamos aqui para salvar os dados da Erudição que os sem facção querem destruir,” eu digo. ”Eu não acho que você queira nos parar.”

“Isso não é verdade,” diz ele. Ele empurra a cabeça na direção de Marcus. ”Por que você o traria, se não estivesse tentando encontrar alguma outra coisa? Algo mais importante para ele do que todos os dados da Erudição combinados?”

“Ela conto a *você* sobre isso?” Marcus diz. *”Você,* uma criança?”

“Ela não me disse no início,” diz Caleb. ”Mas ela não queria que eu escolhesse um

lado sem conhecer os fatos!”

“Os fatos,” diz Marcus, “são de que ela tem pavor da realidade, e a Abnegação não

tinha. Não tem. E nem sua irmã. Para seu crédito.”

Eu faço uma carranca. Mesmo quando ele está me elogiando, eu quero bater nele.

“Minha irmã,” diz Caleb suavemente, olhando para mim de novo, “não sabe no que

ela está se metendo. Não sabe o que é que você quer mostrar a todos... Não sabe que vai

arruinar *tudo!* ”

“Estamos aqui para servir a um propósito!” Marcus está quase gritando agora.

”Nós completamos nossa missão, e é hora de fazer o que fomos enviados aqui para fazer!”

Eu não sei o propósito ou a missão que Marcus está se referindo, mas Caleb não

parece confuso.

“*Nós* não fomos enviados para cá,” diz Caleb. ”Nós não temos nenhuma

responsabilidade com ninguém, a não ser com nós mesmos.”

“Esse tipo de pensamento de autointeresse é o que vim a esperar daqueles que

passaram muito tempo com Jeanine Matthews. Você está tão pouco disposto a abrir mão

de seu conforto que o seu egoísmo drena sua humanidade!”

Eu não me importo de ouvir mais. Enquanto olho para baixo para Caleb e Marcus,

eu viro e chuto forte o pulso de Caleb. O impacto o surpreende, e a arma cai de suas mãos.

Eu a deslizo pelo chão com os dedos dos pés.

“Você precisa confiar em mim, Beatrice,” diz ele, o queixo tremento.

“Depois que você ajudou a me torturar? Depois de deixá-la quase me *matar?* ”

“Eu não ajudei a te tort...”

“Você certamente não a impediu! Você estava lá, e você só *assistiu*... ”

“O que eu poderia ter feito? O que...”

“Você poderia ter *tentado*, seu covarde!” eu grito tão alto que o meu rosto fica

quente e lágrimas saltam em meus olhos. ”Tentado, e não conseguido, porque você me

ama!”

Eu suspiro, apenas para tomar ar suficiente. Tudo o que ouço é o clique de teclas

enquanto Cara trabalha na tarefa em mãos. Caleb não parece ter uma resposta. Seu olhar

suplicante lentamente desaparece, substituído por um olhar vazio.

“Você não vai encontrar o que está procurando aqui,” diz ele. ”Ela não iria manter

esses arquivos importantes em computadores públicos. Isso seria ilógico.”

“Então ela não o destruiu?” Marcus diz.

Caleb balança a cabeça. ”Ela não acredita na destruição de informações. Apenas sua

contenção.”

“Bem, agradeço a Deus por isso,” diz Marcus. ”Onde é que ela a está mantendo?”

“Eu não vou dizer a você,” diz Caleb.

“Eu acho que sei,” eu digo. Caleb disse que não iria manter a informação em um

computador público. Então, ele deve querer dizer que ela mantém em um privado: ou em

seu escritório ou em um laboratório do qual Tori me falou.

Caleb não olha para mim.

Marcus pega o revólver de Caleb e o coloca em sua mão de forma que a coronha da

arma se projete a partir de seu punho. Então ele oscila, atingindo Caleb sob a mandíbula.

Os olhos de Caleb revertem, e ele cai no chão.

Eu não quero saber como Marcus aperfeiçoou essa manobra.

“Nós não podemos deixá-lo correr para dizer a alguém o que estamos fazendo,” diz

Marcus. ”Vamos. Cara pode cuidar do resto, certo?”

Cara acena sem olhar para cima de seu computador. Com uma sensação de mal

estar no estômago, eu sigo Marcus e Christina fora da sala de controle e para as escadas.

O corredor agora está vazio. Há pedaços de papel e pegadas na telha. Marcus,

Christina e eu corremos em uma linha para a escada. Eu fico olhando para a parte de trás

de sua cabeça, onde a forma de seu crânio aparece através de seu cabelo.

Tudo o que posso ver quando olho para ele é um cinto balançando para Tobias, e a

ponta de uma arma batendo no queixo de Caleb. Eu não me importo que ele tenha

machucado Caleb—eu teria feito também—mas que ele seja, simultaneamente, um homem

que sabe como machucar as pessoas e um homem que desfila como um líder discreto da

Abnegação, de repente, me deixa tão irada que eu não consigo ver direito.

Especialmente porque eu o escolhi. Eu *o escolhi* ao invés de Tobias.

“Seu irmão é um traidor,” diz Marcus enquanto vira uma esquina. ”Ele merecia

pior. Não há necessidade de olhar para mim desse jeito.”

“Cale a boca!” eu grito, empurrando-o com força contra a parede. Ele está muito

surpreso para empurrar de volta. ”Eu te odeio, você sabe disso! Eu te odeio pelo que você

fez para ele, e eu *não* estou falando de Caleb.” Eu me inclino perto de seu rosto e sussurro:

“E mesmo que eu não atire em você, eu definitivamente não vou ajudá-lo se alguém tentar

matá-lo, então é melhor esperar que Deus não entre nessa situação.”

Ele me olha, aparentemente indiferente. Eu o libero e começo de novo em direção à

escada, Christina nos meus calcanhares, Marcus alguns passos para trás.

“Para onde vamos?” diz ela.

“Caleb disse que o que estamos procurando não está em um computador público,

por isso tem que estar em um particular. Tanto quanto eu sei, Jeanine tem apenas dois

computadores particulares, um em seu escritório e um em seu laboratório,” eu digo.

“Então, o que é que vamos fazer?”

“Tori me disse que havia medidas de segurança insanas protegendo o laboratório

de Jeanine,” eu digo. ”E eu fui ao seu escritório, é apenas outro aposento.”

“Então... Laboratório, então.”

“Último andar.”

Chegamos à porta da escada, e quando eu a empurro para abrir, um grupo da

Erudição, incluindo crianças, está correndo pelas escadas. Eu me apego ao corrimão e

forço meu caminho através deles com o cotovelo, não olhando para seus rostos, como se

eles não fossem humanos, apenas uma parede de massa para empurrar de lado.

Espero o fluxo parar, mas mais vem do patamar seguinte, um fluxo constante de

pessoas vestidas de azul em luz azul escura, os brancos de seus olhos brilhantes como

lâmpadas em contraste com todo o resto. Seus soluços aterrorizados ecoam na câmara de

cimento uma centena de vezes, os gritos dos demônios com olhos brilhantes.

Quando chegamos ao patamar no sétimo andar, a multidão afina, e então

desaparece. Eu corro com minhas mãos ao longo de meus braços para me livrar dos

fantasmas de cabelo, mangas e pele que me roçaram no caminho para cima. Eu posso ver o

topo das escadas de onde estamos.

Eu também vejo o corpo de um guarda, seu braço pendurado sobre a borda de uma

escada, e em pé sobre ele está um homem dos sem facção com um tapa-olho.

Edward.

“Olha quem é,” diz Edward. Ele está no topo de um lance curto, apenas sete

degraus de altura, e eu fico na parte inferior. O guarda traidor Destemor está entre nós,

com os olhos vidrados, uma mancha escura em seu peito, onde alguém—Edward —

provavelmente atirou.

“Essa é uma roupa estranha para alguém que supostamente despreza a Erudição,”

diz ele. ”Eu pensei que você deveria estar em casa, à espera de seu namorado para voltar

como um herói?”

“Como você deve ter percebido,” eu digo, andando um passo, “isso nunca ia

acontecer.”

A luz azul lança sombras sobre as depressões leves sob as maçãs do rosto de

Edward. Ele chega por trás dele.

Se ele está aqui, isso significa que Tori já está aqui em cima. O que significa que

Jeanine já poderia estar morta.

Eu sinto Christina se aproximar de mim, eu ouço suas respirações.

“Nós vamos passar por você,” eu digo, subindo mais um passo.

“Eu duvido disso,” ele responde. Ele pega sua arma. Eu me lanço para frente, sobre

o guarda caído. Ele atira, mas minhas mãos estão em volta do seu pulso, para

que ele não

dispare em linha reta.

Os meus ouvidos zumbem, e os meus pés se esforçam para se estabilizar nas costas

do guarda morto.

Christina soca acima da minha cabeça. Seus dedos se conectam com o nariz de

Edward. Eu não consigo me equilibrar em cima do corpo; então eu caio de joelhos,

cavando minhas unhas em seu pulso. Ele me joga para o lado e dispara novamente,

atingindo Christina na perna.

Ofegante, Christina tira sua arma e atira. A bala o acerta no flanco. Edward grita e

deixa cair a arma, lançando-se para frente. Ele cai em cima de mim, e eu bato minha

cabeça contra um dos degraus de cimento. O braço do guarda morto está preso embaixo

da minha coluna.

Marcus pega arma de Edward e aponta para nós dois.

“Levante-se, Tris,” diz ele. E Edward: “Você. Não se mova.”

Minha mão procura pelo canto do degrau e eu me espremo entre Edward e o

guarda morto. Edward empurra-se para uma posição sentada em cima do guarda —como

se ele fosse uma espécie de *almofada*— segurando seu lado com as duas mãos.

“Você está bem?” pergunto a Christina.

Seu rosto se contorce. *”Ahh.* Sim. Ele acertou o lado, não o osso.”

Eu me aproximo dela, para ajudá-la.

“Beatrice,” diz Marcus. ”Nós temos que deixá-la.”

“O que você quer dizer com *deixar*?” eu exijo. ”Nós não podemos ir! Algo terrível

pode acontecer!”

Marcus pressiona o dedo indicador em meu esterno, no espaço entre minha

clavícula, e inclina-se sobre mim.

“Ouça-me,” diz ele. ”Jeanine Matthews terá recuado para seu laboratório ao

primeiro sinal de ataque, porque é a sala mais segura deste edifício. E a qualquer

momento ela vai decidir que a Erudição está perdida e que é melhor apagar os dados do

que correr o risco de qualquer outro encontrá-lo, e esta nossa missão será inútil.”

E eu vou ter perdido todos: meus pais, Caleb, e, finalmente, Tobias, que nunca vai

me perdoar por trabalhar com seu pai, especialmente se eu não tiver como provar que

valeu a pena.

“Nós vamos deixar a sua amiga aqui.” Seu hálito cheira mal. ”E seguir em frente, a

menos que você prefira que eu vá sozinho.”

“Ele está certo,” diz Christina. ”Não há tempo. Eu vou ficar aqui e impedir que Ed

vá atrás de você.”

Concordo com a cabeça. Marcus tira o dedo, deixando um círculo de dor para

trás. Esfrego a dor e abro a porta. Eu olho para trás antes de atravessá-la, e Christina me dá

um sorriso triste, sua mão apertando a sua coxa.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

284

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

44

A próxima sala é mais como um corredor: é ampla, mas não profunda, com azulejos

azuis, paredes azuis, e um teto azul, tudo do mesmo tom. Tudo brilha, mas não posso

dizer de onde a luz está vindo.

No começo eu não vejo nenhuma porta, mas uma vez que meus olhos se ajustam ao

choque de cor, eu vejo um retângulo na parede à minha esquerda, e outro na parede à

minha direita. Apenas duas portas.

“Nós temos que nos dividir,” eu digo. ”Não temos tempo para experimentar cada

uma juntos.”

“Qual você quer?” Marcus diz.

“Direita,” eu digo. ”Espere, não. A da esquerda.”

“Tudo bem. Eu vou na da direita.”

“Se for eu a achar o computador,” digo, “o que devo procurar?”

“Se você encontrar o computador, você vai encontrar Jeanine. Eu suponho que você

sabe algumas maneiras de forçá-la a fazer o que você quer. Ela não está, afinal,

acostumada à dor,” ele diz.

Concordo com a cabeça. Nós andamos no mesmo ritmo em direção a nossas

respectivas porta. Um momento atrás, eu teria dito que a separação de Marcus seria um

alívio. Mas ir sozinha é o seu próprio fardo. E se eu não conseguir passar através das

medidas de segurança que Jeanine sem dúvida tem no local para impedir a entrada de

intrusos? E se, de alguma forma, se eu conseguir passar por elas, eu não conseguir

encontrar o arquivo certo?

Eu coloco minha mão na maçaneta da porta. Não parece haver uma tranca. Quando

Tori disse que havia medidas de segurança insanas, eu pensei que ela queria dizer

scanners de olho e senhas e bloqueios, mas até agora, tudo está aberto.

Por que isso me preocupa?

Abro a porta, e Marcus abre a sua. Nós compartilhamos uma olhada. Eu entro na

sala ao lado.

A sala, como o corredor, é azul, mas aqui está claro de onde a luz está vindo. Ela

brilha a partir do centro de cada painel, teto, piso e paredes.

Assim que a porta se fecha atrás de mim, eu ouço um barulho como uuma tranca

se

deslocando. Pego a maçaneta da porta de novo e empurro para baixo o máximo que eu

posso, mas ele não se move. Eu estou presa.

Pequenas luzes penetrantes vêm para mim de todos os ângulos. Minhas pálpebras

não são suficientes para bloqueá-las, então eu tenho que pressionar as palmas das mãos

sobre os meus olhos.

Eu ouço uma voz calma e feminina:

“Beatrice Prior, segunda geração. Facção de origem: Abnegação. Facção

selecionada: Destemor. Divergente confirmada.”

Como é que esta sala sabe quem eu sou?

E o que a *segunda geração* significa?

“Status: Intrusa.”

Eu ouço um clique, e puxo meus dedos apenas o suficiente para ver se as luzes

sumiram. Eles não sumiram, mas acessórios no teto soltam um vapor de spray

colorido. Instintivamente eu bato minha mão sobre a boca. Em questão de segundos eu

olho através de uma névoa azul. E então eu olho para o nada.

Agora estou na escuridão tão completa que quando eu seguro minha mão na frente

do meu nariz, eu não posso nem ver a sua silhueta. Eu deveria andar para frente e

procurar uma porta do outro lado da sala, mas eu tenho medo da mudança—quem sabe o

que poderia acontecer para mim aqui, se eu fizer?

Então as luzes se acendem, e eu estou na sala de treinamento Destemor, no círculo

em que usamos para treinar. Eu tenho tantas memórias dentro deste círculo, algumas

triunfantes, como bater em Molly, e algumas assombrosas—Peter me socando até eu cair

inconsciente. Eu faço uma careta, e o ar cheira a suor e a poeira.

Do outro lado do círculo há uma porta azul que não pertence ali. Eu faço uma

carranca para ela.

“Intrusa,” diz a voz, e agora parece que é Jeanine, mas poderia ser a minha

imaginação. ”Você tem cinco minutos para alcançar a porta azul antes de o veneno entrar

em ação.”

“O quê?”

Mas eu sei o que ela disse. Veneno. Cinco minutos. Eu não deveria estar surpresa,

este é um trabalho de Jeanine, tão vazio de consciência quanto ela é. Meu corpo

estremece,

e eu me pergunto se isso é o veneno, se o veneno já está fechando meu cérebro.

Foco. Eu não posso sair, eu tenho que seguir em frente, ou...

Ou nada. Eu tenho que seguir em frente.

Eu começo em direção à porta, e alguém aparece no meu caminho. Ela é pequena,

fina e loira, com olheiras sob seus olhos. Ela sou eu.

Um reflexo? Eu aceno para ela para ver se ela vai se espelhar em mim. Ela não faz.

“Olá,” eu digo. Ela não responde. Eu realmente não achei que ela faria.

O que é isso? Eu engulo em seco para estalar meus ouvidos, que se sentem como se

estivessem recheados com algodão. Se Jeanine projetou isto, provavelmente, é um teste de

inteligência ou lógica, o que significa que tenho quee pensar com clareza, o que significa

que tenho que me acalmar. Eu fecho as minhas mãos sobre o peito e pressiono para baixo,

esperando que a pressão me faça sentir segura, como um abraço.

Isso não acontece.

Eu passo para a direita para obter um melhor ângulo na porta, e minha cópia dá

saltos duplos para o lado, os sapatos raspando a sujeira, para bloquear meu caminho

novamente.

Eu acho que sei o que vai acontecer se eu for em direção à porta, mas tenho que

tentar. Eu começo a correr, com a intenção de desviar em torno dela, mas ela está pronta

para mim: ela agarra meu ombro ferido e me joga para o lado. Eu grito tão alto que

machuco a garganta; sinto como se facas estivessem apunhalando mais e mais no meu

lado direito. Quando eu começo a afundar de joelhos, ela me chuta no estômago e eu caio

no piso, inalando a poeira.

Isso, eu percebo quando eu agarro meu estômago, é exatamente o que eu teria feito

se estivesse na sua posição. O que significa que, a fim de derrotá-la, eu tenho que pensar

em uma maneira de derrotar a mim mesma. E como eu posso ser uma lutadora melhor do

que eu mesma, se ela conhece as mesmas estratégias que eu conheço, e é exatamente

engenhosa e inteligente como eu sou?

Ela caminha para mim novamente, então eu luto para ficar de pé e tento colocar de

lado a dor no meu ombro. Meu coração bate mais rápido. Eu quero dar um soco, mas ela

consegue primeiro. Eu desvio no último segundo, e seu punho bate no meu ouvido,

deixando-me sem equilíbrio.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

287

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Recuo alguns passos, na esperança de que ela não vai me perseguir, mas ela o

faz. Ela vem para mim de novo, desta vez agarrando meus ombros e me puxando para

baixo, em direção ao seu joelho dobrado.

Eu coloco minhas mãos para cima, entre meu estômago e seu joelho, e empurro tão

forte quanto posso. Ela não esperava isso; ela tropeça para trás, mas não cai.

Eu corro para ela , e quando o desejo de chutá-la desliza em minha mente, eu

percebo que é também *seu* desejo. Eu me desvio para longe de seu pé.

No segundo em que eu quero algo, ela também quer isso. Ela e eu só podemos

estar, na melhor das hipóteses, em um empate—mas eu preciso *ganhar* dela para passar

pela porta. Para sobreviver.

Eu tento pensar nisso, mas ela está vindo para mim de novo, sua testa frazida em

concentração. Ela agarra meu braço, e eu pego o dela, de modo que estamos agarrando

antebraço com antebraço.

Ao mesmo tempo, nós puxamos nossos cotovelos para trás e empurramos para

frente. Eu me inclino no último segundo, e esmago meu cotovelo em seus

dentes.

Nós duas gritamos. Sangue derrama sobre seu lábio, e corre no meu antebraço. Ela

range os dentes e grita, mergulhando em mim, mais forte do que eu esperava.

Seu peso me derruba. Ela me prende no chão com os joelhos e tenta dar um soco no

meu rosto, mas eu cruzo os braços na frente de mim. Seus punhos batem em meus braços

em vez disso, cada um como uma pedra atingindo minha pele.

Com uma exalação pesada, pego em um de seus pulsos, e noto que os pontos estão

dançando nos cantos dos meus olhos. *Veneno.*

Foco.

Enquanto ela luta para libertar-se, eu trago meu joelho até o peito. Então, eu

empurro, grunhindo com o esforço, até que eu possa pressionar meu pé em seu

estômago. Eu a chuto, meu rosto fervendo quente.

O quebra-cabeça lógico: Em uma luta entre dois iguais perfeitos, como um pode

ganhar?

A resposta: não pode.

Ela fica de pé e limpa o sangue do lábio.

Por isso: não devemos ser perfeitamente iguais. Então, qual a diferença entre nós?

Ela anda em direção a mim de novo, mas eu preciso de mais tempo para pensar,

então, para cada passo que ela toma a frente, eu vou para trás. A sala balança, e depois

torce, e eu dou uma guinada para o lado, escovando meus dedos no chão para me

equilibrar.

Qua a diferença entre nós? Nós temos a mesma massa, nível de habilidade, padrões

de pensamento...

Eu vejo a porta por cima do ombro, e percebo: Nós temos objetivos diferentes. Eu

tenho que passar por aquela porta. Ela tem que protegê-la. Mas, mesmo em uma

simulação, não há nenhuma maneira dela estar tão desesperada como eu estou.

Eu corro em direção à borda do círculo, onde há uma mesa. Um momento atrás, ela

estava vazia, mas eu sei as regras das simulações e como controlá-las. Uma arma aparece

assim que eu penso que apareça.

Eu bato na mesa, as manchas dificultando minha visão. Eu nem sinto dor quando

colido com ela. Eu sinto meu coração batendo em meu rosto, como se meu coração tivesse

se soltado de suas amarras em meu peito e começasse a migrar para o meu

cérebro.

Do outro lado da sala, uma arma aparece no chão antes do meu salto duplo. Nós

duas alcançamos nossas armas.

Eu sinto o peso da arma, e sua suavidade, e eu a esqueço; esqueço o veneno;

esqueço tudo.

Minha garganta aperta, e eu sinto como se houvesse uma mão em torno dela,

apertando. Minha cabeça lateja pela súbita perda de ar, e eu sinto meu coração em todos

os lugares, em todos os lugares.

Do outro lado da sala, não é mais minha cópia entre eu e meu objetivo; é Will. *Não,*

não. Não pode ser Will. Eu me forço a respirar, o veneno está cortardo o oxigênio para o

cérebro. Ele é apenas uma alucinação dentro de uma simulação. Eu exalo um soluço.

Por um momento, eu vejo a minha cópia novamente, segurando a arma, mas

visivelmente trêmula, a arma tão longe de seu corpo quanto ela pode segurá-la. Ela é tão

fraca como eu sou. Não, não tão fraca, porque ela não está ficando cega e perdendo ar, mas

quase tão fraca, quase.

Então Will está de volta, com os olhos mortos da simulação, seu cabelo como um

halo amarelo ao redor de sua cabeça. Edifícios de tijolos aparecem em cada lado, mas atrás

dele está a porta, a porta que me separa do meu pai e do meu irmão.

Não, não, é a porta que me separa de Jeanine e meu objetivo.

Eu tenho que passar por aquela porta. Eu *tenho.*

Eu levanto a arma, embora doa meu ombro para fazê-lo, e enrolo uma mão ao redor

da outra para segurá-la.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

289

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Eu...” Eu sufoco, e lágrimas mancham minhas bochechas, correm em minha boca.

Eu sinto o gosto de sal. ”Eu sinto muito.”

E eu faço uma coisa que a minha cópia é incapaz de fazer, porque ela não está

desesperada o suficiente.

Eu disparo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

290

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

45

Eu não o vejo emorrer de novo.

Eu fecho meus olhos no momento que aperto o gatilho, e quando eu os abro, é a

outra Tris que se encontra na terra entre as manchas escuras da minha visão; sou eu.

Eu largo a arma e corro em direção à porta, quase tropeçando sobre ela. Eu jogo

meu corpo contra a porta, giro a maçaneta, e empurro. Minhas mãos estão dormentes, eu

pressiono-as e fecho atrás de mim, e balanço para recuperar a sensação.

A sala seguinte é duas vezes maior que a primeira, e também é iluminada de azul,

mas mais claro. Uma grande mesa fica no meio, e coladas nas paredes estão fotografias,

diagramas e listas.

Eu respiro fundo, e minha visão começa a clarear, a minha frequência cardíaca

voltando ao normal. Entre as fotografias nas paredes, eu reconheço o meu próprio rosto, e

os de Tobias, de Marcus e Uriah. Uma longa lista do que parecem ser produtos químicos

está postada na parede ao lado de nossas fotos. Cada um está cruzado com marcador

vermelho. Este deve ser o lugar onde Jeanine desenvolve os soros de simulação.

Eu ouço vozes em algum lugar à minha frente, e me repreendo. *O que você está*

fazendo? Depressa!

“O nome do meu irmão,” eu ouço. “Eu quero ouvir você dizer isso.”

É a voz de Tori.

Como ela passou por essa simulação? Ela é Divergente também?

“Eu não o matei,” diz a voz de Jeanine.

“Você acha que isso a exonera? Você acha que isso significa que não merece

morrer?”

Tori não está gritando, mas lamentando, toda a sua dor escapando através de sua

boca. Eu ando em direção à porta. Muito rapidamente eu tenho que parar, porém, porque

meu quadril bate no canto da mesa no meio da sala, e eu tenho que parar, estremecendo.

“As razões para as minhas ações estão além de sua compreensão,” Jeanine diz. “Eu

estava disposta a fazer um sacrifício pelo bem maior, algo que você nunca entendeu, nem

mesmo quando erámos colegas de classe!”

Eu manco em direção à porta, que é um painel de vidro fosco. Ela desliza para trás

para admitir-me, e eu vejo Jeanine, pressionada contra uma parede, com Tori de pé a

alguns metros de distância, a arma apontando para ela.

Atrás delas está uma mesa de vidro com uma caixa prateada—um computador—e

um teclado. A parede contrária está coberta com uma tela de computador.

Jeanine olha para mim, mas Tori não se move um centímetro; não parece me ouvir.

Seu rosto está vermelho de lágrimas, e sua mão treme.

Eu não tenho nenhuma confiança de que eu possa encontrar o arquivo de vídeo. Se

Jeanine está aqui, eu posso fazê-la encontrá-lo para mim, mas se ela estiver morta...

“Não!” eu grito. “Tori, não!”

Mas seu dedo já apertou o gatilho. Eu me lanço para ela tão forte quanto eu posso,

meus braços batendo em sua lateral. A arma dispara, e eu ouço um grito.

Minha cabeça bate no chão. Eu ignoro as estrelas nos meus olhos e me jogo através

de Tori. Jogo a arma para frente e ela desliza para longe de nós.

Por que você não a agarrou, sua idiota?!

O punho de Tori se conecta com o lado da minha garganta. Eu sufoco, e ela usa a

oportunidade para me jogar para longe, para se arrastar em direção à arma.

Jeanine está caída contra a parede, sangue escorre de sua perna. *Perna!* Eu me

lembro, e soco Tori forte perto do ferimento de bala na coxa. Ela grita, e eu me levanto.

Eu dou um passo em direçao à arma, mas Tori é muito rápida. Ela envolve seus

braços em volta dos meus pés e puxa-os debaixo de mim. Meus joelhos batem no chão,

mas eu ainda estou em cima dela; soco para baixo, em sua caixa torácica.

Ela geme, mas não a detém, e quanto eu me arrasto para a arma, ela afunda seus

dentes em minha mão. É uma dor diferente de que qualquer golpe que eu já recebi,

diferente até mesmo de uma ferida de bala. Eu grito mais alto do que eu pensava ser

possível, lágrimas obscurecem minha visão.

Eu não vim até aqui para deixar Tori atirar em Jeanine antes que eu tenha

conseguido o que eu preciso.

Eu arranco a minha mão por entre os dentes, minha visão escurece nas bordas, e

com uma guinada, fecho minha mão em torno da arma. Eu viro, e aponto para Tori.

Minha mão. Minha mão está coberta do meu sangue, e no queixo de Tori. Eu

escondo minha mão da vista para que seja mais fácil ignorar a dor e levantar-me, ainda

apontando a arma para ela.

“Não acredito que você é uma traidora, Tris,” diz ela, e parece mais um grunhido,

nenhum som que qualquer ser humano pode fazer.

“Eu não sou,” eu digo. Eu pisco as lágrimas do meu rosto para que eu possa vê-la

melhor. “Eu não posso explicar isso agora, mas... Tudo o que estou pedindo é que você

confie em mim, por favor. Há algo importante, algo que só ela sabe a localização...”

“Isso mesmo!” diz Jeanine. “Está *naquele* computador, Beatrice, e só eu posso

localizá-la. Se você não me ajudar a sobreviver a isso, vai morrer comigo.”

“Ela é uma mentirosa,” diz Tori. “Uma *mentirosa*, e se você acredita nela, você é

uma idiota e uma traidora, Tris!”

“Eu acredito nela,” eu digo. “Eu acredito nela, porque faz perfeito sentido! A

informação mais confidencial que existe e está escondida *naquele computador*, Tori!” Eu

respiro profundamente, e abaixo minha voz. “Por favor, me escute. Eu a odeio tanto

quanto você. Não tenho nenhuma razão para defendê-la. Estou dizendo a verdade. Isto é

importante.”

Tori está silenciosa. Eu acho que, por um momento, eu ganhei, eu a persuadi. Mas,

então, ela diz, “Nada é mais importante do que a morte.”

“Se é nisso que você insiste em acreditar,” eu digo: “Eu não posso te ajudar. Mas eu

também não vou deixar você matá-la.”

Tori fica de joelhos, e limpa o sangue do seu queixo. Ela olha nos meus olhos.

“Eu sou uma líder Destemor,” diz ela. “Você não pode decidir o que eu faço.”

E antes que eu possa pensar...

Antes que eu possa sequer pensar em disparar a arma que estou segurando...

Ela puxa uma longa faca do lado de sua bota, e esfaqueia Jeanine no estômago.

Eu grito. Jeanine libera um grito—um som horrível de gorgojeio, o som da morte.

Eu vejo os dentes cerrados de Tori, escuto-a murmurar o nome de seu irmão —“Jonathan

Wu”—e depois eu assisto a faca ir novamente.

E os olhos de Jeanine ficam vidrados.

46

Tori tem um olhar selvagem em seus olhos, e vira para mim.

Eu me sinto dormente.

Todos os riscos que tomei para chegar aqui—conspirar com Marcus, pedindo que a

Erudição ajudasse, rastejando através de uma escada três andares acima, atirando em mim

mesma em uma simulação—e todos os sacrifícios que fiz—minha relação com Tobias, a

vida de Fernando, a minha posição entre o Destemor—para nada.

Nada.

Um momento depois, a porta de vidro se abre outra vez. Tobias e Uriah entram

como uma tempestade para lutar uma batalha—Uriah tosse, provavelmente por causa do

veneno—mas a batalha está terminada. Jeanine está morta, Tori está triunfante, e eu sou

uma traidora Destemor.

Tobias para no meio de um passo, quase tropeçando em seus pés, quando me vê.

Seus olhos se abrem mais.

“Ela é uma traidora,” diz Tori. “Ela quase atirou em mim para defender Jeanine.”

“O quê?” diz Uriah. “Tris, o que está acontecendo? Ela está certa? Por que você

ainda está aqui?”

Mas eu apenas olho para Tobias. Um raio de esperança perfura-me, estranhamente

doloroso, quando combinado com a culpa que sinto como eu me enganei. Tobias é teimoso

e orgulhoso, mas ele é meu—talvez ele vá ouvir, talvez haja uma chance de que tudo o que

eu fiz não foi em vão...

“Você sabe por que estou aqui,” eu digo baixinho. “Não sabe?”

Eu estendo a arma de Tori. Ele anda para frente, um pouco instável em seus pés, e

toma-a.

“Nós encontramos Marcus no próximo quarto, preso em uma simulação,” Tobias

diz. “Você veio aqui com ele.”

“Sim, eu vim,” eu digo, o sangue da mordida de Tori escorrendo pelo meu braço.

“Eu confiei em você,” diz ele, seu corpo tremendo de raiva. “Eu *confiei* em você e

você me abandonou para trabalhar com *ele*?”

“Não.” Eu balanço minha cabeça. “Ele me disse uma coisa, e tudo o que meu irmão

disse, tudo que Jeanine disse enquanto eu estava na sede da Erudição, encaixa

perfeitamente com o que ele me disse. E eu queria—eu *precisava* saber a verdade.”

“A verdade.” Ele bufa. “Você acha que aprendeu a *verdade* de um mentiroso, um

traidor, e um sociopata?”

“A verdade?” diz Tori. “Do que você está falando?”

Tobias e eu olhamos um paro o outro. Seus olhos azuis, geralmente tão pensativos,

agora estão duros e críticos, como se eles estivessem retirando camada após camada de

mim, procurando em cada uma.

“Eu acho,” eu digo. Eu tenho que fazer uma pausa e tomar fôlego, porque tenho

certeza que não o convenci, eu falhei, e isso é, provavelmente, a última coisa que vão me

deixar dizer antes de me prender.

“Eu acho que *você* é o mentiroso!” eu digo, minha voz tremendo. “Você diz que me

ama, que confia em mim, que acha que eu sou mais perceptiva do que a maioria das

pessoas. E no primeiro segundo que essa crença na minha percepção, essa confiança, esse

amor é colocado à prova, tudo desmorona.” Eu estou chorando agora, mas eu não me

envergonho das lágrimas brilhando em meu rosto ou na minha voz grossa. “Então você

deve ter mentido quando me disse todas essas coisas... Você deve ter, porque eu não posso

acreditar que seu amor é realmente tão fraco.”

Eu caminho mais perto dele, de modo que há apenas alguns centímetros entre nós,

e nenhum dos outros podem me ouvir.

“Eu ainda sou a pessoa que teria morrido ao invés de matá-lo,” eu digo, lembrando-

me da simulação de ataque e a sensação de seu batimento cardíaco sob a minha mão. “Eu

sou exatamente quem você acha que eu sou. E agora, eu estou dizendo a você que eu sei...

Eu *sei* que esta informação vai mudar tudo. Tudo o que temos feito, e tudo o que estamos

prestes a fazer.”

Eu fico olhando para ele como se eu pudesse comunicar a verdade com os meus

olhos, mas é impossível. Ele olha para o lado, e eu não tenho certeza que ele ouviu o que

eu disse.

“Chega disso,” diz Tori. “Leve-a para baixo. Ela vai ser julgada juntamente com

todos os outros criminosos de guerra.”

Tobias não se move. Uriah toma o meu braço e me leva, através do laboratório,

através da Sala da Luz, através do corredor azul. Therese dos sem facção reúne-se a nós,

olhando-me com curiosidade.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

Uma vez que estamos na escada, eu sinto algo cutucar meu lado. Quando eu olho

para trás, eu vejo um chumaço de gaze na mão de Uriah. Eu pego, tentando dar-lhe um

sorriso grato e falhando.

À medida que descemos as escadas, eu embrulho a gaze firmemente em torno de

minha mão, evitando os corpos sem olhar seus rostos. Uriah segura meu cotovelo para

evitar que eu caia. A gaze não ajuda com a dor da picada, mas isso me faz sentir um pouco

melhor, e assim o fato de que Uriah, pelo menos, não parece me odiar.

Pela primeira vez, o desrespeito do Destemor à idade não parece ser uma

oportunidade. Parece ser a coisa que vai me condenar. Eles não vão dizer, *mas ela é jovem,*

ela deve ter estado confusa. Eles vão dizer: *Ela é uma adulta, e ela fez sua escolha.*

Claro que eu concordo com eles. Eu fiz a minha escolha. Eu escolhi minha mãe e

meu pai, e pelo que eles lutaram.

Descer as escadas é mais fácil do que subir. Chegamos ao quinto nível antes de eu

perceber que estamos indo para o átrio.

“Dê-me a sua arma, Uriah,” diz Therese. “Alguém precisa ser capaz de atirar nos

agressores potenciais, e você não pode fazer isso se estiver impedindo-a de cair da

escada.”

Uriah entrega sua arma sem duvidar. Eu encaro—Therese já *tem* uma arma, então

por que importa que ele desse a dele? Mas eu não pergunto. Eu estou em problemas

suficientes como estou.

Chegamos ao piso inferior e passamos por uma grande sala de reuniões cheia de

pessoas vestidas de preto e branco. Faço uma pausa por um momento para observá-los.

Alguns deles estão reunidos em pequenos grupos, apoiando uns aos outros, lágrimas

riscando seus rostos. Outros estão sozinhos, inclinando-se contra as paredes ou sentados

nos cantos, seus olhos vazios ou olhando para algo que está longe.

“Tivemos de matar tantos,” Uriah resmunga, apertando meu braço. “Só para entrar

no edifício, tínhamos que fazer.”

“Eu sei,” eu digo.

Vejo a irmã de Christina e sua mãe agarradas juntas ao lado direito da sala. E, do

lado esquerdo, um jovem homem com cabelo escuro que brilha na luz fluorescente—Peter.

Sua mão está sobre o ombro de uma mulher de meia-idade que eu reconheço

como sua

mãe.

“O que ele está fazendo aqui?” eu digo.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

296

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“O covarde veio depois, quando todo o trabalho já tinha sido feito,” Uriah diz. “Eu

ouvi que o pai dele está morto. Embora pareça que sua mãe está bem.”

Peter olha por cima do ombro, e seu olhar encontra o meu, só por um segundo.

Nesse segundo tento chamar um pouco de piedade pela pessoa que salvou minha vida.

Mas, enquanto o ódio que eu tinha por ele uma vez se foi, eu ainda não sinto nada.

“Por que a demora?” Therese pergunta. “Continue caminhando.”

Nós andamos passando pela sala de reunião para o lobby principal, onde eu uma

vez abraçei Caleb. O retrato gigante de Jeanine está em pedaços no chão. A fumaça que

paira no ar é condensada em torno das estantes, que estão queimadas até as cinzas. Todos

os computadores estão em pedaços, espalhados pelo chão.

Sentados em filas no centro da sala estão alguns dos Eruditos que não fugiram, e os

traidores Destemor que sobreviveram. Eu procuro rostos familiares. Acho Caleb lá trás,

parecendo atordoado. Eu desvio o olhar.

“Tris!” eu ouço. Christina fica perto da frente, ao lado de Cara, sua perna

embrulhada com tecido. Ela acena para mim, e eu me sento ao lado dela.

“Nenhum sucesso?” diz ela em voz baixa.

Eu balanço minha cabeça.

Ela suspira, e coloca o braço em torno de mim. O gesto é tão confortável que quase

começo a chorar. Mas Christina e eu não somos pessoas que choram juntas, somos pessoas

que lutam juntas. Então eu seguro minhas lágrimas.

“Eu vi sua mãe e sua irmã na sala ao lado,” eu digo.

“Sim, eu também,” diz ela. “Minha família está bem.”

“Bom,” eu digo. “Como está a sua perna?”

“Bem. Cara disse que vai ficar bem, e não está sangrando muito. Uma das

enfermeiras da Erudição encheu seus bolsos de gaze e analgésicos antes de a trazerem

aqui, então também não dói muito,” diz ela. Ao lado dela, Cara está examinando o braço

de outra da Erudição. “Onde está o Marcus?”

“Não sei,” eu digo. “Tivemos que nos separar. Ele deveria estar aqui. A menos que

eles o mataram ou algo assim.”

“Eu honestamente não ficaria tão surpresa,” diz ela.

A sala fica caótica por um tempo—pessoas correndo para dentro e para fora

novamente, nossos guardas sem facção trocando lugares, novas pessoas em azul Erudição

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

297

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

sendo trazidas para sentarem-se entre nós—mas gradualmente tudo fica mais tranquilo, e

então eu o vejo. Tobias, andando pela porta da escada.

Eu mordo meu lábio forte para tentar não pensar, tentar não pensar na sensação fria

que envolve meu peito e no peso que paira sobre a minha cabeça. Ele me odeia. Ele não

acredita em mim.

Christina me abraça mais apertado quando ele passa por nós, sem sequer olhar para

mim. Eu observo por cima do meu ombro. Ele para ao lado de Caleb, pega seu braço, e o

puxa em pé. Caleb se contorce por um segundo, mas ele não é tão forte como Tobias e não

pode fugir.

“O quê?” Caleb diz, em pânico. “O que você quer?”

“Eu quero que você desarme o sistema de segurança do laboratório de Jeanine,”

Tobias diz sem olhar para trás. “Para que os sem facção possam acessar o computador.”

E destruí-lo, eu penso, e se é possível, meu coração se torna ainda mais pesado.

Tobias e Caleb desaparecem pela escada de novo.

Christina cai contra mim, e eu caio contra ela, então apoiamos uma à outra.

“Jeanine ativou todos os transmissores Destemor, você sabe,” Christina diz. “Um

grupo dos sem facção foi emboscado esta tarde por Destemor controlados pela simulação,

saindo tarde do setor da Abnegação cerca de dez minutos atrás. Eu acho que os sem facção

venceram, embora eu não sei como você chama de vencer disparar em um monte de

pessoas com morte cerebral.”

“Sim.” Não há muito mais a dizer. Ela parece perceber isso.

“O que aconteceu depois que eu comecei atirar?” diz ela.

Eu descrevo o corredor azul com duas portas, e a simulação que seguiu, do

momento que eu reconheci a sala de treinamento Destemor ao momento que eu atirei. Eu

não conto a ela sobre a alucinação com Will.

“Espere,” diz ela. “Foi uma simulação? Sem um transmissor?”

Eu franzo a testa. Não tinha me preocupado em pensar sobre isso. Especialmente na

hora. “Se o laboratório reconhece as pessoas, talvez ele também saiba os dados

sobre

todos, e pode apresentar um ambiente simulado correspondente, dependendo da sua

facção.”

Não importa, agora, descobrir como Jeanine configurou a segurança em seu

laboratório, de todas as coisas. Mas me sinto bem por ter algo em que pensar, um novo

problema para resolver, agora que não consegui resolver o mais importante.

Christina senta-se reto. Talvez ela se sinta da mesma forma.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

298

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Ou o veneno de alguma forma contém um transmissor.”

Eu não tinha pensado nisso.

“Mas como é que Tori passou por isso? Ela não é Divergente.”

Eu inclino minha cabeça. “Eu não sei.”

Talvez ela seja, eu penso. Seu irmão era, e depois do que aconteceu com ele, ela

poderia nunca admitir, não importa quão aceitável se torne.

As pessoas, eu descobri, são camadas e camadas de segredos. Você acredita que as

conhece, que as entende, mas seus motivos estão sempre escondidos de você, enterrados

em seus próprios corações. Você nunca vai conhecê-las, mas às vezes você decide confiar

nelas.

“O que você acha que eles farão com a gente quando nos considerarem culpadas?”

diz ela, depois que alguns minutos de silêncio se passaram.

“Honestamente?”

“Agora parece ser hora de honestidade?”

Eu olho para ela pelo canto do meu olho. “Eu acho que eles nos forçarão a comer

montes de bolo e depois dar uma soneca injustificadamente longa.”

Ela ri. Eu tento não rir—se eu começar a rir, vou começar a chorar também.

Eu ouço um grito, e olho em torno da multidão para ver de onde veio.

“Lynn!” o grito veio de Uriah. Ele corre em direção à porta, onde dois Destemidos

estão levando Lynn em uma maca improvisada, feita do que parece ser uma prateleira de

estante. Ela está pálida—muito pálida—e suas mãos estão dobradas sobre seu estômago.

Eu levanto e começo a andar para ela, mas algumas armas dos sem facção me

impedem de ir muito mais longe. Eu abaixo minhas mãos e fico parada, observando.

Uriah anda em torno da multidão de criminosos de guerra e aponta para uma

mulher da Erudição de aparência severa e cabelos grisalhos. “Você. Venha aqui.”

A mulher levanta e passa a mão em suas calças. Ela anda, rápido, para a borda da multidão sentada e olha com expectativa para Uriah.

“Você é médica, certo?” ele diz.

“Eu sou, sim,” diz ela.

“Então conserte-a!” Ele faz uma carranca. “Ela está ferida.”

A médica se aproxima de Lynne e pede aos dois Destemidos para abaixá-la. Eles o fazem, e ela se agacha sobre a maca.

“Minha cara,” diz ela. “Por favor, tire as mãos da sua ferida.”

“Eu não posso,” lamenta Lynn. “Dói.”

“Estou ciente de que dói,” a médica diz. “Mas não vou ser capaz de avaliar sua ferida, se você não mostrá-la para mim.”

Uriah se ajoelha em frente à médica e ajuda a tirar as mãos de Lynn de seu estômago. A médica tira a camisa de Lynn de seu estômago. O ferimento de bala em si é apenas um círculo vermelho na pele de Lynn, mas em torno dele há o que parece ser um hematoma. Eu nunca vi uma contusão tão escura.

A médica franze os lábios, e eu sei que Lynn está praticamente morta.

“Conserte-a!” diz Uriah. “Você pode consertá-la, então faça!”

“Pelo contrário,” a médica diz, olhando para ele. “Porque voês incendiaram os andares do hospital desse prédio, eu não posso consertá-la.”

“Há outros hospitais!” diz ele, quase gritando. “Você pode conseguir coisas de lá e curá-la!”

“Sua condição é muito avançada,” diz a médica, sua voz baixa. “Se vocês não tivessem insistido em queimar tudo em seu caminho, eu poderia ter tentado, mas como está a situação, tentar seria inútil.”

“Cale-se!” diz ele, apontando a arma para o peito da médica. “Não fui eu quem queimou seu hospital! Ela é minha amiga, e eu... eu só...”

“Uri,” diz Lynn. “Cale-se. É muito tarde.”

Uriah deixa sua arma cair com ruído no chão e pega a mão de Lynn, seu lábio trêmulo.

“Eu sou amiga dela, também,” eu digo aos sem facção com armas apontando para mim. “Podem, pelo menos, mirar em mim lá?”

Eles me deixam passar, e eu corro para o lado de Lynn, segurando sua mão livre, que está pegajosa com sangue. Eu ignoro as armas apontadas para a minha cabeça e me concentro no rosto de Lynn, que agora está amarelado em vez de branco.

Ela não parece me notar. Ela se concentra em Uriah.

“Estou feliz por não morrer enquanto estava sob a simulação,” diz ela fracamente.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

300

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você não vai morrer agora,” diz ele.

“Não seja estúpido,” diz ela. “Uri, ouça. Eu a amava também. Eu amava.”

“Você amava quem?” ele diz, sua voz quebrando.

“Marlene,” diz Lynn.

“Sim, todos nós amávamos Marlene,” diz ele.

“Não, não é isso que eu quero dizer.” Ela balança a cabeça.

Ela fecha os olhos. Ainda assim, demora alguns minutos antes de sua mão ficar

mole na minha. Eu a guio para seu estômago, e então pego sua outra mão de Uriah e faço

o mesmo. Ele limpa os olhos antes que suas lágrimas possam cair. Nossos olhos se

encontram sobre seu corpo.

“Você deve dizer a Shauna,” eu digo. “E Hector.”

“Certo.” Ele funga e pressiona a palma da mão para o rosto de Lynn. Eu me

pergunto se seu rosto ainda está quente. Eu não quero tocá-la e descobrir que ele não está.

Eu levanto e caminho de volta para Christina.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

301

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

47

Minha mente continua puxando-me para minhas memórias de Lynn, em uma

tentativa de me convencer de que ela realmente se foi, mas eu afasto os flashes curtos

quando eles vêm. Algum dia eu vou parar de fazer isso, se eu não for executada como

traidora, ou o que quer que seja que os nossos novos líderes têm planejado. Mas agora eu

luto para manter minha mente em branco, para fingir que esta sala é tudo o que já existiu e

tudo que jamais vai existir. Não deveria ser fácil, mas é. Eu aprendi a defender-me da dor.

Tori e Harrison vêm para o lobby depois de um tempo, Tori mancando para uma

cadeira—eu quase esqueci o ferimento de bala dela novamente; ela estava tão ágil quando

matou Jeanine—e Harrison seguindo-a.

Atrás de ambos está um Destemido com o corpo de Jeanine jogado sobre seu

ombro. Ele a joga como uma pedra em uma mesa na frente das fileiras de Erudição e

traidores Destemor.

Atrás de mim eu ouço suspiros e resmungos, mas não choro. Jeanine não era o tipo

de líder pelo qual as pessoas choram.

Olho seu corpo, que parece muito menor na morte do que era em vida. Ela é apenas

alguns centímetros mais alta do que eu, seu cabelo apenas um tom mais escuro. Ela parece

estar calma agora, quase pacífica. Eu tenho dificuldade de conectar este corpo com a

mulher que eu conhecia, a mulher sem consciência.

E até mesmo ela era mais complicada do que eu pensava, mantendo um segredo

que ela achava que era terrível demais para revelar, por um hediondo e retorcido instinto

de proteção.

Johanna Reyes entra no lobby, encharcada até os ossos de toda a chuva, a roupa

vermelha manchada com um vermelho mais escuro. Os sem facção a seguem, mas ela não

parece notá-los ou as armas que eles carregam.

“Olá,” ela diz para Harrison e Tori. “O que é que você quer?”

“Eu não sabia que a líder da Amizade seria tão brusca,” diz Tori com um sorriso

irônico. “Não é contra o seu manifesto?”

“Se você fosse realmente familiarizada com os costumes da Amizade, saberia que

eles não têm um líder formal,” diz Johanna, sua voz suave ao mesmo tempo e firme. “Mas

eu não sou mais a representante da Amizade. Renunciei para vir aqui.”

“Sim, eu vi você e seu pequeno grupo de soldados, ficando no caminho de todos,”

diz Tori.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

302

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Sim, isso foi intencional,” responde Johanna. “Já que ficar no caminho significava

estar entre armas e inocentes, e salvou um grande número de vidas.”

Cor enche suas bochechas, e eu penso mais uma vez: que Johanna Reyes pode ainda

ser bonita. Só que agora eu acho que ela não é apenas bonita, apesar da cicatriz, ela é de

alguma forma bonita *com* ela, como Lynn com seu cabelo raspado, como Tobias com as

memórias de crueldade de seu pai que ele usa como uma armadura, como a minha mãe

em suas roupas cinza simples.

“Já que você é ainda muito generosa,” diz Tori, “Eu me pergunto se você pode levar

uma mensagem de volta para a Amizade.”

“Eu não me sinto confortável deixando você e seu exército para distribuir justiça

como acharem melhor,” diz Johanna, “mas eu certamente vou enviar alguém para

Amizade com uma mensagem.”

“Tudo bem,” diz Tori. “Diga a eles que um novo sistema político em breve será

formado, o qual irá excluí-los da representação. Isso, acreditamos, é o seu justo castigo por

não escolher um lado neste conflito. Eles serão, é claro, obrigados a continuar a produzir e

entregar alimentos para a cidade, mas estarão sob a supervisão de uma das principais

facções.”

Por um segundo, eu acho que Johanna poderia lançar-se a Tori e estrangulá-la. Mas

ela segura a si mesma mais ereta e diz: “Isso é tudo?”

“Sim.”

“Tudo bem,” diz ela. “Eu vou fazer algo útil. Suponho que você não permitiria que

alguns de nós entrássemos aqui e atendêssemos *esses* feridos?”

Tori dá-lhe um olhar.

“Imaginei que não,” diz Johanna. “Mas lembre-se, porém, que às vezes, as pessoas

que você oprime são mais poderosas do que você gostaria.”

Ela se vira e sai do átrio.

Algo em suas palavras me bate. Tenho certeza de que ela queria dizer-lhes como

uma ameaça, e uma fraca, mas ressoa em minha cabeça como se fosse algo mais —como se

ela pudesse facilmente não ter falado sobre a Amizade, mas sobre outro grupo de

oprimidos. Os sem facção.

E quando eu olho ao redor da sala, para cada soldado Destemor e cada soldado sem

facção, eu começo a ver um padrão.

“Christina,” eu digo. “Os sem facção têm todas as armas.”

Ela olha em volta, e depois para mim, franzindo a testa.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

303

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

Em minha mente eu vejo Therese tomar a arma de Uriah, quando ela já tinha uma.

Vejo a boca de Tobias pressionada em uma linha quando perguntei a ele sobre a aliança

Destemor-sem facção, escondendo alguma coisa.

Então Evelyn emerge no lobby, sua postura majestosa, como uma rainha voltando

para seu reino. Tobias não a segue. *Onde ele está?*

Evelyn fica atrás da mesa onde o corpo de Jeanine Matthews está. Edward manca

para o lobby atrás dela. Evelyn pega uma arma, aponta para o retrato caído de Jeanine, e

atira.

Um silêncio cai sobre a sala. Evelyn solta a arma sobre a mesa, ao lado da

cabeça de

Jeanine.

“Obrigada,” diz ela. “Eu sei que todos estão querendo saber o que vai acontecer,

por isso estou aqui para dizer a vocês.”

Tori senta-se reta em sua cadeira e inclina-se para Evelyn, como se quisesse dizer

alguma coisa. Mas Evelyn não presta nenhuma atenção.

“O sistema de facção que sempre se apoiou nas costas dos seres humanos

descartados será dissolvido imediatamente,” diz Evelyn. “Nós sabemos que esta transição

vai ser difícil para vocês, mas...”

“*Nós?* ” Tori interrompe, parecendo escandalizada. “O que você está falando,

dissolvido?”

“O que eu estou falando,” Evelyn diz, olhando para Tori pela primeira vez, “é que a

sua facção, que até algumas semanas clamava junto com a Erudição pela restrição de

alimentos e bens para os sem facção, clamor que resultou na destruição da Abnegação,

deixará de existir.”

Evelyn sorri um pouco.

“E se vocêd decidirem pegar em armas contra nós,” diz ela, “verão que será difícil

encontrar quaisquer armas para pegar.”

Eu vejo, então, enquanto cada soldado sem facção levanta uma arma. Os sem facção

estão uniformemente espaçados em torno da borda da sala, e desaparecem em uma das

escadas. Eles têm todos nós cercados.

É tão elegante, tão inteligente, que eu quase rio.

“Eu instruí minha metade do exército para aliviar a sua metade do exército de suas

armas logo que as suas missões fossem concluídas,” diz Evelyn. “Eu vejo agora que foram

bem sucedidos. Lamento a duplicidade, mas sabíamos que vocês foram condicionados a

agarrar-se ao sistema de facção como se fosse sua própria mãe, e que teríamos que ajudar a

suavizar a vinda de vocês a esta nova era.”

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

“*Suavizar?* ” demanda Tori. Ela levanta-se e manca para Evelyn, que calmamente

pega sua arma e aponta para Tori.

“Eu não passei fome por mais de uma década, só para ceder a uma Destemida com

uma lesão na perna,” Evelyn diz. “Então, se você não quer que eu atire em você,

sente-se

com seus companheiros ex-membros de facção.”

Eu vejo todos os músculos esticados no braço de Evelyn em atenção, seus olhos não

frios, não como os de Jeanine, mas calculando, avaliando, planejando. Eu não sei como

esta mulher poderia alguma vez ter se dobrado à vontade de Marcus. Ela não deve ter sido

sempre essa mulher, então, toda aço, testada em fogo.

Tori permanece diante de Evelyn por alguns segundos. Então ela manca para trás,

para longe da arma e em direção à borda da sala.

“Aqueles de vocês que nos ajudaram no esforço para derrubar a Erudição serão

recompensados,” diz Evelyn. “Aqueles de vocês que resistiram a nós serão julgados e

punidos de acordo com seus crimes.” Ela levanta a voz para a última frase, e eu estou

surpresa como quão bem ela propaga pelo espaço.

Atrás dela, a porta para a escada se abre, e Tobias sai com Marcus e Caleb atrás

dele, quase despercebido. Quase, só que eu percebo, porque me treinei para percebê-lo. Eu

observo seus sapatos enquanto ele se aproxima. São tênis preto com ilhós cromados para

os cadarços. Eles param ao meu lado, e ele se agacha ao lado do meu ombro.

Eu olho para ele, esperando encontrar os seus olhos frios e inflexíveis.

Mas não estão.

Evelyn ainda está falando, mas sua voz desvanece para mim.

“Você estava certa,” Tobias diz em voz baixa, equilibrando-se sobre os pés. Ele sorri

um pouco. “Eu sei quem você é. Eu só precisava ser lembrado.”

Eu abro minha boca, mas não tenho nada a dizer.

Então, todas as telas do átrio da Erudição—pelo menos aquelas que não foram

destruídas no ataque—oscilam, incluindo um projetor posicionado sobre a parede onde o

retrato de Jeanine costumava estar.

Evelyn para no meio de uma frase que estava falando. Tobias pega a minha mão e

me ajuda a levantar.

“O que é isso?” Evelyn exige.

“Isto,” ele diz, somente a mim, “é a informação que vai mudar tudo.”

Minhas pernas tremem de alívio e apreensão.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

305

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

“Você conseguiu?” digo.

“*Você* conseguiu,” diz ele. “Tudo o que eu fiz foi forçar Caleb a cooperar.”

Eu jogo meu braço em torno de seu pescoço, e pressiono os meus lábios nos dele.

Ele segura o meu rosto com as duas mãos e me beija de volta. Eu diminuo a distância entre

nós, até que ela desaparece, esmagando os segredos que mantivemos e as suspeitas que

abrigamos—para sempre, eu espero.

E então eu ouço uma voz.

Nos separamos e viramos para a parede, onde uma mulher com cabelo castanho

curto é projetada. Ela senta-se em uma mesa de metal com as mãos cruzadas, em um local

que não reconheço. O fundo é muito fraco.

“Olá,” diz ela. “Meu nome é Amanda Ritter. Neste arquivo, eu direi apenas o que

vocês precisam saber. Eu sou a líder de uma organização lutando por justiça e paz. Essa

luta se tornou cada vez mais importante—e, consequentemente, quase impossível—nas

últimas décadas. Isto é por causa disso.”

Imagens piscam pela parede, quase rápidas demais para eu ver. Um homem de

joelhos com uma arma pressionada em sua testa. A mulher a apontando para ele, o rosto

sem emoção.

De longe, uma pessoa pequena pendurada pelo pescoço a um poste de telefone.

Um buraco no chão do tamanho de uma casa, cheio de corpos.

E há outras imagens também, mas elas se movem mais rapidamente, por isso só

tenho impressões de sangue e osso e morte e crueldade, rostos vazios, olhos sem alma,

olhos aterrorizados.

Quando eu tive o suficiente, quando sinto que vou gritar se vir mais alguma coisa, a

mulher reaparece na tela, atrás de sua mesa.

“Vocês não se lembram de nada disso,” diz ela. “Mas se vocês estão pensando que

essas são as ações de um grupo terrorista ou um regime de governo tirânico, vocês estão

apenas parcialmente corretos. Metade das pessoas naquelas fotos, cometendo aqueles atos

terríveis, eram seus vizinhos. Seus parentes. Seus colegas de trabalho. A batalha que

estamos lutando não é contra um determinado grupo. É contra a própria natureza

humana—ou, pelo menos, o que ela se tornou.”

É por isso que Jeanine estava disposta a escravizar mentes e assassinar pessoas —

para evitar que soubéssemos. Para nos manter ignorantes e seguros e *dentro da cerca*.

Há uma parte de mim que entende.

“É por isso que é vocês são tão importantes,” diz Amanda. “Nossa luta contra a

violência e crueldade é apenas o tratamento dos sintomas de uma doença, não a cura.

Vocês são a cura.

“A fim de mantê-los seguros, criamos uma forma de vocês serem separados de nós.

Do nosso abastecimento de água. Da nossa tecnologia. De nossa estrutura social. Nós

formamos a sua sociedade de uma maneira particular, na esperança de que vocês

redescubram o sentido moral que a maioria de nós perdeu. Com o tempo, esperamos que

vocês irão começar a mudar de maneiras que a maioria de nós não pode.

“A razão pela qual estou deixando estas imagens com vocês é para que vocês

saibam quando é hora de nos ajudar. Vocês saberão que é a hora quando houver muitos

entre vocês cujas mentes parecem ser mais flexíveis do que as outras. O nome que vocês

devem dar a essas pessoas é Divergente. Uma vez que eles se tornem abundantes em seu

meio, seus líderes devem dar o comando para a Amizade destrancar o portão para

sempre, a fim de que vocês possam sair de seu isolamento.”

E é isso que os meus pais queriam fazer: pegar o que aprendemos e usar para

ajudar os outros. Abnegação até o fim.

“As informações contidas neste de vídeo devem ser restritas apenas àqueles no

governo,” Amanda diz. “Vocês devem ser uma lousa limpa. Mas não nos esqueçam.”

Ela dá um pequeno sorriso.

“Estou prestes a me juntar ao seu número,” diz ela. “Como o resto de vocês, eu

voluntariamente esquecerei o meu nome, minha família, e minha casa. Eu assumirei uma

nova identidade, com falsas memórias e uma falsa história. Mas, para que vocês saibam

que a informação que lhes passei é precisa, direi o nome que estou prestes a tomar como

meu.”

Seu sorriso se alarga, e por um momento, eu sinto que a reconheço.

“Meu nome será Edith Prior,” diz ela. “E há muito que estou feliz em esquecer.”

Prior.

O vídeo para. O projetor brilha em azul contra a parede. Eu agarro a mão de Tobias,

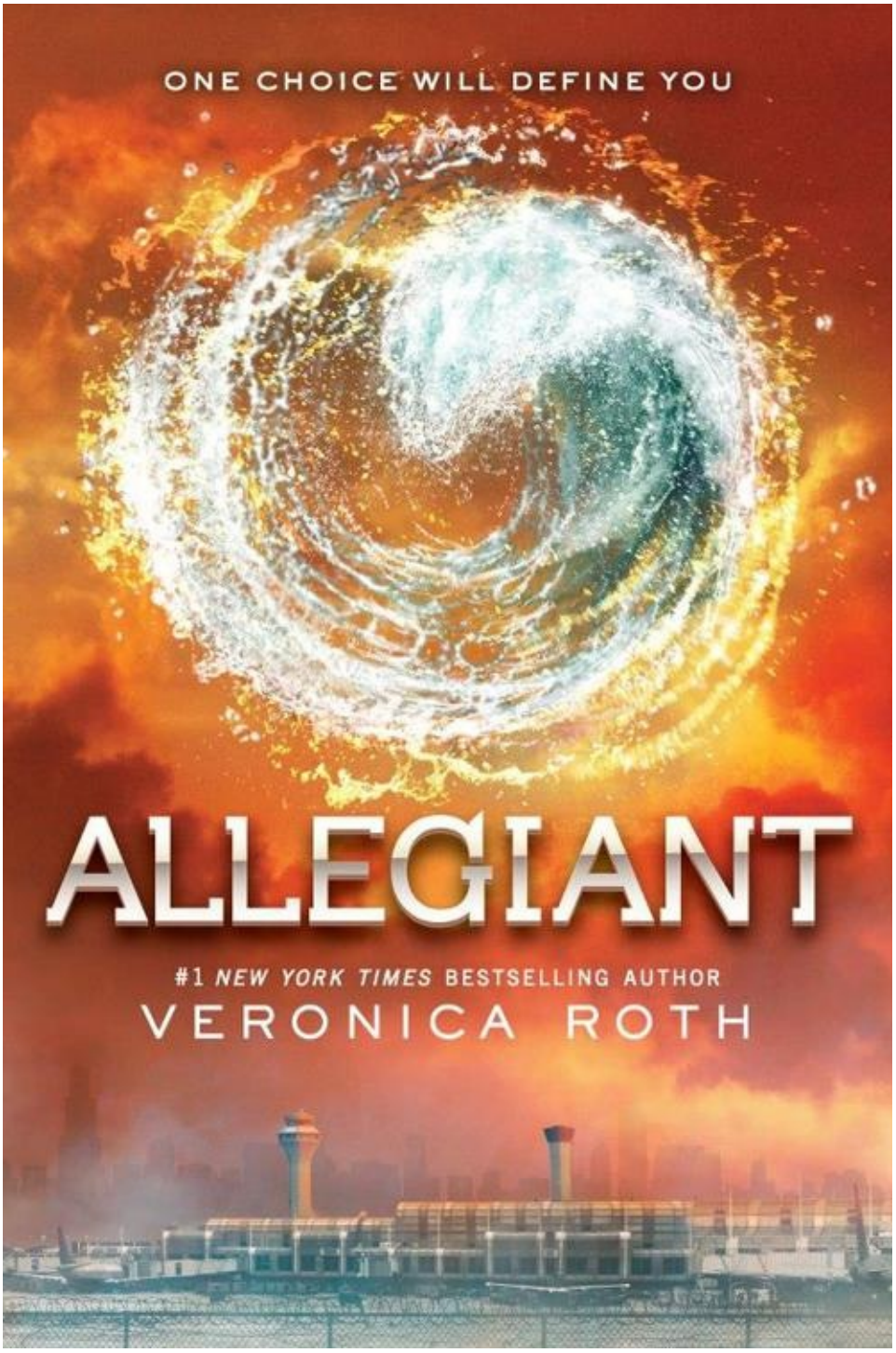
e há um momento de silêncio como um folêgo retido.

Então a gritaria começa.

FIM

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

307



Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

NO PRÓXIMO LIVRO...

Uma escolha lhe definirá.

E se toda sua vida fosse uma mentira?

E se uma única revelação—como uma única escolha—mudasse tudo?

E se amor e lealdade lhe levassem a fazer coisas que você nunca esperou?

A conclusão explosive para a trilogia bestseller de Veronica Roth, Divergent, revela

os segredos do mundo distópico que cativou milhões de leitores em Divergent e Insurgent.

EM BREVE!

Traduzido por Grupo Shadows Secrets

308

Divergent 2 – Insurgent

Veronica Roth

AVISO

Esta tradução foi feita pelo grupo **Shadows Secrets** de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra,

incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato ebook. Os grupos tem

como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no

Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem

prévio aviso e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos

livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso

pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer

rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução

do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra

disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma,

eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em

eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da

presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código

penal e lei 9.610/1998.

Traduzido por Grupo Shadows Secrets